

Rhonda Forrest

O
SEGREDO DO
BICHO DA SEDA

SEGREDOS SOMBRIOS DE UM PASSADO DISTANTE





O
SEGREDO DO
BICHO DA SEDA
SEGREDOS SOMBRIOS DE UM PASSADO INSTANTE

Rhonda Forrest

1ª Edição



Direitos Autorais

Título Original: Silkworm Secrets
Copyright©2020 por Rhonda Forrest
Copyright da tradução©2020 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Mariana C. Dias
Revisão: Ricardo Marques
Diagramação: Jaime Silveira
Capa: Luis Cavichiolo

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

F729lbe

Forrest, Rhonda

Título: O Segredo do Bicho da Seda (recurso eletrônico)

Tradução de: Silkworm Secrets

Formato: ePub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-88382-05-9

1. Romance Australiano. 2. Contemporâneo. I. Dias, Mariana C II. Título

80754

CDD 82-32

CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por
Leabhar Books Editora Ltda. CP: 5008 CEP: 14026-970 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com
www.leabharbooks.com

Prólogo



“Quando estou aqui em cima, parece que flutuo, e que todo o resto foi abandonado. Minha mente se acalma enquanto subo a montanha... e me sinto em paz. As árvores antigas, com as cascas duras, envolvem-me como casulos de seda. Os troncos robustos e as raízes engavinhadas agarram-se ao chão como se dissessem: ‘Vou te segurar, não vou te soltar.’ O ar está limpo, nem abafado nem estagnado, e há uma brisa que voa através dos galhos, das folhas e pelo meu rosto. O mundo embaixo deixa de existir. Se fecho os olhos, flutuo acima da superfície da terra e... sinto-me calmo.”

— Bobby Carlon

Parte 1



1

FICARAM MUITO ANIMADOS no dia em que os bichos-da-seda apareceram na casa da árvore. Caminhando, com os joelhos encobertos pelas densas samambaias e arbustos debaixo da amoreira, Bobby anunciou que tinha uma surpresa para Ruby na maleta. Estava escuro e frio ali embaixo, os galhos nodosos e a copa criavam uma região sombreada e isolada, onde apenas alguns lagartos com pescoços rebuscados e ocasionais cobras-marrom dividiam o espaço com os amigos.

Ela tentou fazê-lo parar e abrir a maleta - o suspense era quase insuportável. Mas continuou andando, determinada a, pelo menos uma vez, não o deixar ganhar.

— Espere, Ruby Rose. Espere até subirmos, então mostrarei.

— Mas o que vai me mostrar? Não pode me contar? Estou morrendo de curiosidade.

Ruby gostava de estar no controle e saber de tudo. O suspense a fez escalar atarantada, parando e subindo de novo, sempre olhando para Bobby que vinha inalterado logo depois.

— Apenas suba, e mostrarei — disse ele.

Na pontinha dos pés, ela balançou nos degraus da árvore. Ele notou a sola dos pés da menina - cores roxas-escuras se misturavam com a poeira da terra abaixo. O vestido florido e de algodão, também manchado de roxo onde havia se sentado nos milhares - talvez milhões - de bagos que tinham caído das árvores durante a temporada dos frutos.

Acima, os troncos - como degraus - teciam um caminho aos confins mais escuros da copa. Pregos, há muito martelados na casca irregular e texturizada, mantinham as toras seguras. Enquanto subiam mais alto, pequenos vislumbres do céu surgiam; um plano de fundo azul aos galhos grossos que cresciam ali, suas pontas cobertas pelo denso conjunto de galhos menores e folhas pendentes.

Empoleirada entre a abundante folhagem da gigantesca amoreira, a casa da árvore se escondia; um porto seguro, um lugar com que mais ninguém se importava, obscurecida num canto encoberto por vegetação no quintal de Ruby. Os dois melhores amigos o consideravam o melhor lugar do mundo, e

a localização entre outras grandes árvores - figueiras, mangueiras e um imponente pinheiro - provia um cantinho secreto, um abrigo sem adultos. Havia apenas os dois, falando, rindo; conspiradores.

— Venha logo. — Ruby usou sua voz mandona enquanto segurava a lona para que Bobby entrasse na casinha.

Assim que entrou, ele enfiou a mão na bolsa e presenteou Ruby com numerosos pedaços de papelão, todos cobertos por uma multidão de ovos de bicho-da-seda. Ela ficou eufórica e o deixou muitíssimo envergonhado quando o abraçou diversas vezes, dando pulinhos alegres e fazendo a casa ranger e sacudir.

Era feriado, então checaram todos os dias. E Ruby anotou em seu caderninho quando os pequenos ovos acinzentados presos ao papelão ganharam uma cor mais clara.

Finalmente, chegou o dia pelo qual os dois esperaram com tanta paciência: pequenos bichos-da-seda - centenas deles - contorciam-se, serpenteavam e subiam um em cima do outro, enchendo uma velha maleta da escola; seguros em seu novo lar.

Apesar de Ruby ter apenas oito anos naquela época, era meticulosa e anotava todos os acontecimentos de dentro e ao redor daquele espaço. Deixava o caderninho na casa, tirando-o dali apenas quando precisava anotar grandes acontecimentos. Hoje, escreveu:

143 bichos-da-seda saudáveis. Todos comendo folhas.

Os bichos-da-seda não demoraram a crescer, engordando com o estoque infinito de folhas da amoreira que parecia estar em seu auge - a copa grossa e curvada com o peso da folhagem e dos frutos. Era responsabilidade de Bobby colher as folhas mais verdes e garantir que todas as lagartas fossem alimentadas. O outro trabalho dele era limpar os excrementos das caixas para que os bichinhos tivessem espaço suficiente para se movimentar.

Encontraram mais caixas, pois agora a maleta transbordava com lagartas gordas que rapidamente comiam as folhas. Os excrementos eram verde-vivos. Uma indicação, disse Ruby, de que estavam felizes e saudáveis.

Uma vez, quando a garota não estava por perto, Bobby levou o maior dos recipientes - a maleta - para o quarto. Ligando o aspirador de pó, tentou - usando apenas a extremidade pontuda do aspirador, e não a com pelinhos, como explicou mais tarde a Ruby - sugar os excrementos e limpar tudo muito

bem.

Ela não ficou impressionada. Sem perder tempo, anotou no caderninho:

24 de setembro de 1968.

54 bichos-da-seda grandis e gordos. Apenas 12 sobraram. Acidente de Bobby com o aspirador.

Ainda precisava anotar o mais novo incidente. Bobby estava ao seu lado enquanto ela escrevia numa caligrafia elegante.

4 de março, o acidente, 1970.

Mariposas na maleta, 17 mariposas saudáveis, apenas 7 sobreviveram, 2 dessas estão machucadas, pois caíram da árvore. Acidente do tropeço de Bobby e Ruby.

— O que foi? — Questionou Ruby, olhando para Bobby, que tinha a boca aberta como se fosse falar.

Talvez não fosse o melhor momento para apontar os erros de ortografia dela, pensou ele, fechando a boca. Em vez disso, sorriu e balançou a cabeça.

— Você é a melhor presidente do clube — disse ele. — Pelo menos, ainda temos algumas mariposas, mesmo depois do acidente de ontem.

A garotinha revirou os olhos, uma indicação de que não estava impressionada com a situação.

Há muito tempo, ele tinha decidido ignorar aquele hábito de Ruby, assim como decidira pactuar com as ideias dela. O tempo que passavam juntos era a única lasca de felicidade entre a miséria que era o lar e a escola. Faria qualquer coisa para manter a paz entre eles, o que fosse preciso para estender o tempo antes de ser obrigado a voltar para casa. Apesar dos acontecimentos do dia anterior terem sido calamitosos para Ruby, nem mesmo entraram na lista de Bobby de desastres pessoais.

Ela não conhecia a situação na casa do amigo. Embora, algumas vezes, ansiasse contar a ela o que realmente acontecia, decidiu que, por enquanto, seria melhor manter as coisas como estavam, manter tudo consigo. *Apenas tente não pensar nisso,* refletiu ele.

O ACIDENTE HAVIA acontecido no dia anterior. Tudo começou numa tarde comum, mas que rapidamente deu errado; uma cadeia de eventos desastrosa que resultou na contagem de mariposas caindo para apenas sete.

Como sempre, os dois correram para casa depois da escola e escalaram velozmente. Deitaram-se um ao lado do outro da casa, desfrutando o friozinho do chão de madeira rudimentar da entrada.

Em silêncio, Bobby estava satisfeito ouvindo Ruby tagarelar sobre criar o que ela queria chamar de “sala de estar”. Apesar das muitas divisões na casa da árvore, nomeadas e especificadas, ela, na realidade, não era uma estrutura tão grande assim. Definiram limites para as diferentes partes - no chão e com giz branco, linhas fracas ou invisíveis onde os pés descalços e corpos tinham se esfregado.

Agora, estavam esparramados com as cabeças no pedacinho da espionagem. Os pés contra o toco que era a mesa de atividades. Os corpos se espalhavam por três regiões distintas: espionagem, entrada e atividade.

Bobby, o mais alto e velho dos dois, deitava-se contorcido, com os joelhos dobrados e o pescoço um tantinho curvado. Assim, cabia na parte plana da casa. Tentou esticar as pernas longas e musculosas - dos anos de corridas na escola - antes de se conformar com a situação apertada. Virando a cabeça, olhou pelas frestas nas paredes de madeira. Os olhos intensos e marrons estavam focados; o cabelo escuro e bagunçado, encaracolado pela umidade do verão em Queensland, emoldurava o rosto quadrado e ainda infantil.

Ruby estava estirada por completo ao lado dele, com o ombro encravado contra o de Bobby. Os pés descalços nem mesmo chegavam perto da mesa de cepo que impedia o conforto do corpo maior do amigo. Conspiradores; dois pares de olhos iam e vinham. Deitados, como se mortos e como se as vidas dependessem da invisibilidade.

— Eu disse que era uma boa ideia — sussurrou Ruby, apontando para a lona esticada pela extensão da porta. — Agora ninguém poder ver nada aqui dentro.

— É esperta para uma garota... de vez em quando.

O riso de Bobby foi encurtado pelo olhar afiado e brutal da garotinha que se virava para ele. Olhos verdes e brilhantes o fitaram. O rosto franzido pedia a ele que permanecesse em silêncio. Encararam um ao outro, e Bobby se concentrou no rosto dela enquanto contava as sardas maiores - um punhado de pontinhos marrons e meigos pelo nariz, que desapareciam quando percorriam o topo das bochechas um tanto rechonchudas. Havia falhas entre os dentes, onde os incisivos adultos ainda não tinham nascido para mascararem o fato de que ainda era bastante jovem e continuava perdendo os dentes de leite.

Sabendo que não deveria zombar Ruby pela idade, manteve as palavras consigo em vez de incorrer na ira e nas respostas mordazes que gotejariam dela; tão jovem, mas mais do que capaz de se defender.

O cabelo louro e ondulado se espalhava abaixo dela. Tão longo que alcançava a barra do shortinho de algodão vermelho. As pernas finas e marrons estavam estendidas ao lado do amigo, enquanto tentava igualar o comprimento ao dele. Ruby não gostava de ficar atrás dele em nada e sempre media a própria altura, dizendo que, algum dia, teriam o mesmo tamanho.

— Mas você nunca vai ser tão forte quanto eu — afirmou ele, flexionando os músculos, pensando que teria músculos tão fortes quando os de Popeye no desenho animado.

— Meu pai diz que posso fazer tudo o que um garoto faz — disse Ruby. — Só porque sou menina, não significa que não posso fazer o que eu quiser. Ele diz que, se eu quiser ser a mais forte das pessoas, bem... eu posso ser.

— As meninas não podem fazer algumas coisas que os garotos fazem. — Bobby olhou para ela, suspeitando da sua confiança e confuso quanto àquelas ideias, tão diferentes do que era promovido em seu lar.

— Claro que podem. Posso ser o que eu quiser. Se eu quiser ser médica, bem, eu posso.

— Isso não me parece certo. As meninas deveriam ser enfermeiras, ou mães.

— O meu pai diz que, se eu quiser ser uma astronauta como Neil Armstrong, então eu posso. Ele diz que sou muito inteligente e que, quando eu crescer, posso ser o que eu quiser.

— Aposto que não pode ser um construtor como ele.

— Aposto que posso.

— As meninas deveriam casar e ter filhos, cuidar das crianças e

cozinhar, limpar a casa.

— Eu não gosto de cozinhar ou limpar... odeio limpar a banheira. Vou fazer outra coisa quando crescer.

— Como o quê?

— Vou ser advogada.

— Como em *Homicídio*? — perguntou ele, referindo-se ao famoso drama policial.

— Sim, solucionam crimes.

— Pensei que não pudesse assistir à essas séries. Como sabe o que é um advogado, se não pode assistir à TV?

— Segredo do Bicho-da-Seda — disse Ruby. — Se eu me deito com a porta aberta, posso ver a tela da TV refletida no espelho grande sobre o aparador. Meu pai é um pouco surdo, então aumenta o volume. Consigo ver a maioria dos programas, mas não pode contar para ele, nem para a mamãe.

— Os advogados são sempre homens.

— Eu assisto a *Matlock Police* também.

— O seu pai ficaria muito nervoso se soubesse que andou vendo essas séries. Vai se encenar se ele descobrir.

— Bobby, ele não vai descobrir. Além disso, me dão muito medo. Então, na maior parte do tempo, cubro os olhos com as mãos.

— Você tem tanta sorte da sua mãe e do seu pai se importarem com você. Queria que os meus pais fossem como os seus. Outro dia, Theresa me perguntou como poderíamos conseguir novos pais. Está cansada de todos os problemas em casa e de como não cuidam direito de Sally. Não soube o que responder. Queria ser mais velho... fugiria e levaria as duas comigo.

Os dois melhores amigos encaravam um ao outro, com firmeza, enquanto conversavam. Era um jogo que quase sempre jogavam; quem aguentava mais tempo sem piscar. Mas os dois piscaram quando uma voz alta, embaixo da árvore, berrou:

— Ruby, desça daí agora mesmo. Sei que estão aí. Não nasci ontem. — Passos se arrastaram pela grossa camada de folhas caídas. Aproximando-se, a voz retumbou outra vez: — Vocês têm de descer *agora*. Tenho trabalho para os dois, e não deveriam brincar antes do dever de casa.

Os dois conspiradores, que não tinham nenhuma intenção de se mover nem responder, fizeram caretas um para o outro, imitando o rosto adulto abaixo.

— Seu pai vai prendê-la pelas orelhas quando descerem, e nada de

sorvete hoje à noite. — A mãe de Ruby, Mary, aguardou uma resposta. — Está me fazendo perder tempo, Ruby. Tenho coisas mais importantes para fazer além de tomar conta de você. Mas estou avisando, se não tiver trocado de roupa e se o uniforme da escola estiver manchado de amora, vai se ver comigo.

A voz exasperada murchou quando a mãe voltou para a casa.

— Ela não está brava de verdade — sussurrou Ruby. — Gosta de falar como se fingisse ser a chefona.

Bobby pareceu preocupado.

— Tem certeza de que o seu pai não vai te bater?

A risada da garotinha ressoou pelas paredes cruas de madeira.

— Está de brincadeira? O meu pai me ama demais. Ele nunca me bateria.

— A sua mãe já te bateu alguma vez? — Bobby tentava manobrar o pescoço, que parecia ter sido grudado lateralmente no corpo para sempre.

O rosto de Ruby se enrugou, e os olhos se apertaram.

— Ela perde a linha algumas vezes, principalmente quando insisto em algo. Porque sou mais teimosa, ela sabe que não pode me vencer. Sempre sei quando está nervosa de verdade - o rosto fica vermelho, e os olhos... é como se ela fosse um dragão, e estivesse fogo saindo deles. Chamas vermelhas lambendo o verde para longe. Tem vezes em que os lábios dela ficam finíssimos, assim. — Ruby se sentou e demonstrou.

— O que ela faz? Ela usa um cinto?

— Pior do que isso.

— Um taco de críquete? O cabo da vassoura?

— Não seja tolo.

— Já sei... — disse Bobby. — A corda aramada das cortinas. — Sua curiosidade crescia enquanto imaginava as punições horrendas que a mãe dela poderia infligir.

— Muito pior. — Ruby amava ter toda a atenção de Bobby. — Ela fica quieta, então começa a sussurrar todas as coisas raivosas que queria dizer para mim.

— Quer dizer que ela não grita nem berra?

Ruby revirou os olhos.

— Não. Ela vai ficando cada vez mais quieta, repreendendo-me, dizendo que vai contar ao papai todas as coisas feias que eu fiz.

— E depois?

— Ela quebra um galho - um galhinho fino da acácia em frente de casa. Testa-o no ar e depois... Rapidinho, antes que eu fuja, ela me cutuca com ele.

— No rosto?

— Não, bobinho. Na batata das pernas, e arde horrores. De vez em quando, deixa uma marca vermelha. Se eu esfregar com força, consigo fazer com que fique ali até papai chegar em casa, então conto a ele que ela me cutucou com um galho grosso.

— Só isso? Uma pancadinha de graveto na perna?

— Bem, arde.

— Isso não é nada. U um graveto de acácia...

— Se eu aprontar tiver aprontado algo feio e feito birra, dói para caramba — disse Ruby. — Quando me sento com papai à noite, ele esfrega o machucado para mim. Depois, me dá uma bronca e explica como lidar com a mamãe, como não a irritar. Coisas como: “Sua mãe te ama, você precisa ser boazinha com ela. Não morda a mão que a alimenta.” Papai acha que é ele quem manda.

Bobby continuou deitado em silêncio, encarando o teto irregular de latão.

— Está me ouvindo? Acha que a sua mãe é a chefona?

Um longo silêncio perdurou antes de ele dizer:

— De jeito nenhum. Você conhece o meu velho; sabe como ele é. Não é gentil como o seu pai.

— Mas ele sempre foi legal comigo — argumentou Ruby. — Ele me dá salsichas quando vamos ao açougue de vocês. Às vezes, faz a minha mãe rir. Eles sempre conversam, diz que ela está usando um vestido bonito, que pode sentir o cheiro dos jantares dela e que ela deve ser a melhor cozinheira da rua.

— Sei...

— Mamãe diz que o seu pai faz muito bem em ter uma loja tão grande, e o papai acha que ele é um açougueiro dos bons quando nos vende carne mais barata. Seu pai também disse que sua irmã Theresa trabalha duro, que se sai muito bem na escola. Mamãe e papai acham que você é inteligente. Quanto ao seu tio Mike, bem, a mamãe diz: “É chique ter um tio que conhece o primeiro ministro. Um cargo tão alto assim no governo... ele tem tanto dinheiro e...”

Bobby a interrompeu, perguntando-se como ela conseguia falar por tanto tempo sem respirar.

— Você sabe que as coisas nem sempre são o que parecem.

— Como assim?
— É que... deixa quieto. — Ele alongou os músculos endurecidos.
— O que você quer dizer com isso? Não comece algo sem terminar.
— Quero dizer... de vez em quando, as coisas parecem boas para as outras pessoas, mas elas estão apenas vendo o lado de fora.
— Bem, e o que tem dentro?
— Esquece. Vou pegar seu caderninho bobo para que possa anotar a contagem. — Bobby se sentou de repente, sinalizando o fim da conversa.
— Ei, eu sou a chefe. — Ruby agarrou Bobby enquanto ele tentava se levantar, as longas pernas agora bambas e cambaleantes depois de ficar deitado, espremido e imóvel por tanto tempo. — Só porque você é mais velho...

E foi então, numa fração de segundo, que aconteceu - “o acidente”, como Ruby gostava de chamar.

Foi como assistir a um filme em câmera lenta. Ela arfou em alto e bom som quando as pernas de Bobby se entrelaçaram. O corpo se contorceu, e ele tropeçou vacilante em direção à mesa no centro da casa. Um pedaço de fibrocimento servia como tampo para a mesa, que repousava em um toco grosso. Exceto pelo fato de o tampo estar se desfazendo ao redor das bordas, era uma superfície perfeitamente plana para muitas das atividades deles.

Naquele dia, uma variedade de recipientes estava alinhada na mesa: uma velha maleta escolar com as fechaduras quebradas, e o tecido se desfazendo; duas caixas pequenas e quadradas, as cores laterais desbotadas e borradas; duas caixas de sapatos. Todas as tampas dos recipientes tinham sido pontuadas por diversos buracos, provendo ar para as minúsculas criaturas no interior.

Os olhos de Ruby se arregalaram quando Bobby tropeçou e caiu para frente, estendendo um braço para se equilibrar, impedindo que o rosto se chocasse com as caixas na mesa. Sua mão agarrou freneticamente o objeto mais próximo. Diante dos olhos deles, o maior recipiente - a maleta escolar - girou, com a tampa indo para um dos lados. O restante da maleta virou e caiu de cabeça para baixo no espaço da leitura.

— Merda. — Bobby se recompôs, equilibrando-se. Olhou de Ruby para a maleta.

Os dois souberam. Souberam que, debaixo daquela maleta, agora sem tampa, havia brechas no chão de madeira que se abriam para o solo muito abaixo. Era grave. Bobby registrou o fato de que Ruby não o reprimiu por

xingar; regra número cinco na lista do Clube do Bicho-da-Seda.

Ela rastejou lentamente até a maleta. Juntos, levantaram-na. Endireitaram-na com cuidado e não a empurravam, impedindo que tivesse mais contato do que o necessário com o chão.

— Caramba. — Bobby cerrou os lábios e esperou a resposta de Ruby.

— Quase todas caíram pelos buracos — constatou Ruby. — Não sobreviveram, não sabem voar. — A voz dela estava trêmula enquanto, com cuidado, tentava recolher o conteúdo que havia caído do recipiente.

Bobby pressionou o rosto contra as aberturas entre as tábuas. Um olho fechado, tentando espiar alguma sobrevivente da queda.

A voz de Ruby assumiu o controle e a autoridade de presidente do Clube do Bicho-da-Seda.

— Eu pego as daqui de cima. Você, por favor, poderia descer e ver se encontra alguma no chão?

Ela colheu as folhas de amoreira espalhas pelo chão. Havia algumas mariposas de bicho-da-seda agarradas na superfície, com as asas delicadas batendo agitadas. Ela franziu as sobrancelhas.

— Parece que tem umas cinco aqui. Faltam doze. Pela manhã, havia dezessete. Corra, Bobby. Elas sobrevivem apenas alguns dias. Precisamos encontrá-las e colocá-las de volta na caixa para que botem os ovos.

Como sempre, Bobby seguiu as instruções. Mesmo sendo três anos mais velho, Ruby era a presidente do clube. Além disso, ela era boa em organizar tudo e todos. Era mais fácil simplesmente seguir as ordens e fazer o que lhe era ordenado.

Disparou tronco abaixo, segurando-se nos degraus de troncos e nos apoios de mão que serpenteavam ao chão. A ideia de procurar mariposas brancas que provavelmente fugiram com o vento o fez sorrir. Mas sabia que a grande quantidade de folhas soltas e de samambaias densas que cresciam descontroladas, logo abaixo, envolveriam e esconderiam uma mariposa em queda livre que não sabia sobreviver na natureza.

Mas tentaria; faria o que fosse preciso para satisfazer Ruby. Porque, afinal de contas, ela era a sua melhor amiga.

— PAPAÍ DISSE QUE precisamos simplesmente aceitar as coisas — garantiu Ruby, arrumando a casinha. — Seguir em frente e não chorar pelo leite derramado. Vou trazer um tapete aqui para cima e cobrir os buracos no chão.

Agora as caixas sobre a mesa estavam alinhadas; tudo precisava estar no devido lugar. Repousou olhos nas caixas de madeira. Semicerrou-os e, então, revirou-os quando viu a lata de sorvete com algumas amoras mofadas esquecidas dentro.

— Deixe comigo. — Bobby jogou as amoras pela janela, devolvendo o recipiente a sua posição correta na prateleira. Achando graça do quão certinho Ruby precisava que tudo estivesse, ele a observou movimentar as cadeiras para que ficassem ordenadas.

— Vejo vocês pela manhã — disse Ruby para os bichos-da-seda.

Bobby ergueu a lona para a amiga quando saíram da casa na árvore e adentraram o mundo real. Assim que desceram, sentaram-se por um momento. Equilibraram-se nas grandes raízes protuberantes cobertas pela mesma casca grossa do tronco; algumas partes estavam lisas devido ao movimento de pés descalços sobre elas ao longo dos anos.

— Preciso entrar — disse Ruby, por fim. — Está quase escuro. Até mesmo papai vai ficar nervoso se eu voltar depois do anoitecer.

— É melhor eu voltar também. Ainda preciso terminar os afazeres antes do meu pai chegar. Desculpa pelas mariposas, Ruby Rose.

— Melhores amigos não se chateiam um com o outro. Além disso, foi um pouquinho culpa minha.

Saindo debaixo da cobertura das árvores, viraram na direção das casas. Os dois olharam para o horizonte enquanto a luz que desaparecia dava um tom alaranjado ao quintal. Ruby viu a lâmpada ser ligada no terraço dos fundos e soube que o pai estaria olhando para o relógio, imaginando se deveria mandá-la entrar e se lavar antes do jantar.

— Te vejo amanhã. — Bobby soou desanimado e triste.

Ele nunca queria voltar para casa, pensou Ruby. Deve gostar mesmo dos bichos-da-seda e de mim, mais do que da própria família.

A escuridão cada vez mais forte os separou, e o estalo do portão lateral indicou que Bobby tinha voltado ao seu quintal.

Como esperado, Francis - pai de Ruby - estava sentado nos degraus dos fundos. As botas e meias do trabalho jogadas ao lado, enquanto desfrutava de um cigarro sob a luz amena do anoitecer. Correu para ele, as perninhas se movimentando, como diria o pai, a milhões de quilômetros por hora. Repousando o cigarro na escada de bloco, abriu os braços assim que ela pulou. Membros gorduchos envolveram seu pescoço, e beijos sufocaram o rosto do pai.

— Minha Ruby Rose, minha fadinha da amoreira — disse ele, apertando-a com força e aconchegando-se no cabelo louro e ondulado da filha.

— Nunca vou te soltar. — Ruby se agarrou a ele. O rosto manchado de amora esmagado contra os pelos do peito, e as pernas erguidas para que pudesse se aninhar, se aproximar e se sentir segura.

— O que você fez hoje, minha pequena? — Ele a moveu para o lado para que pudesse tragar o cigarro.

— Papai! Você nunca vai acreditar no que aconteceu...

A voz da mamãe os interrompeu:

— Certo. Vocês dois, suas larvinhas - uma coberta por amora, e o outro por poeira de concreto. Precisam se limpar antes de entrarem. Pare sua história agora mesmo, Ruby. Escutaremos durante o jantar, então decidirei se vai poder ou não comer sobremesa.

Ruby recordou do incidente mais cedo, quando a mamãe procurava por ela, gritando. Parecia tão insignificante agora... depois que contasse a eles sobre as mariposas e sobre como Bobby havia resgatado duas delas, certamente ganharia a sobremesa.

Francis a pegou no colo, e ela se enrolou nele, com os braços ao redor do pescoço e as pernas envolvendo a cintura. Eles se olharam e riram.

A mãe de Ruby usou sua voz rabugenta:

— Limpem-se, vocês dois. Senão... vão ficar sem jantar.

Vapor subia d'água quente enquanto Ruby se banhava. Estava deitada na velha banheira com pezinhos, apenas com a cabeça para fora. Amava a banheira. Era funda o suficiente para flutuar, e a água quente a cobria, amolecendo as manchas de lama e amora.

O pai estava na ducha exterior, esfregando-se com força, livrando-se do concreto seco e da poeira - os restos de um dia de trabalho duro. Sabia que

ele a esperaria encher a banheira, deixando-a com a água quente, caso acabasse. Quando terminasse, mamãe o mandaria subir e obrigar Ruby a se apressar.

Odiava sair da banheira. Em vez disso, sempre estendia seu tempo, demorando-se para pegar a pequena escova de limpeza na cesta de arame pendurada na parede. Então, esfregaria o mais forte que pudesse, tirando toda poeira e manchas nas mãos e nos pés. Sabia que a mamãe inspecionaria a limpeza, e se tivesse se esquecido de alguma marquinha, Ruby teria que usar o balde d'água gelada do lado de fora para terminar de se limpar depois do jantar.

A porta chacoalhou quando o pai bateu.

— Vamos logo com isso. O jantar está pronto.

Ruby emergiu esfregada e renovada. O pai abraçou-a, com a mão bagunçado o cabelo da filha. Os dois se deleitaram na frescura de se sentirem limpos.

Os três se sentaram ao redor da pequena mesa de jantar e comeram a refeição noturna. A mãe sorrindo e relaxada, e o pai falava sobre o trabalho. Era o costumeiro bife e purê, cenouras e, claro, os grãos - feijões e ervilhas. Era a hora preferida do dia deles. Silenciosa. Apenas a família, toda aconchegada e pronta para conversar e se atualizar sobre o que cada um tinha feito durante o dia.

O pai se iluminou.

— Certo, Ruby Rose. Agora conte-nos sobre as coisas empolgantes que você fez hoje.

UMA LUZ MALHADA atravessou a copa de folhas verdes e abundantes da amoreira que proviam um telhado, acima do teto lascado, para a casa na árvore. Feixes de sol brilhavam pelas brechas maiores que expunham o azul do verão de Queensland. Parecia que as nuvens fofas se apressavam, lançando sombras enquanto passavam.

Tábuas variadas de tamanhos ímpares, presas aos grossos galhos da árvore, compunham a base da casa. Pregos surgiam dessas tábuas, prontos para que o primeiro pé desaviado fosse rasgado por eles. Ao longo dos anos, diferentes moradores adicionaram seu gosto ou personalidade àquela casinha. Toras abandonadas, pregadas verticalmente, davam estrutura às paredes, enquanto o latão ondulado e enferrujado, colocado entre os galhos convenientes, formava o teto. A estrutura era quase toda à prova d'água, ajudada por um conjunto de retalhos de lonas e mantas de fibrocimento.

Ruby adicionara os retalhos às duas pequenas janelas e à entrada cortada na madeira. A lona poderia ser enrolada para deixar a luz e o ar fresco entrarem, ou desenrolada quando uma luz mais fraca ou a invisibilidade ao resto do mundo fosse requerida. Caixotes de madeira pregados nas paredes eram o apoio de alguns copos descoloridos, pratos lascados e duas latas de sorvete. Caixas maiores de madeira serviam de assento, e três dessas estavam bem arrumadas ao redor do móvel central da casa: a mesa.

Placas ordenadas especificavam as diferentes partes. Havia o canto da leitura, indicado por uma placa de madeira pregada na parede, e um canto da espionagem, onde, se você ficasse de barriga para baixo, enxergaria pelo buraco na madeira que coincidia com um espaço aberto entre os galhos tentaculares e encurvados da amoreira.

Por essa fresta, parecia que o mundo todo ficava visível. Não apenas o jardim de Ruby, mas os dos vizinhos ao lado e os adjacentes a esses. Mais além, olhos afiados poderiam bisbilhotar a fazenda que se estendia depois das casas, um oásis verdejante, vacas pretas e brancas contra o plano de fundo de pastos exuberantes. Telhados vermelhos cobriam casas baixas e estucadas com grandes jardins, cada um diferente do outro, oferecendo um mosaico de

cores e variedades: de armazéns, de cercas e de pessoas que viviam suas rotinas alheias aos olhos que tudo viam daqueles indivíduos sortudos o suficiente para serem membros privilegiados do Clube do Bicho-da-Seda.

Por isso, havia dois cartões na caixa; dois membros que juraram segredo e que - *com a mão no peito, juro por tudo o que é mais sagrado, pelo túmulo da minha avó* - prometeram, um ao outro, que a senha e tudo o que acontecesse na casa permaneceria em segredo. *Até eu morrer. Amém. Irmão de sangue, irmã de cuspe, que dividem o mesmo chiclete e juram por tudo o que é mais sagrado de novo.* Os segredos estavam seguros; estavam juntos nessa.



— QUEM VOCÊ MAIS ama, Bobby?

— Como assim?

— Bem... às vezes, acho que amo mais o meu pai, mas se tivesse que escolher, não conseguiria escolher entre a mamãe e o papai. Então, agora sei que também amo muito a minha mãe, é apenas um amor diferente.

— Eu não amo muito ninguém.

— Deve amar... você ama a sua mãe ou o seu pai mais? E as suas irmãs?

Bobby se sentou e olhou sob a lona que cobria a janela.

— Já disse, ninguém.

— Você não pode não responder direito.

Bobby endireitou a postura.

— Apenas garotas pensam nesse tipo de coisa. Eu vou embora. Não quero brincar com os bichos-da-seda hoje.

— Para onde?

— Para casa.



RUBY TENTOU SE esquecer de que estava nervosa com Bobby. Apesar de

serem amigos desde antes de ela ter entrado na escola, eram melhores amigos - melhores amigos *de verdade* - desde o seu primeiro ano. Isso foi há quatro anos, quando ela tinha cinco, e Bobby, oito anos.

No primeiro dia de aula, Mary a levou ao portão de entrada. Ficou tempo suficiente apenas para ouvir o nome de Ruby ser chamado e de se sentir satisfeita que a filha tinha sido deixada na fila certa de estudantes.

Na manhã seguinte, Ruby esperou Bobby no terraço de entrada. Observou-o chegar de bicicleta - com a maleta presa na garupa -, subindo pela estrada empoeirada para buscá-la. A bicicleta enferrujada dela estava pronta com a nova maleta presa ao suporte atrás do assento.

No ano anterior, Bobby a ensinou a andar de bicicleta numa versão menor do transporte. Segurou-o com firmeza para que Ruby pudesse montar do pequeno alpendre na frente da casa. Quando os pés da amiga encontraram os pedais, conduziram juntos. Ela e a bicicleta encontraram o próprio dinamismo enquanto Bobby corria ao lado, segurando o assento e ajudando-a a manter o equilíbrio. Depois de um tempinho, ela precisou de ajuda apenas para subir, descer e dar a primeira pedalada. Então, ele segurava Ruby e a bicicleta verticalmente, apenas por um momento, antes de lhes dar um bom empurrão.

Ruby tentou se concentrar no pedalar e no conduzir lançava-se estrada abaixo, mas uma nuvem de poeira sempre indicava que não tinha sido capaz de manter o equilíbrio. Por vezes, focou tão intensamente na condução que, mesmo com Bobby gritando e correndo para alcançá-la, falhou na navegação e virou sobre os grandes zimbros que cresciam de um lado da estrada. Por sorte, ganhou apenas arranhões e cortes, mas uma cicatriz reveladora, acima do olho direito, indicou o lugar onde um galho afiado tinha rasgado o seu rosto.

Bobby, com certeza, era o seu melhor amigo. Ela sabia que, geralmente, podia mandar nele, quando algo dava errado e, se acabava se sentindo um pouquinho desamparada, ele sempre estava ali para ajudar. De vez em quando, brincava com as outras crianças da rua. Além disso, visitava muito Lynette - uma garota com a mesma idade de Bobby e que vivia algumas portas acima na estrada.

Ruby tinha inveja de Lynette, pois a garota morava numa grande casa de tijolos e tinha roupas chiques e caras. Mas a mãe era ranzinza - Lynette não podia se sujar, nem visitar a casa de outra pessoa. O pai fazia Ruby lavar os pés antes de entrar na casa deles. E mais: uma vez, os pais exigentes disseram

a Bobby que garotos não eram permitidos na casa. Foi quando ele deixou Ruby sozinha e jurou nunca mais voltar àquele lugar

— Ela não pode nem mesmo escalar as árvores — confidenciou Ruby.
— E você acredita que ela tem de usar sapatos o tempo *todo*? — Os dois olharam para os pés. Como sempre, escurecidos, empoeirados e sujos; os dedinhos se contorcendo na terra solta da estrada. — Sabia que ela é a única com sapatos na foto da escola?

— Ela deve ter mais de um par — disse Bobby, maravilhado com a ideia de que Lynette não apenas tinha dois pares de sapato, mas de que os usava na escola. Algumas vezes, ele e Ruby vestiam sapatos para a escola no inverno, mas no verão...

Ruby logo desistiu de Lynette, e apesar de ter amigos na escola, preferia passar o seu tempo com Bobby em casa.

— Um dia, ele vai parecer muito mais velho e não vai mais querer brincar com você — disse a mãe de Ruby, depois de os observar pulando na caixa d'água amassada que era a piscina deles.

— Ele sempre vai ter a mesma quantidade de anos a mais do que eu.

— Eu sei disso - ele sempre vai ter três anos a mais do que você. Mas quando o tempo passar... ele vai mudar. Vai envelhecer mais rápido do que você.

— Não vai — disse Ruby. — Além disso... um dia, vou me casar com ele, e vamos morar numa casa na árvore. Mas não diga nada, é segredo.

Mary tinha rido, grata por Ruby ter um coleguinha tão próximo, mas se perguntou o que a adolescência faria com aquela amizade. Ruby era a única filha deles; tentaram por anos ter uma criança antes de ela chegar. Por vezes, Mary imaginava como teria sido ter mais filhos, se Ruby tivesse um irmão ou irmã. Mas deixou essas questões de lado, sempre grata por ter sido capaz de carregar e dar à luz um bebê lindo e saudável.

Quando a nova família se mudou ao lado, Mary esperou que a criança fosse amigável e que a filha encontrasse um colega. A garota mais velha, Theresa, era um pouco mais velha do que Ruby. Depois vinha Bobby, seguido da irmãzinha Sally.

O pai, Vincent, havia comprado e administrava o açougue local. Mary esperou que ela também encontrasse uma amizade com a senhora ao lado, mas vislumbrou Isobel apenas algumas vezes. Vincent dissera que a esposa não estava bem, que preferia ficar dentro de casa e cuidar da família.

Algumas vezes, a mãe de Ruby via Isobel do lado de fora, mas a outra

mulher ignorava qualquer gesto ou oferta de amizade, voltando rapidamente para dentro quando Mary a chamava.

Theresa também ficava muito dentro de casa. Aparecia apenas para ir e vir da escola, nunca saindo com outras crianças e raramente respondendo a qualquer um dos cumprimentos. De vez em quando, Mary ouvia a garotinha mais nova chorando ou gritando, mas ela também ficava mais em casa. Seus choros abafados, por fim, silenciados pelas paredes que isolavam a vida de quem morava ali.

A explicação dada por Bobby era que Sally não era normal.

— Ela nasceu diferente — disse a Ruby. — Apesar de ser três anos mais nova do que eu... na verdade, tem dois anos. Entende? Como se ainda fosse um bebê.

Ruby tinha visto Sally uma ou duas vezes, de longe.

— Por isso ela não vai para a escola?

— Sim, tem algo errado com o cérebro dela. Foi quando ela nasceu, e ninguém consegue ensinar nada a ela. Não aprende coisas como ler ou escrever. Meu pai diz que ela está louca e que deveria ser internada num hospício, mas Sally me entende às vezes. Prefere ficar comigo do que com mamãe, que não consegue cuidar de si mesma, então não se preocupa muito em cuidar de Sally. Na maior parte do tempo, Theresa e eu fazemos tudo para ela.

— Por que ninguém mais visita a sua casa exceto o seu tio? — perguntou Ruby. — Você não tem mais parentes, como avós ou primos?

— Meu pai não é amigo de ninguém; a mãe e o pai dele estão mortos. Nunca nem os conheci. O irmão dele - meu tio - vem e fica por um tempo, mas eu preferiria que nem viesse.

— E a sua mãe?

— A família dela nunca mais falou com ela — explicou Bobby. — Depois que se casou com o meu pai, quero dizer. Acho que não tem nenhum irmão ou irmã..., mas não sei, ela não conversa comigo sobre nada - não gosta muito de falar.

— O que há de errado com ela?

— Meu pai diz que ela não bate bem, como se fosse louca. Não tenho certeza do que há de errado com ela. Não me lembro de ela, algum dia, ter sido diferente.

— Por que não pode trazer Sally para brincarmos? Eu cuidaria dela. Talvez pudéssemos brincar apenas no jardim e não na amoreira, se estiver

preocupado com a possibilidade de ela cair. Eu poderia arranjar alguns papéis e livros para tentar ensiná-la a ler e escrever. Posso, Bobby? Quero ajudar.

— Ruby Rose, você não entende. O cérebro dela não funciona direito. Ela não entende quase nada. Não fala, apenas emite sons que ninguém, senão eu, entende. Além disso, ela não pode sair. O meu pai quer mantê-la dentro de casa para que ninguém saiba que temos uma imbecil morando com a gente. É o que ele sempre diz: que vai interná-la num hospício. Quando ela fica doente, nem mesmo chamamos um médico.

— Mas ela parece normal. Eu vi uma vez, quando ela seguiu você pelo quintal. Vi os dois de cima da amoreira.

— Ei, não deveria me espionar.

— Eu não estava espionando. Calhou de eu estar lá em cima, e você sabe que consigo ver todo o seu quintal. Sally o seguiu. Ela é bonita e parece normal para mim.

— Bem, estou dizendo que não. Ela tem a mente de um bebê, e acho que isso nunca vai mudar. Sally nunca vai crescer, vai sempre ser a mesma.

— Ela tem sorte de ter você, Bobby. O que aconteceria se não cuidasse dela?

— O meu pai teria a colocado num hospício. Eu o ouvi falando disso com o meu tio. Mas um dia... ele vai, sei disso.

Um olhar preocupado atravessou o rosto dele; sempre acontecia quando falava da família. Por vezes, começava a tremer; as mãos primeiro, depois, as pernas. Quando isso acontecia, Ruby se sentava em silêncio. Ouvindo, mas não compreendendo o real motivo por que ele precisava falar, contar para alguém - para a melhor amiga, quem ele sabia que não contaria a mais ninguém.

Tinham um pacto - os segredos dos Bichos-da-Seda. Por isso, Bobby ficava mais calmo ao saber que poderia compartilhar com Ruby alguns dos seus problemas.

APESAR DE BOBBY saber que Sally precisava dele, mal esperava pelo momento em que tudo tivesse sido feito e Theresa chegasse em casa. Então, poderia escapar, fugir da casa embolorada com os aromas estagnados que se protelavam em todos os cômodos e do ar opressivo que preenchia os pulmões, esmagando-os e que fazia o menino se sentir pequeno, confuso e, acima de tudo, triste.

Ele sempre desejava estar do lado de fora; quando possível, escapava de casa e passava um tempo com Ruby.

Os dois enchiam os pneus das bicicletas e passeavam por quilômetros. Pisavam fundo nos pedais, e as pernas doíam enquanto atravessavam as estradas mais escarpadas que conseguiam encontrar. Juntos, seguiam por rastros e trilhas pedregosas. Ruby sempre queria descobrir o que havia no final delas, ou como poderiam alcançar ponto mais alto.

Quando chegavam ao destino, desembrulhavam o almoço que a mãe de Ruby havia preparado para eles: geralmente, uma garrafa quente de limonada, ainda cheia de bolhas, que acompanhava os sanduíches e biscoitos.

Os dois amigos amavam os lugares que descobriam. Voltavam cansados e sujos para casa, satisfeitos com as descobertas: uma colina ainda mais alta para ser escalada, ou uma nova vista.

Ruby sempre queria ser a primeira a ver o que havia em frente, a primeira a pegar o crânio de um canguru ou a espiar um coala empoleirado no alto dos grandes eucaliptos. Bobby, lento e constante, sempre a seguia, com olhos atentos observando tudo ao redor.

Um dia, gritou para que Ruby parasse. Ela empurrou o pedal para trás, brecando intempestiva antes de se virar para ele, indignada.

— Por quê?

— Você sempre vai rápido demais. Perdeu um bando de cangurus lá atrás, deitados na grama.

— Onde? — O rosto dela se franziu, irritada.

— No pasto com as flores roxas.

Voltaram a pé e em silêncio, bisbilhotando pela grama alta a multidão de

cangurus deitados ao ar livre, absorvendo a luz do sol, alheios aos seus observadores fascinados.

— Algum dia, vou morar ali, além daquelas montanhas — disse Bobby, apontando para a cordilheira de montanhas ao longe, no Oeste. — Alguém na escola me disse que morou ali e que quase não tem pessoas, apenas um monte de cavalos e vacas.

— Você não pode se mudar para longe de mim — argumentou Ruby. — É o meu melhor amigo.

Noutro dia, Bobby precisou carregá-la na bicicleta raquítica. Ruby tinha avançado em sua pressa de ser a primeira. De acordo com o pai, como um touro contra um portão. O pneu frontal atingiu uma grande pedra, empenando a bicicleta, girando e torcendo os guidões para longe das mãos da menina, jogando-a no chão duro e rochoso. Ela se sentou, empenhando-se para não chorar, enquanto Bobby usava a camiseta para limpar seu rosto. Um dos lados estava esfolado, com pequenas pedras incrustadas debaixo da pele.

Desta vez, ficou em silêncio e ouviu Bobby tomar o controle da situação, dizendo a ela o que fazer. Os dois joelhos dela sangravam, e ele usou a toalhinha ao redor da garrafa de limonada para interromper o fluxo de sangue.

Tentando ser corajoso, levantou-se, assegurando a si mesmo de que ela ficaria bem e que poderiam simplesmente voltar devagar para casa. Mas então, Ruby cambaleou ao chão outra vez, com um joelho inchado e torcido.

Bobby pediu que o ouvisse, que ele a levaria para casa. Levando a velha bicicleta dela para a grama, observou com cuidado a localização para que a pudessem encontrá-la com facilidade quando voltassem. Então, manobrou o corpo pequeno e leve da garota para dentro do suporte atrás do assento e disse para se agarrar a ele enquanto empurrasse a bicicleta trilha de pedras abaixo.

Francis, que estava aparando os arbustos na frente da casa, os viu voltando devagar pela estrada, com Bobby ainda segurando Ruby enquanto ela se agarrava a ele com firmeza.

— Parece que se divertiram — disse Francis, erguendo a bicicleta e levando-a para dentro de casa. — Venha, Bobby. Vou arrumar uma bebida gelada e um biscoito. Deve estar exausto depois de arrastar essa menina de volta para casa.

O cheiro de Dettol logo preencheu o ar quando o pai, com gentileza, lavou as pernas da filha, passando a toalha pelos machucados, e se

certificando de que todos os pequenos pedregulhos tivessem sido removidos debaixo da pele. Ela mordeu a boca. O rosto pálido enquanto o pai enrolava uma toalha cheia de gelo ao redor do seu tornozelo para que desinchasse. De jeito nenhum choraria com Bobby ainda ali. Pensaria que ela era uma criancinha, uma garotinha, ou - pior ainda - uma chorona.



A QUEDA DA BICICLETA tinha acontecido há muito tempo. Agora Ruby era mais velha, tinha quase dez anos, e Bobby logo seria adolescente. Ainda faziam tudo juntos: andavam de bicicleta, brincavam no jardim e no riacho, cuidavam dos pintinhos e dos patinhos quando nasciam e, toda época de colheita, empanturravam-se com as fartas amoras penduradas na amoreira.

Brincar na casa da árvore ainda era o passatempo favorito deles. Todos os anos, reuniam quantas caixas velhas conseguissem e as alinhavam na mesa de atividades. Enquanto os meses do inverno passavam, e novos ramos e folhas surgiam na amoreira, posicionavam todas as caixas poupadas com centenas de ovinhos, e todo o cuidado no mundo, nos novos recipientes.

Todos os dias, verificavam o progresso. Observando os ovos eclodirem em pequenas lagartas que serpenteavam na casa nova, rastejando uma sobre a outra enquanto mastigavam vorazmente as folhas verde-escuras que forravam as caixas. Era a mesma coisa todas as vezes: a antecipação multiplicava enquanto tentavam prever quantos ovos eclodiriam e quão grandes as lagartas seriam.

Não demorou muito para as caixas transbordarem com grandes bichos-da-seda rechonchudos. Ruby e Bobby os separaram, encontrando mais caixas para os acolher.

Os corpos brancos e ondulados cresciam maiores até não conseguirem mais comer. Movimentando-se como lesmas, os bichos-da-seda adultos manobravam aos cantos da caixa ou aos buracos cavernosos debaixo de folhas enrugadas. Então, começavam.

Fiavam linhas finas e douradas, envolvendo-se em casulos amarelo-brilhantes. Dormir aconchegados contra as paredes e cantos das caixas, do seu lar. Nas semanas seguintes, as caixas ficariam silenciosas; os casulos e folhas secas imóveis; os dois cuidadores dispensados, por ora, de suas

responsabilidades.

Quando Ruby e Bobby cansavam de esperar, levantavam cuidadosamente o cantinho de uma das tampas e bisbilhotavam a escuridão, procurando algum movimento. Havia sempre muita animação assim que viam a primeira mariposa voando, e a contagem recomeçava. Deixavam as tampas das caixas abertas quando estavam ali em cima, porque os corpinhos das mariposas eram pesados demais para as asas delicadas, então não haveria risco de voarem para longe.

Com as asas batendo rapidamente, as mariposas se movimentavam pela caixa até encontrarem outra do sexo oposto. Depois de acasalarem, a mariposa-macho morria quase em seguida, enquanto a fêmea sobrevivia por mais alguns dias, botando centenas e centenas de pequenos ovos.

Era responsabilidade de Bobby se livrar das mariposas mortas. Ele as empilhava nas muitas caixinhas de fósforo coletadas para a ocasião.

— Não as pressione com tanta força — disse Ruby, como sempre. — Você vai acabar amassando as pobrezinhas. — Sempre ficava chateada por essas lindas criaturas - que encontravam a saída dos casulos tão justamente tecidos - viverem apenas por um tempinho.

Bobby cavava um buraco bem onde Ruby apontava, e juntas - as numerosas caixas de fósforo - acabavam enterradas na terra. O buraco era reenchido com o solo vermelho umedecido. Uma cruz artesanal, composta por dois palitos amarrados enfiados na terra, indicava o lugar de descanso final das amadas mariposas de bicho-da-seda.



RUBY SE OCUPOU, arrumando a casinha, tentando compreender por que Bobby tinha parecido tão nervoso e voltado para casa quando lhe perguntou quem mais amava. Logo, não sobrou nada para ser organizado, então ela se deitou no chão, posicionando-se no canto da espionagem para poder bisbilhotar, pela brecha na parede, os jardins ao longe. Se olhasse para a esquerda, ou para o que Bobby dizia ser o norte, via claramente os três jardins adjacentes seguintes.

Eram todos grandes. O menor deles tinha meio acre, e o maior era o da casa dos Walton ao lado, com quase um acre. Os Walton eram ricos - o Sr.

Walton era um caixeiro-viajante que passava a maior parte do ano trabalhando longe de casa.

Se Ruby olhasse através dos galhos para o jardim dos Walton, via a casa grande e branca de madeira - como se o elemento principal num bolo de casamento. Terraços que percorriam os três lados da construção ficava acima dos quinze degraus na frente da casa. Bobby e Ruby os tinham contado muitas vezes enquanto observavam Lewis, o jardineiro dos Walton, varrê-los todos os dias sem falta.

Lewis morava debaixo da grande e velha casa, num lugarzinho confortável: com quarto, cozinha pequena e banheiro. Ruby e Bobby gostavam do jardineiro, que tinha um longo bigode caído e um sotaque engraçado. Geralmente, davam a ele um balde transbordando de amora. Ele os convidava a entrar e, dias depois, compartilhava com eles a torta de amoras mais deliciosa que algum dia comeram.

A Sra. Walton, com certeza, também gostava de Lewis. Apesar de ele supostamente ser apenas seu jardineiro, sempre o viam entrar na casa dela tarde da noite com uma garrafa de vinho enfiada debaixo do braço.

Lewis mantinha os jardins bonitos e cheios de rosas, camélias e outras plantas com flores, lembrando Ruby dos jardins ingleses que sempre via em livros e revistas. O jardineiro habilidoso ergueu os canteiros do jardim e os contornou com pequenas paredes de concreto enfeitadas com lascas de velhas cerâmicas. Rosas, lírios e violetas pintadas uma vez em pratos e xícaras caras, agora estavam pressionadas no concreto. Ruby e Bobby gostavam de passar as mãos pelos lindos padrões do mosaico, a lisura e a beleza gelada dos retratos pintados sob as mãos.

Espionando do alto na casa da árvore, Ruby e Bobby, por vezes, viam a Sra. Walton e Lewis caminhando juntos pelo jardim. A dama alta e bem-vestida apontava diferentes flores e plantas, e Lewis acompanhava suas palavras com os gestos usuais das mãos.

A paixão de Lewis pelo jardim ficava evidente com o jeito que gentilmente podava as rosas espinhosas, colhendo os botões mais delicados e ainda fechados para os vasos antigos da Sra. Walton, que pareciam ocupar todas as mesas e apoios da casa.

Um dia, a Sra. Walton seguiu Lewis até a casinha dele debaixo da grande casa branca.

Ruby perguntou a Bobby o que ele pensou que estavam fazendo.

— Faz horas que estão ali — observou ela. — E Lewis nem mesmo tem

uma televisão. Devem estar conversando.

Bobby não respondeu. Apenas olhou para ela, piscou e a lembrou da promessa de silêncio e sigilo.

— Lembre-se, Ruby Rose — alertou ele. — Tudo o que vemos ou dizemos aqui em cima fica aqui em cima. Você não pode nem mesmo contar aos seus pais.

— Sei disso, são segredos do Bicho-da-Seda.

Logo começou a escurecer, e Ruby precisou entrar. Então nunca soube quanto tempo a Sra. Walton passou com Lewis.

— Ela ainda está lá — disse Ruby, antes de cada um seguir para a sua casa. — Talvez estejam jogando Palavras-Cruzadas ou algo assim.

— Talvez.

Odiava quando Bobby vestia aquela expressão, com um olhar que a lembrava de que ainda era mais nova do que ele, de que sabia algumas coisas a mais do que a amiga. Isso a irritava porque, afinal de contas, *ela* era a presidente do clube - a organizadora. Ela deveria estar no comando. Não era certo Bobby saber mais do que ela apenas por ser mais velho.

Lembrou do dia em que tinha caído da bicicleta, e ele assumiu o controle. Ela não gostava daquela sensação; preferia estar no comando.

E agora estava mal-humorada. Como ele ousava simplesmente sair andando do clube e voltar para casa? Deveria ter sido uma reunião. Ele deveria limpar as caixas, não ficar nervoso porque ela simplesmente lhe perguntou algo.

Manteve-se ocupada preenchendo as páginas do caderninho e anotando tudo o que acontecia ao redor.

Data 1972

Contagem de bichos-da-seda 245, 132 grandes, 85 pequenos, 28 minúsculos.

Ruby limpou as caixas.

Segredos do Bicho-da-Seda, Bobby nervoso. Não limpou as caixas, Ruby precisou fazer isso. Bobby fugiu para casa. Lewis cavou um novo jardim de rosas, depois, visitou a Sra. Walton na casa dela.

Ruby vai procurar Bobby.

BISBILHOTANDO PELA JANELA da casa na árvore, Ruby olhou para o jardim do amigo, esperando vê-lo retornando. Bobby precisaria se desculpar e explicar o que havia de errado. Por que estava tão rabugento? Ela sabia que o perdoaria; afinal de contas, era o seu melhor amigo.

Mas o jardim dele estava vazio. Algumas galinhas cacarejavam em alto e bom som, enquanto reboavam livremente ao redor do quintal empoeirado. Um pedaço solto de latão no galinheiro se agitava na brisa, estalando ocasionalmente. Mais além, havia outro galpão que tinha sido renovado e transformado num pequeno apartamento. O tio de Bobby - Mike, irmão mais novo do pai - geralmente ficava na construção renovado por algumas semanas sempre que tinha uma folga no trabalho.

Ruby viu o homem ir e vir do carro ao lugar, arrastando malas e bolsas. O tio Mike, como gostava que todos o chamassem, caminhava pela cidade em suas roupas urbanas e ostentosas, como se fosse o dono do lugar. Tirava o chapéu para todos que passavam e tinha um charme do qual todas as mulheres pareciam gostar.

— Ele é muito elegante e bem falado — disse a mãe de Ruby, depois de o encontrar pela primeira vez, sentado atrás do balcão no açougue. — Um cavalheiro e tanto, olhe quão bem ele se saiu. Parece que tem muito dinheiro.

— Bobby não gosta dele, mas não repita isso. — Tarde demais, Ruby percebeu que tinha revelado um segredo do Bicho-da-Seda. Por sorte, a mãe estava tão ocupada elogiando Mike Carlon e ajeitando o cabelo, na pressa de sair e comprar carne, que não ouviu o que Ruby havia acabado de dizer.

Bobby fez uma careta quando Ruby lhe contou o que a mãe dissera.

— Para falar a verdade, ele é horrível. Nunca fale com ele. Se o vir, corra para o outro lado.

— Ele não pode ser tão ruim assim. Por que não gosta dele?

Bobby ficou novamente irritado com ela naquele dia. Odiava quando ele dizia coisas e não as terminava, deixando-a sentir que sabia apenas metade da história.

— Não importa o porquê — disse ele. — Parar variado, me escute. Como eu disse, não chegue perto dele. Eu o odeio.

Talvez Bobby precisasse ouvir o que o papai vivia falando, pensou Ruby.

— As pessoas precisam de tolerância. — Era o que o pai dizia. — Todo o mundo é diferente; você não vai sempre gostar de tudo numa pessoa, e seria entediante se fôssemos todos iguais. — Ela vinha tentando discutir isso com Bobby, imaginando que ele precisava de alguns conselhos prestativos. — Você tem de ser positivo com as pessoas, Bobby. Não seja sempre rabugento, ele é o seu tio. Além disso, trouxe presentes para todos vocês, você me contou.

— Eu joguei o meu no lixo.

— Você jogou o trenzinho no lixo? — Ela ficou horrorizada. — Não acredito que você fez isso. Por que não deu para mim, se não o queria?

— Não quero conversar sobre isso.

— Por que não? O que há de errado? Sempre conversamos sobre tudo. Por que não gosta dele? A mamãe disse que ele ajudou a velha Sra. Corrigan, da parte de cima da rua, a trazer as vacas noutro dia. Ela diz que ele é um homem muito gentil.

Olhando para o passado, Ruby se lembrou que Bobby tinha, novamente, abandonado a amiga. *Meninos*, pensou ela. *Assim que fazemos perguntas demais, vão embora*. Bem, estava cansada disso. Ela o seguiria e lhe diria umas verdades, diria que ele não podia começar a dizer algo e não terminar apenas porque ela era mais nova.

Desceu pelos degraus tortuosos da escada, pulando os últimos deles, e os pés endurecidos rapidamente encontraram um caminho pela trilha estreita de terra que percorria a vegetação rasteira. Estava agradável e fresco, como sempre; os pés familiarizados com todas as raízes das árvores, enquanto saltavam brevemente pelo chão molhado pela umidade da cobertura de amoras caídas e espremidas entre os dedos dela. Quando chegou mais perto da cerca, imaginou qual seria a resposta de Bobby quando aparecesse na casa dele.

Era sempre assim, desde quando se tornaram amigos. Ele nunca a queria em casa. Anos antes, num aniversário, tinham se sentado do lado de fora, enquanto ele abria, no terraço, o presente que ela lhe dera. Quando contraiu sarampo, mesmo contaminado por Ruby, ela pôde apenas se sentar fora da janela do quarto de Bobby para conversarem. Mas ela ficou apenas um tempinho antes de ele pedir que voltasse para casa.

Era uma regra não dita, e tinha sido por anos. Ele iria na casa dela,

brincaria o dia todo no quintal, então passariam horas na casa da árvore.

— Por que não? — perguntou ela a Bobby, diversas vezes, ao longo dos anos.

As conversas eram sempre as mesmas.

— Meu pai odeia que as pessoas nos visitem. Não posso levar ninguém.

— E a sua irmã? Theresa não leva amigas para casa?

— Também não pode.

— Por isso sua mãe não tem amigos? Que bobeira. Por que a sua mãe nunca sai? Vejo ela apenas quando vai pendurar a roupa lavada. Ela não gosta de ficar no quintal?

— Ela sempre fica doente.

— Por quê?

— Não sei, ela simplesmente fica. Por isso sou responsável pela Sally durante o jantar e de noite.

— Por que não traz ela aqui? Não é muito mais nova do que eu... poderia fazer parte do clube.

— De jeito nenhum. Mamãe não gosta que ela saia. Ela quer Sally dentro de casa, Ruby Rose. Já disse isso tudo antes. Sally não é normal. Meus pais não querem que as pessoas a vejam.

— Aposto que suas irmãs amam o seu pai. Os pais amam as filhas, é o que a minha diz. De vez em quando, ela acha que o meu pai me ama mais do que ama ela, e que eu o tenho na palma da mão.

Bobby não respondeu, deixando-a tagarelar, sempre espantado com quanto a amiga falava.

— Todas as noites, papai lê um livro para mim. Tem vezes em que ele cria as próprias histórias. Ele é muito engraçado. Também escuta todas as minhas histórias. Todas as noites, diz que me ama. É o melhor pai do mundo. O seu lê para Sally?

— Não.

— Por que não?

— Por que você precisa saber de tudo? Ele simplesmente não lê, tudo bem? Nem todo o mundo tem um pai como o seu, ou uma mãe que cuida deles. Quando ficar mais velha, vai entender. Meu pai não é muito legal, Ruby Rose. Só precisamos dizer uma palavra errada para apanhar.

— E Theresa?

— Ele diz que o lugar dela é em casa, que ela precisa aprender a cozinhar e a limpar para poder ajudar a mamãe. Theresa quer ser enfermeira,

mas meu pai diz que ela deveria se casar e ter filhos, não se preocupar em cuidar dos doentes e moribundos.

— Meu pai diz que posso ser o que eu quiser ser. Ele diz que as garotas, hoje em dia, podem fazer as mesmas coisas que os garotos, e ele quer que eu tenha um trabalho muito bom, para que eu possa cuidar de mim mesma.

Um dia, Bobby surpreendeu Ruby.

— Segredo do Bicho-da-Seda, Ruby Rose — disse ele.

— O que houve?

— Acho que Theresa vai fugir de casa para ser enfermeira.

— Mas ela só tem quinze anos.

— Eu sei, mas ela está pensando em fazer isso ano que vem. O hospital contrata com dezesseis. Você pode morar lá e receber um treinamento muito bom.

— Mas sua mãe e seu pai ficariam tristes se isso acontecesse.

— Meu pai ficaria irritado, porque Theresa faz muito do que mamãe deveria fazer, mas mamãe não faz o trabalho dela, já que fica na cama na maior parte do tempo.

Os dois estavam deitados no chão, a discussão indo e vindo. Ruby ficou ainda mais confusa sobre como a família de Bobby funcionava - ou melhor - não funcionava. Queria ser amiga de Sally. Afinal de contas, Sally era irmã de Bobby, e Bobby era uma das suas pessoas favoritas no mundo todo, depois do papai e da mamãe. Sabia que ele ajudava muito cuidando de Sally, então queria auxiliá-lo.

Uma vez, quando estava sozinha no canto da espionagem, Ruby observou Bobby sentado com a irmãzinha no terraço dos fundos, penteando o cabelo dela, aconchegando e segurando Sally como uma bonequinha, levantando-a e abraçando-a sempre que chorava. Era um lado diferente de Bobby. Sabia que ele amava muito Sally, talvez mais do que a mãe e o pai.

— Você ama Sally, não ama? — perguntou ela.

— Claro que amo, é minha irmã. Além disso, nós crianças precisamos nos unir, cuidar um do outro.

— A sua mãe e o seu pai não fazem isso? O seu pai não parece ser tão malvado.

Bobby não respondeu, apenas encarou o horizonte pela brecha na parede da espionagem. Ruby olhou para o jardim vizinho.

— Ah, olhe! É seu tio, saindo para caminhar com Theresa.

O tio de Bobby tinha chegado semana passada e estava hospedado na

pequena construção, mas passava a maior parte do tempo fora dali. A mãe de Ruby o vira nos fundos do açougue e contou a Ruby e Francis:

— Ele tem muitos eventos aos quais comparecer — disse. — Anda muito requisitado.

Ruby e Bobby observaram o tio Mike seguir com Theresa pelo quintal. Os olhos de Bobby estavam tão grandes quanto pires. Ele se sentou rapidamente e se aproximou da entrada da casa na árvore.

— Meu pai vai trabalhar até mais tarde, e mamãe deve estar dormindo — considerou ele. — Preciso ir, preciso cuidar de Sally. — O rosto dele estava vermelho, e as suas mãos tremiam quando ergueu a lona que os escondia acima do chão.

— Tudo bem? — questionou ela.

Não houve resposta. Bobby desceu tão rápido que Ruby teve certeza de que pulou os últimos sete ou oito degraus. Decidiu que nunca compreenderia Bobby nem a maneira com que agia algumas vezes.

Naquela noite, contou à mãe e ao pai o que tinha acontecido. Francis e Mary sabiam muito bem quem o tio de Bobby era, e ouviram Ruby falar sobre a visita do homem.

Recentemente, Mike Carlon tinha sido eleito a uma posição um tanto alta no governo, e o viram ser entrevistado na televisão na noite anterior. Além de conquistar o cargo proeminente, fora eleito ao conselho de um grande grupo de caridade coordenado pela igreja da cidade. Mike Carlon falou sobre todo o trabalho que faria para os necessitados e sobre como seu papel no governo o daria a oportunidade extra de retribuir à comunidade.

Mary também ouviu relatos elogiosos sobre o político formoso depois de visitar o cabelereiro na cidade. Ela disse como todos estavam falando de Mike - o irmão do açougueiro Vincent. Mike era um solteirão, e todas as jovens corriam atrás dele.

Ruby escutou a mãe, pensando quão errado Bobby deveria estar sobre o tio famoso. Decidiu que Bobby precisava crescer e diria a ele na primeira oportunidade que tivesse.

ENQUANTO ABRIA CAMINHO pelo quintal dos Carlon em direção ao terraço, Ruby pensou em todos os comentários estranhos que Bobby fizera sobre a família. *Os meninos eram tão tolos às vezes*, diria isso a ele desta vez. Era mais velha agora; tinha quase dez anos. E ele precisava parar de tratá-la como uma criancinha.

Batendo de leve, enfiou a cabeça na porta aberta dos fundos, apertando os olhos enquanto se ajustavam à escuridão que encobria os cômodos internos. Todas as cortinas estavam fechadas. Olhou para o corredor, notando que as portas dos quartos também estavam fechadas. O único som vinha de uma televisão no quarto dos fundos. *A ilha dos birutas*, reconheceu a música.

Bateu um pouquinho mais alto, então deu mais uma olhada do lado de fora antes de dar um passo ousado para dentro da casa. Passo a passo, seguiu o som da televisão, chamando o nome de Bobby enquanto caminhava pelo corredor escuro. Por fim, alcançou o quarto de onde o barulho vinha, os olhos se acostumando com a luz enquanto bisbilhotava pela porta aberta.

Bobby estava sentado num banquinho de madeira, penteando o cabelo de Sally, com as costas para a porta. Não notou Ruby parada na entrada do quarto, ele apenas se virou quando Sally começou a acenar para algo atrás dele.

Ruby abriu a boca para falar, mas não conseguiu. Ficou parada, com os olhos arregalados e o queixo caído, horrorizada com o que via. Marcas vermelhas formavam um padrão xadrez na pele nua das costas do amigo. Alguns dos machucados estavam parcialmente curados, mas ainda encobertos por crostas grossas, distintas na pele branca.

Bobby levantou-se, agarrou uma camiseta e a vestiu com pressa para esconder as costas.

— Oi, Sally — disse Ruby, tentando recuperar a compostura e processar o que tinha acabado de ver. Sorriu para a garotinha, percebendo a magreza e a tez fraca de uma criança que, obviamente, não recebia luz do sol suficiente.

Sally ergueu os grampos, exibindo-os. Ruby percebeu os movimentos estranhos e empolados dos membros da pequena menina.

— Sally, diga “oi” para Ruby Rose. — A voz de Bobby soou trêmula.

Disse a Sally para assistir à televisão e que voltaria logo.

Com cuidado, tirou os grampos dela, prendendo-os de novo em seu cabelo. Falou baixinho com a irmã, então lhe entregou a escova, que imediatamente passou a ser a dona de todo o seu foco. Era como se Ruby e Bobby não mais existissem. Toda a atenção de Sally ficou fascinada pela escova. Observaram em silêncio, enquanto ela a girava e revirava na mão, como se nunca tivesse visto uma escova antes. A música de fundo de *A ilha dos birutas* pairou no ar, somando-se à confusão e ao clima surreal do momento.

Pela primeira vez, Ruby ficou em silêncio enquanto Bobby a guiava de volta ao corredor e para fora da porta nos fundos. Ele a segurava com firmeza pelo braço e a impulsionou direto ao portão lateral, nenhum deles falando até estarem do lado dela da cerca.

Os olhos de Bobby estavam arregalados e, quando falou, soou desesperado. Estava quase chorando.

— Nunca mais volte aqui. Se voltar, não poderemos ser amigos.

— O que aconteceu com as suas costas? Por que a sua casa é tão escura?

— Preciso voltar. Minha mãe vai acordar em breve, e vou precisar ajudar Theresa a fazer a janta. — As palavras tropeçaram para fora, o rosto agora nervoso. — Se contar ao seu pai, não vou mais ser o seu amigo. Nunca mais voltarei aqui.

— Sally é magra demais, Bobby. Mas é tão bonita, como uma bonequinha..., mas parece tão pequena, talvez não coma o suficiente. — Ruby ignorou a raiva dele, afligida pela preocupação com Sally e pelo o que acabara de ver.

— Eu sei. Faz parte da condição dela, por isso *eu* a alimento. Assim, posso garantir que ela coma o alimento certo, e coma tudo. Sally faz algumas coisas para mim, como comer. Não faz isso para nenhuma outra pessoa.

— Ela tem sorte de ter você.

— Mamãe costumava cuidar dela, mas faço isso agora porque ela anda sempre doente. E Theresa— disse ele. — Nós dois cuidamos de Sally. Tem vezes que tiramos alguns dias de folga da escola, porque, quando não estamos aqui, mamãe a deixa no berço pela maior parte do dia.

— Mas, Bobby, ela tem a mesma idade que eu. Por que ainda a tratam como um bebê?

A voz dele soou quase como um suspiro:

— Tem muitas coisas erradas com ela, coisas que não podem ser

consertadas. Tem de se lembrar que o cérebro dela é como o de um bebê, e isso nunca vai mudar. Os médicos não queriam que minha mãe a trouxesse do hospital para casa, disseram que deveria ir direto para um hospício. Meu pai quis fazer isso, mas mamãe não deixou. Agora, nossa mãe nem mesmo se importa com ela.

— E quando o seu tio visita, ele ajuda?

Ele quase cuspiu as palavras:

— Só pode estar brincando... ele não ajuda em nada. Além disso, Sally não gosta, nem chega perto dele. Acho que faz parte da razão pela qual ele não se hospeda na casa. Por isso, tem o próprio lugar nos fundos.

Como sempre, Ruby quis ajudar, tentar arrumar as coisas, garantir que tudo ficasse bem com Sally e Bobby.

— Tenho certeza de que existem pessoas que podem ajudar, médicos que podem vir e cuidar de pessoas com as que há coisas erradas.

— Ruby Rose, você não pode consertar tudo. Sally nasceu assim, e nada pode ser feito quanto a isso. Sei que quando estamos na casa da árvore, você pensa que eu simplesmente faço tudo o que você me manda fazer, mas, em casa, preciso assumir o controle. É como se eu precisasse estar no comando, porque, se eu não fizer isso, tudo vai acabar virando bagunça, e meu pai vai mandar mamãe e Sally para longe. Preciso voltar agora. Você não deveria nem ter vindo.

— Tudo bem, Bobby Carlon, mas, da próxima vez, você vai conversar comigo e vai me contar as coisas, porque eu não sou um bebê. — Ela se ergueu na pontinha dos pés, os ombros reclinados para parecer mais alta, mas Bobby tinha se afastado. As últimas palavras foram ditas para as costas dele, os machucados agora escondidos debaixo do fino algodão de uma camiseta gasta.

Nervosa e confusa, subiu para a casa na árvore e tirou o caderninho da prateleira, desabafando os pensamentos enquanto escrevia nas páginas pautadas tudo de que conseguia se lembrar. Adicionou desenhos mostrando as marcas nas costas de Bobby e tentou desenhar um retrato de Sally segurando os estimados grampos.

Em sua mente, reviveu tudo o que aconteceu. Não apenas o que viu ao longo do dia; mas o clima sinistro na casa de Bobby e as sensações estranhas que experienciou ali dentro. Um nó tinha se formado em sua garganta assim que atravessou a porta dos fundos. Havia algo bizarro naquela casa. Os quartos eram todos escuros e mofados, as cortinas estavam todas fechadas. E

onde estava a mãe de Bobby? Por que ficava sempre na cama?

Por fim, Ruby desceu da casinha e encontrou o pai sentado na escada dos fundos. Lembrou-se de que havia jurado segredo, que Bobby tinha confiado nela para não contar nada a ninguém. Correndo para os braços do pai, foi sufocada por beijos e riu.

Sentiu uma sensação estranha e percebeu que era culpa. Talvez Bobby estivesse certo, talvez a mãe e o pai dele não fossem como os dela.

Agarrando-se ao papai, ela olhou nos olhos escuros e gentis dele e disse as mesmas palavras que proferia todas as noites:

— Eu te amo, papai. Você é o melhor pai do mundo todo.

Um sorriso amplo iluminou o rosto dele, e seus olhos brilharam, fazendo-a se sentir a garotinha mais amada do mundo.

— Ah, mas eu te amo mais, Ruby Rose — afirmou ele. — Minha pequena fadinha da amoreira.

Esfregaram os narizes - seu código secreto - antes de se aconchegarem um no outro e discutirem quem estava mais sujo de lama e se as manchas de amora eram melhores do que manchas de concreto. Ela se sentiu segura e protegida quando os braços fortes do pai a envolveram e inalou o aroma de suor e tabaco enraizado nas roupas dele. Era como se Francis sentisse que Ruby precisasse de um chamego extra naquela noite e, por um longo momento, ficaram sentados na escada até os pernilongos tornarem-se ferozes demais, então souberam que era hora de se limparem.

Naquela noite, Ruby sentiu-se ainda melhor depois de ter se sentado com a mamãe e o papai. Ela os ouviu contar como se conheceram, então riu com eles quando mamãe recordou um acontecimento engraçado. Papai também riu, e a filha pensou que a risada profunda dele era o melhor som do mundo. Ele abraçou as duas e disse que deveria ser o homem mais sortudo de todo o universo por ter duas garotas tão lindas das quais cuidar.

Depois de ver as marcas nas costas de Bobby e como Sally vivia, Ruby soube que ela também tinha muita sorte; havia coisas acontecendo na casa vizinha que não eram certas. Na reunião seguinte, decidiu ela, haveria alguns segredos do Bicho-da-Seda que seriam compartilhados.

— “CONFÚCIO DIZ QUE, há milhares de anos, a Imperatriz Leizu da China, que tinha catorze anos, estava sentada debaixo de uma amoreira, bebericando uma xícara de chá quando um casulo dourado de bicho-da-seda caiu na xícara de porcelana. Leizu pegou o casulo misterioso e começou a desemaranhar o fio dourado que o envolvia. Gentilmente, extraiu o fio resistente e o esticou para mais e mais longe, por todo o jardim, observando os raios de sol ricochetearem no filamento dourado. A bela Leizu desenrolou mais e mais casulos, até ter composto um fio grosso, o qual ela, então, teceu numa peça de roupa brilhante e sedosa. Essa primeira peça foi um lindo manto para o muito, muito famoso Imperador da China. Leizu se tornou a deusa lendária da seda. Os chineses guardaram o segredo de como fabricavam a seda por milhares e milhares e milhares de anos. Revelar o segredo da confecção vinda dos casulos das pequenas lagartas resultaria numa pena de morte. Entretanto, muitos outros países ao redor do mundo que comercializavam a seda da China queriam saber como os chineses fabricavam um tecido tão lindo e colorido. Os japoneses invejosos sequestraram quatro lindas garotas chinesas, junto com algumas mudas de amoreira e ovos de mariposas-da-seda. Outra princesa chinesa, que se casou com um príncipe indiano muito bonito, carregou os ovos dos bichos-da-seda e as mudas da amoreira dentro de um adereço de cabeça chique quando viajou para a distante Índia. Ela também, como as quatro jovens sequestradas, sabia criar as lagartas e tecer a seda. Por fim, dois monges contaram ao Imperador de Constantinopla o segredo de como fabricar seda.” E foi assim — disse Ruby, fechando os olhos dramaticamente — que todo o mundo ficou sabendo das lindas e inteligentes lagartas e da seda espetacular que criavam. — Ela fechou o caderninho de anotações, no qual ela escreveu a história dos bichos-da-seda, repousando o livro como um tesouro valioso na mesa. Escolhendo a mão mais limpa, pressionou-a contra o vestido de algodão sem mangas, empurrando os vincos para longe e aplainando os girassóis amarelo-vivos que enfeitavam o material fresco de algodão.

Observando-a, Bobby sorriu, sabendo que a amiga amava quando soava adulta, tentando se igualar a ele, enquanto os anos os distanciavam mais e mais. Sabia que a amizade deles provavelmente mudaria quando fosse, depois do Natal, para o ensino médio. Alguns dos colegas já o zombavam por passar tanto tempo numa árvore com uma criancinha - e ainda pior - uma garota.

Mas Ruby Rose estivera com ele desde o início, nem mesmo ainda ia para a escola quando se tornaram amigos. Por anos, contaram os ovos, as lagartas e as mariposas, depois, guardaram os casulos, esperando o primeiro sinal da aparição da seda enquanto uma nova vida surgia. Poderiam, então, mais uma vez procurar as maiores e mais verdes folhas, observando qual lagarta se tornaria a mais rechonchuda da temporada.

A casinha se tornou muito parecida com o casulo de uma mariposa; seu refúgio, uma proteção, muito acima do resto do mundo, livre do tumulto, da ansiedade e da miséria de casa. Há não muito tempo, Ruby era nova demais para suspeitar ou perceber certos problemas na vida dele. Não perguntava nada complicado. Apenas continuava ali; sua melhor amiga, sua alma gêmea.

Em algumas noites, ele se esgueirava na escuridão do jardim lateral e bisbilhotava pelas brechas das cortinas, enquanto Ruby se sentava à mesa com a mãe e o pai.

O pai de Ruby estava sempre lhe dando carinho, erguendo-a no ar, apertando-a até a filha guinchar de encanto. A casa emitia um brilho acalentador, os três aconchegados, felizes, em paz e contentes. Às vezes, Bobby se reunia com a família dela durante o dia. Mary sempre insistia que comessem um pedaço de bolo e bebessem algo, e ele se sentava com eles à mesa onde, invejosamente, os via comer tantas vezes de noite.

A cozinha deles era parecida com a de Bobby: gavetas e armários de madeira pintados, tigelas e pratos simples, além do linóleo se erguendo nas pontas - riscado e gasto com o uso ao longo dos anos. As paredes foram pintadas de amarelo, e Bobby amava olhar as fotos emolduradas e apagadas. Sua decoração preferida era uma linha de patos de cerâmica pintados - cinco deles posicionados contra a parede, do maior ao menor, como se prestes a voar para longe pela janela da cozinha.

Uma coleção de pequenos ornamentos enchia uma vitrine pendurada acima da mesa de madeira. Mary tirava a poeira deles, então os passava a Ruby e Bobby, que se revezavam para, com cuidado, equilibrarem cada uma das pecinhas na mesa. A favorita de Ruby era um bulezinho de porcelana,

enquanto Bobby amava o relógio de pêndulo em miniatura, segurando-o pela orelha para ouvir o som do tiquetaquear. Quando a variedade de quinquilharias havia sido alinhada na mesa, inventavam narrativas sobre de onde os ornamentos tinham vindo. Um dia, Ruby declarou que o bule viera da casa da Rainha da Inglaterra.

— Uma criada roubou e o trouxe para a Austrália — explicou Ruby. — Ela a vendeu e ganhou dinheiro suficiente para comprar uma mansão com vista para o lindo rio Brisbane. O dono de uma loja de antiguidades comprou o bule e o deu para a esposa amada, que - por coincidência - era a minha bisavó. Foi passado pelas gerações da família e, um dia, será *meu*.

Bobby decidiu que o relógio chegou na Austrália pelos mares bravios, com um convicto irlandês.

— Era seu único pertence, e ele dava corda nele todas as noites. Deitava-se com o objeto perto do coração, para que pudesse se lembrar de alguém que amava e abandonou na Irlanda. Era um bom homem e foi perdoado.

Ruby interrompeu a história de Bobby com perguntas, e ele precisou explicar como os convictos, algumas vezes, reconquistavam a liberdade por bom comportamento e trabalho duro. Esperou pacientemente ela ficar quieta antes de dizer:

— O convicto, agora um homem livre, guardou o relógio, acreditando que o trazia sorte. Esse homem foi responsável por construir muitas fábricas e casas. Logo, ficou muito rico. Também passou o ornamento preferido pelas gerações da família, sempre para o filho mais velho.

Ruby franziu a testa ao ouvir isso, mas antes que pudesse abrir a boca e protestar contra a injustiça da decisão sexista, Bobby continuou:

— O homem original - o convicto, que foi liberto - sempre dizia que, um dia, o relógio seria de um grande homem: gentil, muito bondoso e de grande espírito. Esse homem deixaria o ornamento para a filha, que ele amava muito. E essa filha, Ruby Rose... é você. Esse relógio, um dia, será seu, porque seu pai é o homem de quem o convicto, agora liberto, falava.

Ruby bateu palmas, encantada.

— Que história perfeita, Bobby — elogiou ela. — Talvez um dia, o relógio seja meu e, então, poderei dá-lo a você.

— Tenho sorte de poder olhar para ele enquanto estou aqui. Um dia, Ruby Rose, você pode ter um menino ou uma menina, então, vai poder dar a um deles.

— Como eu saberia para qual dar? Talvez um pudesse ficar com o bule,

e o outro com o relógio. Ou, talvez, gostem dos patos na parede.

Bobby se perguntou como uma pessoa poderia falar tanto. Ruby sempre declarava em voz alta o que pensava, tentando resolver os problemas de todos, querendo ajudar, fazer o certo. Além disso, tudo precisava estar em seu devido lugar; observou-a devolver os ornamentos aos lugares precisos de antes na vitrine, falando o tempo todo.

Por vezes, quando estava frio, eles se sentavam no velho e grande sofá, acomodado debaixo de mantas de crochê colorido. Bobby ficava animado quando a mãe de Ruby trazia frutas picadas para eles ou, quando tinham muita sorte, o sorvete com a geleia preferidas de Bobby. Se Ruby implorasse o suficiente, cada um recebia um pirulito; as embalagens geralmente acabavam enfiadas nos buracos e brechas dos assentos velhos.

Em tardes chuvosas, Francis voltava mais cedo do trabalho e se juntava a eles, sentando-se em sua cadeira, que tinha uma manta sobre ela para proteger o tecido da poeira que sempre estava grudada nas roupas de trabalho. Bagunçava o cabelo de Ruby quando passava, dando-lhe um beijo breve na bochecha e emitindo palavras gentis de protesto enquanto os bracinhos dela o prendiam num abraço.

— Estou imundo, Ruby Rose. Trocamos carinhos mais tarde.

Vendo isso, Bobby sempre se encolhia. Por mais que quisesse falar, não conseguia. Bem, não no começo, de qualquer maneira. Sentindo a inquietação do menino, Francis perguntava:

— O que anda aprendendo na escola, Bobby? Quantos casulos eclodiram? Quietinha, Ruby Rose, deixe Bobby responder.

Logo, Bobby se pegou conversando com facilidade, sentindo-se confortável no lar acolhedor e descontraído. Juntos, assistiam aos programas vespertinos na televisão. Francis geralmente pedia a Ruby que se levantasse do assento e mudasse o canal para o que o amigo mais gostava.

Numa tarde, Francis disse:

— De jeito nenhum vamos assistir à *Família Sol-Lá-Si-Dó*. Coloque no canal de *Guerra, sombra e água fresca*. Você foi a minoria hoje, fadinha da amoreira. Tenho o apoio do outro jovem. Vai ser *Guerra, sombra e água fresca*.

Ruby se levantou e mudou de canal. Os três se aconchegaram e riram das palhaçadas dos personagens no famoso programa de comédia. Então, Ruby marchou ao redor do cômodo com uma tigela de metal na cabeça, imitando o atrapalhado Sargento Schultz. Parou em frente ao pai, batendo

continência dramaticamente. Em sua mais grosseira voz alemã, ela disse:

— Eu não sei de nada! Eu não vejo nada! Eu não ouço nada!

— *Jawohl, Mein Coronel* — respondeu Francis, com o dedo debaixo do nariz, imitando um bigode.

Bobby riu com eles. O conhecido tema de abertura soando da querida televisão em branco e preto indicava o fim do programa, trazendo Bobby de volta à realidade. Precisava voltar para casa antes do anoitecer.

Francis se levantou para apertar sua mão, tratando-o como um adulto, uma pessoa importante.

— É sempre bem-vindo aqui, Bobby. Pode vir quando quiser.

— Muito obrigado, Sr. Bradley. É melhor eu ir, meu pai vai chegar em casa daqui a pouco. — Bobby ouviu a voz desaparecendo para dentro, enquanto a confiança e o sentimento de diversão se esvaíam. Um desconforto na barriga anunciou o fim do dia e o começo da rotina noturna que era o padrão na casa dele.

— Vejo você depois, Ruby Rose. Vou tentar chegar na hora amanhã cedo.

— Ela defende a hora certa, jovem Bobby — disse Francis. — Tudo precisa estar no lugar certo, sempre na hora certa para a Srta. Organizada.

Ruby acompanhou Bobby até a porta, notando que ele tinha ficado em silêncio. Nunca parecia querer voltar para casa.

— Venha cedinho — disse ela, tentando animá-lo. — Podemos brincar no pogobol antes da escola.

Ele atravessou o portão lateral estridente, passando debaixo da vinha pendente de buganvília que ameaçava fechar o buraco que conectava as duas casas.



DEPOIS DE TERMINAR A história sobre a origem da seda, Ruby pensou sobre a quietude de Bobby e sobre a expressão que dominava seu rosto sempre que precisava deixar a casa dela e voltar para a sua. Erguendo a tampa da caixa de papelão mais próxima, bisbilhotou maravilhada as lagartas que serpenteavam e mastigavam, seus pequenos excrementos pretos espalhados pelas folhas verde-escuras da amoreira que compunham o fundo

da caixa.

— Meu pai me ajudou a procurar naquela enciclopédia. Então, copiei no caderninho. Parece que os bichos-da-seda sempre estiveram ligados a segredos.

— Me passe as folhas novas, Ruby Rose — pediu Bobby. — Vou limpar as caixas amanhã. — Posicionou as folhas novas, com cuidado, no topo das velhas e mordidas. — Que incrível uma lagarta conseguir tecer seda que se transforma em tecido.

— O papai fez isso para a gente. — Ruby ergueu um pequeno suporte, com uma fatia plana de madeira com pregos no centro. — Quando nossos casulos estiverem prontos, poderemos recolher os fios, e tecê-los nisso para fazer seda. — Ela girou o centro, observando e prevendo metros de tecido amarelo se desenrolando dos casulos, prontos para serem transformados em seda.

— Como vamos fazer isso? — perguntou Bobby. — Vai sair apenas um fio longo.

— Vou precisar perguntar para o papai outra vez. Provavelmente, deve haver algo na enciclopédia. Bobby, o que aconteceu com as suas costas? — Ela se voltou para ele depois de, cuidadosamente, ter apoiado o suporte que girava numa das prateleiras.

— Não importa. Não foi nada.

— Somos melhores amigos. Pensei que compartilhássemos todos os nossos segredos... segredos do Bicho-da-Seda.

— Se eu contar, precisa prometer que nunca vai dizer nada. — Ela pôde ver a mente de Bobby funcionando, analisando o risco de ela repetir o que ele falasse. — O problema, Ruby Rose, é que eu sei que você conta muitas coisas ao seu pai. Precisa me prometer que tudo que eu lhe disser, e eu quero dizer *tudo*... você não vai poder contar a ninguém, principalmente a ele.

— Você sabe que eu não faria isso. Nunca fiz antes. — Ruby segurou a mão dele sobre a mesa. — Você precisa me contar.

— As marcas nas minhas costas... — Ele hesitou, olhando ao redor, como se pudesse haver outra pessoa escutando. — É onde o meu pai me bate. Ele, bem... ele me bate com o cinto. Tem um cinto grosso de surrar que costumava ser do meu avô e, bem, ele me bate com isso. Por quanto tempo, depende do que eu fiz, ou tem vezes que depende... do quanto ele bebeu.

Os olhos de Ruby ficaram arregalados, perfurando o rosto de Bobby. Não apenas ficou chocada com a informação, como nunca tinha ouvido

Bobby falar tanto de uma só vez.

— Por que a sua mãe não o impede?

— Porque, depois, ele a machucaria — explicou o menino. — Tem vezes em que ele bate nela de qualquer maneira. Não com o cinto, apenas com as mãos - com os punhos.

Ruby saiu da cadeira, arrastando-a para mais perto de Bobby, que estava curvado sobre a mesa; as mãos segurando as laterais do rosto, as lágrimas jorrando constantemente enquanto criavam manchas molhadas no tampo da mesa. Ela nunca o vira chorar tanto, nem mesmo quando a estaca afiada tinha atravessado a perna dele e papai precisou arrancar a madeira. Não houve nem mesmo uma lágrima quando Francis derramou o líquido amarelo e antisséptico no buraco que foi criado.

— Ele bate na sua mãe? Por isso ela fica tanto dentro de casa?

Bobby assentiu.

— Quando ela está com um olho roxo, ou machucados, nunca quer que ninguém a veja. Mas tem mais, Ruby Rose. Ela está doente. Não tenho certeza do que é, mas chora o tempo todo e não fala. Na maioria dos dias, levanta-se por apenas um tempinho, então volta para a cama, para aquele quarto horrivelmente escuro.

— Temos que chamar a polícia.

— Você não me ouviu? Não pode contar a *ninguém*. Por isso Theresa vai embora assim que puder.

— Ele também bate nela?

Bobby assentiu de novo.

— Ela também passa por maus bocados. Mesmo quando deixa um prato sem lavar ou não varre o chão, ele vai para cima dela. Ele a chama de porca gorda, depois, bate nela.

— Precisamos contar a alguém.

— Ele diz que, se contarmos, da próxima vez, vai usar facas. Meu pai tem muitas facas de açougueiro em casa. Diz que vai cortar as nossas gargantas, e ninguém vai ficar sabendo.

Pela primeira vez, Ruby ficou sem palavras. Com os olhos arregalados, tentou assimilar o que o amigo tinha acabado de dizer.

— Precisa vir morar na nossa casa.

— Não é tão simples assim. Preciso cuidar de Sally, e tem outras coisas acontecendo.

— Ele também bate na Sally?

— Não, ele a ignora. Diz que Sally é simples, assim como mamãe. Fico feliz por ele não bater nela, porque acho que o mataria se batesse. — Agora que o menino começou a falar, era como se não pudesse parar. — Sabe... ele também gosta de outras mulheres.

— O quê?

— Ele se encontra com outras mulheres - ele e o meu tio - nos fundos do açougue. Cheguei um dia, e os dois estavam com mulheres estranhas nos fundos.

— O que estavam fazendo?

— Coisas indelicadas, das quais você não precisa saber. Meu tio também é um porco. Os dois são maldosos. Por isso estou contando a você. Jamais apareça de novo na minha casa.

— Mas o que vamos fazer?

— Nada. É assim que as coisas são: tento ficar longe de problemas, cuido da Sally. Mas não sei o que fazer com a mamãe, porque ela não fala nada.

Ficaram em silêncio. Bobby encarando a mesa, e Ruby tentando pensar em como resolver esse problema.

— Eu o ouvi dizendo algo ao meu tio — continuou Bobby. — Disse que vai mandar mamãe e Sally para o hospício. Foi exatamente isso o que ele disse.

— O que você vai fazer?

— Não posso fazer nada. Se contar a alguém, ele vai... acho que vai matar alguém. Sei disso, ele tem maldade suficiente no corpo.

O grito de Mary soou debaixo da árvore, assustando os dois.

— Ruby Rose e Bobby Carlon, desçam daí. Está escuro.

— Merda. Lembre-se, Ruby Rose: nem uma palavra — disse Bobby. — Esse é o maior segredo do Bicho-da-Seda de todos os tempos, se contar a alguém, prometo que nunca mais a visitarei nem serei seu amigo.

— Eu prometo, Bobby. — Pressionaram as almofadinhas dos dedões uma contra a outra, o gesto significando o mais alto grau de sigilo existente no Clube do Bicho-da-Seda.



NAQUELA NOITE, RUBY virou e revirou na cama. Visões das marcas nas costas de Bobby, das lágrimas, e da ideia do que realmente acontecia na casa ao lado giraram em sua mente. Envergonhada, levantou-se para fechar as antigas janelas de madeira, mas o ranger oscilante deixou seu medo ainda pior. Longas sombras contra a parede da casa bruxuleavam e se moviam, e o farfalhar dos arbustos e das árvores contribuíram com seu temor. Ela mal conseguia se mover.

Momentos depois, pezinhos descalços caminharam rapidamente e em pânico, seguindo pelo corredor escuro e entrando no quarto dos pais. Parada na beirada da cama, cutucou papai no ombro até ele se virar com os olhos mal se abrindo, encarando-a.

— O que foi, fadinha da amoreira? — murmurou ele, antes de a erguer no colo e a posicionar em segurança no meio da cama.

— Tive um pesadelo.

— Tudo bem agora, volte a dormir.

Ruby continuou deitada e acordada por um longo tempo. Gostava de concertar as coisas, ajudar as pessoas - especialmente Bobby. Mas tinha feito uma promessa. Ouvindo o respirar suave da mãe de um lado, compensada pelo ronco habitual do pai do outro, ela sentiu-se segura.

Pensamentos cheios de culpa sobre Bobby sozinho num quarto encheram sua cabeça. A ideia de contar a alguém se repetia, mas o pensamento de o pai ameaçar a família de Bobby com facas a assustava, então soube que não poderia contar a ninguém. Precisava apenas tentar e ajudar Bobby da melhor maneira possível.

Aconchegando-se, relaxou. Logo, a respiração delicada e infantil se misturou ao ritmo suave das paredes humanas em cada um dos lados. Dormiu profundamente, segura e contente.

Perto do fim do ano, Ruby percebeu que a vida como a conhecia estava mudando. Um dia, ouviu Martha - a mulher que dirigia a van e entregava o pão - conversando com a mãe.

— Mary, o que você sabe sobre a esposa do açougueiro ao lado? — sussurrou Martha.

As orelhas afiadas de Ruby ouviram a pergunta, enquanto se mantinha escondida e encolhida na cadeira trançada redonda; os dedos ociosos cutucando o vinil vermelho que tecia um caminho acima e abaixo das tiras brancas que sustentavam a cadeira.

— Ela nunca sai — disse Mary. — Sempre tentava conversar quando a via, mas ela mal fala. Ruby é a melhor amiga do garoto, que é um bom menino. Mas raramente vejo as garotas.

Martha olhou ao redor, certificando-se de que ninguém ouvia.

— Estão falando deles. É claro, não gosto de fofocar, mas dizem que o açougueiro e o irmão recebem mulheres na loja depois que fecham. Não vejo ninguém quando deixo o pão, mas o leiteiro diz que as crianças são negligenciadas. Um dia, a porta estava aberta, e ele achou o interior muito bagunçado, escuro e malcheiroso.

Escondida atrás do encosto da cadeira de vime, seus olhos inquietos bisbilhotavam pelas lacunas da trama. Ruby viu os rostos e ouviu a conversa com clareza, observando a mulher deixar o alimento na lata da mãe.

— Você sabia — continuou Martha — que, anos atrás... Vincent e o irmão... bem, eu costumava achar que eram as melhores pessoas. Vincent era sempre educado e geralmente me elogiava. Pensei que era um bom homem. Ele ainda conversa e passa tempo dando atenção aos clientes. Mas, agora, não tenho tanta certeza. Não gosto da maneira que age. Seus olhos parecem perambular por todos os cantos quando estamos na loja. O irmão Mike, por outro lado, é simpático - um político envolvido com a igreja. Acho que é um homem muito bom. — Ruby enrijeceu, quase entregando seu esconderijo quando Martha continuou. — Acho que não deveria deixar sua Ruby brincar com o menino, porque não sabemos o que ele vê ou faz. Ela está ficando mais

velha agora... não acha que, talvez, ela devesse ficar longe dele?

— Bobby me parece ser um bom menino, e sempre foram amigos. São apenas crianças.

— Dizem que a mãe deveria estar num hospício, e que isso também vale para a menina mais nova.

— Não sei muito sobre eles, e isso não é problema nosso — disse Mary.
— Não quero meter o nariz na vida dos outros.

Endireitando-se, Martha ajeitou o avental. Mary pegou a lata de pão, indicando o fim da conversa e demonstrando claramente que não queria mais fofocar sobre os vizinhos.

— Bem... é estranho, apenas — retrucou Martha. — Aquelas duas crianças Carlon nunca saem para brincar com as outras da região.

— De vez em quando, eu as vejo por aqui — disse Mary.

— Eles saem bem pouco.

— Ah, bem... cada um sabe da sua vida, penso eu.

Martha fechou a traseira da van dos pães, sacudindo a farinha do avental.

— Vejo você daqui a dois dias. Mas lembre-se do que eu disse, fique de olho naquela Ruby.

— Obrigada, Martha, vejo você em breve.



A CONVERSA DEU voltas e voltas na cabeça de Ruby por vários dias, fazendo-a se sentir uma traidora sempre que via Bobby.

Antecipando uma tarde de brincadeiras, no sábado seguinte, a menina rabiscou os quadrados de uma amarelinha na trilha empoeirada que ia da casa pós-guerra de madeira até a estrada principal, na distância. Aquelas tardes eram quando ela e Bobby podiam passar tempo juntos; o pai dele trabalhava até tarde nos sábados. Geralmente, virava a noite. Os dez quadrados estavam claros na sujeira da trilha e prontos para serem pulados; duas pedras esperavam serem os marcadores.

Passando o tempo enquanto esperava Bobby, Ruby perambulou pela trilha e abriu a tampa estridente do que era a caixa de correio. Então, lembrou: *sábado, não haveria cartas*. Parada na cerca, bisbilhotou. Como sempre, um grande sapo verde, com olhos protuberantes e fechados, tomava

conta de todo o interior da caixa. Fechando a tampa com cuidado, olhou para cima e para baixo da estrada antes de voltar e sentar-se no terraço da frente.

Foi um problema desde o começo: Bobby veio voando pela trilha na velha bicicleta enferrujada, deslizando por toda a amarelinha cuidadosamente desenhada por ela, espalhando os marcadores e cobrindo a maior parte dos desenhos com a poeira rodopiante.

— Está atrasado — disse ela.

— Eu tinha muito o que fazer, mas vim o mais rápido que pude.

Ele se desculpou e, pacientemente, ajudou Ruby a redesenhar os quadrados antes de permitir que ela brincasse primeiro. Pelo menos dessa vez, ficou feliz em deixá-lo ser o chefe e tomar o controle.

Tiraram os olhos do jogo ao ouvirem um carro estacionando na casa ao lado. O carro preto, com ar oficial e um emblema redondo no capô, avançou pela grama e seguiu direto para a pequena construção nos fundos da casa de Bobby.

— É o carro do seu tio, não é?

— Sim. — O rosto do menino ficou pálido. Parou de se mover, não mais se preocupando em pular amarelinha; os dois pés plantados firmemente num dos quadrados no chão.

Ruby olhou para baixo, percebendo que o amigo não estava nem um pouco preocupado por ter infringido as regras do jogo.

— Quer ir dar uma olhadinha nas mariposas? — Notou que a chegada do tio o deixara desinteressado no jogo.

— Sim.

Ele a seguiu sem hesitar, e os pés descalços rapidamente se movimentaram em direção ao frio e ao isolamento que os esperava debaixo da grande amoreira no canto do quintal. Os dois não ligaram para as amoras que esmagavam com as solas, focando em escalarem velozmente o tronco e chegarem ao casulo seguro que era a casa na árvore.

Bobby foi direito para a abertura da janela. A cortina aberta o permitiu observar seu quintal. Enquanto isso, Ruby ocupava-se com as caixas, procurando novos casulos e se certificando de que havia água nas tampas que deixaram para as mariposas. Varrendo o chão com a pequena escova que mantinham ali, olhou para Bobby, que continuava bisbilhotando em silêncio.

— Quanto tempo acha que ele vai ficar? — Não houve resposta. — Bobby, eu fiz uma pergunta.

— Não sei. Eu não sabia que ele vinha. Está levando as malas para

dentro, e isso geralmente significa que vai ficar por um tempo.

— Pelo menos ele não fica na sua casa. Olhe, já está saindo. Sente-se, Bobby. Não parece bem.

— Eu não consigo respirar. — Ele arfou entre as palavras. — A minha barriga está doendo.

Ruby o sentou numa cadeira, dizendo a ele para respirar fundo.

— Bobby, estou aqui. Respire direito.

Apesar dos olhos de Bobby ainda perambularem, cheios de nervosismo, pela casinha, sua respiração se acalmou. Por fim, ele a ouviu, respirando no mesmo ritmo que ela, as dores no corpo diminuindo.

— O que precisa fazer? Com o que está preocupado? — perguntou Ruby.

— Ele vai para a loja. Eu vou para casa. Preciso cuidar de Sally, preciso ir. — Engolindo a garrafa d'água que Ruby tinha colocado em frente dele, olhou para ela, absorvendo seu olhar questionador e preocupado. — Obrigado, Ruby Rose. Está tudo bem, mas preciso ir para casa agora. Conversamos amanhã.



NO DIA SEGUINTE, Ruby esperou, mas Bobby não veio. Passou a manhã em cima da árvore, limpando as caixas, renovando as folhas e coletando amoras para que mamãe pudesse fazer a torta que papai amava comer. Pela janela da espionagem, observou o ritual semanal na casa ao lado.

Bobby e Theresa estavam sentados na parte traseira do grande carro de Vincent. Como o chofer num filme, o transporte dirigiu lentamente pela trilha empoeirada antes de virar à direita, na direção da igreja que frequentavam todo domingo. Como sempre, a Sra. Carlon e Sally não estavam junto. Ruby viu as cortinas bem fechadas da janela do quarto da Sra. Carlon. Sabia que a mãe de Bobby geralmente se levantava um pouquinho pelas manhãs, para um café, antes de tomar os comprimidos que permitiam que a mente descansasse e o corpo dormisse.

Ruby também sabia que todos os dias eram mais do mesmo. *A família estava acostumada*, dissera Bobby. O pai raramente entrava no quarto da mãe. Em vez disso, dormia do lado de fora, no sofá-cama do terraço. Durante

a noite, o pai se enchia de rum ou cerveja antes de cambalear para cama, chutando tudo para fora do caminho e xingando todos. Seu ronco logo ecoava pelo terraço fechado.

Bobby ficava com Sally até ela dormir, antes de se encolher numa cama pequena no mesmo cômodo. Suas olheiras roxas, toda manhã, quando vinha pegar Ruby para a escola, eram o testamento do padrão enraizado de sono transtornado.

Ultimamente, Bobby vinha se abrindo mais do que o habitual, e Ruby começou a ter uma visão real da vida na família dele; uma vida desconhecida pelo resto do mundo, escondida por cortinas fechadas e membros silenciosos.

Por vezes, em vez de chegar em sua bicicleta para buscá-la pela manhã, Bobby a chamava sobre a cerca. Olhava nervosamente para os lados quando dizia a ela que ficaria em casa com Sally e que não iria para a escola.

— Mas você deveria ir para a escola — dizia ela.

— Preciso ficar em casa hoje, tenho muito a fazer.

Outros dias, Ruby notava a palidez no rosto dele, e uma magreza distinta em seu corpo desengonçado de adolescente. Buscava comida em casa, e fazia um embrulho para ele, enchendo o saco de papel marrom com biscoitos e frutas que ela sabia que Bobby dividira com a irmã. Ficava incomodada em ver o quão triste o amigo parecia esses dias, e não importava o quanto tentasse animá-lo, ele raramente sorria.

Pela milionésima vez, Ruby questionou se deveria contar à mãe e ao pai, mas Bobby a fizera prometer - uma promessa do Bicho-da-Seda que ela sabia que não poderia quebrar.

Algumas vezes, ouvia a mãe e o pai conversarem sobre os vizinhos. *Algo não parece certo. Aquelas crianças deveriam estar na escola. Bobby tem uma aparência horrível. Acha que eles têm o suficiente para comer? Nunca vemos a mãe. Se não está bem, por que o médico não aparece para examiná-la?* As conversas continuavam, com as respostas costumeiras para as muitas questões que faziam um ao outro. *Precisamos cuidar dos nossos problemas. A Sra. Carlon está doente e não consegue conversar com pessoas nem sair de casa. O tio está sempre ali, e ele é rico, então, com certeza, está ajudando. Todos vão à igreja, são boas pessoas.*

Ruby pensou nas preocupações dos pais e percebeu que, em algum momento, precisaria pedir ajuda. Bobby era, afinal de contas, seu melhor amigo..., mas havia a complicação dos segredos do Bicho-da-Seda.

Sua mente revirava enquanto olhava pela brecha na cortina da casinha.

Estacas discordantes se espalhavam atrás dos quintais, e uma fazenda velha se empoleirava toda torta numa montanha ao longe. Pequenas figuras humanas se movimentavam por ali, apenas visíveis a uma longa distância. Vacas mascavam a grama verde e grossa, e um cachorro corria pelas estacas, seu latido ecoando enquanto perseguia uma lebre que corria para a segurança dos arbustos ali perto.

Ruby olhou para a esquerda. Viu Lewis apoiando-se na forquilha. Ele secou a testa com um paninho. O sol do meio-dia trazia calor, enquanto ele cuidava do canteiro de vegetais da Sra. Walton. Talvez Bobby pudesse conversar com Lewis sobre sua família. Reposicionando-se para poder observar melhor, Ruby considerou isso uma solução.

Mordendo a boca, ficou intrigada outra vez quando se lembrou da conversa pela cerca entre Lewis e a mãe na semana passada. Ruby tinha se esforçado para ouvir; o sotaque de Lewis fazia as palavras soarem estranhas e, como sempre, acenara dramaticamente com as mãos para enfatizar o que dizia.

— Aquele Bobby — disse Lewis — não anda bem. Sim. Outro dia, vi machucados nos braços dele, e queimaduras nas pernas. Ele me disse que caiu da bicicleta, mas... — Lewis enrugara o nariz daquela maneira engraçada; o bigode se moveu junto. — Ele parece... nervoso, como se estivesse mentindo.

— É uma família esquisita — disse mamãe. — Nunca vi Isobel e raramente vejo as meninas. O menino é bonzinho, mas não queremos nos envolver. Seria melhor não interferimos. Como dizemos: cada um com os seus problemas.

— Eu sei. — Lewis assentiu, concordando. — Com certeza, devo ficar com os meus problemas. Acho que a mãe não anda bem, o pai disse para mim que ela tem algum problema mental. Provavelmente, são boas pessoas dando o seu melhor, criando os filhos e dando um lar a eles.

— Acham que a pequena é um pouquinho... lenta, um tanto singela.

— Ah. — Lewis soltou um longo suspiro. — Isso explica as coisas. Provavelmente, estão cuidado da mãe e da menina.

Com isso, a conversa mudara para outras coisas muito entediantes, e Ruby se desligou. Não estava interessada em quanta água havia no pluviômetro nem em qual mês era o melhor para plantar melancias.

— Você deve plantar na quarta-feira correta — disse Lewis para mamãe. — No dia exato. Não depois, não antes.

Lewis era especialista em tudo relacionado a plantas, e mamãe sempre o escutava com atenção, descobrindo onde e quando plantar a próxima rodada na horta de vegetais.

Ruby pensou no que Lewis dissera, enquanto observava o quintal vizinho. Naquele momento, o tio de Bobby surgiu pela porta da construção. Ela se deitou, mal respirando. Viu o homem olhar ao redor do lugar empoeirado antes de perambular para a cerca nos fundos. Apoiado na extensão da madeira, encarou a fazenda ao longe, seus modos relaxados enquanto acendia um cigarro casualmente. Tragou profunda e lentamente, então, jogou as cinzas pela cerca, estudando as estacas ao longe. Por fim, virou-se, alisando a camiseta e passando a mão pelo cabelo antes de olhar para o quintal outra vez. Ele acompanhou a linha da cerca até seus olhos parecerem estar encarando Ruby.

Ela arfou baixinho, certa de que Mike podia vê-la observando, espionando e acompanhando cada movimento dele. Deitada imóvel e segurando a respiração, esperou o olhar dele deixar a amoreira e voltar ao quintal desordenado ao lado. O pé dele girou na terra quando esmagou a bituca na sujeira antes de seguir aos fundos da casa que parecia vazia e silenciosa.

Alguns minutos depois, ele voltou com Theresa. A jovem caminhava devagar, hesitante, carregando um balde e um esfregão. Foi apressada pelo tio, que carregava um espanador e uma vassoura. Os dois desapareceram na pequena construção. Mike deu uma olhada final ao redor antes de fechar a porta.

Ruby pensou na mãe de Bobby, sozinha na casa principal. Por um momento, pensou em se esgueirar, talvez colher algumas flores. Quem sabe encontraria a Sra. Carlon, conversaria com ela e faria companhia à mulher.

Sentou-se, com a ideia de ajudar a mãe de Bobby girando na mente; aquele desejo obsessivo, sempre deixando-a ansiosa para fazer o certo, ajudar alguém, deixar uma pessoa feliz.

Talvez Sally gostasse de ver os bichos-da-seda. Ruby poderia contar a ela a história da seda. Quem sabe brincariam juntas, e ela poderia limpar o quarto de Sally. Enquanto Theresa cuidava da construção nos fundos, Ruby limparia a casa maior. *Seria de grande ajuda.*

Então, lembrou das palavras de Bobby. *Nunca mais volte aqui. Se voltar, não poderemos ser amigos.* Um acordo inquebrável entre os dois melhores amigos. Não apenas havia segredos do Bicho-da-Seda que ela não podia

contar, mas havia a promessa que fizera a Bobby de que nunca voltaria.

Suspirou alto, aceitando a promessa que tinha feito. Em vez disso, ocupou-se organizando as prateleiras, varrendo migalhas pelos buracos no chão e preenchendo o caderninho de anotações.

Quando tudo estava em ordem, olhou pela janela da casa em direção ao terraço dos fundos da própria casa. Viu mamãe e papai, relaxados e sentados nas cadeiras de metal. Os pés da mamãe estavam esticados, apoiados no colo do papai. As mãos dele os esfregavam, torciam os dedos e os massageava, com os dedos fortes indo e vindo. Mesmo de longe, Ruby viu que os olhos da mamãe estavam fechados, e havia uma expressão de pura alegria em seu rosto.

Olhou com mais atenção, analisando a comida espalhada na mesa em frente dos pais. *Panquecas!* Em um piscar de olhos, ergueu a lona que cobria a entrada e deslizou pelas toras bambas de madeira - pulando as últimas, como sempre. Em sua pressa, perdeu o equilíbrio, escorregou e caiu nas samambaias e na grama alta.

Ainda bem que Bobby não estava aqui para ver isso, pensou.

As pancakes e o café da manhã de domingo da família despreocupada a chamava. Tirou as gramíneas e as folhas mortas do vestido de girassol e correu o mais rápido que pôde em direção ao cheirinho do café recém passado, das pancakes e do bacon cozido.

A vida para Ruby continuou quase sempre a mesma. Semanas se transformaram em meses que passaram rapidamente. Suas pernas magricelas e curtas esticaram, e as barras dos vestidos precisavam constantemente ser soltas. Agora, ela mesma trançava o cabelo - um grande chumaço de mechas loiras torcidas e penduradas no meio das costas.

Papai dizia que ela ainda era pequena o suficiente para se sentar no colo. À tarde, os dois se sentavam nas cadeiras dos fundos. Aconchegavam-se e conversavam. Ruby ouvia com atenção, agarrando-se à cada palavra, e a conexão entre eles se aprofundava enquanto Francis via sua bebezinha rechonchuda se transformar numa mocinha.

Mamãe dera mais responsabilidades à filha.

— Tem doze anos agora, Ruby. Precisa ganhar alguns trocados — disse Mary. — As sobras devem ir para as galinhas, e certifique-se de que Daisy tenha água na calha. Não acredito que vai para o ensino médio ano que vem... não vai poder se atrasar mais. O ônibus não vai esperar como o seu amigo.

Apesar de Bobby agora estar no ensino médio, ainda buscava a menina todas as manhãs. Os dois pedalavam até a escola dela antes de ele seguir sozinho para o ensino médio, mais longe na estrada.

Ruby amava a proximidade entre eles. Fingia que Bobby era mesmo seu irmão; e Sally, sua irmã. Sonhava acordada: Bobby e Sally morando na casa dela, mamãe e papai os adotando. Bobby no quarto de visitas, e Sally dividindo um cômodo com Ruby. Cuidaria deles e os ajudaria nos deveres de casa, assaria bolos e leria livros para Sally todas as noites.

Visões dos três juntos, aconchegados no sofá com a mãe e o pai enchiam sua mente enquanto saltitava pela trilha sombreada - animada e com pressa. Os pés sujos abriam caminho pelas camadas de folhas molhadas; o frio do ar fresco acordava sua pele.

Ouviu o ranger do portão lateral mais cedo, então soube que Bobby tinha sido mais rápido do que ela hoje. Provavelmente, já estava na casa da árvore, limpando as caixas dos bichos-da-seda. Correndo com as responsabilidades, ela finalizou impientemente os pedidos da mãe, pois tinha o resto do dia

planejado em mente.

Estava ansiosa pelas férias descontraídas de verão, com semanas e semanas de liberdade, dormindo até mais tarde, sem nenhum dever a ser feito e mais tempo com Bobby. Dias quentes em que a piscina a esperava — na verdade, um tanque d'água velho. Sapos para perseguir à noite com varetas e tempestades brutais de verão para contemplar à tarde.

Graças a Deus pelo meu pai, pensou Ruby. Apesar de mamãe ser uma boa companheira, era o pai quem lhe dava a companhia dos irmãos que faltavam. Quando se sentavam no terraço dos fundos, ele a ensinava os padrões das estrelas, a ciência dos planetas - da Lua e do Sol - e como as árvores purificavam o ar.

Ouvia as histórias dele de muito tempo atrás: da infância, da fazenda em que morava, da noite em que conheceu mamãe e da animação dos dois quando uma bebezinha chegou em suas vidas.

Ruby tagarelava com ele sobre o que acontecia na escola, em que pé Bobby e ela estavam com os bichos-da-seda e sobre o que tinha planejado para as férias. A conversa fluía enquanto falavam sobre os diferentes empregos que ela gostaria de ter, e o pai sempre reforçava o quão inteligente a filha era.

— Com todas as notas 10 naquele boletim, Ruby Rose... — disse ele, numa noite. — Pode acabar sendo a primeira-ministra algum dia.

— Ela seria melhor do que o que temos hoje — opinou mamãe, quando veio se sentar com eles nos degraus.

Juntos, apreciaram o sol mergulhar no horizonte. A luz fraca transformou os azuis e amarelos em rosas e laranjas, enquanto os kookaburras, no alto das árvores, anunciavam o fim do dia.

— Tudo bem. Vocês dois — lembrou Mary. — Hora de se limparem. Depois, janta.

Noite após noite, Ruby e o pai se aconchegavam. O calor do corpo dele irradiava pelo dela, e os braços musculosos e empoeirados do papai envolviam o corpo da filha, enquanto sentavam-se juntos - como um - observando a luz do dia desaparecer na escuridão amena da noite. A algazarra das cigarras enchia o ar, e morcegos voavam acima - suas asas batendo ruidosamente. Por vezes, paravam para se alimentar na amoreira que parecia ainda maior, iminente na penumbra, delineada contra o céu cada vez mais escuro.

Havia menos barulho nos fundos do quintal durante o dia. Um refúgio

quieto, sombreado e escondido debaixo da cobertura de árvores gigantescas. Os ouvidos de Ruby zumbiam com o silêncio, enquanto corria pela trilha cheia de folhas, ansiosa por estar com Bobby na casa da árvore. Estava tão animada que quase deu de frente com uma vaca gorducha e parada - inabalável - bloqueando o caminho. Grandes olhos marrons contornados por cílios longos e proeminentes a encaram com força. Um chumaço de cabelo ondulado, bem na testa da vaca, chamou a atenção de Ruby quando o animal girou a cabeça descontroladamente, mal-humorada com a invasão do seu pedacinho de terra silencioso e fresco.

— Daisy, quietinha — disse Ruby, acenando as mãos para a vaca irritada.

A vaca balançou a cabeça, nervosa. Deu um passo em direção a Ruby, mostrando a ela quem mandava naquela manhã, inflexível e ameaçadora em sua pose, com os cascos frontais apoiados teimosamente em uma pilha de folhas. Os degraus da casinha a esperavam logo atrás da vaca incansável, mas a menina sabia que seria melhor não desagradar o animal.

Não era a primeira vez que Daisy impedia Ruby de entrar ali. Era ainda pior quando descia pela escada e a velha vaca rabugenta estava completamente imóvel debaixo da árvore, recusando-se a andar. Muitas vezes, Ruby precisou gritar e chamar o pai. Então, é claro, Daisy o seguiu placidamente, por livre e espontânea vontade; ela era, afinal de contas, dele.

Mas hoje, Ruby precisou dar a volta na árvore e pegar o balde de sobras. Então, atraiu a vaca para longe o suficiente da escada e se esgueirou rapidinho - pulou nervosamente nos degraus, escalando com pressa para chegar na casa da árvore.

— ONDE VOCÊ ESTEVE? — Bobby estava parado na entrada da casa, estudando a cena da vaca e do balde de sobras, agora sendo atirado ao redor, enquanto Daisy tentava lambe todos os restinhos de comida.

— Aquela vaca idiota... eu juro que ela tem ciúmes do meu pai comigo. Ela não joga a cabeça daquele jeito para mais ninguém, exceto para mim.

Ruby estava num dos últimos degraus, observando Daisy, que encarava a menina, como se estivesse pensando em subir a escada.

— Outro dia, meu pai estavam ordenhando, e eu bati no ombro dele para afastar um mosquito — disse Ruby. — Daisy ficou louca e chutou o balde de leite, tentando me acertar. Havia ranho saindo do nariz dela, e os olhos reviravam. Juro que ela queria me matar. Meu pai precisou me jogar por sobre a cerca, porque ela não parava por nada. Depois disso, ela voltou para o meu pai como se nada tivesse acontecido e se esfregou nele como um gato.

Bobby riu, acostumado com o relacionamento cheio de idas e vindas da amiga com a vaca favorita do pai.

— Tem mais alguém aqui hoje — disse ele, hesitante, bloqueando a entrada.

— Quem?

— Bem, eu disse que ela poderia entrar. Sei que você sempre teve uma regra sobre isso, mas ela precisava de um lugar para ficar. Ela fugiu de casa.

— Theresa?

— Não.

Ruby entrou, esperando encontrar a irmã de Bobby se escondendo, escapando da realidade daquele lar. Arfou, com um olhar de choque no rosto. Lynette Smyth - a garota de duas casas abaixo - estava sentada à mesa. Não apenas sentada, mas bebendo água dos copos deles e olhando ao redor, como se não houvesse problema algum em estar ali.

Pela primeira vez, Ruby não disse nada.

Então Bobby disse, baixinho:

— Eu disse que não havia problema, que você não ligaria de ela estar aqui. Ela não tem nenhum lugar para ir e precisa se esconder.

Para a consternação de Ruby, o amigo estava sentado bem ao lado de

Lynette, oferecendo a ela seu lençinho marrom para enxugar as lágrimas no rosto. O fato não passou despercebido a Ruby; ele estava bastante atento à garota que chorava. Ela apertou os olhos para ver se era o mesmo lençinho que ela dera a ele no Natal passado. E ali estava Bobby, entregando-o a Lynette, que o usou para assoar o nariz como se o tecido fosse dela.

Ruby olhou para os dois, analisando a situação - a proximidade de Bobby com a linda garota de cabelo escuro, quem... Ruby encarou com firmeza. Lynette vestia um sutiã. Tinha seios, seios grandes e cheios, abaulando de seu peito e preenchendo a camiseta vermelha. E se Ruby não estivesse enganada, Bobby olhava direto para o decote de Lynette enquanto lhe oferecia outro copo d'água.

Ruby se endireitou, bem ciente de que ela ainda não precisava vestir um sutiã. Como mamãe dizia, não fazia muito sentido usá-lo um quando não se tinha nada para preenchê-lo.

Lynette fungou, limpando o nariz no lençinho.

— Obrigada, Ruby — proferiu ela. — Bobby disse que você não ligaria. Preciso encontrar um lugar para ficar. Não posso voltar para casa.

Ruby se sentou em frente deles. Teria deixado de notar algo nos últimos anos? Quando esses dois tinham se tornado amigos?

Como se tivesse lido a mente dela, Bobby disse:

— Lynette e eu nos vemos na escola; é um ano mais nova do que eu.

— Sei disso.

— Pensamos que você pudesse ajudar. Talvez ela pudesse ficar aqui... ninguém vai saber.

— Por que você fugiu? — perguntou Ruby.

Lynette olhou para Bobby, que assentiu.

— Bobby disse que você sabe guardar segredos — explicou ela.

Ruby fez uma cara feia, irritada com o fato de obviamente terem discutido sobre ela sem sua presença.

— É claro que sei. — Os olhos dela flamejaram, indignados.

— Prometa — disseram Lynette e Bobby ao mesmo tempo.

Ruby se endireitou.

— É claro que prometo.

— Não vou voltar para casa. Meu avô mora com a gente, e preciso ficar longe dele.

— Por isso está fugindo?

Lynette olhou para Bobby outra vez, que a tranquilizou.

— Ela não vai contar a ninguém. Temos um pacto, são segredos do Bicho-da-Seda.

Lynette olhou para baixo.

— Ele toca em mim.

— O que isso quer dizer? — questionou Ruby.

— Ele coloca a mão na minha calcinha, então me obriga a fazer coisas nojentas e desagradáveis com ele.

— O quê? — Ruby olhou para Bobby, esperando que ele dissesse algo.
— Ele toca você... lá embaixo?

— Ele está doente e não vai parar. Não aguento mais. — Lynette começou a chorar - soluços e arfadas que pareceram ecoar por toda a velha casinha.

Passando o braço ao redor dos ombros de Lynette, Bobby tentou reconfortá-la. Ruby se levantou e se sentou do outro lado da menina, segurando a mão dela na sua.

— Não quero mais que ele me toque. Eu o odeio, queria que ele estivesse morto.

— Você contou para a sua mãe ou para o seu pai? — perguntou Ruby.

— Tentei contar para a minha mãe. Ela me deu um tapa, e disse que, se eu contar outra mentira assim, vai me mandar para um daqueles internatos. Terei que esfregar privadas e nunca mais verei meus amigos ou irmãos de novo.

— Há quanto tempo isso acontece?

— Desde quando eu tinha uns dez anos. É complicado, ele mora com a gente. Eu não consigo escapar dele, e ele espera todo o mundo estar fora de casa para me encontrar. Tentei me trancar no banheiro, mas ele conseguiu tirar a tranca e disse que, se eu não fizer o que ele diz, vai matar todos nós.

— O que devemos fazer, Bobby? — perguntou Ruby. — Meu pai pode fazer algo. Ele pode avisar a polícia, então prenderão o avô de Lynette. É contra a lei; eles mandam essas pessoas para a cadeia. Ele vai para a cadeia.

— E o que aconteceria depois, Ruby? — questionou Bobby.

— Minha mãe e meu pai vão me odiar. Vão achar que inventei tudo. Dirão que eu sou a malvada.

— Não vão, não — afirmou a menina mais nova. — É fácil, você avisa a polícia, e eles o prendem.

— Meu avô conhece todos os policiais. Ele costumava ser um deles, lembra?

— É verdade, Ruby Rose — disse Bobby. — Não é tão simples quanto pensa. Você não precisa conviver com isso, mas nem todos são bons como o seu pai.

— Como poderia saber, Bobby? — perguntou Ruby. — Como poderia conhecer a realidade de Lynette? Ela precisa da nossa ajuda.

Ruby ficou chocada com a expressão no rosto de Bobby, com a maneira que ele se inclinou para perto dela e falou como nunca antes, suas palavras cheias de raiva.

— Não me pergunte o que sei. O que você acha que aquela merda do *tio Mike* faz na construção no quintal? O que acha que Theresa precisou aguentar todos esses anos com aquele idiota? E o que acha que acontece quando tento dizer algo ao meu pai? O que acha que acontece? Você acha que ele liga para a polícia? É claro que não, diz apenas que eu sou um mentiroso, que sou eu quem tenho a mente suja. Da última vez que eu disse algo, ele quase me matou e me mandou guardar os pensamentos impuros para mim.

A mente de Ruby se agitou, e a barriga revirou. Imagens do tio de Bobby acompanhando Theresa pelo quintal. Todas as vezes em que ele visitava. Observando-os adentrarem a pequena casa, mas nunca a vendo sair. Pensando que Theresa sempre passava muito tempo limpando. O quanto Bobby o odiava.

— Não acredito que você não me contou isso antes — disse Ruby.

— E de que adianta as pessoas ficarem sabendo? Não podem fazer nada. Meu tio é uma pessoa poderosíssima. E, assim como o avô de Lynette, conhece diversas pessoas importantes. Dirão que estamos mentindo.

— Precisamos contar a *alguém*.

Bobby soou tenso:

— Não podemos contar a ninguém. Vão nos mandar embora. Ninguém vai acreditar na gente. Já tentamos, nós dois.

Ruby ficou perplexa e se sentiu deixada de lado. Os dois, obviamente, tinham discutido sobre isso antes - sem ela. Bobby a encarou, lendo sua mente.

— Conversamos muito um com o outro na escola, Ruby Rose. Lynette precisava conversar com alguém, e eu entendi tudo por conta do que acontece na minha casa. Precisa manter isso em segredo, não pode contar a ninguém. Primeiro, porque ninguém vai acreditar; segundo, porque meu tio e o avô de Lynette são pessoas perigosas. São o tipo de homem que faria qualquer coisa.

Lynette começou a chorar de novo.

— Meu avô é louco. Ele diz que, se eu contar a alguém, ele me mata.

Ruby ouviu com cuidado quando Bobby disse num sussurro:

— Lynette e Theresa vão fugir juntas. Amanhã embarcarão num trem para Sydney. Precisam fugir. Tenho algum dinheiro. E pensamos que você teria mais alguma quantia com a que pudesse ajudar. Topa? Segredo do Bicho-da-Seda?

A mente dela começou a trabalhar.

— É claro que vou ajudar. Talvez posso preparar alguns embrulhos de comida mais tarde. Vou lhes dar o suficiente para comer até encontrarem um lugar para ficar. Onde vão morar?

— Não sabemos ainda — disse Lynette. — Mas tenho certeza de que, quando chegarmos a Sydney, alguém vai nos ajudar. Eu disse a minha mãe que ia passar a noite na casa de uma amiga, assim não vão perceber que desapareci antes da noite de amanhã.

— Tem certeza de que isso é a coisa certa a se fazer? — perguntou Ruby.

— Eu preciso fugir. Aguentei isso por tanto tempo, e... — Os soluços voltaram. — Eu quero que isso tenha um fim.

— Por favor... não chore, Lynette. Tenho uns dez dólares guardados em casa.

— Eu iria com vocês, se não fosse Sally — disse Bobby.

Ruby ficou chocada por Bobby ao menos pensar em abandoná-la - ele deveria ser o seu melhor amigo. Como ela não havia notado tudo isso? Por que ele não contara a ela antes? Encarou os dois. A garota linda de cabelo escuro e seu rosto molhado de lágrimas; olhos tristes que refletiam o horror, os anos de tortura. E então Ruby sentiu vergonha. Notou que, como Lynette falava, a garota pensava que parte disso era culpa dela, que ela era a malvada.

O rosto de Bobby também refletia dor e vergonha; o fato de que ele sabia o que acontecia com a irmã, mas não podia fazer nada a respeito. O suspense constante, a espera, o medo do que o tio faria em seguida.

— Por que Theresa não contou a ninguém? — perguntou Ruby.

— Ela contou. Contou a uma das freiras na igreja, que a levou para conversar com o padre Edward. — Bobby respirou fundo. — Ele disse que ela era uma vadia imunda e que precisava se confessar mais vezes. Garotas como ela deveriam se arrepender, disse ele, e se ela não se limpasse das mentiras e fantasias, provavelmente acabaria no Inferno.

Os soluços de Lynette pararam, e sua voz soou calma e resoluta:

— Ninguém quer ajudar, nem saber o que está acontecendo. A única saída é fugir. Preciso ficar aqui até o amanhecer, então Theresa e eu vamos para a estação de trem. Partiremos no primeiro trem. Ela comprou as passagens e sabe para onde ir quando chegarmos em Sydney. Só precisamos da sua ajuda, Ruby. Precisamos de algum dinheiro, e que me deixe ficar aqui pela noite. Não posso voltar, não vou voltar. Prefiro morrer do que sentir ele me tocando outra vez.

Confuso e desorientado, Bobby olhou de modo suplicante para Ruby. Por que a vida era tão ruim, tão complicada? Também queria fugir daquela situação, mas de jeito nenhum deixaria Sally. Sua mãe sucumbia cada dia mais ao estado de inexistência, saindo do quarto apenas de vez em quando, para comer ou tentar fazer alguma das tarefas domésticas. Geralmente, ela aguentava apenas um tempinho antes de voltar, em silêncio, ao quarto escuro. Ele e Theresa eram os únicos cuidando de Sally. Agora Theresa ia embora, e ficaria tudo nos ombros dele.

— É claro que vou ajudar — disse Ruby, outra vez. — Vou trazer um cobertor e um travesseiro, e vamos montar uma cama para você. Ou, por que não desce e dorme no meu quarto?

— Obrigada, Ruby, mas sei que sua mãe vai fazer perguntas. Além disso, ela pode acabar contando para a minha mãe. Elas vão descobrir que tem algo errado acontecendo. Vou ficar bem aqui.

— Farei qualquer coisa para ajudar você, Bobby. Precisa me dizer o que posso fazer, vamos dar um jeito.

— Você é a minha melhor amiga, Ruby Rose. Saiba que você ajudaria, por isso trouxe Lynette. — Para a surpresa dela, Bobby lhe deu um abraço; era muito raro ele demonstrar qualquer espécie de contato físico, com ela ou qualquer pessoa.

— Eu volto logo com os cobertores e a comida. — Em sua mente, Ruby repassava uma lista de coisas de que as duas garotas mais velhas precisariam. Ficou assustada com a ideia de fugirem, deixarem a segurança e o conforto de suas casas, mas, obviamente, os lares delas não eram seguros. Lynette tinha razão, não havia outra saída. Precisavam fugir.

O avô de Lynette sempre estivera por perto quando Ruby ia brincar com a garota. Um velho grisalho, que sempre pareceu simpático e engraçado; um contador de piadas. Agora que se lembrou disso, Lynette sempre ficava em silêncio quando ele estava por perto.

Uma vez, as duas garotas acabaram trancadas no quarto de Lynette

quando sozinhas em casa com ele. Ruby lembrou de como o avô batera na porta e perguntou o que estavam aprontando. Lynette colocou um dedo na frente da boca, pedindo para Ruby ficar quieta. Ele bateu outra vez, e quando não houve resposta, tentou girar a maçaneta, que, estando trancada, não girou. Depois de sacudi-la por um tempinho, murmurou algo e desistiu.

Ruby não dera muita atenção a isso então, mas agora fazia sentido. O rosto pálido de Lynette e a quietude, o jeito com que dissera a Ruby que precisavam brincar no quarto trancado e poderiam sair quando a mãe e o pai dela estivessem em casa.

Ruby se sentiu enojada. Deveria contar a alguém? O que o pai faria? O que ele *poderia* fazer? A mãe de Lynette sabia e não acreditava nela, e pelo amor de Deus, o padre... por que ele não procurou a polícia no mesmo instante? Mas o avô de Lynette tinha sido policial, e o tio de Bobby era um político famoso. Quem acreditaria nas crianças?

Ruby sabia que não podia contar a ninguém; esse era o maior dos segredos do Bicho-da-Seda. Precisava ajudar as garotas, arrumar comida e dinheiro e garantir que fugissem da realidade de seus lares. Um avô, um tio... como isso poderia ter acontecido?

Empurrando a confusão para o fundo da mente, concentrou-se em organizar os itens, riscando metodicamente a lista em sua cabeça. Não se esqueceu de nada, e ficou grata por ser, pelo menos, de alguma serventia a Bobby. Faria algo assim que Lynette escapasse; pensaria em como ajudar Bobby a proteger Sally. Bobby também precisava se proteger. Lembrou das marcas nas costas dele, das histórias das surras, da estranheza da mãe... sabia que tinha muito a fazer e que esse era apenas o começo.

APENAS NA NOITE seguinte a família de Lynette percebeu que a menina tinha desaparecido. Os pais bateram na porta de Ruby, e vozes solenes soaram quando perguntaram a Francis se alguém tinha visto a filha deles. O pai de Ruby a chamou no quarto e perguntou se tinha visto Lynette.

Pela primeira vez em sua vida, ela mentiu para ele.

— Não, eu não vi Lynette.

Uma afirmação breve, mas que fez papai semicerrar os olhos e olhar cheio de suspeita para ela.

Quando os pais de Lynette foram embora, Francis a chamou, tirando-a da segurança do quarto para onde havia recuado sem perder tempo.

— Poderia voltar aqui, Ruby Rose? Tem certeza de que não viu Lynette? Olhe bem nos meus olhos e me diga a verdade.

O silêncio entre eles foi um sinal claro de que ela estava mentindo. Então Francis lançou um olhar duvidoso a ela.

— Ruby Rose, quero saber a verdade. Cadê ela?

— Não posso contar. Prometi que não contaria. — A voz dela estremeceu, mas o olhar em seu rosto pareceu determinado e firme.

— Quer dizer que sabe onde ela está? Isso é importante, Ruby Rose. Se não a encontrarem, chamarão a polícia. Procuraram em todas as casas de amigos, e agora acham que Theresa, nossa vizinha, também desapareceu. Se souber de algo, precisa me contar, porque isso é sério.

Silêncio outra vez. Dividida entre revelar a verdade ao pai e manter a promessa que fizera a Bobby.

— Deve haver alguma razão muito boa para você me contar.

— Tem mesmo. Eu não posso contar. — Lágrimas brotaram. Odiava não poder contar, mas não trairia a confiança de Bobby.

Papai era a única pessoa no mundo na frente de quem ela choraria. Ninguém mais a fazia chorar; mordida a boca quando o professor batia a pequena régua nos dedos dela, e ficava ainda mais determinada a não deixar nenhuma lágrima cair quando qualquer outra pessoa a chateava ou quando se machucava. Quase chorou no dia em que a mãe escorregou na escada dos

fundos e machucou a cabeça, mas se segurou, pois sabia que precisava estar no comando e ser capaz não apenas de segurar uma toalha na cabeça da mamãe que sangrava, mas de chamar a ambulância.

O sentimento de estar no controle, no comando, com mais poder dos que os outros, lhe caía bem; ensinou a si mesma a ser uma líder, a testar coisas novas, a não ter medo e a sempre trabalhar duro.

Não desista, siga em frente, você pode fazer qualquer coisa, dizia papai, de novo e de novo. E agora, pela primeira vez na vida, sentiu como se estivesse se posicionando contra ele.

— Elas estão seguras?

— Sim, ficarão seguras. Eu sinto muito, papai. Mas não posso contar, porque tem uma razão pela qual fugiram. Ficarão mais seguras agora do que em casa.

— O quê? Isso não faz sentido.

— Por favor, pai. Por favor, confie em mim. Você sempre me diz que a confiança é uma das variantes mais importantes.

— Virtudes, Ruby Rose, não variantes.

— Bem, dessa vez, precisa confiar em mim. Não posso quebrar uma promessa.

— Conquanto possa me jurar que estejam seguras.

— Eu juro.



AS INTERROGAÇÕES NÃO foram tão boas para Bobby, cujo pai, ao descobrir que Theresa tinha desaparecido, seguiu direto para o cinto de couro, sabendo muito bem que Bobby sabia onde a irmã estava. O fato de outra garota da mesma rua também ter desaparecido... bem, Bobby com certeza sabia de algo. Caminhou cheio de raiva para onde o filho cortava madeira no quintal.

Ruby observou da casa na árvore, para onde tinha fugido. Estava preocupada que mais pressão vinda do pai a fizesse relevar aonde as duas garotas estavam indo.

— Entre agora mesmo! — gritou Vincent para Bobby, que continuou cortando a madeira. — Entre, seu pirralho! — Seu pai, um homem gigante, empurrou o menino grosseiramente, arrancando-lhe o machado da mão e

pressionando-o a seguir em direção aos degraus dos fundos da casa dilapidada. A voz alta e nervosa, claramente discernível para Ruby em seu poleiro distante no alto da amoreira.

Ela não lembra de ter se movimentado, mas quando viu, estava descendo, com os pés pousando firmemente nas folhas e amoras empapadas abaixo. Olhando para cima, viu os olhos nefastos e perfurantes da vaca Daisy. Levou apenas um segundo para a menina se recuperar, endireitando-se antes de encarar a vaca ameaçadora nos olhos. Era quase como se o animal tivesse sentido o desenrolar de um drama e decidido complicá-lo ainda mais.

— Dê o fora, sua vaca maldita.

Xingamentos anteriormente não utilizados, mas guardados na mente dela, explodiram. Seu pânico em ajudar Bobby subjugou o temor habitual da possibilidade de Daisy a perfurar com um daqueles chifres.

Daisy girou a cabeça com tudo, os olhos reviraram, e um bufar saiu das narinas amplas e fumegantes.

— Saia daqui eu não tenho medo de você. — A voz de Ruby soou alta e grossa quando gritou bem na cara da vaca. — Saia da minha frente. — Ela acenou os braços loucamente, então bateu palmas. — Dê o fora. — Ruby usou as palavras mais fortes que conhecia, olhando direto para Daisy, não mais assustada.

O animal deixou de se comportar ameaçadoramente e deu alguns passos para trás, liberando o caminho para Ruby. A vaca olhou para ela mais uma vez antes de abaixar a cabeça, cheirando o chão. Agora parecia desinteressada em Ruby, procurando tufo de grama em meio a vegetação rasteira.

Os pés descalços da menina voaram pela trilha, e ela pulou sobre a escada de tijolos, entrando correndo na cozinha, onde Francis e Mary estavam sentados.

— Pai — gritou ela. — Você precisa ajudar, rápido! O pai de Bobby vai matá-lo. — Suas palavras saíram em arfadas, formadas com o pânico e a falta de fôlego devido a descida veloz da casa na árvore. — Por favor, pai, vamos! Você precisa ajudar. Ele fez Bobby entrar. Eu sei que Vincent vai matá-lo. Ele tem um machado.

Francis se levantou e apoiou as mãos nos ombros de Ruby.

— Explique de novo, acalme-se e nos conte o que raios está acontecendo.

— Eu estava na casa da árvore. — Ela respirou fundo, com o peito

subindo e descendo. — Vi o pai de Bobby empurrá-lo para dentro. Bobby estava cortando madeira. O pai está bravíssimo com Theresa, sei que vai bater em Bobby, fazê-lo dizer aonde ela foi. Por favor, papai. Precisa impedi-lo.

Francis olhou de Ruby para Mary.

— Por favor, papai. Por favor. — Ruby puxou a camiseta dele, tentando fazê-lo ir até a casa vizinha.

Mary disse, com firmeza:

— Vá, Francis. Acho que você deveria ajudar. Ruby, fique aqui comigo. Isso mesmo, não ouse se mover.

Francis correu, a resposta objetiva da esposa colocando-o em ação. Abrindo o portão lateral, deu longas passadas em direção aos fundos da casa ao lado.

Enquanto Mary fechava a porta dos fundos, Ruby jogou os braços ao redor da cintura dela, apertando-a com firmeza, seu coração batia descompassado contra a barriga de mamãe. Ficaram entrelaçadas, a calma da tarde atingindo seus ouvidos enquanto se esforçavam para ouvir qualquer barulho vindo da casa dos Carlon.

— Vai dar tudo certo, Ruby. Seu pai vai se certificar de que Bobby esteja bem. — Ruby estava aterrorizada com tudo que vira, pois sabia muito bem o que o pai de Bobby provavelmente faria. Queria que tudo sumisse, todos os problemas, histórias, parentes tocando garotas, as marcas nas costas de Bobby e seu rosto triste.

Por um longo tempo, Mary e Ruby se apoiaram uma na outra, esperando Francis voltar. Quando finalmente o fez, sentou-se à pequena mesa da cozinha, com um choque visível no rosto. Pediu que Ruby pegasse uma cerveja para ele na geladeira. A menina abriu a garrada como ele a tinha ensinado e repousou-a com um copo na frente dele. Tanto ela quanto Mary puxaram as velhas cadeiras de madeira para se sentarem com o pai.

Com mãos trêmulas, Francis serviu a cerveja. Ruby esperou, permitindo-o tomar longos goles antes das perguntas cambalearem de sua boca.

— O que aconteceu? Você o impediu de bater em Bobby?

— Bobby está bem, Ruby Rose. Ele vai ficar bem. — Puxou-a para o colo, abraçando-a com firmeza e acariciando seu cabelo loiro antes de beijá-la o topo da cabeça.

— Dê um tempinho ao seu pai — pediu Mary, com a mão apoiada no ombro de Francis enquanto ele tomava mais goles do copo, agora

praticamente vazio. Francis quase nunca bebia; depois do trabalho, apenas nos dias mais quentes de verão, fechava a noite com alguns copos de cerveja.

O que tinha acontecido? Ruby esperou, dando tempo ao pai, enquanto observava as mãos dele, ainda trêmulas.

— Bobby contou ao pai aonde as garotas foram, mas Vincent já tinha batido nele antes de eu chegar. Vincent fez Bobby dizer aonde tinham ido.

A mão de Ruby subiu para a boca, e sentiu-se enojada outra vez. Estava preocupada com Bobby e não acreditava que ele tinha entregado o segredo que ela tão culposamente guardou dos próprios pais. Também estava preocupada com o fato de ele estar machucado.

— O que o pai de Bobby fez para obrigá-lo a falar?

— Ele vai ficar com um olho inchado, acho. Bem, Vincent Bobby tinha uma cinta pesada nas mãos. Acho que Bobby, provavelmente, foi atingido nas costas antes de eu chegar. — Francis olhou para as duas. — A filha mais nova estava ao lado do irmão. Ele disse que, se Bobby não contasse aonde Theresa estava indo, também bateria na menina.

— Pobres crianças... — O rosto de Mary fora acometido, horrorizada com a ideia do que tinha acontecido e do que, obviamente, vinha acontecendo por Deus sabe há quanto tempo.

— Estava muito chateado, chorando. Muito chateado mesmo, o jovem Bobby — disse Francis. — Olhe, não quero dizer mais nada. — Olhou para a esposa, indicando que dissera o suficiente na frente de Ruby. — Conversei com o pai dele — contou para a filha. — Eu disse que iria chamar a polícia, que ele não pode bater nos filhos assim. É ilegal. Bobby está bem agora, cuidando de Sally. Vincent fugiu. Disse que iria para a delegacia, contar ele mesmo aonde as garotas tinham ido. É um homem violento... nunca vá na casa dele, Ruby Rose. Não sabemos do que ele é capaz...

— Bobby nunca deixou, por isso ele sempre vem aqui.

Francis bebeu o restinho da cerveja; as mãos estavam mais calmas agora.

— Vou ligar para a polícia. Isso precisa ser denunciado. Vincent não pode bater nas crianças assim. Ele disse que era problema dele como as disciplinava, que eu precisava ficar na minha, mas não está certo. Vi hematomas em Bobby antes, pobre menino. O problema é que duvido que a polícia vá fazer alguma coisa.

— Poderiam prendê-lo, então Sally e Bobby morariam conosco. Poderíamos cuidar deles — disse Ruby.

— As coisas não funcionam assim. Além disso, a mãe mora com eles. É

muito estranho que, com todo o barulho e comoção, ela ainda não saiu daquele quarto. É um lar esquisito, com certeza. E agora as garotas fugiram.

— Precisamos consertar isso, fazer a coisa certa, papai. Por favor. — Ruby olhou suplicante para Francis.

— O pai de Bobby estava muito bravo, mas parou quando intervi. Ele disse que as crianças precisam aprender uma lição, que eu deveria entender - sendo pai e tudo o mais. Ele acha que tudo que faz é trabalhar duro, que Theresa o apunhalou pelas costas, roubou o dinheiro dele e deu o fora para Sydney. Disse que vai arrastá-la de volta pelo pescoço e jogá-la naquele internato em Brisbane.

Os modos habitualmente calmos do papai foram perturbados: os olhos marrons e equilibrados flamejavam, e a mão apertava o copo vazio.

— Vou ligar para a polícia agora mesmo, enquanto ainda tenho tudo fresco na mente.

Francis e Mary trocaram um olhar.

— Hora do banho. Depois, para a cama, Ruby — disse Francis. — Vai estar tudo certo pela manhã — complementou ele, baixinho. Então a menina soube que seria melhor não discutir com ele.



MAMÃE FICOU COM ela no banheiro, ajudando-a a esfregar a lama e as manchas teimosas das pernas e dos pés.

— Quando eu crescer, vou ser uma policial ou uma juíza, e vou prender pessoas como o pai de Bobby — disse Ruby.

— Tem muitas pessoas ruins soltas por aí, Ruby. Não confie rapidamente em ninguém, nem nunca deixe ninguém a tratar mal. Homens decentes não batem nos filhos, nem nas esposas. Eles cuidam e amam, assim como o seu pai faz.

— Ele é o melhor pai do mundo. Bobby sempre me diz isso. Por que Bobby não pode morar com a gente? Temos um quarto sobrando.

— Para começo de conversa, o pai dele não deixaria. E a família dele ainda mora ao lado - a mãe, as irmãs. Estão todos juntos nessa.

Mary abraçou a filha, e as duas se aconchegaram. Ruby amava a sensação do pijama limpo contra a quentura do corpo da mãe.

Quando o pai voltou da ligação, passou o braço ao redor das duas.

— Os policiais não se interessaram. Não achei mesmo que fossem fazer isso. Tentei contar o que aconteceu e o que, obviamente, anda acontecendo ali. Disseram que Vincent já tinha passado por lá, pressionando-os a encontrarem as duas garotas, e que estavam mais interessados nisso. Disseram que ele contou que bateu em Bobby para tirar informações do filho. Soaram bastante satisfeitos com isso. Sinto muito, Ruby Rose. Não posso fazer muito mais do que isso. Hora de dormir.

— Pode me levar para a cama, papai? Para conversarmos um pouco?

Ele bagunçou o cabelo dela, cheio de amor.

— Adoraria fazer isso.

OS DOIS SE DEITARAM, um ao lado do outro. O chão de madeira da casinha estava gelado, e havia um colchão duro debaixo dos corpos. Bobby tinha se deitado de lado, e as marcas doloridas em suas costas faziam com que ele se escolhesse toda vez que movia. Ruby olhou direto nas piscinas escuras de tristeza que eram seus olhos. Um dos olhos tão inchado e escuro, que ela mal conseguia vê-lo.

Ele disse lentamente, sussurrando:

— Eles a trouxeram de volta hoje cedo. Não ficaram longe nem por dois dias.

— Como souberam onde as encontrar?

— Pegaram-nas quando o trem chegou em Sydney. Foram direto para King's Cross. Theresa tinha arrumado um lugar para ficarem, mas nunca chegaram ao destino. — O olho bom nunca deixou o dela, e havia tristeza e culpa estampadas em seu rosto. — Não deveria ter dito aonde iam. Pensei que Sydney fosse um lugar grande, que não fossem encontrá-las.

— Não importa, teriam encontrado elas de qualquer maneira.

— O pai de Lynette a buscou na delegacia, logo depois de voltarem.

Ruby ofereceu um pirulito a ele.

— E Theresa?

— Os policiais a trouxeram na viatura. Meu pai fez mamãe se levantar e fazer as malas de Theresa - apenas algumas coisas. Ele não a deixou levar nada de valor, pois minha irmã não vai precisar de muito aonde vai. Foi isso o que ele disse para a minha mãe.

— O que a sua mãe fez?

— Ela parecia um robô. Meu pai a empurrou algumas vezes, com a mão. “Vai logo,” disse ele. “Não demore o dia todo.” Ela não olhou para ninguém; nem para Theresa, nem para os policiais. Theresa estava suplicando.

Bobby começou a chorar. As lágrimas se espremeram pela fenda do olho inchado, escorrendo pelo rosto antes de se juntarem às que caíam livremente do olho bom. Deixaram uma mancha ensopada - uma pequena poça no chão desgastado da casa na árvore.

Ruby tirou um lençinho rendado do bolso dos shorts e, gentilmente, secou o rosto do amigo; ele a deixou confortá-lo e não se moveu.

— Theresa tentou acordar a minha mãe para a vida — disse ele, continuando a história. — Implorava para que mamãe não deixasse que a levassem. Tentei ficar na frente da porta. Gritei com os policiais e tentei dizer que não era ela quem andava fazendo coisas ruins. Ele respondeu que ela precisava de ajuda, que havia apenas um lugar para garotas como ela e que ela precisaria de um tempo para se endireitar. Eles a levaram. Ela estava soluçando, Ruby Rose. Soluçando como se seu coração estivesse quebrado. Puxei o braço do policial, tentei impedi-lo. Tentei dizer que ela nunca fez nada de errado.

Lágrimas inundavam o rosto de Bobby, as palavras saíam entre soluços altos, e o corpo tremia de medo e sofrimento.

Ruby sentou-se e puxou para que pudesse abraçá-lo. Ela foi capaz de sentir a angústia, a tristeza e os segredos escondidos. Esfregou os braços dele, seu toque acalmando-o um tantinho.

Os braços Bobby estavam enrolados ao redor dos joelhos; os pés, empoleirados em cima dos da amiga.

— Minha mãe voltou para aquele quarto escuro e sujo e não disse nada.

— O que o seu pai disse?

— Ele meio que sorriu, com aquele olhar de quando fica bêbado. Disse: “Esse lixo podre já vai tarde.” Foi tudo. Então, saiu e dirigiu para algum lugar.

— O que vamos fazer?

— Não podemos fazer nada. Eles a mandaram para o internato na cidade. Eles trancam as meninas, obrigam-nas a trabalhar e ensinam a seguir regras. Foi isso o que o policial disse, que ela vai sair quando souber se comportar.

— Sabia que papai ligou para a delegacia naquela noite? Mas o seu pai chegou antes.

Bobby ergueu os olhos.

— Ele é corajoso, o seu pai. Ele enfrentou o meu pai e o impediu de me bater outra vez, agarrando o braço que segurava o cinto. Queria que ele fosse o meu pai.

Lágrimas pararam de cair quando Bobby se acalmou, e apenas um soluço ocasional continuou interrompendo a conversa entre eles.

Ruby queria animá-lo, tirar a mente dele do que tinha acontecido.

— O que quer ser quando crescer, Bobby?
— Não sei. Nada, eu acho.
— Precisa ser alguma coisa. Deve querer ser algo.
— Não.
— Que tolice. O que quer ser? Ou onde acha que vai morar?
— Quero morar em algum lugar onde tudo seja brilhante, onde o sol sempre ilumine todos os cômodos. Quero uma casa cheia de janelas pelas quais o sol vai sempre entrar. Vou pintar todas as cadeiras de amarelo. Iluminado. Ensolarado.

Depois de habilmente ter trocado de assunto, Ruby disse:

— Eu quero uma casa grande. Muitos quartos e um banheiro dentro da casa. Vai ser em cima de uma árvore, é claro, como uma casa na árvore, e os meus filhos vão precisar descer antes de ir para a escola.

— Você não pode morar numa casa na árvore, não pode ser real.

Ruby o ignorou.

— Quando olhar para fora, vai ver a copa das árvores e as folhas. Vai ver todas as casas embaixo; e as pessoas? Serão formiguinhas correndo, muito embaixo. Alguns dias, vou conseguir tocar as nuvens. Meus filhos vão pular pela janela e saltitar por elas, como em um trampolim.

— As nuvens não são sólidas, então não pode pular nelas. São feitas de gotas d'água, como cristais pendurados no ar. Seus filhos vão cair.

Ruby olhou feio para as palavras sabichonas dele.

— Bobby, vai ter crianças na sua casa?

— Não. Apenas muito sol e mobília amarela.

— Vou ter muitos filhos, e meu marido vai ser o melhor pai do mundo.

Agora, Bobby sorriu.

— Quem se casaria com você, Ruby Rose? É mandona demais.

— Meu pai diz que alguém precisa tomar as decisões. Diz que sou boa em cuidar dos outros e em resolver problemas.

— Você sempre faz com que eu me sinta melhor. Não pode resolver os meus problemas, mas fico feliz por me ouvir.

— Você é o meu melhor amigo no mundo todo. então claro que eu escuto.

— Espero que consiga a sua casa na árvore, Ruby Rose. E muitos filhos.
— Bobby sentou-se, com cuidado. As marcas em suas costas tinham endurecido e não mais se movimentavam no mesmo ritmo da pele.

— Espero que consiga a sua casa amarela e muito sol. Você pode

conseguir o que quiser — disse ela. — Precisa apenas continuar dizendo a si mesmo que pode fazer qualquer coisa. Nunca desista. Se quiser muito alguma coisa, pode conquistar o que quiser.

— Eu sei. Determinação, você me diz isso o tempo todo. De vez em quando, algumas pessoas têm mais facilidade do que outras. Quero apenas que tudo dê certo. Não penso em muitas outras coisas. Quero apenas tentar viver cada dia sem receber uma surra ou ser mandando para longe, como Theresa. — O rosto dele murchou ao se lembrar daquilo, então apoiou a cabeça entre os joelhos, perdido em pensamentos.

Ruby aprendera a ficar sentada e em silêncio. Sabia, agora, que os problemas de Bobby eram tão grandes que, algumas vezes, precisava apenas ficar sentado com ela. Não precisavam falar; precisava apenas que ela estivesse ali, ouvindo.

Queria desesperadamente ajudar o amigo, queria que viesse morar com eles. Papai vinha conversando com ela todas as noites desde quando Theresa e Lynette fugiram, descrevendo diferentes situações familiares e explicando como outras crianças viviam. Disse a Ruby que ele e mamãe sempre tentaram protegê-la, sempre tomaram cuidado com relação a quem estava perto. Mas não conseguiu explicar por que a polícia não fez nada sobre a violência ao lado. Ela ainda não sabia por que as pessoas diziam que ela precisava cuidar da própria vida, que não conseguiria resolver os problemas de todos, que algumas crianças simplesmente não tinham boas casas ou famílias.

Mary se sentava com eles; os três numa casa cheia de amor e segurança, tranquilidade e simplicidade, num lar comum.

— Lembre-se, Ruby Rose — disse o pai, quando a levou para casa na noite anterior. — Não é o dinheiro nem as casas grandes que deixam as pessoas felizes. É o amor, e estar rodeado de pessoas boas e honestas. Fique feliz com as coisas simples da vida e não vai precisar de muito.

— Quero apenas que você e mamãe fiquem comigo para sempre — murmurou ela, meio dormindo.

O pai lhe deu um beijo de boa noite. A mãe, como sempre, bagunçou o cabelo da filha antes de fechar o mosquitoireiro ao redor da cama.

— Boa noite, Ruby Rose. Durma bem.



14

“QUANDO ESTOU NA casa da árvore, parece que flutuo. Tudo de ruim foi abandonado. Enquanto subo a árvore, os galhos me deixam seguro, como as mariposas em seus casulos. O tronco e as raízes saem do chão e dizem que vão me segurar, não vão me soltar. A árvore e Ruby Rose me deixam feliz, e gosto do ar limpo e do vento que voa através dos galhos, das folhas e pelo meu rosto. O mundo embaixo para, como se não mais existisse. Se fecho os olhos, flutuo acima da superfície da terra e... por um momento, sinto-me calmo.”

— Bobby Carlon, agosto de 1975



GENTILMENTE, RUBY FECHOU o caderninho de anotações e o devolveu para a estante rudimentar de caixote. Pela primeira vez, ela ficou em silêncio; a boca se abriu duas vezes, mas nenhuma palavra saiu. Esticou a mão para pegar o picolé de Bobby.

— Eu observei você outro dia, Ruby Rose — disse Bobby. — Semana passada, quando vocês estavam jogando críquete no quintal. — Chupou o picolé com vontade, o vermelho se transferindo do sorvete aos lábios.

Ruby sugou ruidosamente, e o suco de laranja escorreu pelo queixo.

— Deveria ter vindo mais rápido, estão derretendo. Estava aqui em cima? Por que não desceu e jogou conosco?

A solidão e a paz foram um alívio bem-vindo para Bobby, que ficou deitado na casinha por horas, tirando a mente das preocupações crescentes em casa. Uma visão clara do quintal o permitiu observar e se divertir enquanto a família de Ruby jogava e ria; a partida de críquete quase o fez descer do poleiro elevado de espionagem.

Primos, avôs e outros parentes que os visitavam naquele dia se uniram. Jovens e velhos, espalhados pelo quintal, posicionando-se e competindo pela melhor jogada ou arremesso. Os mais velhos encorajavam os mais novos, ajudando a segurar os tacos, num jogo despreocupado. Todos juntos, empurrando e rindo, tentando fazer as crianças correrem o máximo possível.

O tio Tom colocara Ruby nos ombros e fizera uma dancinha antes de disparar pelo quintal, correndo mais rápido toda vez que Ruby guinchava de encanto. Bobby observou o tio de Ruby brincar de pega-pega, de cabo de guerra. Esperou o homem fazer algo errado, mas era igual pai de Ruby - apenas mais novo - muito parecido com uma grande criança.

Imergindo no momento, Bobby imaginou-se fazendo parte daquilo. Observou todos comerem pedaços enormes de melancia; os homens junto com as crianças, apostando quem conseguia cuspir as sementes mais longe.

O dia escureceu, o ar esfriou, e ele ainda observava. Os homens cuidavam dos bebês enquanto as mulheres seguravam as criancinhas em seus quadris; as crianças mais velhas apoiavam as mais novas em seus colos, ou as empurravam no balanço.

As sombras cresceram no quintal, e Bobby precisou semicerrar os olhos para ver, enquanto os visitantes se acumulavam na fila de carros na entrada da casa. Houve muitos abraços, apertos de mão e beijos, os risos e a felicidade cansada flutuaram até a casa na árvore, vestígios sonoros perdurando no ar do comecinho da noite.

Ruby invadiu os pensamentos do menino.

— Por que não desceu? — perguntou ela, outra vez. — Meu pai teria adorado receber você.

— Gostei de apenas observar. Além disso, seu tio estava aqui.

— Tio Tom? Ele é muito gentil. Eu o amo, é o meu tio preferido. — Ruby ecoou as palavras do pai quando continuou. — Você sabe que existem muitas pessoas boas no mundo, Bobby. Nem todos os tios são ruins.

— Não existem muitas pessoas boas no meu mundo.

O farfalhar dos arbustos abaixo fez Ruby bisbilhotar pelas brechas no chão. Daisy estava na sombra, debaixo da amoreira. A vaca geralmente os ouvia ou sentia quando estavam na casinha, então ficava de guarda embaixo. Suas atitudes dependiam se era Bobby ou Ruby quem queria passar.

— Parece que a perna dela ficou presa em algo. — Ruby olhou mais de perto, vendo a vaca tentar erguer a perna, enquanto tentava se livrar dos arbustos espessos.

Bobby sentou-se e se aproximou da porta.

— Está presa mesmo. Não adianta você descer, ela vai apenas ficar mais nervosa.

Ruby fez uma cara feia. Apesar de ter blefado para a vaca uma vez, desde aquele dia, o relacionamento entre Daisy e ela voltara ao normal. Mais de uma vez, precisou correr com pressa para a cerca ou para a árvore mais próxima para escapar da cabeça incontrolável ou do bufar da vaca raivosa.

Descendo sem dificuldade pelos galhos, o pé endurecido de Bobby encontrou rapidamente seu lugar nos degraus de madeira gasta. Estendeu a mão e deixou Daisy cheirá-lo antes de se mover lentamente, falando baixinho com a vaca aflita, cuja perna estava totalmente presa ao arame que espiralava do chão.

— Shiu, Daisy. Sou eu, Bobby. Não vou machucar você. Posso ajudar, mas precisa ficar quietinha. Não lute, isso vai apenas piorar as coisas.

Os grandes olhos marrons da vaca continuaram fixos, emoldurados pelos cílios mais longos que Bobby tinha visto. Olhou fundo neles, enquanto ela o encarava calma, tentando conversar mesmo sem ter voz.

Suas narinas estavam abertas, e ele acariciou o nariz do animal. Com uma voz tranquilizadora, Bobby deslizou as mãos ao longo do pescoço sedoso.

— Daisy, podemos resolver isso do jeito fácil. Mas fique quietinha. Não se mova, ou vai deixar o arame mais apertado.

Bobby olhou com cuidado, analisando o arame enrolado e como estava preso ao redor da pata traseira. Sabia que, se ela decidisse entrar em pânico, o arame se prenderia ainda mais, causando todo tipo de problema indesejado.

— Shiu, Daisy. Posso ajudar, mas fique quietinha.

Ele se agachou. De repente, sentiu-se um tanto nervoso por estar tão perto das patas traseiras dela, as quais habitualmente chutavam moscas ou outros incômodos. Passando a mão pela sua traseira e, depois, por toda a pata, usou as duas mãos para afrouxar o arame, perguntando-se como acabou enrolado tão firme ao redor da pata.

— Tudo bem, Daisy. É fácil resolver isso — disse, tentando se convencer disso tanto quanto tentava acalmar a vaca presa. Percebeu que o arame não se soltaria com tanta facilidade. A vaca velha estava imóvel. De vez em quando, sacudia a cabeça por conta de uma mosca ou bisbilhotava, com cuidado, o garoto de cabelo escuro agachado no frescor da grande amoreira, trabalhando habilmente para afastar o arame de sua perna.

— Consegui, Daisy. Só mais um pouquinho.

Ele girou e puxou, segurando o casco dela para passar o arame debaixo da perna. De pé, jogou o arame torcido no arbusto do outro lado da cerca e foi para a frente da vaca. Ainda conversando com o animal, esfregou o topo do seu nariz, enquanto as mãos gentis acariciavam a testa ampla e aplainada de Daisy. Bobby brincou gentilmente com o cabelo encaracolado no centro da testa, esfregando com mais intensidade atrás das orelhas, como sempre via Francis fazer.

— Que boa menina, Daisy. Ficou paradinha. — Então, chamou Ruby, olhando para cima, enquanto a menina bisbilhotava do poleiro seguro no alto da amoreira. — Deveria ver os olhos dela. Tem os olhos marrons mais bonitos do mundo, e o meio parece um pedacinho de tronco.

Ruby gargalhou quando Daisy abaixou a cabeça e se esfregou pelo corpo de Bobby. A vaca o acariciou com cuidado, usando as têmporas, certificando-se de que os chifres nunca o tocassem. Ele coçou a cabeça dela outra vez, e olharam profundamente um nos olhos do outro.

— Ela entende o que eu penso — disse Bobby.

— Não acredito nisso. Por que ela é tão boazinha com você?

Ruby desceu, maravilhada pelo que via. Atrás de Bobby, vislumbrou uma chama nos olhos da vaca quando o animal tirou os olhos do rosto do amigo e os repousou nela.

— Ah, não.

— Caramba, Ruby Rose. Corra.

Daisy parou de se esfregar em Bobby; os olhos agora estavam totalmente focados no rosto chocado de Ruby. A vaca baixou e balançou a cabeça, então saliva voou quando desviou de Bobby e avançou para cima da menina, que agora estava parada na trilha sombreada.

Acostumada ao olhar cheio de maldade da vaca, Ruby começou a correr. Os pezinhos descalços pularam sobre todas as raízes e pedras, enquanto Daisy seguia desenfreada, com a cabeça virando loucamente; o cuidado e o carinho dos momentos anteriores foram desfeitos num piscar de olhos. Os olhos do animal estavam fixos nas costas de Ruby. O movimento da cabeça, com os chifres em cima, deixou claro seus motivos quando alcançou a criança fugitiva em frente.

A cerca de arame farpado e o grande portão de ferro se aproximavam. Era a última chance de Ruby escapar. Como se num filme do velho oeste, Ruby pulou sobre o portão e se jogou. Virou-se, os olhos arregalados e

assustados assimilando a vaca a apenas segundos dela.

Daisy plantou os cascos com firmeza quando, repentinamente, parou na frente do portão e soltou um mugido alto. Os cascos inquietos criaram uma nuvem de poeira. A meleca escorrendo de seu nariz voou, pousando bem perto de Ruby que, felizmente, estava protegida do lado oposto da cerca em meio à grama alta, segurando a barriga e arfando depois da corrida apavorada.

Minutos depois, o rosto sorridente de Bobby apareceu atrás da vaca. Daisy virou-se devagar e olhou, com calma, antes de mastigar a grama longa que crescia, debaixo do portão, a apenas centímetros de Ruby, que encarava cheia de raiva a vaca pastando contente.

Bobby pulou o portão, pousando bem ao lado da amiga

— Não teria acreditado se não tivesse visto. — Ele estava tentando mesmo manter a compostura.

— Ela me odeia. Tenho certeza de que me quer morta.

Bobby não conseguiu mais conter o riso. Era um momento raro, e um do qual Ruby nunca esqueceria. O rosto todo dele se enrugou; os olhos brilharam, e a mais maravilhosa das risadas ganhou vida. Riu tão alto e por tanto tempo, que acabou sentado e curvado na grama, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Gargalhadas longas e gritos de alegria irrompiam do interior, vindos direto da barriga, um som que Ruby nunca ouviu de Bobby antes. Ele rolou pela grama alta, tentando falar, mas nenhuma palavra saiu.

Era contagioso, e não demorou muito para os dois estarem rindo juntos, um parando e tentando lembrar do acontecimento antes de olhar para o outro e começarem a rir outra vez.

Naquela noite, Ruby tentou explicar o que tinha acontecido ao pai, mas o riso recomeçou, e tudo que viu foi Bobby rolando na grama, delirante e feliz simplesmente por ser uma criança. Era como se todas as aflições dele tivessem desaparecido. Havia apenas Bobby e ela, felizes e livres de problemas.

Daisy nem mesmo levantara a cabeça e apenas continuou a mastigar ruidosamente a grama perto deles. Observando a cena, como se compreendesse.

O ANO LETIVO COMEÇOU ruim para Bobby e, agora, xingava muito enquanto falava.

— Aquele professor idiota de matemática, o Sr. Mac, está me perseguindo — disse a Ruby. — Se me der outra reguada, vou pegar a régua e quebrá-la na merda da cabeça dele. Vai ver se gosta disso...

Incerta quanto ao que dizer, Ruby abaixou os olhos. Franziu a testa, pensando que os palavrões eram desnecessários. Observou Bobby com cautela, enquanto ele limpava as caixas dos bichos-da-seda; as mãos gentis tiravam as folhas mastigadas com as pequeninas lagartas brancas penduradas e as repousou na mesa da casinha. Ele parou e resgatou uma delas que caíra do poleiro delicado, tomando cuidado e deslizando uma folha fresca debaixo do corpinho antes de colocar o animal junto com as outras lagartas que pastavam.

— Por que seu professor bateu em você?

— Diz que sou idiota, que sou burro e que eu deveria ficar quieto. Algumas garotas riem de mim. Os garotos, não - eles acham legal quando tomo uma reguada. Um deles me deu uma lata de refrigerante no almoço. Ele disse que devo ser bem durão, porque nem mesmo me encolho quando o Sr. Mac me bate.

— Você acha que, quando eu for juíza, vou poder deter professores que batem nos alunos?

— Isso não quebra nenhuma lei, Ruby Rose. Podem fazer o que quiserem com a gente, assim como todos os adultos. Podem fazer o que bem entenderem com as crianças, e ninguém vai impedi-los. O mesmo acontece com Theresa.

— Você a viu?

— Um dos meninos na escola conhece outra garota que foi internada. Aparentemente, a situação não é boa. Tem algumas garotas bem malvadas lá. Essa garota acha que Theresa fugiu e foi pega duas vezes desde que chegou no internato, e ela continua se metendo em mais e mais problemas.

— Pelo menos, está segura longe do seu tio. Ele vai ficar muito tempo

desta vez?

— Parece ter se acomodado e trouxe um monte de malas, mas não tenho certeza de quanto tempo vai ficar. Ele trabalha durante o dia, e não sei aonde vai pela noite. De vez em quando, sai com o meu pai. Quem sabe? Quem se importa?

Esse era um novo lado de Bobby, e Ruby estava tendo dificuldades para se acostumar. Ele fingia que não mais se importava com nada, mas a amiga sabia que era mentira.

Ruby e Bobby sempre conversaram sobre tudo. Ela se sentava com ele e ouvia enquanto Bobby falava e chorava por Theresa. E houve toda a chateação com Lynette e seu avô pervertido. O menino pareceu tão nervoso e chateado com isso..., mas, agora, quando as coisas aconteciam, ele simplesmente dava de ombros e dizia a ela que não mais se importava. Além disso, contou a ela que os garotos da escola eram amigos dele, e que, não - não tinha contado a eles nada sobre o que acontecia em casa.

— Muitos dele têm merdas rolando em suas vidas — explicou Bobby. — Não sou o único, Ruby Rose. Um dia, vai crescer e enxergar a realidade. Eu não dou a mínima para mais nada.

Ruby tentou usar uma voz mais adulta e disse:

— Acho que não deveria usar essas palavras, Bobby. E não acredito que escondeu cigarros aqui em cima.

— Ei, Ruby Rose... segredos do Bicho-da-Seda. Temos muitos segredos agora, que nunca devem ser contados a ninguém. Não que isso importe, porque ninguém liga mesmo.



BOBBY ESTAVA NA escola no dia em que levaram a irmãzinha Sally e sua mãe. Chegou em casa pela tarde e encontrou a casa vazia. Com o bico fechado, mas amaldiçoando a sujeira que se acumulou no quarto escuro, Vincent - o chefe da família desintegrada - informou a Bobby que nem a irmã, nem a mãe voltariam. Bobby era agora responsável por si mesmo.

— Para onde elas foram? — Perguntou o menino. — Onde? Eu nem mesmo me despedi. Quando posso ver Sally?

O pai se curvou sobre ele.

— Internamos elas no hospício, as duas. Presas. Não podem receber visitas, então nem tente encontrá-las. Liguei para a ambulância hoje cedo. Felizmente, seu tio estava aqui para ajudar.

A cabeça de Bobby girava com tudo aquilo quando ouviu uma voz familiar logo atrás. O tio bloqueava a entrada, inerte.

— Cadê elas? — cuspiu Bobby.

— Tenha calma, jovem Bobby — disse Mike Carlon. — Sei que é um choque. Vince, por que não deixa essa comigo?

O tio passou e pressionou o braço ao redor dos ombros de Bobby.

— Sua pobre e velha mãe... julgaram-na comprometida. Dizem que pode cometer crimes horríveis. E Sally, bem... sempre soubemos, certo? Ela nunca foi completa, está melhor no hospício. As duas. Não permitem visitas onde estão, nem mesmo parentes. Vão cuidar muito bem delas, administrarão todos os medicamentos corretos que as deixarão melhores e mais felizes. Vão cuidar das duas, deixe que fiquem juntas. — Mike cravou os dedos no ombro de Bobby. — Esses lugares estão acostumados a cuidarem de meninas como Sally — disse ele. — As duas estão melhor agora. Parece ser um lugar muito bonito, mas não permitem visitantes. Você me ouviu, Bobby? Não tente encontrá-las, porque ninguém pode entrar. Dizem que os chateia muito receber visitas, pois sabem o que é melhor para elas. Você só precisa se acostumar a ficar sozinho por aqui. Veja que sorte! Você não foi amaldiçoado com todas as doenças e problemas das outras.

Bobby sentiu a frieza dos dedos do tio através da camiseta. Ficou em silêncio e parado, ainda em choque. Então, Mike apoiou as duas mãos pesadas nos ombros do sobrinho, encarando-o - os olhos frios a centímetros de distância.

— Lembre-se disso. Elas vão ficar onde estão. Nada de reclamar. Você é um homem agora, então chegou a hora de começar a agir como um. Entendeu? Nada de brigas, apenas toque a sua vida. E se tentar visitá-las, o hospício vai dificultar as coisas para elas. Vão prendê-las em quartos separados e não deixarão que se vejam. Dizem que, se alguém tentar visitar, trancarão Sally num quarto escuro e longe da sua mãe. Estão, esqueça. — Vincent tirou proveito de sua altura e de seu rosto raivoso e inquieto para intimidar Bobby e gritar ordens a ele. — Limpe essa merda, Bobby — exigiu ele, olhando ao redor do quarto escuro. — Não quero ver nem uma manchinha. Esse lugar fede. Seu pai e eu vamos dar uma passada na loja, porque amanhã vai ser um dia agitado. Vamos, Vincent.

O pai agarrou o braço de Bobby.

— Lembre-se, nada de reclamar. As coisas serão assim agora. Eu deveria ter internado a sua mãe há anos...

Bobby ficou quieto e parado, a mente vacilando e as palavras girando. Os dois homens saíram pela porta dos fundos. Momentos depois, ouviu o carro sair da garagem e os pneus guinchando quando entraram na estrada principal.

Caminhando pelos quartos desabitados, o eco dos passos ressoou pela casca vazia que uma vez tinha sido seu lar. Algo mudou nele - como uma dor, um incômodo que começou nos dedos, mas se espalhou e tomou conta de todo o corpo; um sofrimento insuportável, uma apatia, um peso que parecia um turbilhão em sua mente; uma garra que o invadiu e roubou-lhe todas as lembranças, cortando a linha gasta e desfiada que o prendia aos outros.

Parou na porta do quarto de Sally. Visões borradas - como fantasmas - apareceram em sua frente, e ele se jogou na pequena cama onde tantas vezes tinha se deitado e aconchegado com a irmãzinha, protegendo-a, mantendo-a segura. As roupas, os pertences e os poucos brinquedos dos quais ela gostava, tudo tinha desaparecido. Olhou para o travesseiro dela. A bonequinha que ela tanto amava estava embaixo, e o grampo, em cima. Mergulhou o rosto no lençol, respirando fundo, inalando o aroma de onde o corpinho dela havia se deitado.

Se ele apenas não tivesse ido para a escola naquele dia... teria conseguido impedir o pai e o tio de mandarem a mãe e a irmã para longe? O pai sempre disse que iria interná-las.

— Elas pertencem àquele lugar — disse Vincent. — Com todos os outros que são como elas.

O “lar dos loucos”, disse ele tantas vezes. Primeiro, Theresa tinha partido, agora Sally.

Para Bobby, parecia que a mãe fora embora há muito tempo; ela alguma vez esteve presente? Buscou na memória, mas não encontrou nada. Apenas a escuridão, o cheiro molhado que ainda permeava a casa daquele perfume horrível e barato que ela espirrava nas roupas, tentando mascaram o fedor da doença ou do que quer que impregnasse seu quarto.

Era o fim. Sentiu a finalidade da situação - a quebra da sua mente, a intrepidez e o medo constante que sempre esteve ali. Agora, não tinha nada. Sabia que não poderia ficar ali; precisava ir embora e deixar aquela casa maldita para sempre.

Tantas vezes planejou sua fuga, apenas para ser impedido pela ideia de abandonar Sally. Agora ela tinha partido. Sabia que, entre os dois homens - o pai falando por anos sobre internar as duas, e os contatos com pessoas importantes que o tio tinha - não havia como resgatar a irmã.

Viu o tio encobrir acontecimentos antes, usar sua influência para que as coisas acontecessem do jeito que queria. Ano passado, Mike gabara-se de ter interferido e ajudado o homem que entregava carne para eles.

Gus Smithfield - um bom amigo do pai de Bobby e que, geralmente, bebia com Vincent e Mike nos fundos do açougue - estava bêbado quando atropelou o velho Sr. Parkinson, que voltava para casa de bicicleta. A colisão quebrou as duas pernas do velho, esmagou a bicicleta e o colocou no hospital por alguns meses.

Mike vangloriava-se de que conhecer todas as pessoas certas nos lugares certos tinha valido a pena; Gus Smithfield estava no volante do caminhão de entregas na mesma semana, sorrindo e acenando como se nada tivesse acontecido. As contas hospitalares do Sr. Parkinson foram pagas, nova mobília chegou na casa dele e a vida voltou ao normal.

Mike amava dizer a Bobby, e a quem quer estivesse ouvindo, que o Sr. Parkinson recebeu até mesmo uma bicicleta nova.

— Tudo pronto para quando as pernas dele estiveram boas para pedalar outra vez — disse Mike. — Não são as informações que você tem, jovem Bobby... são as pessoas que você conhece. Lembre-se disso. Quando precisar que seu velho tio Mike o tire de alguma confusão ou precisar de conselho sobre as damas, venha me procurar. Eu conheço todo o mundo.

Bobby se sentia enojado todas as vezes que Mike falava com ele. Ficava sentado em silêncio, soturnamente, nunca respondendo até o pai cutucá-lo.

— Seu tio está falando com você — disse o pai. — Responda.

— Sim, senhor. Estou ouvindo.

E Mike respondeu:

— Que bom, jovem Bobby. É o único são nessa família toda.

Agora, enquanto Bobby estava deitado encarando a bagunça ao redor, perguntou-se se, na verdade, não era louco também. Vozes giravam, e tudo em sua mente parecia apertado, como se a cabeça estivesse prestes a explodir. O coração martelava, e o corpo reverberava a cada pulsação, como se o interior estivesse se jogando de um lado ao outro do corpo. Os olhos reviravam nervosamente, e ele observou o cômodo com os olhos desfocados: chão de madeira, tinta descascada no teto, cortinas pesadas e esfarrapadas e

um feixe de luz entrando pela janela.

Precisava fugir. Ir embora. Dar o fora rapidamente. Agora. Antes que voltassem. Tinha quase dezesseis anos, não podiam impedi-lo. Além disso, iria aonde ninguém o encontraria. O plano estivera em sua mente por anos, apenas esperando esse dia chegar - o dia em que Sally não estivesse mais em casa, pois as ameaças sempre estiveram presentes: o “lar dos loucos” para a mãe e para a irmãzinha.

A pequena mala estava pronta, com tudo de que precisaria. Tirando o dinheiro - conquistado com alguns trabalhos esquisitos - de onde o escondia, deu uma olhada final para a pequena cama onde Sally passou a maior parte da vida. Lágrimas alfinetaram seus olhos, mas ele as mandou para longe. Não havia nada sobre o que lamentar agora. Tinham tirado tudo dele, ele não tinha mais nada.



LENTAMENTE, ESCALOU A velha amoreira e chegou na casinha, com as pernas pesadas. Ruby tinha saído com a mãe, então sabia que ficaria sozinho pela última vez no único lugar onde, por vezes, foi capaz de ter alguns momentos raros de paz. Não se demorou ao deixar um pequeno objeto e um recado.

Sabia que Ruby ficaria nervosa e triste por ele ter partido. Mas o tempo passaria, e ela encontraria seu caminho, sua vida. Ruby tinha muitas pessoas que cuidavam dela, então logo se esqueceria dele.

Deitado de costas, com a frieza da brisa e do chão embaixo, ele bisbilhotou entre as camadas de folhas verdes e brilhantes que pairavam pesadas, com os frutos que tantas vezes mancharam suas roupas, mãos e pés. Deixaria todos os seus segredos ali, e o vento os levaria e espalharia em meio às estacas além; sua infância no passado. Lágrimas surgiram outra vez, mas segurou-as. Pela janela, viu as nuvens se movendo pelo céu, o incitando a segui-las.

Desceu lentamente e plantou os pés com firmeza na trilha abaixo. A sujeira e as folhas estavam salpicadas nas sombras lançadas pelo sol, que se punha no Oeste.

Encontrou Daisy parada - como uma sentinela da despedida. Os olhos do

animal nunca deixando os dele. Em silêncio, o último toque da infância foi a mão na testa de Daisy. Enrolou o tufo de cabelo branco, esfregou e acariciou o rosto da vaca. Os olhos de um garotinho encararam a profundidade sem fim dos olhos marrom-escuros do animal, compreendendo um ao outro. Era como se ela soubesse que uma pessoa aguentaria apenas um certo limite. Que, algumas vezes, era bom fugir dos problemas - problemas malvados, perigosos e sem solução.

A vaca se esfregou com cuidado contra a lateral de Bobby. Ele abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu; em vez disso, seus pensamentos vaguearam pela mente. *Adeus, Daisy. Seja boazinha com Ruby Rose.*

Com isso, ele se foi.

NINGUÉM PROCUROU POR Bobby. Ninguém bateu na porta da frente de Vincent, nem mesmo Mike. Sabiam que o menino havia partido, que não adiantaria procurar por ele.

Vincent deixou claro a Francis que não procuraria o filho.

— Não poderia me importar menos — afirmou ele. — É bem crescidinho para cuidar de si mesmo. Além disso, deve estar a quilômetros daqui. Se quis ir, o problema é dele, não meu. Tem quase dezesseis anos. Se acabar se metendo em algum problema, vai ser culpa dele. Vamos ver o quão homem consegue ser sem a nossa ajuda. É problema dele, daquele ingrato e preguiçoso filho da mãe.

Francis tentou conversar com Vincent.

— Acho que deveria avisar a polícia. Ele é apenas uma criança.

— Pode avisar se quiser, mas estou avisando: não vão se importar. Já sabem que não estou atrás dele. De qualquer maneira, quando o encontrarmos, vai ter dezesseis anos, ou seja, vai poder fazer o que quiser.

Vincent estava certo; a polícia não estava interessada.

— O tio dele é um bom homem — disse o policial a Francis, quando este chegou na delegacia para relatar o incidente. — Ele veio e nos contou o que aconteceu. A mãe e a irmã estão sob cuidados, por isso existem lugares para pessoas como elas. E os garotos, bem... sabemos como são, fogem de casa o tempo todo. Ele vai trabalhar em algum lugar, então terá própria vida. Vai ser bom para ele. Os jovens, hoje em dia, simplesmente não apreciam tudo o que as famílias fazem pelos filhos.

— Acho que ele não era muito bem tratado em casa — disse Francis.

— Apenas porque Vincent o disciplinou? Aquele pobre homem, com a esposa e as filhas loucas... Cristo, ele trabalha duro naquele açougue, e ninguém aprecia isso. Tem sorte de ter Mike trabalhando ao seu lado, ajudando.

O policial se inclinou para perto de Francis, com o banco na entrada da delegacia os separando.

— Somos amigos dele. Precisamos ficar juntos, ajudar um ao outro.

Todos bebemos uma cervejinha, entende? Então, provavelmente, vai ser melhor para você ficar longe dos problemas do seu vizinho. Talvez deva apertar as rédeas da sua esposa e da sua filha, em vez de perder tempo com a vida dos outros. Daqui a pouco, sua filha vai acabar fugindo como a mais velha de Vince. Essas meninas precisam saber qual é o lugar delas; saber quem manda.

Raiva ferveu e bÍlis subiu pela garganta do pai de Ruby quando o policial se endireitou e lhe deu uma piscadela.

— Precisamos mantê-las na linha, certo?

Francis se virou, com palavras cheias de raiva na ponta da língua, mas sabia que seriam um desperdício de saliva. Havia muitos como o policial, com o preconceito primordial de que mulheres eram inferiores, que deviam ser tratadas assim, que o papel delas era cuidar dos homens e da casa.

Era inútil. Tentou, mas a polícia não se importava; estavam do lado de Vincent, e o consideravam a vítima; não os filhos nem a esposa. Era o pobre açougueiro que tinha sido injustiçado, azarado com a família, mas afortunado de ter o irmão ajudando. Francis seguiu para casa, sabendo que precisava conversar com Ruby Rose. Precisava parar de ir à delegacia, pois não estava ajudando. Talvez Bobby estivesse melhor longe disso tudo. Ele era muito inteligente e resiliente, então sobreviveria; talvez se daria bem. Mas como convenceria Ruby disso? Tão teimosa, sempre querendo resolver os problemas dos outros... e indignada por Bobby tê-la abandonado sem dizer nada.



UM MÊS SE PASSOU, e Ruby ainda não tinha mostrado ao pai o recado nem o objeto que Bobby tinha lhe deixado.

— Ele não teve escolha, teve, Ruby Rose? — perguntou Francis, um dia. — O que queria que ele fizesse, continuasse aguentando? E com a mãe e Sally longe, ele realmente não tinha nada o prendendo aqui.

— E eu? Éramos melhores amigos. Por que não me pediu ajuda? Bobby poderia ter ficado com a gente. Você poderia ter arrumado um emprego para ele. Poderíamos tê-lo ajudado. Eu lhe daria aulas. Por que ele não me pediu ajuda?

— Ele tem quase dezesseis anos, pelo amor de Deus. Eu não era muito mais velho quando fui para a guerra. Por vezes, os garotos precisam amadurecer antes, posicionarem-se. É hora de você aceitar que ele se foi, Ruby Rose.

— Quero que ele volte. — Lágrimas escorreram pelo rosto dela enquanto abraçava o pai, que a aconchegava com firmeza.

— Eu sei que você quer, mas isso simplesmente não vai acontecer. Algumas coisas são difíceis de aceitar, mas precisa seguir em frente.

— Acha que ele encontrou algum lugar para morar? Para dormir? E comida?

— Ele é durão, já enfrentou muita dificuldade na vida. Talvez tenha encontrado uma casa na árvore, em algum lugar - num lugar silencioso e seguro. Ele vai ficar bem. Está melhor longe daqui. Além disso, vão se mudar.

— O quê? Quando?

— Vi uma van hoje — disse Francis. — Acho que a casa está vazia, esvaziaram os celeiros e a construção dos fundos. Vincent fechou o açougue, e Lewis disse que os dois - Vincent e Mike - vão se mudar para o Sul. Para perto de Melbourne.



Os DEGRAUS DE MADEIRA que subiam pelo tronco pareceram um pouco frouxos quando Ruby os escalou. Parando no meio do caminho, esfregou a mão sobre a região da casca onde esculpiram seus nomes. A distância entre os degraus parecia menor, então percebeu que era porque as pernas tinham crescido; estavam muito mais longas agora do que anos antes, quando ela e Bobby fundaram o Clube do Bicho-da-Seda.

Um barulho acima a fez erguer os olhos. Talvez ele estivesse ali em cima, esperando-a com sorvete para os dois, esperando para lhe contar sobre suas aventuras. Mas, hoje, como todos os outros dias... a casa estava vazia, exceto pelo gambá de olho vermelho empoleirado no canto mais longe e escuro.

O recipiente continuava intocado, a comida, intacta. Ninguém tinha subido; nenhum fugitivo estivera faminto o suficiente para comer os

sanduíches de vegemite. A pequena garrafa de limonada, ainda fechada, estava na mesma posição na qual Ruby a deixara.

Bisbilhotando pela brecha de espionagem, viu os dois irmãos na casa ao lado, caminhando pelo quintal e recolhendo pás, pneus, tambores de metal - qualquer coisa esquecida. Então, jogaram tudo no trailer anexado ao carro de Vincent. Quantas vezes ela os observou, odiando ambos?

A última vez quando os viu foi na tarde em que Bobby fugiu. Era tarde, e estava chateada e confusa com o recado e o pacote que ele tinha deixado para ela na casinha. A luz estava se apagando, mas sentiu-se determinada a bisbilhotar os dois irmãos no quintal ao lado. Estavam discutindo. Vincent parecia extremamente agitado, andando de um lado ao outro, acenando as mãos e gritando com Mike. Algumas palavras chegaram nela, e, mais tarde, ela as anotou com cuidado no caderninho, junto com a descrição do que tinha visto.

Seus olhos perspicazes tentaram assimilar a situação e os acontecimentos que tinham se passado, mas tudo ficou turvo e embaralhado. O recado de Bobby, o pânico que sentiu quando pensou que os dois homens ao lado pudessem vê-la na árvore, o pacote que ele deixara. Deitou-se sob a luz fraca, a barriga revirando, sentindo-se confusa e chateada com a realidade.

Agora, os dois homens tinham partido e o trailer cheio de porcarias ido para o lixão. O quintal estava limpo, o terraço, vazio. A casa e os galpões sem qualquer mobília ou pertences.

Caminhando pelo quintal vazio, olharam atrás de cada galpão, certificando-se de que não tinham deixado nada. O cheiro dos cigarros que sempre fumavam perdurava no ar estagnado. Desejando escutar a conversa toda, ela se esforçou para ouvir quando pararam de andar e continuaram falando, um pertinho do outro. A linguagem corporal indicava que ainda estavam agitados e nervosos, e a barriga dela se agitou quando Mike cuspiu no chão antes de pegar um paninho e polir o emblema arredondado no capô do carro.

Vincent fechou a porta dos fundos e deu mais uma olhada ao redor antes dos dois entrarem em seus carros e dirigirem lentamente estrada abaixo. Mike saiu por último. Seu carro tossiu nuvens de poeira e os pneus cantaram alto quando chegaram ao asfalto, acelerando pela rua atrás de Vincent.

Ruby estava deitada no chão sem se mover, observando as nuvens. A cada dia, o céu ficava mais visível enquanto a amoreira deixava as folhas caírem, preparando-se para os meses frios que viriam. As caixas dos bichos-

da-seda não estavam mais ali; a tábua de fiar, que o pai fizera para ela e Bobby, era o único sinal de que algum dia houve um criadouro pujante de bichos-da-seda ali, na elevada casa da árvore.

O gambá a bisbilhotava com atenção, esperando ela ir embora. Bobby teria gostado de vê-lo.

Ano passado, ela ajudou o amigo a cuidar de um filhotinho de gambá que ele tinha encontrado; a mãe, mais do que provavelmente, a carcaça esmagada na estrada em frente da casa deles. Juntos, deram leite ao filhote, com um conta-gotas, até ficar grande o suficiente para comer pedaços de maçã e pera. Bobby o chamara de Ringo e cantava a música *You're Sixteen* de novo e de novo para o animal. Ringo, de vez em quando, aconchegava-se no pescoço do menino. Além disso, gostava de entrar na camiseta dele, pressionando-se contra a pele.

Ringo sobreviveu e, quando ficou grande o suficiente, decidiram que era hora de libertá-lo. Quando primeiro o empurraram num galho, o gambá não quis ir. Ficou parado, com os olhos grandes encarando os amigos. Então Bobby, gentilmente, o cutucou com a mão. Com uma olhadela final, o gambá saiu correndo, subindo na árvore. Agora, estava grande e forte para agora cuidar de si mesmo.

Se ficassem sentados em silêncio, Ringo descia pelo tronco e se sentava no ombro de Bobby, aceitando pedacinhos de fruta da mão dele antes de, rapidamente, sair da casa e voltar para seu lugarzinho acima, entre os galhos menores.

Ruby sabia que era Ringo a observando, não se aproximando e apenas acompanhando todos os seus movimentos.

Uma voz abaixo a chamou.

— Desça daí, Ruby Rose. Está ficando escuro, os pernilongos vão comê-la viva.

— Estou indo, pai — disse ela, dando uma última olhada pela casinha vazia e para Ringo. Enxugou as lágrimas com as costas da mão, saiu pela portinha e desceu o grande tronco.

O pai estava parado debaixo da árvore, com os pés submersos no monte alto de folhas. Apertando os ombros da filha, beijou-lhe o topo da cabeça.

— Hora de jantar e de se limpar.

Caminharam devagar pela trilha coberta de vegetação. O braço de Francis continuou ao redor de Ruby quando seguiram em direção às luzes acolhedoras da casa e ao aroma do jantar sendo preparado. Palavras não eram

necessárias, pois cada um sabia o que o outro estava pensando. Não havia mais nada a dizer.

Parte 2



RUBY DIRIGIU COM CUIDADO pela estrada cheia de vento e empoeirada. O carro tossia, os pneus deslizavam e giravam na lama com o peso do trailer conectado, aos pulos logo atrás. Lembrou de que, nesse primeiro dia no novo milênio, estava começando uma vida nova. Era um novo ano.

Desceu os vidros da janela e sentiu o ar frio revigorante na pele. No retrovisor, viu o pai sorrindo no carro detrás, apreciando a tentativa de a filha atravessar o caminho íngreme, extremamente esburacado em direção a sua nova casa. O carro dele, com tração nas quatro rodas, seguia lenta, mas continuamente, acostumado com a robustez da direção fora das estradas.

Por fim, os carros alcançaram um terreno mais plano. Os dois motoristas desaceleraram, dando tempo para absorvessem a vista impressionante que se prolongava pela extensão ocidental da nova propriedade de Ruby. A grama crescia no meio da trilha, e havia esterco espalhado - alguns impossíveis de se desviar - desmoronando debaixo dos pneus, a banda sendo firmemente impressa na massa.

Quando viraram na última esquina, os arbustos e as árvores escondiam o que havia a seguir: a vista do vale. A mulher sabia que essa era a parte favorita dela na propriedade - o arvoredo cheio de madeira, com a grama florida que alcançava os joelhos, oferecendo um tapete verdejante que chegava nas imponentes árvores que formavam o limite do quintal da casa. Os carros passaram sob uma cássia gigantesca, seu tronco robusto, com uma casca áspera subindo até os galhos que se estendiam e formavam um círculo amplo. Flores rosas pendiam dos braços flácidos que apontavam para a difusão de flores caídas e coloridas, resguardando o chão abaixo.

Outras árvores grandes, em nenhuma fila ou ordem especial, ajudavam a formar uma copa grande e exuberante: o túnel de entrada ao jardim, com uma trilha se curvando e abrindo caminho pelo portal sombreado. Jacarandás enormes, paus-ferro com troncos manchados e lisos e aroeiras-salco com frutinhas vermelhas contrastavam-se em meio à folhagem verde que crescia sobre outras plantas floridas e menores. O ar estava frio e fresco debaixo da folhagem, e a luz do sol chegava esporadicamente por algumas pequenas brechas no limite da aglomeração. Um pouquinho mais longe, as árvores

perdiam a robustez, relevando a velha casa empoleirada numa pequena elevação, de frente para uma vista ampla do vale.

Os dois carros estacionaram perto da escadaria nos fundos, e Ruby pulou para fora. Animada, rapidamente se aproximou do veículo com tração nas quatro rodas e abriu a porta do motorista para o pai.

— Caramba, pensei que fosse precisar sair e ajudar — brincou Francis, jogando um chapéu esfarrapado na cabeça. Sem pressa, apoiou as pernas no degrau do carro antes de, gentilmente, pisar no chão.

Ruby estava com a bengala pronta. Segurou o braço dele, o equilibrando no solo irregular.

— Caramba — zombou ela. — Está mesmo começando a se parecer com um velhote.

— Tão engraçado, Ruby Rose... espere ter oitenta e quatro anos, talvez precise de mais do que uma bengala. Isso mesmo, vamos todos ficar velhos. Mas nada de reclamar, porque essa alternativa não seria boa. — Ele deu uma risadinha e jogou o braço livre ao redor dos ombros dela, apertando-a com força.

— Muito obrigada por ajudar a trazer todas as minhas coisas, pai. Agora vou conseguir arrumar tudo.

— É tão bom dirigir de novo, mesmo se apenas numa estrada cheia de vento. E o velho Land Cruiser ainda parece um foguete. Que tal darmos um passeio por aqui antes de você me levar de volta? — Lentamente, de braços dados, caminharam ao redor da casa.

Francis sempre parava, usando a bengala para revirar incontáveis pedaços de madeira e concreto que tinham se acumulado no quintal.

— Vai ficar bastante ocupada limpando isso tudo, Ruby Rose. Que propriedade velha e malcuidada. Ainda estou um pouco surpreso. — Ele se voltou para a filha. — Sempre preferiu casas modernas, de concreto, com quintais limpos e ordenados. Diria que aqui é exatamente o oposto da sua última casa.

— Exatamente, pai. Essa é a grande mudança. Preciso colocar a minha vida em ordem. O quintal e a casa vão me manter ocupada, e pretendo reduzir um pouco o trabalho. Preciso desestressar, mudar e ter uma vida diferente da dos últimos vinte anos. Chega de agitação e pressa, isso se trata do que *quero* fazer.

— Não estou dizendo que seja algo ruim, e o lugar é incrível. É que está tão desorganizado e coberto por vegetação... bagunça por toda parte. Você

sempre manteve tudo no lugar, ordenado. Seus dias seguem uma rotina rigorosa.

— Eu sei, não é incrível? Finalmente. E eu não vou precisar dar explicações a ninguém.

— Sente falta dele? Sente falta de Ben, Ruby Rose? — O velho parou de andar e ficou parado, observando o vale.

— Tem vezes que, durante a noite, penso que seria bom ter alguma companhia, alguém com quem conversar e falar sobre o dia no trabalho, as coisas da vida e ter projetos pela casa. Mas a questão, pai... Ben parou de conversar direito comigo anos antes de tudo acabar. Estava presente apenas em corpo, não em espírito. Se não era sobre o trabalho, dinheiro ou investimentos, ele não tinha interesse.

— Ou outras mulheres — xingou Francis. — Nunca vou entender como ele enganou a todos.

— Acho que isso foi uma das coisas mais difíceis para ele. Pelo menos, quando contou a verdade. Ele realmente considerava muito você e a mamãe, não quis machucar vocês.

— Ele deveria ter pensado nisso antes de pular a cerca como se fosse um homem solteiro. Além disso, não temos importância, foi você quem ele mais machucou. Encontrando aquela mulher pelas suas costas, depois voltando para casa, agindo como se tudo estivesse normal...

— Eu sei. Mas estava tão focada na minha carreira... trabalhando até tarde, me esforçando e me permitindo ficar estressada o tempo todo. Algumas vezes, não fui a melhor pessoa com quem conviver, pai. E como ele disse: perto do fim, eu não precisava mais dele. Fiquei tão independente, que Ben sentiu como se não houvesse mais razão para estar presente.

A voz do velho soou rouca:

— Talvez ele devesse ter passado mais tempo em casa em vez de ficar viajando pelo interior e perseguindo criminosos

— Faz parte do trabalho. Eu sabia disso quando nos casamos. Para falar a verdade, quando olho para o passado, vejo que sou tão culpada quanto ele. Eu passava tanto tempo sozinha que comecei a não precisar dele. Foquei demais no trabalho...

— E ele não? — interrompeu Francis.

— Ficou confuso, rotineiro, e quando percebemos, era tarde demais. Não amávamos mais o outro, e ele já tinha conhecido Sue. Eu não o odeio, pai. Tivemos muitos anos bons.

— Você se pressionou demais, não pode sempre solucionar o problema dos outros. Aquelas crianças com as quais você se preocupou... a maior parte delas, na verdade, estava machucada demais. Incorrigíveis.

— Eu sei, pai. E aprendi a aceitar isso ao longo dos anos. Acho que teve algo a ver com não ser capaz de ter filhos. Comecei a pensar nas crianças que eu ajudava como se fossem minhas. Quis trazê-las para casa e solucionar todos os problemas delas.

— Deveria ter adotado. Nunca quis perguntar, mas por que nunca fez isso?

— Ben recusou. Ele disse que era o destino, que simplesmente não deveríamos ter filhos. Ele não queria uma criança que não fosse dele. Tentei conversar diversas vezes. Você sabe o quanto eu queria filhos. E agora, olhe para Ben, tem dois filhos que ele não poderia amar mais. Sempre soube que ele seria um bom pai. — Ruby sorriu para Francis. — Ele é um homem bom, pai.

— Não é tarde demais. Sua mãe tinha quase quarenta anos quando finalmente teve você, e eu era um pouquinho mais velho, como você sabe. Deus, penso em todos os anos que tentamos e esperamos. Eu costumava olhar para os céus e rezar: “Deixe-nos ter pelo menos um.”

— Cristo, pai. Você rezando? — Ruby se impediu de rir. — Fico surpresa pelo céu não ter desmoronado em cima de você.

Ele apoiou a mão no ombro dela, fazendo uma pausa para recuperar o fôlego.

— Eu sei, foi a única vez na vida em que rezei. Bem, e quando sua mãe estava morrendo.

Ruby afagou a mão dele.

— Não, decidi que simplesmente não era para ser. Tudo bem. Estou feliz, provavelmente mais feliz do que estive em um longo tempo. — Ela cobriu os olhos, olhando para o vale abaixo, verdíssimo, as montanhas ondulantes pontuadas por vacas. — Sei que vou amar aqui. Vai dar trabalho, mas tenho mais tempo agora. O único problema é que você não vai estar aqui comigo.

— Nada disso, já conversamos um milhão de vezes. Estou bem. Sua mãe e eu decidimos, há muito tempo, que não seríamos um fardo para você. Tudo bem, todo o mundo por lá está velho, mas, ei! A maioria de nós continua bem ativa. O lugar é bom para uma caminhada, e eu gosto de jogar boliche toda semana. Além disso, a casa tem o tamanho certo, e ainda estou rodeado de

todas as coisas da sua mãe.

— Acho que você não está muito longe mesmo. Conquanto eu possa visitar todas as semanas. — Ela respirou fundo, e apertou os olhos, cheia de suspeita. — E conquanto você me ligue quando precisar de algo, ou se não estiver se sentindo bem.

— Não precisa se preocupar, tomamos conta um do outro. Tem sempre alguém passando em frente de casa, ligando, garantindo que eu fique bem. Sua mãe e eu planejamos tudo, por isso nos mudamos anos atrás. Sabíamos que, se um morresse, o outro seria bem cuidado. Você precisa ser prática, Ruby Rose. Não podemos viver para sempre.

— Não fale assim. — Ela se aconchegou debaixo do braço dele. — Você vai viver até ter cento e um anos.

— Duvido. Não é assim que me sinto às vezes, tem dias em que já me sinto com cem anos.

RUBY PUXOU UMA CADEIRA de ferro para Francis. Deixou o pai sentado em silêncio por um momento, enquanto pegava uma bebida gelada para os dois dentro da casa. Observando-o pela janela enferrujada da cozinha, pensou no quão mais velho parecia ter ficado desde que mamãe tinha morrido. A doença de Mary deixou marcas nos dois, mas mais no pai, que cuidou dela até o fim. Ruby e Francis estavam ao lado dela quando deu o último suspiro. O pai continuou sentado lá por horas ao lado do corpo de Mary, não querendo abandonar mamãe.

Ruby tinha implorado para que viesse morar com ela na grande casa perto do canal, usando os argumentos de que ela estava sozinha, a cara era grande demais, ele teria o próprio espaço no andar de baixo, era perto d'água. Ela falou e falou, mas Francis se tornou ainda mais teimoso com a idade e manteve a decisão de ficar no condomínio de repouso, alegando que gostava das suas tigelas, havia muito o que fazer e se sentia confortável. Tinha sido a casa dele e de Mary.

— Limonada com gás geladinha. — Ruby repousou dois copos na mesa redonda e sentou-se, a sombra da casa provendo um lugar fresco a eles.

— Isso me faz lembrar de quando eu era menino.

As mãos trêmulas de Francis ergueram o copo, as sobancelhas peludas se abaixaram quando fechou os olhos e desfrutou o primeiro gole gelado.

— Lembra dos picolés que sua mãe costumava estocar no congelador? Que delícia. Gostava deles num dia quente. Onde os anos foram parar, Ruby Rose? Tem vezes que preciso parar e pensar no quão velho sou. Quando acordo pela manhã, antes de movimentar esse corpo velho e cansado, olho naquele maldito espelho. Juro que ainda sou jovem, parece que foi ontem. Não sei como passou tão rápido.

Ruby observou as mãos instáveis do pai.

— É um pouco assustador. Eu me sinto da mesma maneira, como se ainda tivesse dezoito anos. Os anos passaram correndo, e quanto mais fico ocupada, mais rápido passa. Estou ansiosa para trabalhar apenas meio-período, espero conseguir diminuir o ritmo.

— Como dizem, tire um tempinho para sentir o aroma das flores. Acho que isso foi algo bom de ter crescido na sua época - a vida era muito mais lenta, e nunca tínhamos pressa. Quando você era menor, passava o tempo todo brincando. Os dias passavam, mas não *voavam*. Agora é muito diferente. As pessoas estão sempre correndo, com pressa. Nós, os mais velhos, geralmente rirmos quando vemos os jovens correndo por aí, tentando ganhar tanto dinheiro.

— Bem, precisamos ganhar bem hoje em dia, pai. Não é barato viver.

— Eu sei, mas você deveria saber que... — Ele olhou para baixo, os olhos quase se fechando. — Você sabe que dinheiro não compra felicidade. Olhe para todo o dinheiro que vocês dois tinham, e de que adiantou?

— Tem razão, como sempre. — Ela revirou os olhos. — Os meus dias mais felizes foram quando Ben e eu tínhamos acabado de nos casar e vivíamos naquele pequeno chalé. Na verdade, apenas um pouquinho menor do que esse. Éramos muito felizes lá. Não tínhamos muito, mas não importava.

— Verdade. Olhe para a casinha na qual vivemos como uma família por tantos anos. — Os olhos dele se encheram d'água. — Os dias mais felizes da minha vida... sentado naquele degrau nos fundos, esperando você voltar das brincadeiras.

— Algumas das minhas melhores lembranças são da gente comendo ao redor da mesa à noite, conversando e rindo - você, mamãe e eu. Cristo, tive tanta sorte. Pai, vocês dois foram simplesmente os melhores pais que qualquer um poderia ter.

— Ah, não éramos tudo isso. Não tínhamos muito. Pouco dinheiro... pensamos que éramos as melhores pessoas quando compramos aquele televisor preto e branco gigante.

Ficaram sentados, lembrando do passado, rindo juntos, revivendo lembranças dos muitos acontecimentos engraçados que ocorreram ao longo dos anos.

— Deus, como é bom dar uma boa risada. — Francis ria tão alto que algumas das vacas no cercado ergueram a cabeça e olharam para os dois. — Acho que deveria chamar aquela vaca de Daisy. — Ele apontou o velho dedo escarpado.

Ruby riu.

— De jeito nenhum, ela pode começar a me odiar. Essas vacas são amigáveis, gostam de mim.

— Preciso me levantar, Ruby Rose. Os ossos velhos estão endurecendo, e ainda precisa me levar montanha abaixo. Fico feliz por você poder usar o meu carro aqui, porque não anda me servindo muito.

Francis segurou a bengala, usando-a para se levantar da cadeira. Movimentou-se lentamente, o corpo cheio de artrite - consequência tanto da idade quanto do dano causado por anos de trabalho com carrinhos de mão e concreto. Com os braços entrelaçados, apoiando-se um no outro, caminharam devagar pela grama em frente da casa.

— Você nunca vai enjoar dessa vista. — Ele acenou a bengala no ar.

De onde estavam, podiam ver a margem verdejante que descia; um jacarandá enorme filtrava a luz solar, criando uma região sombreada ali em frente. Outras árvores grandes emolduravam a vista; pinheiros com folhas penduradas como longas agulhas, o casco brilhando roseado, as pequenas sementes em forma de cone cobrindo o chão abaixo. Mais à direita, três pinheiros gigantes formavam um grupo simétrico, as copas arredondadas crescendo acima das outras árvores, agindo como vigias; anciãs da floresta.

— Devem ter mais do que cento e vinte, talvez cento e trinta pés de altura. — Francis cobriu os olhos, olhando para o topo das folhas em formato de lança que criavam uma barreira grossa ao redor do tronco e dos galhos distantes.

— O quão alto é isso, pai?

— Ah, na sua língua de hoje, talvez uns quarenta metros. — Continuou olhando para cima. — Adoraria saber o quão velhas são.

— São lindas, mas não tem como escalar nem andar debaixo delas sem sapatos. As folhas são bem pontiagudas. O corretor me disse que elas derrubam grandes pinhas, as quais podemos comer.

— Acho que sim, Ruby Rose. Quando mais jovens, cozinávamos isso. Acho que meu pai também costumava assá-las nas brasas do fogo. A pinha é tão grande quanto uma bola de futebol — disse ele, usando as mãos para demonstrar o tamanho. — Mas se não quebrar quando cair no chão, vai precisar abri-la: arranque a parte maior e tire todas as pinhões menores.

— Que gosto têm?

— Parecem castanhas — opinou ele. — São gostosos, mas precisa prestar atenção, pois caem apenas algumas vezes por ano. Você vai perceber. Tome cuidado para não ser atingida por um na cabeça e cuidado com a porcaria das pontinhas. Costumávamos tentar escalar essas árvores, mas como você disse, é praticamente impossível. Há folhas pontiagudas por toda

parte.

Ficaram parados, observando os galhos horizontais do maior dos pinheiros Bunia, a folhagem escura contrastada pelo brilho de um céu limpo de verão.

— Essas árvores são sagradas para os aborígenes — disse Francis. — Meu velho me disse que se lembrava deles se reunindo para algum tipo de festival - uma cerimônia com danças, as festas com cantorias que dão.

— Onde era isso, pai?

— Provavelmente, não muito longe daqui. Ele veio dessa região, talvez um pouquinho mais para o interior. Disse que havia centenas dessas árvores e que, antes dos brancos cortarem a maioria delas, o povo aborígene vinha de lugares distantes. Eles se encontravam e reuniam perto das árvores, colhiam os frutos e davam uma grande festa, tudo ao redor de uma fogueira.

— Já imaginou? Talvez tenham feito isso aqui... — Ruby fechou os olhos, tentando visualizar o que teria acontecido ali centenas de anos atrás, quando talvez os aborígenes tivessem se sentado na sombra das árvores antigas, na propriedade dela, deliciando-se com os pinhões.

— Comíamos tudo, com certeza. — Francis voltou a se mover, curvando-se. O corpo, uma vez em forma e veloz, agora lutava contra o esforço necessário para caminhar sobre o solo irregular. — Preciso continuar me movendo, Ruby Rose. Tenho medo de que, se parar, nunca mais volte a andar.

Ele andou mais longe, determinado a dar uma olhada ao redor. Respirou o ar limpo do topo da montanha, o cheiro do interior e de esterco se misturava com o aroma dos arbustos. Parando de novo, sentaram-se numa tora, posicionada pelos donos antigos bem onde a vista era mais bonita.

— Olhe para isso... de tirar o fôlego. — Francis olhou para o Leste.

— Eu amei. Parece que estou em cima de uma árvore, bisbilhotando o mundo abaixo, através da folhagem. — Ruby cobriu os olhos, olhando para o vale.

— Já aprendeu os nomes daquelas montanhas?

— Sei que a maior é o Mount Tibrogargan e que é vulcânica.

— Você sempre soube disso, não aprendeu nada novo.

— Vou dar uma pesquisada quando tiver a chance. Quando você voltar, vou contar toda a história da região e saberei o nome de todas as montanhas.

As montanhas vulcânicas conhecidas como Glasshouse surgiam do chão no vale, criando um plano de fundo espetacular para as colinas que

desapareciam além das grandes árvores na frente da casa.

— Tem certeza de que não quer vir morar comigo aqui em cima? — Ela apoiou a cabeça no ombro dele, entrelaçando as mãos em seu braço enquanto se aconchegava.

— Não comece com isso de novo. Vou ficar bem. Posso vir e ficar por um tempinho, mas vai se cansar de mim. — O homem se levantou, balançado a cabeça para a paisagem. — Você tem mesmo a melhor vista do mundo.

Francis teria se acostumado com o lugar, com o ar do interior e sempre teria algo a fazer, mas sabia que acabaria sendo um fardo para Ruby e que precisava ficar perto daquele maldito doutor. As dores e os incômodos nos ossos não eram o único problema. Recentemente, houve algumas visitas secretas ao médico, para falar das dores no peito que começara a sentir. De jeito nenhum contaria isso a Ruby. Afinal de contas, o que a filha poderia fazer? Ela tinha problemas suficientes - estava sozinha e precisava organizar a casa. Se ela ao menos tivesse tido um irmão ou irmã...

Francis se preocupava com o fato de que, quando morresse, Ruby ficaria sozinha e não teria nenhum familiar próximo com quem contar. Havia primos, que ela via de vez em quando, mas não era o mesmo de se ter um irmão ou irmã. Olhou para ela - uma mulher linda e jovem. Seu coração se encheu de orgulho quando os olhos verdes e deslumbrantes da filha repousaram nos seus. Ainda havia um punhado de pequenas sardas no nariz dela, as quais, ele sabia, ela odiava e sempre escondia com maquiagem. Seu cabelo ondulado, igual ao da mãe, não era mais louro, mas marrom, e hoje estava preso num rabo de cavalo saltitante, que deixava o rosto sorridente à mostra.

— O rosto de um anjo — murmurou ele, andando cambaleante pelos fundos da casa. — Só mais uma olhadinha no bosque antes de irmos, Ruby Rose.

Ficaram parados ali por um tempão, olhando a copa que se unia a outras acima deles, e arquitetava a entrada do jardim frontal.

— Olhe para isso, pai. — Ela apontou para o topo de um flamboaiã gigantesco; os galhos horizontais tão grossos quanto o corpo de um homem, longos e entrelaçados com os galhos de outras árvores ali perto. Francis caminhou para baixo da árvore para ter uma visão melhor.

— Parece que, em algum momento, houve uma casa da árvore ali em cima. Mas não sobrou muita coisa. Essas árvores... sempre foram boas para se escalar.

— Lembra da casa na árvore que Bobby e eu tínhamos, pai?

— É claro que lembro. Foi onde você passou a maioria dos dias da sua infância. Vocês dois eram bons amigos. Descobriu o que aconteceu com ele depois que fugiu?

Ela balançou a cabeça.

— Encontrei Lynette. Você lembra da Lynette Smyth, que morava perto da gente?

— Ah, sim. Umas três casas acima, perto dos Corrigan.

— Sim, ela mesma. Bem, vi Lynette em um funeral.

— Funeral de quem?

— De um dos meninos que frequentou a escola conosco. Jimmy Blunt. Mas acho que você não lembra dele. Mamãe talvez lembrasse, mas ele nunca foi em casa, então acho que você não o conhecia.

— Do que ele morreu?

— Acho que suicídio. Disseram que foram as drogas, mas, pelo que ouvi, tenho quase certeza de que cometeu suicídio.

— Nunca vou entender isso. A vida é tão preciosa, sempre tem um jeito de resolver as coisas. Nada pode ser tão ruim assim...

— Eu sei..., mas as drogas tomam o controle. Depois, vem a depressão. E então perde-se o controle. Jimmy não teve uma vida boa. A família dele foi terrível com ele quando menor.

— E Bobby?

— Lynette disse que entrou em contato com Theresa, mas há muitos anos. Lembra da Theresa, irmã de Bobby? Elas fugiram juntas quando adolescentes.

— Nunca vou me esquecer disso. Cristo, o pai deles era do mal. Um homem bruto, sem nenhum pinga de bondade na alma.

— Está morto agora. Morreu há anos, assim como a mãe. Lynette me atualizou de tudo. Disse que Theresa teve uma vida bem complicada. Aparentemente, mora perto de Brisbane numa moradia do governo e tem cinco ou seis filhos.

— Onde Bobby mora?

— Falamos sobre isso, mas parece que ninguém nunca mais soube nada dele. Theresa disse que, uma vez, conversou com um homem que conhecíamos da escola, que chegou a trabalhar com ele no Oeste. Uma propriedade - ela me disse o nome - bem depois de Mount Isa, ou algo assim. Theresa tentou encontrá-lo algumas vezes nos últimos vinte anos, mas não

conseguiu. Lynette diz que ela desistiu. Acha que Bobby deve estar morto, porque não existem registros de ele ter morado em lugar algum.

— Ele não teve uma vida fácil, aquele menino. Nunca teve uma chance.

Ficaram juntos, de mãos dadas. Ruby sentiu como se tivesse dez anos outra vez; as mãos gastas e enrugadas do pai envolviam as dela, quentinhas uma contra a outra.

Francis deu uma piscadela para a filha.

— Muito bem, Ruby Rose. Hora de levar esse homem montanha abaixo. Devo chegar antes das quatro para jogar cartas com as damas. É o primeiro dia do ano, então... drinques e tudo o mais. Não quero decepcioná-las.

Caminharam juntos para o carro. Os dois se viraram para dar uma olhada final nas árvores que evocavam tantas memórias - memórias de um tempo e um lugar diferentes.

GERALMENTE, RUBY LEVANTAVA da cama assim que abria os olhos, mas, nesta manhã, ficou deitada, observando as diferentes partes do novo quarto. As paredes, o chão, o teto... tudo ripas de madeira. O piso era uma mistura de sujeira embutida e manchas espalhadas pela madeira gasta; pelas portas da varanda conseguia ver o exterior. Empoleirou-se no cotovelo para apreciar a vista, olhando para o vale que se aproximava das montanhas ao Leste.

O cômodo era grande. Atualmente, cheio de caixas empilhadas que ela havia tirado dos carros ontem. Tinha uma lâmpada pendurada acima dela; um bulbo desnudo preso a um longo fio preto que, por sua vez, pendia do teto envolto por um remate, emprestando um tanto de elegância a um teto - de outro modo - surrado e descascando. Pensou na conversa com o pai no dia anterior, lembrando seu desejo de ficar no condomínio de repouso ali perto, em Noosa. Percebeu que papai estava pensando mais nela do que em si mesmo, mas Ruby sabia que, provavelmente, ele estava certo e realmente seria melhor se continuasse perto de tudo de que precisava. *Ele parecia bem*, pensou ela. Mesmo sem muito equilíbrio para andar, estava relativamente saudável, com a mente ainda afiada. Não queria pensar em quando ele não estivesse mais por perto, porque o pai sempre estivera por perto; ela nunca morou mais do que meia hora longe dele, nem agora nem quando a mãe ainda era viva.

Lembrando da conversa com Lynette, sentiu um pouquinho de culpa por não ter entrado em detalhes com o pai, não contando que ela e Lynette tinha se encontrado para tomar um cafezinho algumas vezes ao longo dos anos. Ainda hoje, Ruby, Theresa e - claro - Bobby, que parecia não existir mais, eram os únicos no passado de Lynette que sabiam o que tinha sofrido.

Lynette falava abertamente quando se encontravam, provavelmente porque Ruby era uma assistente social treinada, então sabia quando ouvir e quando interferir. Mas Ruby sabia a verdade. Sabia o que Lynette sofrera e que não tinha recebido ajuda. Lynette contara à mãe e ao padre da região, confiou o segredo a uma professora na escola. Mas, como sempre dizia a Ruby... para quê? Foi tudo em vão, porque nenhum deles fez nada. Todos

sabiam, mas não acreditaram nela. Disseram que era tudo uma invenção, uma tentativa de chamar atenção.

— Por que eu teria inventado aquilo? — Lynette estava chateada quando ela e Ruby conversaram pela última vez. — Aquele velho idiota... até quase eu ter quinze anos, aconteceu de novo e de novo, até o dia em que eu não aguentei...

Ruby a interrompeu.

— Como você acabou com isso?

— Ele sempre esperava estarmos sozinhos. Por mais que eu tentasse evitar, ficando um tempão longe de casa, havia vezes em que não conseguia fugir dele. Nesse dia, não aguentei e me posicionei. Estávamos no carro. Minha mãe tinha pedido a ele que me levasse a algum lugar, mas eu disse que iria andando. Ela não quis saber. Era como se tivesse esquecido por completo - ou escolhido apagar da mente - o que eu tinha dito. Ela era tão próxima do pai... então, provavelmente, meu avô nunca fez com ela o que fazia comigo.

Ruby sentiu raiva enquanto ouvia com atenção.

— E o que aconteceu?

— Ele parou o carro em frente de onde eu estava indo... na verdade, um pouco depois na estrada, perto de um arbusto. Mesma coisa: não havia ninguém por perto.

Ruby balançou a cabeça. pois tinha ouvido muitas histórias parecidas ao longo dos anos no trabalho. Lynette soou trêmula quando continuou:

— Tentou colocar a mão debaixo da minha saia. “*Você gosta disso, Lynny?*” - Ele sempre me chamava assim, numa voz doce e doentia. Ainda não gosto desse nome. Prendi a mão dele o mais forte que eu pude e a tirei das minhas pernas. Mande-o ir se foder. Xinguei tanto... o encarando. Disse que, se me tocasse de novo, eu o mataria, porque não tinha medo dele, e se alguma vez chegasse perto de mim, eu o faria sofrer e contaria a todo o mundo. — Lynette estava realmente tentando manter a compostura, tentando não chorar. — Ele riu num primeiro momento e disse algo como... pelo fato de eu ter um namorado então, não precisava mais dele. Parecia pensar que eu realmente gostava dele. Xinguei de novo e saí do carro. Ele começou a ficar estranho, implorando, pedindo para que eu voltasse e dizendo que não faria mais coisas ruins para mim. Falou comigo como se eu fosse uma criancinha. Eu tinha quinze anos, caralho! Isso aconteceu por *quinze anos!*

Ruby ofereceu um lenço a Lynette para que ela pudesse enxugar as lágrimas que escorriam pelo rosto.

— Desculpa, Ruby — disse Lynette. — Mas só posso conversar sobre isso com você. Você e Bobby eram os únicos que sabiam, sempre pude confiar em vocês dois.

— Esses malditos segredos que tínhamos, Lynette... deveríamos ter contado a alguém. Deveriam ter ajudado você, Theresa e Bobby. Pobre Bobby... lidando com tudo aquilo, tentando proteger todo o mundo.

— Vidas fodidas, era isso o que tínhamos. Casei-me aos dezessete anos. Qualquer coisa para sair daquela casa. Casei-me com Joe Turner, ainda uma criança... que esperança eu tinha? Sorte minha ele ser um homem decente, tivemos alguns anos bons. Casei-me mais duas vezes desde então. Não sou muito boa com relacionamentos, sempre preciso de alguém e acabo escolhendo os homens errados. Nunca consegui sossegar.

— Essas coisas têm efeitos terríveis em famílias e relacionamentos. Trabalhei com muitos adultos, Lynette, tanto homens quanto mulheres, que foram horivelmente afetados por abusos físicos e psicológicos quando crianças. Você deveria procurar ajuda.

— Acho que não estou me saindo tão mal. Estou melhor do que Theresa. Meu namorado é ótimo. É gentil e compreensivo, além de ser o primeiro parceiro com quem conversei sobre o que aconteceu. Ele entende e me ajuda quando estou para baixo, me dá espaço quando preciso. Acho que, dessa vez, a coisa é séria.

— Cristo, espero que sim. Você merece o mundo, Lynette. Todos merecem ser felizes. — Ruby se pegou gaguejando, algo nada comum para ela. — Todas as crianças merecem ser tratadas da maneira correta. Todos merecemos ter infâncias felizes, viver em segurança, ser amados e cuidados.

— Você teve tudo isso - a vida perfeita. Theresa e eu conversávamos sobre a sua família. — Lynette segurou as mãos de Ruby sobre a mesinha. — Imaginávamos que morávamos na sua casa, com sua mãe e seu pai. Queríamos nos sentar do lado de fora, como vocês faziam... conversando, rindo. Deus, como vocês se divertiam nas festas em família no seu quintal. Era o nosso sonho: queríamos que a sua mãe e o seu pai fossem os nossos pais.

— Tive muita sorte. Estive rodeada de boas pessoas, de uma família amorosa. Eu me sinto culpada agora, porque... de vez em quando, tinha inveja da sua família. Você tinha tanto dinheiro - sempre com as melhores roupas e bicicletas novas. Algumas vezes, desejei ser você!

Lynette bufou.

— Você jamais iria querer ser eu. Mal conversei com os meus pais hoje, não consigo perdoá-los pelo o que aconteceu.

— Queria adotar todos vocês - as irmãs de Bobby e você. Eu tinha um plano. Sonhei com isso, com todos dormindo na minha casa, onde poderiam guardar as suas roupas. Acho que sempre gostei disso no serviço social: poder ajudar as pessoas. Nem sempre consigo resolver os problemas delas, mas alivio o fardo simplesmente conversando e ouvindo.

— Acho que conversar, como fizemos hoje, ajuda — concordou Lynette. — Todos esses segredos que tínhamos quando mais novas...

As duas se levantaram para partir, abraçando-se com firmeza, com uma compreensão e confiança profundas, nutridas pela conexão nascida na infância.

— Segredos do Bicho-da-Seda — suspirou Ruby e balançou a cabeça.

Lynette riu do termo de tantos anos antes.

— Sempre soube que poderia confiar em você, Ruby. Vamos nos ver de novo.

RUBY SE PERMITIU MAIS alguns momentos de luxo. Aconchegada, fechou os olhos e tentou se lembrar da aparência de Bobby. Toda essa conversa sobre a infância a fez pensar nele; imaginar o que teria acontecido. Sabia que, em alguma daquelas caixas, havia fotos tiradas pela mãe no quintal. Eram pequenas e em preto e branco: ela e Bobby pendurados um no outro, algumas mostravam os amigos sentados no terraço chupando sorvete. Ela as encontraria quando desempacotasse.

Por anos depois da partida de Bobby, preocupou-se com ele, perguntou-se se estaria sendo cuidado e onde estaria. Teve algum lugar para dormir, um amigo com quem conversar? No último ano do ensino médio, os deveres da escola se tornaram sua prioridade, e o tempo passou enquanto Ruby estudava para obter o diploma em serviço social.

Houve namorados, festas e o casamento com Ben, que ela conheceu durante o tempo que passava com clientes nos tribunais. Uma vida cheia, com uma variedade de trabalho e compromissos familiares que lhe deram pouco tempo para remoer os acontecimentos da infância. Enquanto o tempo passava, raramente pensava nas pessoas com as quais tinha passado a maior parte da infância. Focou na mãe e no pai; eles vinham em primeiro lugar, junto com Ben e os clientes.

Nunca teve muito tempo livre, e era apenas quando encontrava Lynette ou o pai que se pegava pensando no que teria acontecido com Bobby, questionando se ele ainda estaria em algum lugar pelo mundo.

Sua decisão de comprar a casa no topo das montanhas perto de Maleny fora instantânea. Nunca considerou esse estilo de vida; antigamente, vivia envolta numa vida ocupada e social na Sunshine Coast. Uma visita àquela região depois do casamento de um amigo aguçara seu interesse, e antes que percebesse, tinha negociado e assinado um contrato com o dono de um chalé rústico numa propriedade bastante acabada.

Sorriu consigo mesma, achando graça da espontaneidade da escolha. Provavelmente, fora a primeira - talvez única - decisão não planejada, impulsiva e significativa que havia tomado na vida.

A grande casa no canal, com o chão branco e brilhante e a cozinha cinza reluzente, foi vendida, junto com a maior parte da mobília que não combinava com o piso rústico e o estilo dos anos 1920 da outra casa recém-comprada. Doou grande parte dos seus pertences: sacos cheios de roupas extras e o que ela decidiu ser uma vasta gama de sapatos e bolsas levianas e dispensáveis, que foram tiradas do guarda-roupa organizado de Ruby e conquistado um novo lar na loja regional de caridade. Não se importava mais com aquilo, não se esforçaria para vendê-los e queria apenas se livrar logo de tudo.

Foi uma limpeza tanto da casa quanto da alma - um novo começo. E agora havia muito o que fazer para mantê-la ocupada. Sentando-se, decidiu que ficar deitada na cama não resolveria nada. Era hora de começar.

— UMA XÍCARA DE CHÁ, isso vai me fazer acordar de verdade. — Ruby ligou a chaleira, procurando a xícara preferida numa caixa ali perto.

A não conformidade que tentara alcançar quando se mudou para a casa não tinha se estendido aos utensílios da cozinha. Os conjuntos de pratos e copos da casa antiga vieram com ela, mas apenas alguns itens favoritos que não combinavam encontraram um lugar na mudança.

Começaria pela cozinha. Era o cômodo em que, provavelmente, mais ficaria - a geladeira e o fogão a gás já estavam no lugar, prontos para serem usados. Havia muitos armários de madeira para guardar tudo. Debaixo da poeira, as maçanetas eram de porcelana branca e combinando com a pia e com o escorredor preso ao balcão de madeira. Prateleiras, que seriam ótimas para expor as tigelas e os pratos, cobriam uma parede, com ganchos logo abaixo, perfeitos para pendurar xícaras e canecas.

Sujeira e fuligem cobriam tudo, e teias de aranha sufocadas pela poeira estavam suspensas em todos os cantos e bordas. *Comece por uma área pequena*, disse a si mesma. *Termine a cozinha, um passo de cada vez. Depois, siga para o quarto e para o restante da casa.*

Deixaria o chão por último. Esfolando-o com o sapato, percebeu que provavelmente precisaria contratar alguém para renová-lo. Estava animada, imaginando como as grandes tábuas de madeira nodosa ficariam quando limpas e polidas.

O exterior teria que esperar. As plantas estavam grandes demais, mas não importava. Havia alguns galpões ao redor da propriedade, e mal podia esperar para explorá-los, assim como os muitos outros cantos e regiões escondidas que existiam nos vinte acres de grama e árvores gigantescas. Agarrando um balde e alguns instrumentos de limpeza, começou.



PASSOU A SEMANA seguinte esfregando, polindo e limpando toda a cozinha, sabendo que precisava terminar tudo antes de voltar a trabalhar. Quando voltasse, mesmo sendo por meio-período, sabia que não teria nenhum tempo livre. Haveria papeladas com as quais lidar pela noite, clientes nos quais pensar e soluções a serem encontradas.

Todos os dias, acordava cedo e retornava ao ponto no qual tinha parado no dia anterior. De noite, caía exausta na cama, acordando pela manhã com os braços e o corpo doendo dos exercícios físicos do dia anterior. As unhas, antes bem feitas, agora estavam quebradas; arranhões e hematomas pontuavam braços e pernas - consequências de arrastar os móveis pelo lugar, assim como de limpar cada canto e fenda que descobria.

Com sabão em pó e escovas de esfregar, junto com toda a força muscular que conseguiu reunir, logo se livrou de toda a fuligem do teto e da parede. Os painéis de vidro nas velhas janelas basculantes não demoraram a ficar brilhando. Aranhas enormes saíram correndo, mas foram jogadas sem nenhum cuidado para fora.

Nada muda tanto assim, pensou. Assim que começo algo, fico obcecada e não consigo parar até terminar e tudo estar em seu devido lugar.

Olhando ao redor da cozinha organizada, sentiu-se satisfeita. Exceto pelo chão, tudo estava limpo. Tinha começado a parecer uma cozinha de verdade. Agora, os armários estavam alinhados - a pequena bolsa de ferramentas que o pai lhe presenteara havia sido útil. Ele a ensinou a usar o martelo e os pregos, a diferença entre as chaves de fenda e o básico para consertar algumas coisas pela casa.

Parafusou as prateleiras de madeira na parede e as encheu com pratos e tigelas coloridos. Copos foram pendurados nos ganchos, e latas e potes cheios de comida cobriam as bancadas e o topo dos armários. Até mesmo tinha pendurado cinco patos de porcelana, voando em sequência, do maior para o menor, nas largas madeiras que compunham a parede da cozinha. A tampa esmaltada para bolo e as latinhas de condimentos, que sempre fizeram parte de sua vida, foram guardadas juntas. Olhando para elas, Ruby sentiu uma pontada de nostalgia, como se estivesse outra vez na cozinha da mãe - uma cozinha simples, como essa.

Serviu-se uma taça de vinho para comemorar, levando-a para fora e sentando-se na cadeira amarelo-vivo que posicionara no terraço. Era uma satisfação a maior parte da mobília - que ela quis manter da casa anterior - ter vindo da infância, da casa da família.

Era isso o que queria. Não a mobília chique, reluzente e cara que enchiam a casa no canal. Pelo contrário, queria cadeiras e mesas de madeiras velhas feitas pelo pai, o aparador de grevêlea-robusta e as camas, o velho sofá e o grande tapete persa no qual amava se deitar quando criança.

A maior parte estivera guardado em um galpão, pois o pai não tinha sido capaz de abrir mão deles. Ele tinha pedido para que Ben e Ruby guardassem tudo, e ela não conseguiu negar. Isso sempre incomodou Ben.

— Toda aquela tralha velha — disse o marido, então. — Você nunca vai usar, nem mesmo gosta desse tipo de coisa.

— Eu sei — disse ela. — Mas são as coisas da mamãe e do papai. Eles não têm espaço para elas, e você conhece o meu pai... não consegue se livrar de nada. Não posso negar isso a ele. Deixe aí, está tudo embalado, e o galpão é enorme. Por que se preocupar com isso?

Ben cedera, como geralmente fazia com ela. Sabia que era mandona e que sempre acreditava estar certa, então ele achou mais fácil simplesmente concordar, manter a paz e deixá-la comandar; preferiu mergulhar no trabalho, a distância entre eles aumentando com o passar dos anos.

— Você não se importa se estou aqui ou não — disse ele. — Você vai fazer as coisas do seu jeito, de qualquer maneira.

As discussões tinham começado e, no fundo, ela sabia que Ben estava certo. Por vezes, Ruby queria uma companhia, alguém para ajudá-la a tomar as decisões difíceis, mas não era mais ele quem ela queria. A distância ficou grande demais. Tentaram terapia e se mudaram para longe, mas se afastaram mais e mais. Ben se apaixonou por outra mulher e se encontrou com ela por um tempo antes de contar a verdade.

Em um primeiro momento, Ruby ficou com raiva. Odiou o marido por tê-la traído. Como poderia estar com outra pessoa, amando e transando com ela, olhando para ela como um dia olhou para a esposa? Mas, sensata como sempre, foi honesta consigo mesma. No fundo, sabia que o tinha afastado.

Ben tentou conversar com ela, planejar viagens românticas nos fins de semana, comprar flores e fazê-la diminuir o ritmo no trabalho. Mas ela estivera ocupada; independente demais e envolvida com o trabalho.

O término, há cinco anos, foi amigável. Ela ficou na casa enorme - comprou a metade dele e tudo o mais que tinham dividido. Na última vez em que ele foi buscar alguns dos pertences, sentaram-se, conversaram e dividiram uma garrafa de vinho.

Ben se abriu quanto ao que sentia.

— Fomos apaixonados um dia, Ruby. E foram anos bons. Compartilhamos tanto... — Observando-a, percebeu que conhecia cada milímetro do rosto dela, e pensou quanto seus olhos pareciam tristes sem o brilho habitual.

— Foi bom, Ben. Tenho um montão de lembranças fabulosas e não me arrependo do tempo que passamos juntos, mas me arrependo do que nos tornamos no fim. Agora, sei que a pessoa que me tornei contribuiu para isso.

— Você tem uma alma linda, Ruby. Tem tanta compaixão, quer sempre ajudar os outros... é uma pessoa muito melhor do que eu. Realmente espero que encontre felicidade, porque merece ser amada.

— Obrigada, Ben. — Ela o beijou com gentileza na bochecha, triste por essa parte da vida estar acabando e por, hoje, ser o capítulo final de sua vida de casada.

Ficou sentada no mesmo lugar por um tempão depois do carro pesado dele ter saído da garagem. Estrelas começaram a encher o céu, e a umidade da noite girou ao redor, assim como os pensamentos em sua mente. Havia uma tristeza pesada, mas um fardo desaparecera. Quando perderam o amor um pelo outro? Como ela tinha deixado isso acontecer?

Isso foi há quase cinco anos. Ben se mudou para a casa da nova parceira - Sue, uma professora que escolheu ficar em casa e cuidar dos dois filhos. Ruby odiava admitir, mas Sue parecia ser uma pessoa genuinamente boa. Tinham se encontrado algumas vezes ao longo dos anos, e Ruby ficou surpresa com quão bem lidou com os encontros todas as vezes que seus caminhos se cruzaram.

As crianças eram adoráveis, e Ben... ela precisava admitir, parecia relaxado e contente. Sempre conversava animado com Ruby, e Sue sorria. Ela nunca dizia muito, e Ruby se perguntou se se sentia culpada. Afinal de contas, tiveram um caso quando Ruby ainda era esposa de Ben. Sue parecia não se importar quando Ben conversava com a ex-mulher, nem quando lhe passava uma das crianças para segurar.

Obviamente, estavam muito felizes juntos, e ela sabia que Ben tinha encontrado o que desejava. Ele seguiu em frente e tinha uma vida muito diferente da que compartilhavam por tantos anos.

Depois de ter conversado com ele recentemente, ela se questionou: não havia nenhuma animosidade, nem ressentimentos, então por que vê-lo a chateara? Ela estava bem, sempre foi capaz de se virar sozinha e, com certeza, não o amava mais. Sua carreira estava no ponto em que Ruby queria,

tinha amigos com quem viajar, uma casa linda. Então por que sentia que havia algo faltando? Sentia-se absolutamente feliz apenas quando estava com os pais - os três juntos.

Depois da morte da mãe, passou ainda mais tempo com o pai. Fizeram viagens de carro juntos, dirigiram por Nullarbor, visitaram o oeste da Austrália e voltaram pelo norte. Ela o convenceu a entrar num avião, e foram a Europa, onde ela os levou pelo interior, acompanhando costas acidentadas e os Alpes. Exploraram cidades antigas e vilas suspensas em penhascos íngremes pela França, Alemanha, Áustria, Bélgica, Holanda e Escandinávia antes de seguirem ao Reino Unido e explorarem a Escócia, a Inglaterra e a Irlanda.

Francis amou cada minuto daquilo. Tinha interesse nos diferentes modos que as pessoas viviam, e a realidade do interior e das cidades estava distante de tudo o que ele tinha visto na vida.

— Nunca achei que fosse sair da Austrália — disse ele. — Quem teria imaginado? Eu me pergunto o que sua mãe teria achado disso - dirigir do lado errado do carro. Ela, com certeza, não teria entrado naqueles aviões gigantes. — Ele ainda falava sobre os lugares que tinham visitado, as vistas que apreciaram. No final da viagem, Francis estava pronto para voltar para casa... e voltou todo feliz para a sua vida no condomínio cheio de aposentados.

Por outro lado, Ruby sentiu-se incerta depois das viagens. A casa era tão grande que precisava contratar pessoas para a limpeza, tinha tantos banheiros que parecia sufocá-la. O gramado impecável e os jardins quadrados e organizados, cheios de plantas que combinavam, simetricamente posicionadas, passou a irritá-la. Não tinha certeza do que queria exatamente.

Então..., um dia, foi convencida por um corretor, que conheceu no casamento de um amigo, a dar uma olhada na casa que estava tentando vender. Não tinha certeza se ele estava interessado em conhecê-la melhor para que pudesse chamá-la para sair ou se queria apenas vender a propriedade. O encontro não foi um sucesso, mas as habilidades de venda dele, coincidindo com a agitação dela, resultaram em um acordo para dar uma olhada na casa que ele apresentou como “o sonho de qualquer restaurador”. Ela não gostava muito de restaurar nada; todas as casas em que tinha morado Ben eram novas, ou quase novas. Quando algo precisava ser consertado, contratavam alguém. Por que perder tempo quando outra pessoa poderia fazer isso?

Joe, o corretor - também o pior beijoqueiro do mundo - fora perspicaz e a convencera a dar uma olhada na casa no melhor momento possível: enquanto o sol nascia sobre as montanhas ao Leste, jorrando sua luz majestosa sobre a vegetação. Ela ficou sem fôlego com a vista e, a partir daí, viu tudo como se através de uma lente cor de rosa: as árvores, o pasto, a quietude do lugar, o isolamento. Assim que repousou os olhos na entrada suja, serpenteando debaixo de árvores enormes, a propriedade estava vendida. Amou a casa - os terraços amplos, a proteção de latão em cima das janelas com vidro colorido e o telhado vermelho cor de ferrugem.

— Os degraus podem ser facilmente consertados — garantiu ele. — Junto com as outras partes quebradas da casa, nada que um martelo e alguns pregos não resolvam — complementou.

As árvores na frente da propriedade eram altas e proviam sombra, e ela se imaginou sentada ali, lendo e bebericando vinho. As possibilidades eram infinitas.

Joe disse que havia outras construções ao redor, e ele a mostrou a que havia ali perto - um pequeno galpão abandonado, com uma porta que rangia pendendo nas dobradiças. Dentro, havia animaizinhos se movimentando, fugindo para os cantos escuros. Ele garantiu que não eram ratos.

— Devem ser gambás — disse ele.

— Mas os gambás não gostam de ficar no alto? Não me lembro de ter visto algum correndo no chão. Parecem ratos para mim, mas não importa. Amei o galpão. Daria para mudar algumas coisas, transformá-lo numa cabana. Tem um banheiro nos fundos. — Ela apontou para um grande chuveiro enferrujado, pendurado no tronco de uma árvore. — E olhe! Tenho certeza de que era usado para isso mesmo antes. — Ruby imaginou o velho galpão reformado. O pai poderia vir e se hospedar ali, talvez... pudesse viver com ela.

Joe se voltou para Ruby e disse, em sua voz mais convincente de corretor:

— Então o que você achou? — Ele disse mais alguma coisa, que se perdeu no ar. — Investimento... Dinheiro... barganha... usada... portfolio... segurança...

Ela o interrompeu:

— Eu amei, apesar de estar bastante acabada e ter muito o que fazer. Mas posso dar um jeitinho e contratar algumas pessoas para cuidarem do trabalho mais pesado.

— A eletricidade e a água estão funcionando, os donos acabaram de consertar isso, então você já pode se mudar.

Ruby fez uma oferta. No dia seguinte, o contrato foi assinado. A casa era dela.



ARRASTANDO OS PENSAMENTOS de volta ao presente, sorriu ao se lembrar do dia em que comprou a casa e, subsequentemente, com gentileza, livrou-se de Joe, o corretor.

— Saúde — disse ela, em voz alta, brindando a taça de vinho contra a madeira grosseira do lado de fora da casa. O vento assobiava através das árvores, e ela sorriu, com a vista imaculada deixando-a sem fôlego. Perguntou-se se, algum dia, acabaria se acostumando com a linda visão da maneira com que as montanhas cresciam, adentrando a névoa baixinha que se assentava em todo o chão do vale. Praticou os nomes: Mount Tibrogargan, Mount Tibberoowuccum. Não era de se surpreender que a região - especialmente as montanhas - tivessem uma importância significativa para os aborígenes. Sentiu quando observou o lugar: havia algo espiritual, tranquilizador, uma presença reconfortante que se espalhava pelo lugar e se movimentava suavemente pelos galhos das árvores, crescendo afiada e dramaticamente pelas encostas das montanhas. Respirando fundo, fechou os olhos, sentindo-se contente e em paz pela primeira vez em anos.

O CHEIRO DE TINTA perdurou na casa, acompanhado pela voz de Freddie Mercury, que bramava do rádio. Todas as janelas estavam tão abertas quando possível. A brisa fluía pela casa, refrescando a umidade do verão. Lonas e cobertores cobriam os móveis e o chão onde Ruby estava, no meio do quarto principal, analisando o cômodo recém-pintado. Seus braços doíam, e o rolo e a lata estavam no chão, enquanto ela esperava a energia voltar. O pai tentara convencê-la a contratar um pintor.

— Não seja tão teimosa — disse ele. — É um trabalhão, e você tem dinheiro suficiente. O resultado vai ser melhor. Você não faz ideia do quanto difícil é pintar tetos e paredes, ainda mais nesse lugar velho.

— Estou em forma e sou jovem. Além disso, vai ser uma conquista se eu conseguir fazer sozinha.

— Erga os braços. Sim, isso mesmo. Os dois. Agora, fique com eles aí pelo tempo que conseguir. — Ele riu quando a filha admitiu que não demorou muito para os braços doerem. Mas isso não a impediu; como sempre, estava determinada e queria fazer tudo sozinha. Agora, enquanto olhava ao redor do cômodo, sentiu como se tivesse conquistado algo. Mas o corpo doía. Cinco dias de pintura, e os braços pareciam prestes a cair, as pernas latejavam com o subir e descer na pequena escada, e as costas e a barriga... bem, parecia estar tudo machucado. *Acho que fiz um treino dos bons*, pensou ela. *Melhor do que ir à academia*. Talvez pudesse pagar um pintor terminar o resto, considerando que ainda faltava pintar a maior parte da casa.

Olhando as janelas basculantes com atenção, percebeu que tinha derramado gotículas de tinta no vidro enquanto pintava as paredes ao lado. Precisaria voltar e gastar mais tempo em certas partes da casa, em lugares que já tinha limpado. Irritada com a imperfeição do trabalho, seguiu para o frescor do ar do lado de fora.

Sair era sempre revigorante. Apesar do corpo ainda parecer ter sido atropelado por um trator, enquanto lavava o rolo e os pincéis, cantou baixinho junto com Freddie, imaginando se - como a mensagem na música -

estaria realmente fugindo da realidade. A letra combinava com seu humor e propósito, e logo estava cantando a plenos pulmões. O passarinho empoleirado no corrimão do terraço inclinou a cabeça para ouvir.

Sentindo-se revitalizada, deixou os equipamentos secando na grama e dobrou as lonas e cobertores com cuidado, guardando-os. *Eu consigo*, pensou ela. *Eu consigo fazer qualquer coisa*.

— Um cômodo pronto — disse, em voz alta.

Mergulhou na rede, posicionada para ter a melhor das vistas enquanto se balançava, indo e vindo. Ruby adormeceu. As nuvens continuaram em movimento, e a brisa fresca enviou-a de um estado de exaustão a um sono profundo.



O BARULHO DO TELEFONE tocando a fez abrir os olhos, e ela se esqueceu, por um momento, de onde estava. Balançando a cabeça, percebeu que havia colapsado na rede. E, sim, aquele era o seu telefone tocando, talvez pela segunda vez... pode ser que tenha ouvido um toque no sonho. Levantou-se num pulo e entrou, as dores esquecidas até começar a se mover.

Sentou-se numa cadeira perto do balcão onde o telefone estava. As pernas doíam como se tivesse corrido uma maratona.

— Alô?

— Oi, Ruby. É o Ben. Sua voz parece um pouco cansada. Sinto muito, fiz você correr?

— Oi, Ben. — Ela riu. — Estava pintando algumas coisas... e estou um pouquinho dura e dolorida. Não sei como meu pai conseguiu trabalhar tantos anos com construção.

Ele também riu, a brincadeira familiar aos dois.

— Eu sei, movimenteí um pouco de terra outro dia, com o carrinho de mão, e parecia que tinha me esticado todo, como um macaco com braços longos.

— Acho que vou contratar alguém para terminar o resto, para fazer o trabalho direito. Mas não vou contar ao meu pai. Ele tentou me obrigar a fazer isso desde o começo.

Ben perguntou como o pai dela andava, e conversaram por um tempinho.

Ruby estava curiosa pela razão por trás da chamada. Ele tinha ligado apenas algumas vezes ao longo dos anos e, geralmente, era para resolverem algo em relação ao acordo.

Por fim, ele chegou ao motivo da ligação:

— Ruby, acha que poderíamos nos encontrar para tomar um café? Tem algo que eu gostaria que discutíssemos.

— Ben, tudo bem? As crianças, Sue?

— Ah, sim. Não, tudo bem. Não é nada disso. É algo relacionado a um caso em que a nossa firma está envolvida. Acho que você pode se interessar, mas realmente não quero falar sobre isso pelo telefone.

— Sabe que não posso conversar sobre clientes, Ben.

— Eu sei, isso também vale para mim. Mas, bem... que tal nos encontramos, e eu a atualizo? Acho mesmo que vai se interessar.

— É claro, com certeza. — Ela pensou no que já tinha planejado. — Vou ver o papai na sexta. Ainda estou de férias, então tenho um tempinho por ora.

— Seria ótimo. Que tal às 11h, no Bistrô na Main?

— Tudo bem, vejo você, então. Bem... Sue não liga de você me encontrar, liga?

— Não, tudo certo. Já conversei com ela, e tudo bem.

Que bom que foi honesto com ela, pensou Ruby, sentindo uma pontada de ciúmes.

— Ótimo, vejo você na sexta.

RUBY EXPERIMENTOU TRÊS roupas diferentes antes de escolher a melhor delas. Por que estava tão nervosa? Sempre se sentiu confortável perto de Ben, mas não havia mais nada entre eles. Olhando no espelho, penteou o cabelo, deixando-o cair livre pelos ombros. Ben sempre gostou de uma aparência mais estruturada e organizada, com o cabelo preso, unhas pintadas e roupas imaculadas com sapatos e bolsa combinando.

Quando olhou para seu reflexo, foi surpreendida com a diferença em sua aparência desde que se mudara para ali. O cabelo marrom e ondulado chegava ao meio das costas, e um pequeno grampo segurava um dos lados atrás da orelha. O rosto, os braços e as pernas estavam bronzeados pelo trabalho que andara fazendo do lado de fora. As unhas continuavam curtas, mas bem cuidadas e sem nenhum sinal de esmalte.

Espreguiçando o corpo, analisou-se no espelho de corpo inteiro, sorrindo para si mesma. O traseiro bem redondo era maior do que queria que fosse, mas, felizmente, a cintura ainda era pequenina; tinha um corpo de ampolheta, com pernas longas e esguias. O vestido larguinho e cheio de cor que escolheu delineava a silhueta. Agachou-se, resmungando com as dores pelo corpo, enquanto amarrava a tira das sandálias casuais e habituais.

Até que estou bem, pensou consigo. Era engraçado que não precisasse de toda a maquiagem nem das joias pesadas que costumava usar. Talvez, logo, começaria a se parecer com uma hippie, o que acabaria combinando com a região. Era estranho se arrumar. *Só Deus sabe como estarei quando voltar a trabalhar*, imaginou. Ao redor da casa, vestia apenas o menor dos shorts, uma camiseta sem mangas. Tinha começado a deixar o sutiã de lado. *O que está acontecendo com você, senhorita Compostura e Adequação?*

Olhou para o quarto e ergueu as sobrancelhas ao ver tudo que ainda estava fora do lugar.

Apesar da cama ter sido arrumada, com os lençóis tão bem presos quanto os de um hospital, a cadeira no canto tinha roupas em cima, e livros e papéis estavam espalhados pelo chão. As sobrancelhas subiram ainda mais. Os livros não estavam nem mesmo empilhados; estavam, isso mesmo,

despejados. Rindo consigo, percebeu que a ideia da bagunça nos quartos não a incomodava. Na verdade, até gostava disso. A casa parecia habitada, confortável e tranquila. Isso a lembrou do lar que tivera na infância.

Naquela época, sempre havia jornais espalhados pela mesa da cozinha, itens empilhados no chão, e os sapatos ou uma camiseta do pai ficavam largados em um canto. A mãe sempre tinha sido limpa, mas não muito organizada. Por isso, a casa sempre foi relaxada; ninguém precisava se preocupar quando recebiam visitas, pois todo o mundo sempre gostava de aparecer - sentiam-se descontraídos, em casa.

Como ela se tornou tão estruturada, ordenada? Por que sempre precisou do controle?

Agora, a vida tinha mudado. Pensou nesse lugar, na casa, no quintal com grama alta e árvores, enormes e rebeldes, que jogavam folhas e galhos para bagunçar o chão. Os arredores desgrehados a acalmavam, e as preocupações tinham desaparecido. Podia ser ela mesma, ou quem quer desejasse ser. Gostava disso - desse novo estilo.

Seguindo pela trilha íngreme, sentiu-se viva, como se algo tivesse mudado na brisa. Algo grande estava prestes a acontecer. Ela estava no controle. Sobre o que Ben queria conversar com ela? Dinheiro? Família? Em mais ou menos uma hora, descobriria.



SENTADA EM FRENTE a Ben, viu os olhos dele avaliando-a.

— Uau — disse ele. — Está ótima, parece uma pessoa diferente.

— Obrigada, Ben. Você também parece ótimo.

— Não, Ruby. Quero dizer, você está linda *mesmo*. Os anos lhe fizeram bem. Andou malhando? Parece estar em forma.

Ela riu alto, a risada contagiante da qual ele se lembrava muito bem.

— Eu disse que andei pintando algumas coisas. Na verdade, não parei desde que comprei a casa nova. Estive trabalhando no quintal e na propriedade. Até subi no telhado para arrumar a calha.

— Nunca teria feito isso antes.

— Eu sei. Não sei quando me perdi - há prazer na simplicidade, nas coisas mais importantes da vida.

— É verdade. Você e eu nos perdemos em nossos trabalhos, dinheiro... todas as coisas supérfluas.

— Perdemos a noção da realidade. — Ruby soou melancólica; viveram tantas coisas juntos. — Meu pai tentou abrir meus olhos muitas vezes ao longo dos anos. Sempre jogava algum verde. “O dinheiro não é tudo, Ruby Rose.” “Isso não vai fazê-la feliz.” Ainda escuto a voz da minha mãe... “Precisa mesmo de uma casa tão grande? São apenas mais banheiros para limpar. Olhe o quanto éramos felizes enquanto você crescia... e tudo que tínhamos era aquela casinha. Sabe, Ben... eles estavam certos.

O ex-marido olhou para baixo, sua voz soou num sussurro:

— Não vamos remoer o passado, Ruby. Foi o que foi, e estamos felizes agora. Você está feliz, não está? — Ele a encarou.

— Estou, Ben. Nos últimos meses, desde que comprei a propriedade, tenho realmente me sentido em casa. É como se eu tivesse uma conexão com onde moro e com o que faço. Estou perto do meu pai, e ele sempre passa um tempinho comigo. Ele é a pessoa mais importante na minha vida.

— Ele é ótimo, não é? Eu o encontrei algumas vezes. Da última vez, Sue e as crianças estavam comigo. Percebi que ele ficou verdadeiramente feliz quando me viu e por ter sido apresentado a minha família. Eu respeito tanto os seus pais... acho que Francis nunca me perdoou pelo que fiz.

— Ele sabe, Ben. — Ruby fez uma pausa. — Eu contei. Ele sempre soube que existiram dois lados nessa história.

— Obrigado, Ruby.

— Mas por que estamos aqui? Preciso admitir que você me deixou curiosa. — Ela tomou um longo gole de café.

— Bem, por onde começar... — Ele abaixou a voz. — Você se lembra, há anos, quando um político foi preso por abuso de menores? Você disse, na época, que o conheceu quando mais nova. Era seu vizinho, ou algo assim. Ele foi para a cadeia. Por pouco tempo, mas saiu de circulação.

— Mike Carlon.

— Sim, ele mesmo. Bem lembrado.

— Ah, eu nunca esqueceria o nome dele. Era o tio da família vizinha. Não morava com eles, mas passava bastante tempo lá. Havia uma pequena construção no quintal, onde ele se hospedava quando chegava para passar um tempo.

— Ele foi acusado de abuso infantil no fim dos anos 1980. Houve uma menção a isso nos jornais, mas foi tudo abafado. Lembra?

— Sim, com certeza — disse ela. — Pedi para você dar uma olhada, descobrir o que tinha acontecido. Você pesquisou qual foi o resultado, acho que disse que foram alguns meses na prisão? Acho... naquela época, você parecia acreditar que havia algo estranho acontecendo, como se algo tivesse sido encoberto ou algum dinheiro tivesse sido repassado.

— Ele tinha alguns amigos do alto escalão, tanto na política quanto no departamento de justiça.

— Preciso de outro café — informou Ruby. — É cedo demais para vinho, certo?

Ben olhou para o relógio antes de acenar para um garçom ali perto.

— Que tal um almoço leve com uma taça de vinho? Temos muito sobre o que conversar.

Ruby comeu rapidamente e a grande taça de vinho cumpriu a missão. A simples menção a Mike Carlon deixou seus nervos à flor da pele. Às vezes, lidava com um caso de abuso de menores no trabalho, trabalhando com as crianças envolvidas. No entanto, na maioria das vezes, aconselhava adultos que tinham sido abusados quando menores. Pelo menos, hoje em dia, as crianças pareciam abrir a boca, contar a alguma pessoa, e os pais tomavam alguma atitude, denunciando o que aconteceu e, muitas vezes, procurando a ajuda de alguém como Ruby. Então, ela os ajudava a lidar com uma família destruída; comparecia a sessões penosas nos tribunais e os auxiliava a enfrentar o criminoso que, na maioria das vezes, era um parente.

— Tudo bem, continue. — Olhou para ele sobre a taça.

— Bem, são dois assuntos. Duas questões diferentes, mas conectadas.

Ruby se inclinou, toda a sua atenção agora focada em Ben e no que ele estava prestes a dizer.

— Entrevistei um homem outro dia. Ele foi preso muitas vezes, com acusações de roubo, assalto e outros crimes habituais. Anos antes, conheceu um homem na cadeia - um político, com acusações de abuso infantil. Disse que o político não ficou ali por muito tempo, que precisaram prendê-lo numa solitária para o proteger dos outros presos. O homem com quem conversei fazia alguns favores pagos para o abusador, andavam juntos. — Ben ergueu a sobrancelha. — Meu informante me contou coisas interessantes sobre esse político, coisas sobre as quais o homem se gabava. Disse que o nome dele era Mike Carlon.

Ruby perdeu a voz enquanto Ben continuava a revelar os detalhes das informações confidenciais. Balançou a cabeça apenas algumas vezes, com os

olhos arregalados. Ouviu com atenção, e seu rosto retratou o choque.

— Inacreditável. Mas, quer saber? Pode ser verdade.

— Tem mais. Mike Carlon foi acusado de outras coisas. — Ben começou a sussurrar. — Foi acusado de molestar duas meninas. Pelo que ouvi, eram amigas da família. O problema é que o pai das meninas é um empresário muito rico, então acho que Carlon não conseguiu suborná-lo. Desta vez, não conseguiu se safar. Li alguns dos documentos. Não estou cuidado disso pessoalmente, mas era bem sério. O que ele fez com elas... a merda foi feia.

— Pobres garotas... — disse Ruby. — Ele é um canalha. Cristo, sempre o odiei. Espero que esteja preso, e que tenham jogado a chave fora. Que criatura vil.

Ben tomou um gole generoso do vinho, com os olhos focados nos de Ruby.

— Esse empresário, o pai das duas garotas, foi mais fundo - ou melhor - sua equipe jurídica foi mais fundo, porque realmente queriam acabar com Carlon, pressionar ainda mais, mesmo ele estando preso por ter molestado as meninas. O pai quer o sangue do criminoso. Contataram outra vítima do passado. Acho que você a conhece. Costumava ser Theresa Carlon, mas tem outro sobrenome hoje. Li que é sobrinha de Mike Carlon.

Ruby cobriu a boca com a mão.

— Ah, meu Deus, sim. Theresa é sobrinha dele. Era um pouquinho mais velha do que eu, filha mais velha da família vizinha. Não posso acreditar... depois de tanto tempo...

Ben continuou:

— Lembra, anos atrás, quando você me contava sobre os Carlon, a família vizinha? Você disse que ele abusou da irmã mais velha e de outra garota que morava na mesma rua.

— Não, a outra garota foi um caso diferente. A culpa era do avô maldito, um problema completamente diferente.

Ben tomou um longo gole de vinho, esperando Ruby continuar.

— Mike Carlon era horrível, maldoso. Era todo pomposo, amava todas as mulheres. Num primeiro momento, pensamos que era apenas isso. Uma aparência estilosa e o dom da conversa fiada. E, é claro - a Mercedes preta e todos os contatos. Pensando melhor, estava mesmo abrindo caminho para uma carreira como político. Mas era um canalha, e a pobre Theresa... sofreu anos de tormento por culpa dele.

Ruby vislumbrou os acontecimentos que testemunhou do quintal. Bília subiu em sua garganta, e tomou outro gole de vinho para afastar as lembranças de Theresa e do quanto aquela construção no quintal era isolada.

— Enfim, o caso vai voltar ao tribunal — disse Ben. — Carlon ainda estava na política antes da última acusação e tem algumas conexões, mas não como antes.

— Era de se esperar que o pai das meninas fosse cuidadoso ao lidar com ele. Por conta dos crimes passados... — disse Ruby.

— As acusações do passado deixaram uma marca, e muitos dos amigos o deserdaram. Mas, com o tempo, as pessoas esquecem, e as novas amizades não sabem nada do passado.

— Quer saber? — Os olhos de Ruby flamejaram. — Nada disso teria acontecido se aqueles idiotas tivessem feito algo vinte anos atrás. Todo o mundo sabia - os policiais, a escola, até mesmo a porcaria do padre. Meu pai tentou convencê-los, na delegacia, da surra que o irmão mais novo recebia. Mas não quiseram saber disso. Eram todos amigos, parceiros de negócios. A merda de uma farsa. As meninas, Theresa e Lynette, tentaram conseguir ajuda, mas para quê? Theresa acabou em um internato, e Lynette voltou e sofreu mais. E eu sabia; soube por todos esses anos. Mas contei apenas para você.

— Por que nunca contou para outra pessoa? Me surpreende você não ter contado ao seu pai.

— Tínhamos um pacto, um pacto de silêncio. Fiquei sabendo disso em sigilo. E, pensando bem, acho que não teria feito diferença.

Ben olhou para o relógio e abaixou a voz.

— Tenho outros detalhes que o preso me contou. Deixei para te contar por último, porque é perturbador, e vou repetir apenas uma vez. — Ele se inclinou, murmurando. — Quero lembrar que, muitas vezes, esses homens mentem ou exageram, mas essa foi a informação que recebi: logo, vai acontecer outro julgamento com novas provas e acusações.

Ruby não conseguiu se mover. Os olhos transfixados no rosto de Ben, enquanto ouvia com atenção repetir o ex-marido a conversa que tivera com o criminoso, quem jurou que a história tinha vindo de Mike Carlon.

Quando Ben terminou, a cabeça de Ruby estava girando. Ela pegou o copo d'água e tomou grandes goles, tentando organizar os pensamentos.

— Está me dizendo que também vão acusá-lo de *assassinato*? — Sua voz soou trêmula, a mente se recuperando.

— Olhe, não posso dizer mais nada, mas com certeza eles têm um caso. O criminoso que entrevistei parecia convencido do que lhe foi dito sobre Mike Carlon. A informação foi repassada. Acho que é tudo o que tenho a dizer.

Ruby não sabia o que falar. Continuou sentada em silêncio enquanto o garçom limpava a mesa. Ben olhou mais uma vez para o relógio.

— Estão organizando o caso agora. Então, em algum momento, alguém pode entrar em contato com você. Sinto muito despejar tudo isso, Ruby, mas queria lhe dar algum contexto.

— Obrigada, Ben. Fico grata por ter me atualizado.

Ben se levantou para partir.

— Preciso ir. Tenho uma reunião às 13h. — Ele entregou um pedacinho de papel a ela. — São os contatos de Theresa. Parece que ela não tem um parceiro nem ninguém próximo para apoiá-la.

— Obrigada, Ben. — Ruby guardou o papelzinho na bolsa.

— Se não entrar em contato com ela, tenho certeza de que vai poder ler sobre o caso nos jornais. De qualquer maneira, achei melhor avisar. Lembre-se, eu não disse nada.

— Muito obrigada mesmo. Você é o único com quem conversei sobre isso.

Eles se abraçaram, e Ben lhe deu um beijo breve na bochecha.

— Você está ótima. Continue trabalhando pela casa, obviamente fez bem.

— Obrigada, Ben. Vejo você em breve. — Ela se virou e se afastou, a cabeça latejando com toda a informação que o homem tinha compartilhado.

DUAS CADEIRAS BAIXAS estavam uma ao lado da outra, os braços de madeira se tocavam. Foram posicionadas com uma visão para o jardinzinho organizado no quintal de Francis no condomínio de repouso. A cerca dos fundos estava coberta por uma variedade de vida de flores verdejantes; uma vinha rosa de buganvília se entrelaçava com o ramo amarelo de alamanda, jasmim cheiroso se elevava sobre os ramalhos; uma mistura de aromas e cores em um plano de fundo agradável para o gramado exuberante.

— Não é tão boa quanto a sua vista. — Francis tomou um gole da cerveja gelada, mas a espuma ficou para trás, acomodada no bigode grosso e grisalho.

— Mas é bonita, papai. Você sempre diz que não quer cuidar de ainda mais plantas. E...

Francis a interrompeu:

— Ruby Rose, não comece. Sei que posso ir morar com você. — Ele deu um sorriso caloroso para ela. — Gostei da semana que passamos juntos. Com certeza, é um belo lugar, mas aqui é o meu lar. Além disso, sinto a sua mãe aqui. Às vezes, acho que ouço a voz dela, principalmente quando não encontro os óculos ou o controle da televisão. — Ele gargalhou, olhando para o pequeno quintal. — Não é tão ruim assim, apesar da melhor parte ser o riozinho no final da rua. Tenho sorte de ainda conseguir caminhar até lá, não fica longe. Gosto de me sentar no banco e observar a água fluir, calma e lentamente. Tem vezes que vejo alguns barquinhos, pessoas pescando... — Francis olhou para os pés, de repente, com a voz triste. — Fico grato por você ter me atualizado sobre Mike Carlon. Cristo, sempre soube que ele era do mal, mas nunca percebi o quão ruim a situação era. Acha que podem chamar você para testemunhar?

— Acho que é só uma questão de tempo.

Francis se virou e olhou para Ruby, apoiando a mão grande e enrugada na dela sobre o braço da cadeira.

— Quando me sento aqui, consigo pensar nos anos que tive, Ruby Rose. Todos os anos maravilhosos com você e sua mãe. Eu sei que fui o homem

mais sortudo do mundo. — Ele secou uma lágrima.

— Pai, tudo bem? Por que está falando isso?

— Bem, estou ficando velho, sabia? Não vou viver para sempre. Quero que saiba o quão especial é, e o quão maravilhosos todos esses anos foram. O quanto fui sortudo por ter você e por ainda ter minha filha em minha vida quase todos os dias.

— Eu sei, papai. Eu sei.

— Eu sei que você e eu... não falamos sempre sobre essas coisas. Mas quero dizer... quero que saiba que eu te amo e que você foi a melhor filha que um pai poderia querer.

Ruby ficou de lado, tentando se esforçar para que as lágrimas não caíssem.

— Eu te amo, pai. A sortuda sou eu; fui eu quem tive a melhor infância. Você e mamãe me deram tanto amor, passaram tanto tempo comigo... as crenças com as quais me criaram, o fato de que sempre me disse que eu poderia ser quem eu quisesse...

— E se tornou quem você quis, não foi? Uma assistente social — disse ele. — E com múltiplos diplomas. Sempre soube que você era capaz de fazer o que quisesse com o seu coração bondoso, sempre querendo ajudar os outros. Fico feliz por você, Ruby Rose. Tem a carreira que queria, e é boa nela.

— É a minha vocação. Além disso, eu amo isso. Fique sabendo, ainda não recusei a nova oferta e tenho mais alguns meses para decidir. Estão no meio de uma renovação do escritório e disseram que era uma boa hora para eu tirar uma licença. Acho que vou esperar mais um pouco, talvez terminar a casa.

— E contratar um pintor.

— Sim, papai. Vou contratar um pintor para terminar a casa.

— Isso mesmo. — Ele assentiu. — Poderia fazer mais uma coisa por mim? — Ela se virou, preocupada. Não era do feitio dele soar tão melancólico. — Poderia pegar outra cerveja? Estava muito boa.

Ruby riu e não se demorou com duas novas cervejas geladas. Brindaram os copos.

— Saúde — disseram os dois, rindo em alto e bom som.

APESAR DE RUBY TER decidido entrar em contato com Theresa Carlon, não precisou tomar nenhuma atitude, pois o advogado de Theresa a contatou na semana seguinte ao encontro com Ben. Nessa manhã, os dois a fariam uma visita. O nome do advogado era Joe Biddich - Ben disse que ele era muito respeitado e que tinha sido bem-sucedido com os casos do passado. Ouviu um carro avançando pela trilha de terra. Desacelerou, como a maioria dos veículos fazia. Assim que entrou no túnel de copas; a sombra e o frescor dali seduzia os visitantes a apreciarem o efeito de dirigirem por um arco de lindas árvores.

Uma área no terraço sombreado da frente estava preparada, o café e os biscoitos, prontos. Foram seus nervos que a obrigaram a manter tudo em ordem. *O advogado ficaria com calor naquela camisa e gravata*, pensou ela, apertando a mão de Joe Biddich e indicando que se sentassem.

Theresa tinha se arrumado para a ocasião. Sua tentativa óbvia de melhorar a aparência com boas roupas não passou despercebida aos olhos afiados de Ruby. Tinha participado de julgamentos demais, observando as pessoas de ternos e gravatas - pessoas que, obviamente, nunca vestiram algo tão formal antes. Theresa parecia totalmente desconfortável na camiseta sob medida, pois a ajeitava sempre, alisando-a; inquieta, parecia prestes a arrancá-la. A camiseta cobria apenas metade da variedade estranha de tatuagens que enfeitavam a maior parte da pele visível nos braços e pernas.

Em comparação, Ruby usava roupas casuais. Uma saia transpassada e esvoaçante, combinada com uma camiseta cavada que dava a ela um estilo boêmio, acentuado pelo fio de pedrinhas brilhantes que tinha ao redor pescoço.

Theresa não se parecia em nada com a jovem que sonhava em se tornar enfermeira, que tinha trabalhado duro em casa, ajudando a mãe e cuidando de Sally. Linhas profundas se estendiam dos olhos, e sombras escuras debaixo deles marcavam a magreza do rosto. Os lábios estavam mais finos do que Ruby se lembrava, e numerosas linhas verticais se enrugavam acima da boca; ainda mais enquanto tragava incessantemente os cigarros. O advogado

atualizou Ruby quanto aos detalhes do caso contra Mike Carlon. Explicou as acusações de abuso infantil. Então, com cuidado, expôs os detalhes das acusações de assassinato. Ruby tinha conhecimento de alguns, apesar de não deixar isso transparecer e precisar emitir arfadas falsas conforme ele falava.

A voz de Theresa soou rouca:

— Você se lembra, Ruby? Não lembra? Você e Bobby eram melhores amigos. Aposto que ele contou. Deve ter visto as marcas nele, deve saber.

— O que aconteceu com a sua mãe? — perguntou Ruby.

— Ela morreu.

— E o seu pai?

— O canalha também morreu. Uma vez, contei tudo o que acontecia naquele galpão no quintal. Ele me deu um tapa, disse que eu era igualzinha à minha mãe - louca. Contei a algumas outras pessoas, ao maldito padre da igreja. Ninguém deu a mínima. — As mãos de Theresa tremiam, e Ruby imaginou se os cigarros eram a única substância que lhe servia de apoio.

— Hm — disse Joe, como se lendo a mente dela. — Provavelmente deveria saber que Theresa está lidando com uma toxicodependência, senhora.

— Por favor, me chame de Ruby.

Ele assentiu.

— Começou quando a colocaram num internato para garotas desobedientes em Brisbane. A vida era complicada, e tudo foi de mal a pior.

— Está tudo bem, Theresa. Trabalhei com muitos adultos e crianças em instituições parecidas. Posso imaginar pelo que passou. Acho que ouvi todas as histórias possíveis e sei que esses internatos são lugares horrendos - principalmente para uma jovem. E você não fez nada de errado.

— Obrigada, Ruby — disse Theresa. — Sabia que não iria me julgar. Você sempre foi gentil, sempre cuidou de Bobby. Teve uma boa família.

Os três ficaram sentados, em silêncio. A dor e os anos de abuso estampados no rosto de Theresa; seus olhos estavam vazios; seu corpo, magro e cheio de cicatrizes; sua mente, assustadiça, no limite. Ruby sabia que nada compensaria tudo pelo que ela passou.

— Theresa quer ir em frente com isso, Ruby — informou Joe. — Quer fazer parte das acusações contra Mike Carlon, porque estão tentando mandá-lo para a cadeia de uma vez por todas. Ele se deu bem há alguns anos e ainda tem um pouquinho de fama, mas, desta vez, precisa ficar preso por um longo tempo.

— É tão triste... as crianças merecem ter uma vida normal, não ser

machucadas. — Ruby se levantou e andou de um lado ao outro do terraço. — São as cortes, os juízes, as leis... esses canalhas precisam ficar presos. Mas parecem que são soltos, perdoados, ou que recebem uma sentença curta. Então, bem... todos sabemos o que acontece: voltam ao mundo do crime.

Theresa começou a ficar inquieta outra vez, beliscando um hematoma no braço. Percebendo que o encontro tinha sido longo o suficiente, Joe se levantou.

— Vou direto ao ponto da nossa visita hoje.

Ruby esteve esperando isso, então ouviu com atenção quando Joe explicou:

— Precisamos que nos ajude com algo.

— Com o quê? — questionou ela, hesitante.

Theresa se levantou, sacudindo as cinzas para fora do terraço.

— Precisamos que encontre Bobby.

— O quê? — Ruby ficou chocada. — Não tive contato com ele desde quando fugiu de casa, ninguém teve. Todo o mundo da escola diz que ele desapareceu. Pode nem mesmo estar morando na Austrália... ou, Theresa, precisa encarar a realidade - pode ser a única que sobrou da sua família. Acho que vieram pedir ajuda para a pessoa errada.

— Ele está vivo, tenho certeza — disse Theresa. — E ele pode testemunhar a meu favor. Ele viu coisas. Provavelmente, mais coisas do que contou a você. Também viu o que acontecia em casa. — Theresa estava chateada demais para continuar e começou a se afastar, descendo o declive gramado, admirando a vista.

Ruby se sentiu nauseada. Bobby não tinha contado tudo a ela?

Joe disse:

— Quantos anos você tinha, Ruby? Quando ele contou o que estava acontecendo?

— Ah, bem pouco — disse ela. — Provavelmente, onze ou doze anos. Pensando bem, acho que ele pode não ter me contado tudo. Naquela época, pensei que tivesse, mas, agora, acho que não.

Joe entregou uma folha cheia de texto a ela.

— Tentamos de tudo. A polícia não o encontrou, e fiz tudo que pude. Talvez você tenha mais chance, porque ele pode confiar em você. Seguimos todas as pistas, principalmente a que eu acabei de lhe dar, mas sempre temos o mesmo resultado - nada de Bobby Carlon.

— Duvido que eu tenha mais sorte. Faz anos... ele provavelmente não

pensou em mim desde que fugiu. A vida foi complicada para Bobby, e acho que deve ter tido mesmo fim que Theresa. — Os dois olharam para a mulher, que acendia outro cigarro. — Ou, não sei, pode não ter sobrevivido. Pode não ter sido vítima de abuso sexual, mas testemunhou tudo e não conseguiu proteger a irmãzinha.

— Vai nos ajudar? — perguntou Joe.

— Na verdade, gostaria de uma reunião com você — disse Ruby, com pressa, querendo acabar com isso antes que Theresa voltasse. — Gostaria de discutir algumas informações com você, em privado e assim que possível. Sobre a acusação de assassinato.

Joe ergueu as sobrancelhas.

— Claro, tudo bem. Aqui está o meu cartão. Você me deixou intrigado.

Ruby pegou o cartão, sorrindo para Theresa quando ela voltou para o lugar em que estavam sentados.

Theresa disse, alto:

— Preciso ir, as crianças estão em casa, então preciso voltar. Vai procurar o meu irmão, Ruby?

— Vou tentar. Vou tentar ajudar. — Ela abraçou a mulher agitada, segurando-a com firmeza até, por fim, os braços de Theresa a envolverem, o abraço devolvido.

Theresa a encarou.

— Precisamos prender aquele canalha. Quero justiça para nós três e para a minha mãe.

— Vou tentar. Darei o meu melhor.

Ruby ficou parada no terraço, observando o vale por um longo tempo depois que partiram, perguntando-se por onde começaria. Deveria mesmo fazer o que queriam? De qualquer maneira, estava envolvida - tinha noção de que, assim que se encontrasse com Joe, estaria bem no meio de tudo. Não haveria mais segredos; tudo seria revelado.

Desdobrando o pedacinho de papel que Joe lhe dera, ela leu:

Astral Station, via Boulia, Robert Carlon se registrou para trabalhar em novembro de 1975.

A data em que tinha se registrado na Astral Station era de vinte e cinco anos atrás, e onde raios ficava Boulia? Dobrou o papel no meio e olhou para as árvores, como se as respostas estivessem ali. É claro, não encontrou resposta alguma, tampouco sabia onde Boulia ficava. Quando caminhou lentamente de volta para casa, teve a sensação estranha de que logo

descobriria.

DURANTE A ÚLTIMA SEMANA, Ruby usou todas as estratégias de pesquisa que conhecia. Depois que se encontrou com Joe, viajou a Brisbane e vasculhou registros antigos, fez buscas por diversas agências e leu listas e mais listas de pessoas desaparecidas. Alguns dias nisso, e ela resolver ligar para a estação onde Bobby tinha se alistado para trabalhar.

Em um primeiro momento, Merlene - a senhora que era dona da estação - agira de maneira defensiva.

— Não posso simplesmente sair dando informações para qualquer um. Como sei se é uma pessoa honesta ou não? Alguém já ligou aqui sobre isso, e disse a ele que não conhecia o menino. Vocês, pessoas da cidade, provavelmente estão atrás dele por algo que ele nem mesmo fez. De qualquer maneira, não está aqui agora.

Ruby continuou falando com Merlene; sentia que a senhora sabia mais do que tinha deixado transparecer.

— Vamos, Merlene... foi há vinte e cinco anos. Com certeza, não vai machucar ninguém se me der alguma informação. Preciso conversar com ele.

— Por quê?

— Prefiro não dizer.

Merlene bufou.

— Mas ele não está encarcerado, prometo. É apenas uma questão de família, e precisamos da ajuda dele.

A mulher bufou outra vez.

Ruby não conseguiu nenhum outro avanço com a senhora teimosa. Então, seguindo seus extintos, concordou em pegar um avião e ir conversar com Merlene pessoalmente.

— Quando eu ver você, decidirei se quero falar ou não. — A mulher soara decidida.

Portanto, Ruby se pegou saindo do pequenino Cessna, de quatro lugares, numa pista empoeirada em Boulia. Antes de deixar a costa, discutira a viagem com Francis, ponderando a ideia ridícula de viajar ao pequeno distrito a cerca de uma hora de voo ao sul de Mount Isa. Disse ao pai que tinha a

sensação de que seria capaz de encontrar Bobby, e que encontrá-lo proveria uma conexão que serviria de apoio a Theresa e ao caso.

— Eu não posso não ir — disse ela, que agora sabia a maior parte dos detalhes e acontecimentos do passado distante.

Questionara a possibilidade de essa viagem revelar qualquer pista. Mas, como esperado, Merlene estava na propriedade onde um Bobby Carlon havia trabalhado há muito tempo... seria o mesmo Bobby Carlon? E Merlene saberia dizer onde poderia estar hoje?

Semicerrou os olhos sob o sol reluzente. Planícies vermelhas se estendiam para além de onde os olhos podiam ver; o chão de terra seco era quebrado ocasionalmente por uma pista ou estrada reta que levava a algum lugar - um lugar longe demais para ser visto. Manchas verdejantes eram raras, com apenas o ocasional agrupamento de árvores, debaixo das quais algumas vacas se abrigavam. A paisagem era impressionante; a terra que parecia não ter fim, esticando-se em direção ao nada, com apenas um moinho de vento e um pasto onde mais vacas se acumulavam, interrompendo a cena.

Merlene estava esperando o avião pousar, apoiada num velho Toyota enferrujado. Tinha se arrumado para a rara viagem ao centro - jeans recém passados, botas cintilantes e uma camiseta xadrez, tudo coberto pelo chapéu Akubra esperado. Um par de olhos azuis e interessados bisbilhotavam sob o cabelo cinza-escuro agrupado debaixo do chapéu. Seu aperto de mão foi firme, e Ruby pensou que as mãos calejadas pareciam as do pai.

— Meu marido Jack não conseguiu vir — disse Merlene. — Tinha trabalho demais. A terra secou, como sempre. Acho que você teve uma boa visão quando passou pelas cadeias de montanhas. Viu muito verde?

— Não muito — disse Ruby. — Tinha me esquecido de quão grande o deserto era. O céu parece muito maior aqui do que em casa.

Merlene levou Ruby ao bar na ampla rua principal.

— Australian Hotel-Motel — leu Ruby, em voz alta.

— Sim, pensei que seria um bom lugar para conversarmos. Pareceu perda de tempo levar você até a agência. Fica a três horas daqui.

— Fico feliz por você ter vindo, Merlene. Não sabia que era tão longe.

— Sem problemas, querida. Eu precisava vir de qualquer maneira. Você pegou um avião para isso, então espero que eu possa ajudar.

Ruby decidiu ser honesta com Merlene. Durante um almoço delicioso no balcão, com uma cerveja geladíssima, contou a mulher mais velha o que acontecera com a família de Bobby, e porque precisava conversar com ele.

— O tio! Que canalha! Adoraria apontar uma arma para a cabeça dele e puxar o gatilho. Mas isso não acontece apenas nos subúrbios, como onde cresci. Acontece em todos os lugares, pessoas de todas as origens. Acredite em mim, ouvi muitas histórias ao longo dos meus oitenta anos. Acho que, se você não experienciou nada disso, teve muita sorte.

— Eu sei. — Ruby assentiu, não querendo apressar nem pressionar Merlene quanto ao que sabia sobre Bobby, mas sabia que seu tempo era limitado e que voltaria para casa no dia seguinte. Tinha sido uma longa viagem, e estava incomodada com o fato de que odiava voar - ainda mais em um avião diminuto. Precisava saber se Merlene seria capaz de ajudar.

A garçõete serviu outras duas cervejas, e Merlene se reclinou na cadeira.

— Acho que o que você quer mesmo saber é se posso ajudá-la a encontrar Ringo. Ou Bobby, como você o chama.

— É urgente. — Ruby tirou uma fotografia em preto e branco da bolsa, mostrando a Merlene um retrato dela e Bobby tomando sorvete no terraço dos fundos. — Acho que aqui ele tinha doze, e eu, nove anos.

Merlene olhou por sobre os óculos, e o rosto se iluminou em um sorriso.

— É ele, minha querida. Impossível não reconhecer as bochechas. Ele era, claro, um pouco mais velho do que isso quando nos encontrou. Chegou na Astral Station em... — Ela tirou um pedaço de papel do bolso. — Novembro de 1975. — Ela apontou com o dedo curvado e artrítico para um nome na folha, em uma lista chamada: “Registro de trabalho.” — O nome dele era Robert Carlon. Mais tarde, pediu para que trocasse para Ringo Carlon. Não questionei. Ficou claro, quando chegou, que estava fugindo. Mas também ficou evidente — disse ela, ainda apontando para o nome — que ele era um bom menino. Se Jack estivesse aqui, lhe diria o mesmo. Gostamos dele desde o dia em que chegou. No começo, era quietinho, não consegui tirar muitas informações dele. Alguns de nós tentamos conversar sobre por que tinha vindo de tão longe até Boulia. Quero dizer... caramba! Não tem como se afastar da civilização. Mas ele se fechou. Tinha mentido sobre a idade, sabíamos disso; nos disse que tinha dezoito anos. Mas tivemos filhos e sabíamos que, na melhor das hipóteses, tinha uns dezesseis.

— Ele tinha quase dezesseis. O aniversário dele é dia 21 de dezembro e nasceu em 1959.

— Isso mesmo. — A senhora assentiu. — Sempre achamos que ele dizia ser mais velho do que era; acho que impedia as pessoas de fazerem tantas

perguntas. Tentamos fazê-lo ficar em casa conosco - gostamos muito dele, Jack e eu. Teríamos o assumido como filho, mas ele não quis saber. Morou numa casinha bem ao lado dos aposentos dos trabalhadores. Havia espaço suficiente com os outros, mas sempre preferia ficar sozinho. Não gostava de se misturar. O cozinheiro chinês que tínhamos... ele e Ah Ling se davam bem. Geralmente, ajudava na cozinha e sempre os ouvíamos rindo e conversando. Ah Ling, provavelmente, não entendia tudo o que Ringo dizia, e vice-versa.

Merlene fez uma pausa e tomou um longo gole de cerveja.

— Depois de mais ou menos um ano, ele pediu para ir com os rapazes. Naquele tempo, saíam a cavalo e passavam semanas, talvez meses, longe daqui. Arrumavam cercas, encontravam vacas perdidas, tudo enquanto sobreviviam às cobras, ao tempo, aos incêndios e ao isolamento. Era um trabalho difícil, principalmente para um juvenzinho da cidade.

Ruby estava gostando de ouvir histórias sobre o amigo de infância.

— Sim, ele nem mesmo teve um cavalo enquanto crescia.

Agora era Merlene quem estava gostando de receber toda a atenção de Ruby.

— Ele amava o trabalho. Acho que apreciava sair sozinho. Uma vez, ele me disse que o deserto era o seu lar, que sentia uma conexão e que nunca abandonaria o lugar. Tentei fazê-lo falar, pensando que, se conversasse sobre seus problemas, poderíamos ajudá-lo. — Merlene apertou os olhos. — Eu vi as costas dele. Tinha saído do banho - era um chuveiro do lado de fora. Deve ter esquecido do sabonete ou da toalha. Estava naqueles shortinhos. — Ela tomou outro longo gole da cerveja. — Ainda tinha aquelas perninhas magricelas, pernas de criança. Mas eu vi muito bem as costas dele. Nunca me esqueci. Cicatrizes por toda a parte; fez-me lembrar de fotos de presos e de escravos na América.

— O que aconteceu com ele, Merlene? — Ruby começava a se sentir exausta. Não tinha certeza se por conta do voo, das cervejas ou da quantidade de informações sobre alguém com quem ela um dia se importou tanto.

— Ele foi embora depois de uns oito anos. Nunca soubemos o porquê. Passou todos aqueles anos conosco... de vez quando, ele ia trabalhar em outro lugar. Uma vez, ficou longe por quase um ano, mas sempre voltava.

— Então, o que aconteceu?

— Bem, começou a ter algumas funções na cidade, intercalando o que fazia. Não muitas, fique sabendo. Levávamos ele aos rodeios, e ficava

sentado conosco no bar, mas não bebia muito. Era um cavaleiro, e as meninas o amavam. Era um rapazinho muito bonito, com seus vinte e poucos anos. Bronzeado, veias saltadas de todo o trabalho. Acho que acabou voltando algumas vezes. Diziam que ele e uma garota de alguma loja se gostavam. — Merlene fez uma pausa e acenou para a garota detrás do balcão, pedindo outra rodada.

— Ele teve alguma outra parceira antes disso?

— Não que tenhamos ficado sabendo — disse Merlene. — Mas foi isso o que aconteceu. Tudo certo num dia. Noutro, ele fugiu. Fez as malas e partiu de vez. Ah Ling o viu atravessar o portão com os dois cachorros. Ele me escreveu uma carta linda. Um rapaz tão querido... ele me agradeceu por tudo, disse que tínhamos sido bons e que não era culpa nossa. Era apenas hora de seguir em frente.

— E a garota da cidade? Ela fugiu com ele?

— Não, perguntei a ela quando me atendeu na cidade. Estava chateada, porque gostava muito dele, e ele parecia gostar dela, mas recebeu a mesma coisa que eu - nenhuma explicação, apenas uma carta e um adeus.

— Nada mais?

— Ela me disse que ele comentou sobre ir ao Território do norte. Queria dar uma olhada nas grandes propriedades de gado. Além disso, não sabia de mais nada.

— Para onde você acha que ele foi, Merlene?

— Acho que a garotinha da cidade estava certa. Acho que foi ainda mais para o norte. Ele não teria voltado para casa... estava sempre tentando se afastar ainda mais. Mas posso dizer uma coisa: acho que deve ter arrumado um emprego que o permitisse trabalhar com animais, porque tem um jeitinho especial com eles. Vimos isso muitas vezes aqui. Vira-latas que perdiam o controle e rosnavam para todo o mundo... bem, geralmente, atiraríamos e nos livraríamos do problema. Mas ele sempre os adotava, sempre tinha um vira-lata mais velho e um filhote para serem treinados. Tinha um jeitinho com os animais que mais ninguém tinha; conseguia acalmar um cavalo estressado, tranquilizar o animal. Conversavam até o bichinho estar se esfregando todo nele. Acho que foi para algum lugar isolado e com animais. Provavelmente, cavalos e cachorros. Com cercas, talvez. Era com isso que ele sabia trabalhar.

— Consegue se lembrar de mais alguma coisa, qualquer informação que possa ajudar?

— Se eu fosse você, seguiria para o norte. Acho que... perto da região

de Katherine, é para onde a garota da cidade pensou que ele tivesse ido. Tinha dinheiro o suficiente para isso, não que fosse precisar... algumas vezes, cuidei das finanças - ia até a cidade depositar alguma quantia para ele. Não gastava muito, porque não bebia como os outros.

— A conta bancária estava no nome de quem, Merlene?

A mulher pensou, seu rosto se enrugando enquanto visualizava a caderneta do banco.

— Lembro do nome no topo. Era um livrinho cinza. Commonwealth Bank. O nome era Ringo. Ringo Smith. Eu me lembro. O nome era diferente do que tinha me dado. Começou como Robert Carlon, então mudou para Ringo Carlon, mas o nome na caderneta era Ringo Smith.

— Lembra de qual filial era? Onde ele poderia ter aberto a conta?

— Talvez perto de Mount Isa. Não tínhamos uma filial aqui, então precisávamos mandar o dinheiro pelo correio. — O rosto de Merlene se iluminou. — Quer saber? Tenho uma amiga - Nora. Bem, ela costumava morar por perto, mas se mudou para Mount Isa há alguns anos. Ainda mantemos contato pelo telefone. De vez em quando, trocamos cartas.

Ruby esperou pacientemente, sabendo que agora tinha ouvido todas as informações locais sobre quem era quem antes dos detalhes importantes surgirem. Ficou sentada em silêncio, assentindo de maneira educada enquanto as informações sobre Nora e a família dela fluíam. Por fim, Merlene chegou ao que era importante.

— Bem, Ruby. Resumindo, Nora tem uma filha que trabalha no banco em Mount Isa. Aposto que ainda devem ter algum registro. Naquele tempo, era tudo manuscrito. Quem sabe? Pode valer a pena tentar.

NO DIA SEGUINTE, depois de uma boa noite de sono, Ruby se pegou entrando em outro pequeno avião e seguindo para a cidade maior de Mount Isa. Merlene ligara para seus contatos na cidade, e Ruby tinha um endereço onde se encontraria com Suzanne, neta de Nora.

Foi difícil se despedir de Merlene. Ela tinha tantas histórias para contar. Lembranças de Bobby que coincidiam com as memórias distantes de Ruby. Era estranho pensar nele com vinte e poucos anos, ainda mais como um homem de quarenta e dois. Tudo que conseguia visualizar era o menino magricela que tinha passado a infância no alto da casa na árvore com ela. Pensou em quão paciente ele deveria ter sido para aguentar uma garotinha mandona muito mais nova do que ele.

Suas mãos agarraram os braços do assento enquanto o pequeno avião pousava, as rodas aos saltos na faixa irregular de concreto que era a pista de pouso em Mount Isa. Uma rajada de vento quente a atingiu quando saiu e se despediu do piloto. Voltaria sozinha para casa. Suzanne riu quando Ruby contou a ela o quão animada Merlene ficara em ajudar a encontrar a conta bancária de Bobby.

— Na verdade, não podemos fazer isso — disse Suzanne. — Com as leis de privacidade e todo o resto, mas sei que você não quer o dinheiro dele. Além disso, nunca gostei de seguir as regras.

Passaram a manhã seguindo as pistas que Merlene dera a Suzanne pelo telefone na noite anterior. Não demorou para encontrarem o registro correto no grande livro de contabilidade manuscrito que mostrava as transações e o saldo de cada cliente.

Merlene tinha razão: a conta estava no nome de Ringo Smith. Suzanne mostrou a Ruby a data em que Robert Carlon tinha fechado a conta, quando mostrava um saldo de A\$ 2.513,85. Então, folheou as páginas e encontrou uma nova conta aberta no mesmo dia. O nome, dessa vez, era Ringo Smith, e a conta tinha sido aberta com o total de A\$ 2.513,85.

— Com base nas informações de Merlene, suporia que é a mesma pessoa, que agora tem o nome de Ringo Smith.

Ruby assentiu, maravilhada com a facilidade com que Suzanne folheava os grandes livros cheios de páginas cobertas de anotações e números; registros das atividades bancárias de cada pessoa num tempo anterior aos computadores ou caixas eletrônicos.

Suzanne acompanhou a linha de transações com o dedo.

— Aqui estão todas as vezes que ele sacou ou depositou dinheiro. Parece que guardava o que ganhava toda semana, veja como as datas são sempre cerca depois de sete dias. Sacava apenas pequenas quantias. Eu diria que ele era um bom poupador, especialmente para um jovem trabalhador de hoje. A maioria deles bebe tudo o que ganha ou perde tudo em jogos de cartas.

Ruby apontou para algo diferente escrito perto das transações: *Katherine, Camooweal, Kununurra, Weipa e Cooktown*.

— Ele foi a esses lugares?

— Sim, parece que ele se mudou muitas vezes depois de Boulia. Com certeza, não ficou parado. Essas transações foram feitas em agências de correio. Geralmente, apenas as cidades grandes têm uma filial do banco, e as menores têm agências nos correios. Deve ter preenchido um envelope verde para depósitos, ou vermelho para saques. As assinaturas ficavam atrás da caderneta bancária, visíveis apenas sob uma luz especial que a maioria dos correios tinha. Quando o identificavam, cuidavam do valor, somavam ou subtraíam, anotavam o saldo, carimbavam para oficializar a transação e entregavam ou recebiam o dinheiro. Esses formulários eram enviados de volta a Mount Isa, porque a conta dele ainda estava conosco. Um atendente do nosso banco preenchia o livro de contabilidade dele, garantindo que o saldo batesse com o saldo final escrito no formulário enviado. — Suzanne olhou por cima dos óculos. Com atenção, virou as folhas, procurando a anotação final no livro. — Acho que a última transação coincide com quando os computadores chegaram. Olhe, conta transferida para Cairns. Fim dos lançamentos e saldo.

— Cristo. Cairns? Por que ele não ficou num lugar só?

— Você não é daqui, é? — Suzanne sorriu, como se soubesse de algo. — Temos muitos andarilhos por essas partes. Por todo o Oeste, chegando ao Território e se estendendo além da Austrália Ocidental. Há milhares de quilômetros com nada, exceto desertos, grandes propriedades e pessoas que não fazem muitas perguntas. Se quiser se esconder de algo ou alguém, bem... é para lá que você deve ir.

Ela apontou para os nomes das cidades pelas quais Bobby passou.

— Sempre tem bastante trabalho para um jovem como ele. As pessoas estão acostumadas com os andarilhos vindo e depois indo quando querem. Nenhuma pergunta sobre o passado, nem sobre o presente.

— Obrigada, Suzanne. Você não faz ideia do quanto isso me ajuda. — Ruby levantou-se, pronta para partir. — Pelo menos, chegamos ao momento quando ele entrou no sistema de algum lugar. Quer dizer... se ele não trocou de nome outra vez. Mas não tem motivo para ter mudado, bem... não que eu saiba.

Suzanne fechou o grande livro.

— Eu diria que ele manteve o nome. Dificultaram a identificação para abrir uma conta num banco. Precisa-se de todo o tipo de documentação - como uma carteira de motorista, certidão de nascimento ou algum tipo de conta. Provavelmente, ele não tinha nada, senão a conta bancária com o mesmo nome, então poderia ter usado isso como identificação. Espero que o encontre, Ruby. Espero que ele não tenha se mudado para outro continente.

Ruby riu.

— Deus, nem cheguei a pensar nisso. Como se a Austrália já não fosse um território grande o suficiente para procurar. — Ela apertou a mão de Suzanne. — Entrarei em contato e avisarei como as coisas estão indo.

Suzanne ajudou Ruby com a mala ao ônibus que a levaria pelo estado até a cidade nortenha de Cairns.

— Boa sorte — disse ela.

— Obrigada, acho que vou precisar.

Ruby embarcou no ônibus, sentou-se e apoiou o rosto no vidro. As últimas luzes fraquinhas na cidade mineradora desapareceram na distância quando o ônibus iniciou a longa jornada em direção à costa.

A VISITA DE RUBY a Cairns não foi bem-sucedida. Conseguiu algumas informações sobre um Ringo Smith, que trabalhou temporariamente para o município como faxineiro num canil. Outra pesquisa relevou uma curta passagem numa fazenda de cana-de-açúcar no norte de Cairns, que durou alguns anos. Infelizmente, os donos tinham se mudado, e as pessoas com quem ela entrou em contato não conheciam ninguém chamado Ringo, nem Bobby.

Era quase como se tivesse dado num beco sem saída e, depois do sucesso de encontrar os registros e informações no Oeste, ela começou a murchar. *Era como procurar uma agulha no palheiro*, pensou. Obviamente, Bobby não queria que ninguém o encontrasse. E, com certeza, nunca procurou ninguém da família.

O problema era que, agora que tinha começado essa busca, não iria querer parar. Tornou-se mais uma necessidade de provar a si mesma que o encontraria, que suas habilidades de busca eram boas e que obteria sucesso. O velho lema do pai ressurgiu: “Quando se quer muito alguma coisa, você a consegue.”

Entretanto, precisava admitir, não havia motivo para ficar em Cairns. Seria melhor voltar para casa e continuar a pesquisa pelo computador. Apesar de, geralmente, isso levar mais tempo, pelo menos teria acesso a sites de busca que, com esperança, revelariam mais pistas a serem seguidas.

Completando o que parecia ser uma circunferência pelo estado de Queensland, ela pegou o trem Queenslander em Cairns de volta a Brisbane. Esbanjando um pouco, aproveitou o luxo de uma pequena cabine apenas para si mesma. Nada mais de voos por enquanto; desfrutaria da proximidade com o solo, movimentando-se em menor velocidade.

Deitada no beliche, Ruby observou a paisagem deslizar pela janela; montanhas escuras e plantações exuberantes de cana abriam caminho para regiões mais abertas do centro de Queensland. O sacudir e ranger do trem era calmante, e ela ficou deitada por horas aproveitando a vista. Observou as cores da paisagem, a maneira com que a luz da tarde iluminava as planícies.

A luz quente e laranja se estendia pelos pastos empoeirados até onde seus olhos eram capazes de ver.

Bandos de cacatuas voavam e acompanhavam o trem, e grandes cangurus pulavam sobre tudo que aparecia em seus caminhos, saltavam com facilidade sobre as cercas de arame farpado na pressa de fugir do trem barulhento e incômodo que atravessa o território deles.

Quando a escuridão chegou, ela observou as estrelas - tão brilhantes longe da iluminação da cidade. Seus olhos se fecharam, e ela dormiu tranquila. O trem balançava gentilmente enquanto a carruagem vermelha abria caminho costa de Queensland abaixo, em direção ao seu lar, em direção à casa na montanha.

RUBY TINHA VOLTADO há algumas semanas e, novamente, desfrutava do trabalho tanto dentro quanto fora da casa. Francis ficou com a filha na primeira semana, e ela gostou de tê-lo atualizado sobre a trilha que chegara a um beco sem saída em Cairns. Depois de Francis partir, ela recomeçou a seguir obcecadamente as pistas que descobrira até então. Usando a conexão lenta de internet, assim como visitas aos arquivos e à biblioteca estadual em Brisbane, agora tinha mais algumas evidências para analisar.

Ela ligou para Francis.

— Parece que vou ter de dar uma olhada numa propriedade bem ao oeste de Queensland.

Francis notou a animação na voz da filha. Então, sentou-se com o telefone, pois sabia que aquela seria uma conversa longa.

— Onde fica e como você vai chegar lá? — Estava intrigado com o empenho dela na busca por Bobby.

— É uma grande propriedade de gado, no Cooper Creek. Não vai ser fácil chegar, e demorei um tempinho para arrumar uma carona. Vou dirigir até Brisbane, depois pegarei um avião em Birdsville. Dali, outro avião menor até a propriedade. Conversei com o diretor da estação, e ele me ajudou a pensar no que fazer. Ele não gosta muito de conversa e não me contou tudo, mas disse que conhecia alguém chamado Ringo. Disse que, primeiro, teria que me ver para pensar melhor. Parece ser uma propriedade grande, com muitos trabalhadores que vêm e vão. Ele disse que eu poderia me hospedar no lugar, que tem espaço suficiente. Vou sair daqui amanhã, às quatro da manhã. Vou arrumar a mala agora.

— Qual pista está seguindo? É algo novo ou de décadas atrás? — Francis riu, balançando a cabeça com a persistência de Ruby.

— Não. É recente. Bem, de alguns anos atrás. Mas é uma foto de um grupo de vaqueiros - alguns apoiados numa cerca, outros em cavalos; um pasto cheio de gado. Tem algumas coisas escritas, sobre a seca, o preço do bife, condições desfavoráveis no terreno. — Ela estava estudando uma fotocópia do recorte de jornal, repassando os pontos mais importantes a

Francis.

— Como você sabe que é ele?

— Bem, não tenho 100% de certeza de que seja ele, porque tenho apenas os primeiros nomes. Mas tem um homem na foto chamado Ringo. Está de perfil, e não consigo ver nitidamente se é ele, mas parece ter a idade certa.

Ela esperou o pai responder antes de continuar.

— Sei que é um tiro no escuro, papai. Mas, por enquanto, é a única pista que tenho e preciso investigar. Além disso, tenho um pressentimento. O homem na foto... não posso ver o rosto, mas sinto que é ele.

— Se foi tirada há alguns anos, o que a faz pensar que ele ainda esteja lá?

— Sei que ele pode ter se mudado, mas você sabe como funciona... se eu não me encontrar pessoalmente com as pessoas que podem conhecê-lo, não vão querer conversar comigo. As conversas por telefone se mostraram inúteis. Acho que, se eu for, posso encontrar alguém que saiba onde ele está.

— Você está muitíssimo determinada a encontrá-lo, mas mesmo se o seu palpite estiver certo, sinto que ele não vai ficar feliz por ter sido encontrado.

— Theresa e a equipe legal dela estão me apoiando. Querem que Bobby testemunhe. O julgamento está se aproximando, e querem prender aquele canalha. Sabemos que Bobby é crucial para o caso. Além disso, prometi a Theresa. — Ruby suspirou. — Eu disse que o encontraria se ainda estivesse vivo.

— Um homem como ele que nunca sossegou... olhe o quanto você precisou investigar. Provavelmente, isso não passa da superfície da questão. Ele não quer o passado, Ruby Rose. Aposto que deixou tudo para trás.

— Eu sei. Olhe, eu não faria isso tudo se não achasse que fosse importante. E mais, acho que ele não tem uma escolha nesse caso - é uma testemunha importante.



RUBY VOOU PELA EXTENSÃO do sul de Queensland no dia seguinte, observando maravilhada pela janela do pequeno avião, enquanto os tons enevoados do amanhecer iluminavam as planícies da fértil Darling Downs. Avançaram ainda mais para o oeste; o sol surgiu acima do horizonte e o dia

acordou. A terra abaixo mudou dramaticamente: pastos ricos e lavouras verdejantes foram substituídos pela aridez do campo empoeirado.

A distância entre as cidades crescia, e as estradas ficavam cada vez mais retas e longas.

Segurou-se com firmeza enquanto o avião descia, circulando algumas vezes antes de se alinhar e, por fim, fazer um pouso atribulado na pista de Birdsville.

O único hotel na cidade ofereceu uma acomodação confortável, e ela aproveitou para relaxar nos quartos com ar-condicionado. Naquela noite, houve uma celebração barulhenta no bar ao lado - a típica conversa de bêbado, a ocasional garrafa sendo quebrada antes da noite terminar com uma cantoria desafinada pelos, obviamente, mais animados membros do grupo. As crises de riso a acordaram de um sono profundo, mas ela gostou da cantoria e sorriu consigo mesma ao som das pessoas se divertindo.

O coral de ressaca estava no café da manhã do hotel no dia seguinte. Sorriram e a cumprimentaram educadamente quando ela se sentou na mesa ao lado. Ela se apresentou e conversou com eles, comentando que pareciam ter se divertido na noite anterior.

O jovem mais perto dela disse que esperava que a barulheira não a tivesse impedido de dormir.

— Tínhamos acabado de voltar do baile — disse ele, com o típico sotaque do interior. — Uma festinha da região, mais adiante na estrada. — Ele apontou para o deserto vasto.

Apesar do grupo de homens estar com os olhos turvos, todos pareciam bem vestidos, e ela admirou o visual de vaqueiro - jeans desbotadas e camisetas quadriculadas, botas gastas de montaria e cintos grossos de couro.

A comida chegou, e Ruby e os vaqueiros rapidamente acabaram com o enorme desjejum de bacon, ovos e tomates. Os homens engoliram tudo com diversas xícaras de café. Passando por ela quando foram embora, fizeram uma reverência com os chapéus. O último deles se inclinou e deu uma piscadela atrevida diretamente para a mulher.

Terminando o café, ela sorriu. Fazia anos desde que tinha se importado com homens. O último fora o corretor que a dissuadiu por completo. Alisando o cabelo, lembrou-se de que ainda não tinha nem quarenta anos, não era tão velha assim. Com certeza, era agradável alguém lhe dar o mínimo que fosse de atenção. *Sujeito desaforado*, pensou ela, sorrindo e acenando para eles pela janela do restaurante.

A manhã passou rapidamente. Logo, viu-se embarcando em um avião ainda menor do que o do dia anterior. Esse transporte a levaria ao seu destino.

Para alguém que odiava voar, não estava se saindo tão mal. Sentiu-se bastante orgulhosa de si mesma quando o aviãozinho circulou a pista cheia de poeira antes de se alinhar e descer. Ruby sentia que tinha dado meia-volta ao mundo para chegar ali e ficou satisfeita por finalmente estar na propriedade. O movimento do avião freando num terreno acidentado a trouxe abruptamente de volta ao presente e ao que deveria fazer em seguida. Observou um carro passar, que estacionou ao lado do avião parado.

— Bom dia, Ruby. É um prazer conhecê-la — disse Dave.

Ela apertou a mão de Dave e de Edna Frost, os gerentes da vasta propriedade pela qual ela tinha viajado e, agora, pousado. Ruby ficou surpresa com o calor que pressionou seu corpo; a atmosfera seca e empoeirada era diferente do calor que havia experienciado em outras regiões do estado.

— Espere o vento soprar daqui a algumas horas, senhorita — avisou Dave. — Então, vai saber que está viva.

Ela nunca fingiu ser nada senão uma garota da cidade e uma habitante da costa.

— Acho que passei a maior parte da vida perto da costa; em lugares onde, geralmente, temos uma brisa marinha.

Quando chegaram na construção imensa, sentaram-se no terraço da casa principal. Gostou de conversar com o casal de meia-idade, que a questionou sobre o clima na costa. Então, contaram a ela sobre as grandes diferenças nas temperaturas e nas estações quando se vivia num lugar tão remoto quanto onde estavam agora.

— Faz quarenta e sete graus aqui, de vez em quando. E pode durar uma semana — informou David, com seu sotaque lânguido.

A esposa interrompeu, servindo mais chá para Ruby.

— Isso nem é o pior... e a porcaria do inverno? Tem vezes que vai abaixo de zero.

— Edna preparou um quarto para você, querida — disse David. — Espero que goste. É o melhor quarto da casa e tem vista para as extensões ao sul da propriedade.

Ruby olhou ao redor, tentando dar uma boa olhada a partir do terraço. Não disse nada, mas pensou que tudo parecia o mesmo, independentemente da direção em que olhasse.

— Obrigada — disse ela. — Fico muito feliz por me receberem. Mas precisamos conversar sobre o motivo de eu estar aqui. — Ela tirou os recortes de jornal da bolsa.

— Eu sei — proferiu David. — Edna me contou o que você disse, por que está procurando Ringo. Você pareceu honesta, por isso resolvemos ajudar.

— Acreditamos que esteja falando a verdade — disse Edna. — Senão, não diríamos a você onde ele está.

— Então vocês conhecem Ringo?

Ruby se animou quando Dave disse:

— Sim, é claro que conhecemos. Não teríamos deixado você vir até aqui se não pudéssemos ajudar.

Edna se reclinou, com os óculos folgados na pontinha do nariz enquanto bebericava o chá.

— É Ringo Smith, o rapaz na foto. Trabalhou conosco por alguns anos. Nunca soubemos de onde veio. Literalmente, entrou pelo portão da frente um dia. Nenhum carro, nenhum cavalo, nada.

Edna lentamente se serviu outro chazinho, e Ruby começou a perceber como ninguém tinha pressa e como tudo era tranquilo naquela região. Tudo se demorava.

— Apenas alguns vira-latas com ele — continuou Edna. — Achamos que veio andando desde Windorah. Estava procurando trabalho, disse que aceitaria qualquer coisa, mas preferia trabalhar com os animais, principalmente os cavalos. Dave o colocou para trabalhar na mesma hora: reunindo vacas, arrumando cercas, marcando os animais. Tudo que pedíamos, ele fazia. Era muito bom em treinar os filhotes de cachorro, ensinando-os a trabalhar com o gado.

Dave olhou para o pasto.

— Também era um dos melhores com os cavalos. Nada de mão pesada com ele, em vez disso, era gentil. Sempre consegui discernir quais cavalos tinham sido treinados por ele. Os animais ficam calmos, equilibrados, e você pode guiá-los apenas com as rédeas, sabem sozinhos o que fazer.

— Então, estão me dizendo que ele não está mais por aqui?

— Bem... — Dave repousou a xícara e se espreguiçou na cadeira, com as longas pernas cruzadas nos tornozelos. — Ringo sempre parecia incomodado. Sempre percebíamos que queria continuar andando por aí. Eu o mantive aqui por um bom tempo, mandando-o em missões que duravam

semanas, deixando-o buscar gado, dirigir, afastar-se de tudo.

Edna estivera observando Ruby e riu quando a notou revirar os olhos.

— Sinto muito, Edna. Mas estar aqui, com certeza, já é se afastar de tudo — disse Ruby. — Quero dizer, essa é a região mais remota em que já estive. O quão mais isolada uma pessoa pode querer estar?

— É verdade, mas quando se é um nômade como ele... — Edna balançou a cabeça. — Recebemos alguns deles, de tempos em tempos. Não sei do que estão fugindo, mas querem uma segunda chance. Continuam se movimentando por todo o estado, por todo o país. Sempre seguindo para algum lugar remoto. De vez em quando, acabam na cidade... para beber. Mas não Ringo, ele nunca bebeu muito. Apenas uma cervejinha de vez em quando. — As sobrancelhas de Edna se encontraram quando se inclinou para encarar Ruby. — Ele teve um relacionamento breve com uma mulher que trabalhava aqui. — Continuou olhando para Ruby, esperando ver o efeito das palavras.

— Edna, ele não significa nada para mim. Bem, não assim. Estou atrás dele para ajudar a irmã. Prometo que é apenas isso.

Edna resmungou e se reclinou.

— Estou apenas me certificando, não temos como ter certeza de tudo. Há muitos homens fugindo das mulheres que maltrataram, ou mulheres que fizeram algo contra eles. Estamos bem longe de qualquer lugar. — Satisfeita, Edna não parou de falar e atualizou Ruby sobre o relacionamento. — Ela trabalhava com as ovelhas - tão durona quanto ferro e uma boa cavaleira. Costumava acompanhá-lo quando ele ficava longe por um tempo, e parecia que se davam bem. Acho que durou uns dois anos. Ringo parecia feliz com a situação, até mesmo começou a se arrumar melhor. Às vezes, perguntávamos como as coisas estavam indo. Acho que o nome dela era Amy. Ele sempre respondia com um sorriso, ou com papo furado.

— Vamos logo, Edna — interrompeu Dave. — Isso vai levar a noite toda. Resuma a história, ela não precisa de todos os detalhes.

Edna olhou feio para Dave antes de se voltar para Ruby.

— Ela fugiu. Aquela mulher podre o abandonou... e, pelo o que os outros rapazes nos contaram, aparentemente ele não foi avisado. Ela se levantou e foi embora com o cozinheiro neozelandês que tínhamos contratado no mês anterior. Um canalha grande e feio, coberto por tatuagens. Dizem que chegaram na Austrália Ocidental e passaram a trabalhar nas minas.

— Nossa. — Ruby não sabia muito bem o que dizer.

Edna estava claramente chateada com a situação, pois continuou com algumas palavras feias sobre mulheres rebeldes e sobre como tratavam os homens.

— Chega de drama, Edna. Continue a história. — Dave parecia entediado, pois já tinha ouvido tudo aquilo. Estavam, afinal de contas, num lugarzinho bastante isolado, e ele deveria ser o ouvinte principal de Edna, que parecia conhecer todos os detalhes pessoais dos homens e mulheres que trabalharam ali.

— Eu sabia que ele queria partir, afastar-se de todo o mundo. Conversei com Dave sobre isso, e tomamos algumas decisões. Contamos a ele sobre Augro Downs. — Ela apontou para o Oeste. — Fica a umas seis horas nessa direção. Bem, contamos a ele que queriam um vaqueiro para cuidar das áreas mais remotas. Longe daqui, meses distante. Precisava voltar por apenas algumas semanas antes de partir outra vez.

Dave acendeu um cachimbo, tragando rapidamente para que o tabaco fizesse efeito.

— Ele agarrou a oportunidade com as duas mãos. Dissemos que não queríamos perdê-lo, que poderia trabalhar nas duas propriedades. Quando o quisessem, ele iria e, então, quando precisássemos dele, voltaria aqui por temporadas curtas.

— É isso o que acontece — complementou Edna. — Não o vemos por meses, mas avisamos o Ed - o gerente da outra propriedade - e ele manda Ringo para nós por um tempinho. Depois, volta para lá, reabastece e parte novamente.

— E, bem... em qual propriedade ele se encontra no momento? — Ruby fechou os olhos, compreendendo a distância, não apenas entre as cidadezinhas por aqui, mas entre áreas massivas que as estações de monta cobriam. Não era como estivesse tentando entrar em contato com a pessoa que trabalhava na fazenda vizinha.

— Bem, você tem sorte. Por isso queríamos que viesse logo: Ringo deve chegar na sexta, daqui a quatro dias. Temos alguns cavalos nos quais queremos que ele dê uma olhada. — Dave pareceu satisfeito consigo mesmo, bufando ruidosamente no cachimbo como se toda a situação estivesse resolvida.

OS DIAS SEGUINTEs passaram em um piscar de olhos. Todas as manhãs, o calor do sol entrava pela janela, acordando Ruby. Ficava na cama, ouvindo os galah barulhentos voando acima e cacarejando, o som ecoando pela vastidão do deserto. Ficou surpresa no primeiro dia, quando saiu para uma caminhada e encontrou alguns dos homens que estavam no restaurante em Birdsville.

— Que mundo pequeno — disse Ruby.

Conversou com eles, incerta de qual explicação receberam quanto à presença dela na propriedade isolada. Edna disse, mais tarde, que os tinha informado de que a mulher era uma turista da cidade, interessada em vislumbrar a vida rural por uma semana.

Neville, o homem atrevido que lhe dera uma piscadela no café, sempre aparecia onde ela estava. Era como se ele a estivesse seguindo, esperando uma chance para conversarem.

Ele a seguiu pelo amplo riacho lamacento na terça-feira, alcançando-a quando ela se sentou sob a sombra de um eucalipto que se inclinava ao centro d'água.

Interessada em conversar com alguém novo depois de passar a maior parte do tempo com Edna e Dave, ela iniciou uma conversa:

— Você pesca aqui?

— Sim, temos alguns peixes bons. — Ele apontou para o riacho assim que algo pulou das profundezas.

— Acha que isso foi um peixe? — perguntou ela.

— Não. Temos muitas tartarugas por aqui.

— E crocodilos? — Ruby olhou com suspeita para o rio.

Ele gargalhou.

— Não, aqui não. Ficam um pouco mais para o norte. — Ele estendeu uma das mãos. — Eu me chamo Nev. Fiquei sabendo que você se chama Ruby.

— Isso mesmo — disse ela, apertando sua mão. — É um prazer conhecê-lo, Nev.

O vaqueiro bonitão parecia não ter pressa alguma para afastar a mão. Por

fim, a mulher sorriu e deu um passo para trás.

— Temos apertos de mão longos aqui. — A voz grossa dele parecia amigável, e Ruby percebeu que ele a olhava de cima a baixo.

— Bem, é hora de voltar. Prometi para Edna que daria uma olhada em todas as fotos velhas que ela tem da propriedade.

— Consigo pensar em coisas melhores para fazermos.

Caminharam de volta. As botas novas de Ruby, compradas para essa visita, agora estavam cobertas pela poeira fina que se erguia sempre que dava um passo.

— Por que não vem tomar um drinque comigo? Posso mostrar o lugar, explicar como a vida realmente funciona por aqui.

— Obrigada, Nev. Vou pensar no caso.

Ruby ficou chocada quando o braço dele roçou o dela. Sua pele escura e bronzeada, um sinal das muitas horas que ele tinha passado sob o sol. Tinha um rosto lindo, e um novo chapéu de vaqueiro estava equilibrado no lugar certo sobre os cachos loiros, que se tornaram visíveis quando fez uma reverência com o chapéu assim que se separaram.

— Espero você amanhã, ao pôr do sol — disse ele. — Podemos nos ver aqui. Trarei algumas bebidas e comida, vai ser uma noite linda.

Confiante, pensou ela, enquanto ele se afastava; a bravata de um homem que, decidiu Ruby, era alguns anos mais novo. Talvez decidisse se encontrar com ele amanhã, que mal faria? Ficaria ali por apenas alguns dias e precisava de algo para passar o tempo. Além disso, era muito bonito e, apesar de ela saber que provavelmente era a única mulher dentro de centenas de quilômetros... seria interessante, faria bem ao seu ego.

As botas afundaram na poeira acumulada, e ela andou lentamente, curiosa quanto ao encontro que tinha acabado de marcar. Pelo menos, isso lhe daria algo em que pensar, algo para lhe ocupar antes de encarar Bobby.

A TARDE DE QUARTA-feira não demorou a chegar, e Ruby sentiu-se um pouquinho nervosa enquanto vestia o jeans e a camiseta cheia de cor. O reflexo no espelho a deixou satisfeita. Avolumou o cabelo, jogando um pouquinho de perfume ao redor do pescoço. Iria se divertir: bebidas e um jantar na margem do Cooper Creek com um jovem vaqueiro muito bonito.

Nev cumpriu a promessa. Estava esperando-a com taças de vinho e uma cesta de comida.

— Subornei o cozinheiro, disse a ele para não contar a ninguém. Não queremos que todos os Tom, Dick e Harry invadam a nossa festinha, queremos? — Ele se inclinou para perto, mais uma vez roçando o braço dela, fazendo uma onda prazerosa a percorrer.

Juntos, observaram o sol se pôr no Oeste: a silhueta dos eucaliptos preta contra o laranja e vermelho vívidos do céu, uma visão espetacular enquanto esfriava, e a lua surgia no alto, ao norte.

— Trouxe algumas velas, mas acho que não vamos precisar delas, a lua está brilhante o suficiente — disse Nev.

— Preciso dizer que estou impressionada. Não me lembro de, alguma vez, uma pessoa ter se empenhado tanto comigo.

— Você parece que merece o empenho. É uma mulher muitíssimo bonita. — Ele se curvou e a beijou, surpreendendo-a, seus lábios encontrando os dela, ao pressioná-los com uma beijoca longa e apaixonada.

— Obrigada, Nev. Mas realmente só vim para beber e ter uma companhia. Eu, bem... acho que não estou pronta para um romance logo de cara. — Ela afastou a mão dele de suas costas, ainda surpresa com os modos diretos dele.

— Cristo, sinto muito. Perdi o controle. Você tem os olhos mais lindos que já vi, e os seus lábios... eu precisava beijá-los. Pronto, vou me afastar um pouco para não ficar tão tentado. — Ele lançou um sorriso travesso a Ruby, com os dentes mais brancos e endireitados que ela alguma vez encontrou.

Sorrindo de volta para ele, tentou recuperar o fôlego, pois as mãos e o beijo sedutor de Nev a deixaram um pouquinho confusa. Fazia tanto tempo

desde que tinha se sentido tão próxima de alguém... tentou organizar os pensamentos. Estava mesmo atraída por ele, ou seria apenas o momento - o pôr do sol, o vinho, juntos e sozinhos naquela linda paisagem no meio do deserto australiano?

Recomponha-se, disse a si mesma.

Mudando de assunto, perguntou a ele sobre o rio: para onde ia, se tinha cheias, já tinha nadado naquelas águas? Nev falava devagar, mas era interessante o suficiente e sabia muito sobre Birdsville, sobre o poderoso Cooper Creek e sobre as regiões adjacentes à propriedade.

Ruby bebericou o vinho lentamente, garantindo que não beberia demais. Queria manter o controle e a ciência de tudo o que acontecia. Nev, enquanto isso, entornou cerveja atrás de cerveja, o líquido âmbar e gelado fluía com facilidade garganta abaixo.

O tempo não demorou a passar. Ruby apontou que estava tarde e que deveria voltar para casa.

— Dave e Edna não estão aqui hoje — disse Nev, drenando outra garrafa e jogando-a, agora vazia, no arbusto ao lado. — Vão voltar apenas pela manhã.

Ela sabia muito bem que o casal mais velho tinha viajado para a cidade. Eles a informaram que voltariam antes de sexta-feira, para organizar o reencontro com Ringo.

— Eu sei, Nev. Mas está tarde, é hora de eu voltar. — Ela organizou a cesta que ele trouxera, empilhando as garrafas vazias ali dentro.

— Não se preocupe com essa porcaria, são apenas algumas garrafas.

Ruby o observou com cuidado, enquanto ele cambaleava. Por sorte, andava na frente dela, então a mulher podia ficar de olho no que ele fazia. Não que estivessem muito longe da casa, mas ela começou a sentir algo estranho quanto a Nev e a maneira que continuava olhando-a. Sentiu-se grata por ter parado no beijo, e ficou aliviada quando a casa e as construções ali perto apareceram.

— Traga essa cesta aqui para mim — ordenou ele. — Minha cabaninha fica aqui.

Chegaram onde Nev vivia; uma construção de tábuas de madeira com um telhado rústico de metal.

Uma fileira de cabanas era a acomodação dos trabalhadores da propriedade. Nev ficava no segundo mais longe da casa principal. Havia apenas outra cabana vazia bem ao lado.

Rindo e tropeçando na entrada, Nev empurrou e abriu a velha porta de madeira, gesticulando para que Ruby o seguisse. Parada no escuro, com apenas a luz da lua iluminando a poeira aos pés, ela simplesmente ofereceu a cesta ao homem, sabendo que não queria entrar.

— Obrigada, Nev. Foi uma noite boa, mas aqui está a sua cesta. Vou embora, vejo você pela manhã.

— Senhorita Urbana. — Ele segurou o braço dela, manobrando-se para que Ruby ficasse entre ele e a parede exterior da cabana. — Acho que deveria entrar comigo. Posso lhe dar a melhor noite de todas, a melhor cavalgada da sua vida. — Ele se pressionou contra ela, encostando as costas da mulher na madeira.

— Hoje não. Obrigada, Nev. E você precisa se afastar de mim. — Ela o empurrou, com as mãos no peito dele.

— Querida, você sabe que me quer. — Ele se inclinou, beijando seu pescoço de cima a baixo, enquanto ela tentava se desvencilhar dos braços dele.

— Solte-me agora mesmo! — Sentiu-se perder a paciência. As mãos dele estavam firmes em seus braços. — Solte-me *agora!*

— Querida, só quero lhe dar uma noite gostosa. — Ele estava começando a soar mal-humorado.

Ruby pensou no fato de que, provavelmente, não haveria ninguém perto o suficiente para ouvi-la se gritasse.

— Tudo bem. Chega, Nev. — Ela tentou se afastar. — Você bebeu demais, agora deixe-me ir.

Nev pareceu não ouvir nada e continuou tentando beijá-la, o corpo se movimentando para que ela não conseguisse fugir. Assim que Ruby estava prestes a acertar a virilha dele com o joelho, uma sombra escura cresceu sobre eles.

— Acho que a senhorita pediu para soltá-la. — Havia um homem atrás de Nev, obviamente um dos trabalhadores mais velhos que vira o que acontecia.

— Está apenas se fazendo de difícil. — Nev não parou, passando as mãos pelas costas dela e enfiando-as dentro da camiseta.

Ruby começou a lutar para fugir, preocupada com o fato de que, agora, havia dois homens e apenas ela - sozinhos no escuro - sem mais ninguém por perto.

Num segundo, Nev estava pressionando-a e, noutro, ele pareceu flutuar e

voar para trás, pousando sobre as costas em um baque ressonante. Ficou estirado no chão duro e cheio de poeira.

— Sinto muito, senhorita. Nev nem sempre tem bons modos — disse lentamente, mas cheio de raiva, o homem que havia jogado Nev para trás. Observou o jovem vaqueiro tentar encontrar o chapéu antes de se levantar.

— Cristo, seu canalha desvairado. Por que fez isso? Poderia ter me matado. — Nev tropeçava nas palavras, os pés instáveis.

O homem agarrou o braço de Nev e, abrindo a porta da cabana, empurrou-o com força para dentro, fechando a porta em alto e bom som atrás dele.

— Ele vai dormir. Não se preocupe, não vai mais incomodar, mas vai precisar se explicar amanhã.

— Obrigada, fico grata pela sua ajuda. Ele estava ficando um tanto persistente.

— Boa noite, senhorita. — O vaqueiro claramente não queria mais conversar. Então, fez uma reverência com o chapéu e entrou no que Ruby pensou ser a cabana vazia ao lado.

— Boa noite — respondeu ela, antes de endireitar as roupas desarrumadas por Nev.

Os pés a levaram rapidamente pelas outras cabanas escuras, direto para a casa principal. Certificando-se de trancar a porta do quarto, deitou-se na cama, relembrando os acontecimentos da noite. Apesar de estar escuro, e ela mal ter visto o rosto do homem que jogara Nev ao chão, sabia, no fundo, que tinha sido Bobby. A voz grossa não era familiar, nem o corpo alto e musculoso, ou o rosto quase completamente encoberto pela barba.

Mas os olhos... por um segundo, seus olhos tinham se encontrado, e ela soube de cara que a pessoa pela qual estivera buscando se encontrava parada bem em frente.

Dave e Edna estariam de volta amanhã; esperaria e conversaria com eles antes de procurar Bobby. Precisava garantir que não o faria fugir na direção oposta. Agora, animada e um pouquinho nervosa, pensou em como ele poderia reagir. Obviamente, não a reconheceria. Então, Ruby se aconchegou entre as cobertas e pensou no que diria ao amigo.

Por ora, chega de encontros com vaqueiros bonitos. Tinha muitas outras opções com as quais preencher o tempo, em vez de com bebidas e jantares à margem do Cooper Creek.

DEPOIS DO JANTAR à luz de velas de Nev, Ruby ficou em casa pela maior parte do dia seguinte. Ouviu os homens trabalhando no grande galpão e no pasto bem atrás da casa principal e imaginou se Nev tinha se recuperado da noite anterior. Edna e Dave voltaram no fim da tarde e conversaram com ela antes de se ocuparem com os trabalhos inacabados em sua ausência. Ficaram felizes em deixar Ruby sozinha pelo resto da noite.

Estava encolhida numa grande cadeira de vime no terraço, observando alguns cachorros lutarem por um osso, quando Dave chegou pelas escadas ao lado.

— Gostou da vista? — Ele tirou o chapéu, passou as mãos pelo topo da cabeça, alisando os cabelos, e vestiu o chapéu outra vez.

— As nuvens são lindas, e o céu parece infinito — disse Ruby. — São as cores que acho lindas; o vermelho da terra é diferente do chão perto da costa.

— Sim, isso mesmo. Estamos muito longe das praias. É lindo, mas pode ser cruel. Agora não é uma época ruim. Às vezes, fica tão seco e quente que o gado começa a morrer, os cangurus viram pragas e parece que o amanhã nunca vai chegar. Então, depois de alguns anos... a chuva chega, e chove tanto que alaga e ninguém consegue ir a lugar algum. O gado se afoga, pontes e estradas são levadas, e os fazendeiros perdem toda a forragem para a água.

— Mas você ama esse lugar — afirmou Ruby. — Você sempre ficou aqui, há anos.

— Sim, amamos. Está em nosso sangue. Quando se vive por tanto tempo aqui... nunca vamos embora. A maioria morre aqui mesmo. Não preferiríamos outra coisa. — Dave apoiou as duas mãos no corrimão do terraço, observando os pastos empoeirados, as planícies sem fim e o vermelho da terra se estendendo por quilômetros ininterruptos, pontuado apenas por algumas cercas e árvores curvadas pelo vento. — Disseram que você teve problemas com Nev ontem.

— As notícias voam... ele bebeu demais.

— Vou dar um jeito nele mais tarde. Saiu com um grupo agora, mas vai ter problemas quando voltar. Ah, seu amigo me contou o que aconteceu. Está

lá agora, na última cabana, ao lado da de Nev. — Dave apontou para a casinha. — Eu disse que você queria vê-lo, deve achar que quer apenas agradecê-lo. Ele não sabe quem você é, mas acho que você sabia quem ele era.

— Estava escuro ontem, e ele, com certeza, não fazia ideia de quem eu era. Faz mais de vinte anos desde que nos vimos, e éramos crianças.

— Você o reconheceu?

— Mesmo ele devendo chegar apenas na sexta-feira, soube que era Bobby - ou Ringo, como você diz. Mas não se parecia em nada com a criança que era.

— Ele ficou forte. Passa a maior parte do tempo no meio do nada - sozinho. É do que ele gosta. Nev vai se arrepender quando se lembrar quem o tirou de você. Eles ficam maravilhados com Ringo, os outros rapazes. Ele não se mistura, apesar de, em mais de uma ocasião, ter surpreendido tanto Edna quanto eu e assumido o controle de uma situação complicada. Ele chega e se torna o chefe sempre que preciso, então volta para o plano de fundo. Não tem paciência para besteiras. Nev teve sorte de Ringo não ter quebrado o pescoço dele.

Ruby pulou da sua posição confortável, mas continuou observando as nuvens penduradas no céu. Havia um pouquinho de escuridão na parte inferior, mas não prometia uma chuva. Encararam as nuvens traiçoeiras.

— Pode ficar assim por meses — disse David. — Não quer dizer nada.

Edna se juntou a eles.

— Tenho alguns cheques para Ringo, senhorita Ruby. Leve a papelada para ele, faça uma visitinha. Resolva logo isso. Tenho certeza de que vai ser interessante descobrir o que ele vai pensar sobre ter sido encontrado depois de tantos anos.



UMA POEIRA FININHA envolveu as botas de Ruby e o vento ergueu a terra vermelha e algumas folhas soltas num redemoinho antes de se perderem no ar. Saindo da casa, hesitante, logo sentiu-se nervosa. Era como se os meses anteriores tivessem se tratado apenas da busca, mas agora que estava tão perto de encontrar Bobby, não tinha mais tanta certeza. Ele sequer se

lembraria dela? Por que iria querer ser arrastado de volta ao passado quando, obviamente, passara toda a vida fugindo de qualquer conexão com a infância?

A poeira espiralou ainda mais alto, jogando para cima qualquer coisa solta pelo caminho, e um brilho laranja sinistro iluminou a propriedade. Seu nariz e olhos se encheram d'água por conta da poeira no ar, as roupas estavam, agora, cobertas por um pozinho fino. Bateu com força na porta da cabana no fim da fileira. O vento ficou mais forte, e ela bateu mais alto, segurando o chapéu sobre o rosto enquanto a luz diminuía com a chegada de uma tempestade de poeira.

— Entre. Rápido. — A porta foi aberta e ela entrou. Então, o homem a fechou rapidamente para impedir que a poeira invadissem o lugar. — Está ventando que é uma beleza... Dave disse que você traria os cheques. Deixe-me acender a luz.

Ruby ouviu a voz dele com atenção. A personalidade lhe era familiar, mas as palavras foram ditas muito mais lenta e profundamente. Estava escuro na cabana devido aos cobertores de poeira encobrindo as janelas, e pequenos grãos batiam como gotas de chuva no vidro. Ruby esperou que ele se virasse, observando-o e procurando características do garoto que conhecera há tantos anos.

O chapéu de vaqueiro dele, curvado num dos lados, cobria-lhe os olhos. O cabelo preto e rebelde surgia logo abaixo, e uma longa barba cobria a maior parte do rosto. Quando se voltou para ela, Ruby reconheceu as maçãs do rosto proeminentes e os olhos marrons familiares e pensativos, agora no rosto enrugado e bronzeado de um homem que tinha passado a vida no sol, endurecido pela sujeira e pelo calor; ele se parecia mesmo com um vaqueiro.

Os olhos dele se mantiveram nos dela por um momento, enquanto permaneceram congelados. Ela não sabia o que dizer, por onde começar. Ficaram se encarando. Por um segundo, ele apertou os olhos, estudando o rosto dela antes de se virar. Sua silhueta alta se aproximou da janela, olhando para fora.

— Bem, acho que vai demorar um pouquinho. Quer beber alguma coisa?

Parecia desconfortável com a companhia dela. Ruby tinha certeza de que, se não fosse pela tempestade, ele teria aceitado os cheques e a mandando embora. Na verdade, provavelmente, ele nem a teria convidado para entrar.

— Obrigada. Adoraria um chazinho. — Ela descobriu que não sabia o que dizer, as palavras estavam presas na garganta. — Essas tempestades

acontecem sempre? Nunca vi uma antes.

— Sim, temos muitas delas por aqui. É melhor se abrigar quando elas chegam. — Ele se ocupou com o bule e as xícaras. O interior da cabana estava em silêncio, em um contraste claro com o vento que rugia e o metal que tilintava no exterior.

Quando se virou para repousar as xícaras na mesa, estava de costas para ele, tentando, sem sucesso, estudar a tempestade de poeira pela janela.

— Você não vai ver nada — disse ele. — A poeira vai continuar cobrindo tudo por um tempo.

Ela virou e o encarou, o cheque seguro em suas mãos. Ele havia tirado o chapéu, e agora Ruby podia vê-lo efetivamente; os cachos pretos e embaraçados emolduravam o rosto, alguns fios grisalhos tanto no cabelo quanto na barba. Ficaram se encarando, os dois se olhando cheios de curiosidade.

— Eu conheço a senhorita?

— Sou Ruby. Meu nome é Ruby, Bobby.

Ele fechou e abriu os olhos.

— Eu me chamo Ringo.

— Bobby. — Ela se aproximou dele. — Sou eu.

Ele olhou para baixo. A mão agarrava a beirada da mesa, como se para se equilibrar.

— Ruby Rose?

— Há apenas duas pessoas nesse mundo que me chamam pelo nome completo — respondeu Ruby, sua voz animada. — Meu pai e um garoto que foi o melhor amigo que tive.

— Ruby Rose? — Ele pareceu perplexo, estudando o rosto dela antes de a olhar de cima a baixo. — A pequena fadinha da amoreira?

Ruby sorriu, seu rosto se iluminou e o sorriso cresceu. Ela o tinha encontrado - Bobby.

— Está tão diferente... você ficou tão, bem, grande. Quero dizer, alto. — Ela tropeçou nas palavras. Agora que tinha encontrado Bobby, não tinha certeza do que dizer, de por onde começar.

O homem não se moveu. Balançou a cabeça e fechou os olhos, como se ela não estivesse mesmo ali.

— Tive muitos problemas para encontrá-lo. Você se mudou muito ao longo dos anos.

— Você me procurou? Quer dizer que veio até aqui por minha causa? —

Ele apertou os olhos, parecendo confuso e cheio de suspeita.

— É uma longa história. Mas Bobby... é muito bom ver você. Faz tanto tempo...

Ele fechou os olhos outra vez.

— Deve fazer mais de vinte e cinco anos — complementou Ruby.

— Eu não tenho mais treze anos.

As palavras dele soaram tão baixinhas que ela mal escutou com o barulho do lado de fora.

— Não. Com certeza, você não tem mais treze anos.

Ele balançou a cabeça outra vez, tentando clarear a mente.

— Era você noite passada, então. Com Nev. O que estava fazendo com Nev?

— Passando o tempo enquanto você não voltava. Estava esperando você chegar. Nev me chamou para jantar na margem do rio, e pensei que poderia ser divertido. Obrigada por intervir ontem. Acho que Nev tem uma ideia muito diferente da minha quanto a jantares.

— Não acredito que é você... que você seja Ruby Rose. — Bobby continuou passando a mão pelo cabelo. — Estou confuso pelo motivo de você estar aqui. Não vejo ninguém desde que fugi de casa, quando eu era criança. Eu... nunca vi ninguém. Você está ótima, toda crescida. — Ele balançou a cabeça com um sorriso singelo no rosto.

Ruby estendeu uma mão a Bobby, que a apertou. Sua grande mão envolveu gentilmente a dela; a pele cheia de calos estava quente e firme quando continuaram de mãos dadas, sacudindo-as.

— Meu Deus, que raios está fazendo aqui? Por que veio me procurar? Passei a vida toda fugindo de tudo e todos. — Sua voz, ainda lenta, agora soou firme, com um tom de censura. — O que você quer?

A POEIRA DO LADO de fora tinha se acomodado há muito tempo, e a lâmpada oscilante acima da mesa iluminava o interior da pequena cabana. Estavam sentados um em frente ao outro, com Bobby sacudindo a cabeça, de vez em quando, maravilhado por ser mesmo Ruby.

Ele procurou e encontrou uma garrafa de vinho nos fundos da cabana.

— Geralmente, não bebo, mas acho que hoje vou precisar disso.

Ruby ficou grata pelo efeito calmante que a taça de vinho proporcionaria. Bobby não disse muito sobre onde estivera nos últimos vinte e cinco anos, mas estava intrigado para saber como ela tinha seguido seus passos por todo o grande estado de Queensland.

— Não posso acreditar que as pessoas passaram informações minhas — disse ele. — Nenhuma confidencialidade. Espere até eu conversar com Edna e Dave... — Ruby ainda estava se acostumando com a lentidão na fala dele, com as muitas pausas entre as palavras, com a dificuldade que ele enfrentava para se comunicar, para dizer o que realmente queria.

Ela sabia que a conexão - que um dia tiveram - não existia mais. Esse era um Bobby diferente; era um vaqueiro, acostumado ao isolamento e ao robusto deserto australiano, com a vida difícil nas regiões mais remotas do país, ficando semanas, ou meses, sem conversar com outra pessoa.

Uma vida gasta trabalhando com homens, cachorros e cavalos tinha erguido uma barreira invisível ao redor dele. Por vezes, quando falava, havia uma rigidez em sua voz. Ele precisou lutar para sobreviver mais de uma vez, entre homens e animais. E mulheres.

Ela não conseguiu tirar muitas informações dele. Era um homem de poucas palavras, apesar de Ruby saber que havia muitos pensamentos e palavras na mente dele. Também percebeu que Bobby não queria olhar para o passado, nem estava interessado no futuro. Como ele mesmo disse: vivia dia após dia. Não havia nada de errado com isso, e era como tudo continuaria sendo.

Pediu que Ruby fosse direto ao ponto, querendo saber a razão pela qual ela o encontrara, ouvindo com atenção enquanto ela tentava se lembrar de

todos os detalhes importantes sobre o julgamento anterior do tio e contanto tudo o que sabia sobre o caso em andamento. Ele não disse nada enquanto a amiga o atualizava das acusações. Nenhuma expressão facial, nenhuma pergunta. Nada, apenas um silêncio gélido.

Algumas vezes, ela perguntou se ele estava bem. Queria que Ruby parasse? Queria um intervalo? Em vez disso, afundou-se ainda mais na cadeira e indicou que ela continuasse.

Agora, quase no fim, Bobby inclinou-se para frente, seus olhos fechados e as mãos ao redor do rosto, quase como se não fosse aguentar ouvir mais nada.

Ruby disse baixinho:

— Pediram para que eu o encontrasse, porque fizeram tudo que podiam e não acharam nenhuma pista que pudessem usar. Theresa tinha razão. Eu, provavelmente, era a melhor opção para encontrar você. Ela quer que ele fique preso desta vez, Bobby. Precisam que você testemunhe. Todos queremos que esse seja o fim dele.

— Você perdeu tempo vindo aqui. — Ele não falava há tempos, pois apenas escutava.

— Theresa precisa de você. Ela não está bem, sua vida está cheia de complicações e, a maior parte dos problemas são culpa dele.

— Bem, escolhemos os nossos caminhos. Eu aprendi isso.

— Precisamos nos certificar de que ele receba a sentença máxima — disse Ruby.

Bobby andava de um lado ao outro. A garrafa de vinho estava há muito vazia e agora, a terceira xícara de café fumegava em suas mãos.

— Eu não posso voltar — disse ele. — Bem... pensei em ir ainda mais longe. Tenho um trabalho na Austrália Oriental, e preciso voltar. Ainda mais longe daqui - nada, senão poeira e moscas. Sinto muito, Ruby Rose, mas não me envolvo com pessoas nem lugares. Sou um eremita.

Ruby sentiu que ele estava lhe escapando. Toda as suas pesquisas, viagens e, por fim, o encontro não serviria para nada. Ele fugiria para o lado oposto, para tão longe que ninguém, nem mesmo ela, seria capaz de encontrá-lo. Ela olhou para o rosto dele, seus olhos agora não olhavam diretamente nos dela. Ele estava aterrorizado, não queria que o passado ressurgisse.

Bobby sabia que poderia desaparecer. O deserto era gigantesco, e as pessoas nessas regiões isoladas e distantes de tudo não se preocupavam com de onde você tinha vindo. Não faziam muitas perguntas. Conquanto fosse um

bom trabalhador e mantivesse a cabeça baixa, você não teria problemas.

Ruby respirou fundo. Precisava contar mais uma coisa a ele. Havia deixado por último, e agora era hora de dizer a verdade sobre o que testemunhara há tantos anos; evidências tão sinistras que poderiam mudar o resultado do julgamento.

— Aceito mais uma xícara de café, por favor. Mais uma, Bobby, então vou embora. — Ruby olhou para o teto, escolhendo as palavras e pensando com cuidado sobre o que diria para convencer o amigo a mudar de ideia.

A LUZ COMEÇAVA a surgir no leste enquanto Dave e Edna ajudavam Ruby a colocar as malas no Toyota. Um plano foi traçado nas primeiras horas da manhã para o retorno de Ruby à distante costa leste, e agora esperava hesitante e nervosa, esfregando as mãos enquanto conversava com o velho casal.

— Muito obrigada pela ajuda. — Ela os abraçou, sincera em sua gratidão. — Nunca teria encontrado Bobby se não fosse por vocês dois.

— Pensamos que, provavelmente, ele acabaria correndo para o outro lado, mas valeu a pena tentar — disse Dave. — Tem vezes que precisamos ouvir a nossa intuição e deixar as regras de lado. Geralmente, esses rapazes precisam de um empurrão, de uma sacudida.

Os três ergueram os olhos quando a porta da última cabana se abriu, e Bobby apareceu. O chapéu estava baixo no rosto, e uma mochila com alguns pertences tinha sido jogada no ombro. Enquanto caminhava em direção aos três, poeira se ergueu.

— Bom dia — disse Ruby.

Todos olharam para ele quando disse; as palavras direcionadas a Dave e Edna:

— Os cachorros ficaram nos fundos. Eu os prendi para que não me seguissem. Não vai ser bom irem comigo para a cidade. Não devo demorar. Podem cuidar deles enquanto isso, por favor?

Dave se aproximou e apertou a mão de Bobby.

— Pode deixar. Está fazendo a coisa certa, Ringo. De vez em quando, temos que enfrentar o passado.

Bobby assentiu antes de guardar a mochila no porta-malas do carro.

— Obrigado por emprestar o carro.

— Deixe-o na casa do meu irmão em Brisbane. Ele vai vir aqui semana que vem, para trazer alguns móveis que Edna quer. Boa sorte e cuidem-se.

Edna e Dave abraçaram Ruby outra vez. Viram-na subir no carro e Bobby se sentar atrás do volante.

Quando se afastaram, Dave se voltou para Edna.

— Que confusão — disse ele. — Nunca sabemos as histórias que esses rapazes têm. Isso esteve com ele todos esses anos... e nunca disse nada, apenas fez o que lhe era mandado.

— Espero que ele não dificulte as coisas para ela. Sei que é um bom rapaz, mas não ficou muito feliz por ter de voltar e lidar com tudo isso. O julgamento vai ser difícil para ele, ver a irmã depois de todo esse tempo... também vai enfrentar aquele canalha.

Dave passou o braço ao redor dos ombros de Edna. Havia anos de sensatez no passado dos dois.

— Cedo ou tarde, precisamos enfrentar nossos demônios. Talvez seja bom para ele. Com esperança, vai colocar um fim nisso tudo. Superar.

Observaram o carro desaparecer, deixando uma trilha de poeira vermelha enquanto seguia em sua longa jornada ao leste.



RUBY ADORMECEU ANTES de chegarem numa estrada de asfalto. Não conseguira dormir quando voltou para a casa na noite anterior; a carga de repetir a história para Bobby a tinha deixado física e emocionalmente exausta. Agora o movimento constante do carro, assim como o silêncio de Bobby, impossibilitaram-na de manter os olhos abertos.

Ele a observou dormir. Estava encolhida, com os pés escondidos debaixo do corpo. Uma almofada acolchoava a porta onde ela apoiava a cabeça. Foi a primeira vez que conseguiu realmente olhar para ela e continuou lançando olhares de soslaio, enquanto o asfalto desaparecia num retrato desfocado na distância.

Na primeira noite, quando a resgatara do idiota do Nev, Bobby notou algo nos olhos de Ruby Rose. Apenas um vislumbre na escuridão do lado de fora da cabana, mas viu algo... algo que não conseguiu compreender naquele dia. Sentira uma familiaridade, mas o sentimento desaparecera tão logo quanto chegara. Estava focado no fato de que Nev a chateava profundamente, quase forçando-a a participar de algo de que ela obviamente não queria fazer parte.

Pela noite, deitado na cama estreita, tentou pensar de quem ela o fazia lembrar. Talvez a tivesse conhecido em algum trabalho na cidade.

Geralmente, ia para a cidade quando os rodeios ou apresentações aconteciam. Tentou compreender a estranha sensação de seus os olhos tinham se encontrado, mas acabou desistindo, pois foi incapaz de lembrar onde os caminhos tinham se cruzado.

Por fim, o sono chegou, e ele sonhou - como tantas vezes antes - que corria rapidamente; os pés se moviam, as pernas latejavam, os pulmões gritavam. Mas as solas nunca deixavam o chão rochoso; estava correndo sem se movimentar, não chegando a lugar algum, sem escapar do que o perseguia. O sonho pareceu durar uma eternidade. Então, como sempre, flutuou, quase como se estivesse voando; os pés desgrudaram do chão, planando acima da terra, pousando e descansando no solo coberto por musgo, samambaias e vegetação rasteira.

Em vez do calor e da dor do começo do sonho, havia agora um lugar fresco e sombreado: um túnel rodeado por árvores enormes. A folhagem o cobria e o mantinha seguro daquilo que o estava perseguindo. Nunca viu do que estava fugindo.

Na maioria das noites, acordava muito antes de ter pousado na área sombreada e segura. O sonho acabava na dor das pernas e pés, nas pedras cutucando a pele. Geralmente, as pernas ainda estavam se movendo quando acordava, e suor escorria pelo corpo. Ficava acordado por horas em seguida, incapaz de dormir e impotente de prevenir a mente de reviver os acontecimentos de todos aqueles anos.

Preferia não olhar para trás, como disse a Ruby Rose. De que adiantaria? Não havia como mudar nada. O que aconteceu, aconteceu.

Por anos depois de fugir, pensou muitas vezes em Ruby Rose e no esconderijo nas alturas da amoreira. Mas, conforme os anos passaram, achou cada vez mais difícil conjurar uma imagem dela. Algumas vezes, via seu rosto, os olhos verde-brilhantes e o longo cabelo ondulado, e sempre havia um olhar sóbrio de preocupação no rosto. A imagem perdeu definição com o tempo, enquanto ele propositalmente afastava o passado, esforçando-se a não olhar para trás.

Hoje, era difícil compreender que essa era a mesma pessoa com quem, um dia, tinha compartilhado tanto da infância. Ela era, afinal de contas, uma mulher crescida. Ainda tinha as mesmas virtudes e compaixão. E, lembrou-se ele, os modos mais do que mandões.

Como um bebê, pensou Bobby, olhando para ela, quieta e agradável, até mesmo dócil, enquanto dormia. Mas a realidade seria outra quando

acordasse, e ele não duvidava de que ela teria sido capaz de se livrar de Nev se não tivesse intervindo. Quem teria pensando que a garotinha magricela que o seguiu pela maior parte da juventude se tornaria uma mulher linda e determinada, que o encontraria e o convenceria a voltar a um lugar que tinha jurado nunca mais visitar?

Ela se movimentou, aconchegando a cabeça ainda mais fundo na almofada, e as pernas longas e torneadas foram manobradas para encontrarem uma posição confortável. Gostava da aparência dela; não era uma menina totalmente da cidade. Parecia relaxada e confiante, e as roupas eram femininas e justas em sua silhueta magra. Mesmo dormindo, espremida no cantinho de um carro velho e sujo, Ruby era o retrato da elegância.

A mente de Bobby voltou ao passado. Olhando para o cabelo marrom ondulado e a maneira com que cobria os ombros dela, lembrou-se de como tinham o costume de se deitar no chão da casa na árvore.

Seu cabelo era longo, ondulado e loiro. De vez em quando, ele acidentalmente se deitava sobre os fios, e ela tinha dificuldades para se levantar. Riu da lembrança e pensou nas manchas roxas que sempre cobriam a boca e se espalhavam pelo rosto e pelas roupas da menina.

Memórias dos pais dela e da casa que ele visitou tantas vezes, voltaram, com o cheirinho de bolos sendo assados e de biscoitos no forno. Lembrou da mãe dela lhe dando um biscoito, enquanto Ruby se trocava para brincar.

— Não, Ruby — disse a mãe. — Nada de bolo para você agora. É tarde, vai estragar seu jantar.

Bobby virou de costas, para que Ruby não o visse mastigar rapidamente o restinho do biscoito enorme. Agora lembrava daqueles olhos verdes, os mesmos olhos que o encararam na noite anterior - anos de olhares semicerrados. E a boquinha dela se enrugava enquanto, cheia de suspeitas, procurava qualquer migalha de biscoito no rosto dele.

Foram bons momentos. Pensou em situações das quais não tinha se lembrado em anos, de pessoas e lugares do passado que desapareceram com outras lembranças; e de memórias desagradáveis, que tinha deixado enterrados sob uma pedra.

Observando-a por baixo da aba do chapéu, pensou em como alguns aspectos de Ruby pareciam não ter mudado - sua tenacidade em consertar tudo, resolver problemas, a determinação teimosa, como um cachorro com um osso; essa havia sido sua personalidade desde criancinha. Costumava ficar maravilhado com a maneira com que ela não se permitia chorar na

frente dele. Quantas vezes tinha sentado e berrado na frente dela? Soltando tudo, soluçando e usando os lencinhos dela até ficarem ensopados?

Também havia lembranças mais felizes; picolés de limonada e pequenas latinhas de refrigerante que a mãe empacotava para eles com o lanchinho que levavam nas aventuras.

Ruby ficou inquieta e se movimentou no assento, esticando as longas pernas. Os olhos se abriram e bisbilhotaram pela janela.

— Nossa, faz quanto tempo que dormi? Tenho o costume de fazer isso.

— Umas três horas.

— Tem alguma cidade por perto?

— Vamos parar daqui a pouquinho. Tem uma oficina aqui, um banheiro.

— Obrigada, era exatamente isso que eu queria. E talvez um chazinho e algo para comer...

Bobby apenas assentiu.

A mente de Ruby se agitou. *Cristo, ele não fala muito.* Engraçado como as pessoas mudam, era quase como se não se conhecessem.



POUQUÍSSIMO FOI DITO enquanto continuaram sentados um ao lado do outro, os dois gratos por uma xícara de chá forte e pelos sanduíches meio-tostados, mas provavelmente requentados. Sentaram-se longe dos outros clientes, pois Bobby guiou o caminho sob a sombra de uma grande árvore na outra extremidade do estacionamento. Uma mesa grossa de madeira e um banco para piquenique lhes deu um lugar fresco para se sentarem.

— Não gosta muito de ficar perto das pessoas, gosta? — Ela riu, esperando que ele respondesse.

— Eu disse — explicou o homem. — Não gosto muito de pessoas. Não tenho interesse.

— Não se sente sozinho quando viaja para longe, quando fica distante de qualquer forma de vida?

— Meus cachorros me acompanham. Eu amo a natureza, amo ficar sozinho.

— Bem, sabe que vai precisar cooperar... talvez até se abrir um pouco, assim que encontrarmos Theresa e a equipe legal.

— Sim, farei o que for preciso. Quanto mais rápido, melhor. Então poderei voltar para a minha vida. — Levantou-se, avisando a Ruby que a conversa tinha acabado e que era hora de voltarem ao carro.

Para a surpresa de Ruby, quando começaram a rodar, o movimento do veículo a impossibilitou de ficar acordada.

— Sinto muito, Bobby. Tudo bem você dirigir? Não consigo manter os olhos abertos.

Ela viu o indício de um sorriso; talvez estivesse feliz por não precisar conversar se ela dormisse.

— Tudo bem, pode dormir. Estou acostumado com grandes distâncias. Não se preocupe. Pegue a almofada de novo, fique confortável.

Encolhendo-se no cantinho, com a cabeça aconchegada na almofada, Ruby Rose fechou os olhos e adormeceu rapidinho.



ELA ACORDOU HORAS depois quando Bobby parou o carro.

— Última parada antes do anoitecer. Estamos indo bem — Bobby disse.
— Vamos chegar na próxima cidade antes do sol se pôr.

— Não vai dirigir de noite?

— Não.

Inconscientemente, Ruby revirou os olhos. Percebeu o que tinha feito apenas quando viu as sobrancelhas peludas dele se erguerem, surpreso com a atitude dela.

— Que *déjà vu* — disse ele, enquanto lhe lançava um olhar firme, lembrando-se muito bem de como ela sempre revirava os olhos quando discordava dele.

— Bem, pensei que dirigiríamos até tarde da noite... — explicou ela. — E avançaríamos o máximo possível em um dia.

Balançando a cabeça, ele apontou para as laterais da estrada.

— Está vendo todos os grandes cangurus deitados ao longo da estrada? Não quero atropelar nenhum deles.

— Ah, não tinha pensado nisso. — Foi como se ela pudesse ler a mente Bobby: *Menininha da cidade... é claro que não teria pensado nisso, não é mesmo?*



O SOL ERA UMA bola de fogo laranja atrás deles, mergulhando rapidamente no horizonte. O astro brilhava contra o vermelho do solo e da aridez dos grandes espaços ao ar livre. Algumas estrelas tinham surgido no alto quando estacionaram no pequeno hotel ao lado da rodovia. Uma placa pendurada e torta, com um dos lados da corrente solto, indicava que havia vagas.

— Pegue suas coisas. Pode pegar um quarto para você. Volto pela manhã.

— O quê? Não vai ficar aqui comigo? Para onde você vai? Não temos de ficar no mesmo quarto. Tenho certeza de que têm dois quartos disponíveis, parece que não tem outros clientes por aqui. — Ruby olhou para o estacionamento vazio.

— Nada disso, não gosto de hotéis. Prefiro um bom saco de dormir. — Ele voltou para o carro e ligou o motor. — Vejo você pela manhã. Esteja pronta ao nascer do sol.

Ruby ficou parada, entristecida e sozinha. Murmurando consigo mesma, sentiu a raiva crescendo. Apesar de terem sido amigos quando mais novos, isso parecia não ter qualquer importância para Bobby. Claramente, ele não tinha muita consideração por ela. Ruby teve a sensação de que Bobby pensava nela apenas como uma garotinha imprestável.

Talvez não estivesse tão errado assim, pensou ela. Com certeza, Ruby não sabia nada sobre desertos, gados ou cavalos, mas quis gritar para ele: *Eu nunca fingi saber de nada disso!*

O que ele queria? E quem pensava que era? Afinal de contas, ela fez todo esse esforço pela família dele - viajou pelo estado, foi importunada por um vaqueiro insubordinado e sentou-se e dormiu num carro por um dia todo, até o corpo doer. Era ele quem nunca tinha se preocupado em entrar em contato com nenhum parente; preferiu continuar escondido, fugindo de todos os problemas.

Estava suja, cansada e desgrenhada, além de irritada com os modos dele. O jeito com que ele se escondia debaixo do chapéu... a barba desleixada e o cabelo bagunçado. *Bem, chega por hoje*. Amanhã diria a verdade a ele, diria o que pensava. Conversariam sobre como Bobby precisava se comportar para ajudar Theresa, para fazer a coisa certa.

Pensando nas últimas vinte e quatro horas, não tinha nem mesmo certeza de que sequer gostava dele. Havia a distinta possibilidade de que eles não eram mais amigos, pois esse não era o Bobby do passado, mas um vaqueiro enorme e descuidado chamado Ringo, que quase nunca falava, e parecia culpá-la pelo fato de que estavam a caminho da cidade grande. E, agora, ele tinha acabado de deixá-la sozinha em um hotel bolorento no meio do nada.

Para piorar a situação, quando foi ao restaurante adjacente - único lugar ainda aberto servindo comida - as opções para o jantar eram rolinhos primavera secos ou uma torta que parecia ter sido requentada mais de dez vezes ao longo do dia. Escolhendo a torta, cobriu-a de molho e tirou as ervilhas murchas do topo antes de dar uma mordida, rezando para que não pegasse uma intoxicação alimentar.

Caindo na cama, deitou-se entre os lençóis ásperos, sentindo-se sozinha tão longe de casa. Ficou irritada por Bobby - ou Ringo - não ser o que ela esperava. Tentando ignorar os insetos que mordiam as partes descobertas do corpo, adormeceu. Os ruídos altos do ar-condicionado somaram-se ao barulho abafado da televisão no quarto ao lado.

Esperava que Bobby estivesse tendo uma noite confortável em seu saco de dormir, porque, amanhã, Ruby Rose diria algumas verdades para ele.

UMA BOA NOITE de sono acalmou-a um pouquinho. Surpreendentemente, os barulhos e os aromas do hotel não foram suficientes para impedi-la de dormir. Segurando as malas e pronta para começar o dia, sentou-se na entrada do lugar e observou os primeiros raios de luz espreitarem no horizonte; os tons escuros acima ainda estavam clareando quando Bobby chegou ao estacionamento.

As coisas não foram muito diferentes do dia anterior - Ruby tagarelou um pouquinho, e Bobby assentiu educadamente, não participando da conversa. Não perguntou nada a ela sobre sua vida ou sobre o que tinha feito nos últimos vinte e cinco anos.

Depois de um tempo, ela encontrou um CD. A música suave de Norah Jones preencheu o silêncio e relaxou tanto a passageira quanto o motorista. Quilômetros de asfalto se estendiam atrás deles. A estrada os aproximava da cidade e da realidade iminente do porquê estavam naquela jornada.

— Vamos nos encontrar com Theresa e com a equipe legal depois de amanhã. — Ruby decidiu que era hora de acertar alguns planos antes de chegarem aos subúrbios movimentados da cidade. — Pode ficar na minha casa enquanto as coisas não forem resolvidas.

— Não. Vou encontrar algum lugar para ficar, não quero incomodá-la.

— Não vai me incomodar. E não vou discutir - você vai ficar comigo. Assim, posso garantir que esteja em todas as reuniões e julgamentos.

Ele franziu a testa para Ruby, nem um pouco acostumado a receber ordens.

— Vou ficar bem. Agora que estou aqui, não vou fugir. Posso encontrar um lugar para mim. Eu disse: não gosto de pessoas nem de lugares, especialmente aqui nessa cidade.

— Você vai ficar comigo. — Ruby encarou-o, sentindo a raiva explodir outra vez. — Tem uma construção separada da minha casa, então pode ter um lugar só seu.

— Você mora na cidade?

— Não. Moro um pouco ao norte de Brisbane, a um quilômetro. Vai ser

melhor para você. Fica no interior, não tem muito barulho.

— E a sua família? Não vão se importar?

— Meu pai mora numa casa de repouso em Noosa e me visita apenas de vez em quando. Sei que ele adoraria ver você, se quiser.

— E o seu marido? Seus filhos?

— Meu casamento acabou há uns cinco anos, e nunca tive filhos. Não sabem o motivo, mas talvez eu tenha a mesma condição da mamãe. De qualquer forma, não tivemos filhos. — Ela olhou pela janela, observando a paisagem mudar enquanto se aproximavam da cidade.

— Assumi que fosse casada e tivesse filhos. Você sempre quis isso...

— Bem, as coisas nem sempre saem de acordo com o esperado. Meu pai é a única família que tenho. Mamãe morreu há alguns anos, somos apenas eu e papai agora.

Bobby ficou quieto outra vez, e Ruby percebeu que ele simplesmente perdera o interesse. Pensou que mencionar o pai o faria perguntar algo. Com certeza, teria gostado de saber como Francis andava? Mas não houve nenhum questionamento. O ponto positivo foi que ele parou de argumentar sobre onde ficaria hospedado. Seguiu as direções de Ruby até, por fim, virarem à direita na trilha de pedregulhos que levava à casa dela.

Como muitos dos visitantes faziam, Bobby desacelerou sob as árvores grandes; a sombra escurecia e refrescava o ar, e o arco de folhagens chamava atenção, cumprimentando-os silenciosamente enquanto o carro seguia pelo caminho.

Ruby observou-o, intrigada com o olhar melancólico em seu rosto.

— São árvores lindas — disse ela. — É uma das minhas partes preferidas na propriedade. Com sorte, vai ter uns dias de folga enquanto estiver por aqui para dar uma boa olhada em todo o lugar.

— Esqueci do quão verdes as montanhas são, e o ar... — Ele ficou sem palavras por um momento, enquanto estendia a mão pela janela e sentia a brisa fresca contra a pele. — É tão revigorante e limpo. Nada de poeira.

— É um pouquinho diferente de onde você mora. Espere para ver a vista. — Ela notou que ele estava surpreso.

Apesar de uma eternidade parecer ter passado antes de Bobby falar outra vez, Ruby percebeu que o amigo não estava mais tão infeliz de se hospedar ali, tampouco houve mais qualquer argumentação sobre ele ficar hospedado na construção ao lado.

Abrindo a porta da cabana, ela apontou para a porta dos fundos que

levava ao banheiro exterior.

— O chuveiro fica nos fundos. Acho que tenho algumas toalhas ali. Uma amiga - Lesley - tomou conta do lugar enquanto estive fora. Comprou comida e manteve o lugar limpo. Se eu a conheço... sim. Aqui. Ela lavou as toalhas, e aqui tem um sabonete.

Bobby a observava enquanto ela o olhava de cima a baixo.

— Também tenho xampu. Talvez, se lavar o cabelo duas vezes, vai conseguir se livrar da poeira.

Ela se perguntou como ele fazia para pentear aquela massa de cabelo encaracolado que espiralava debaixo do chapéu, que ele quase nunca tirava. Entre o cabelo e a barba grossa, as únicas partes visíveis do rosto eram as maçãs e os olhos - escuros e taciturnos - encarando-a, instigando-a a fazer qualquer comentário sobre sua aparência.

— Eu sei lavar o cabelo. Obrigado pelo conselho, mas acho que sei me virar.

— Bobby... sinto muito. É que, bem... você parece um selvagem do deserto.

Ele não moveu os olhos. Continuou encarando-a.

— Vai precisar se limpar um pouco. Talvez arrumar a barba, comprar algumas roupas decentes. Precisa parecer elegante e composto para o julgamento.

— Eles vão me aceitar como sou, ou nada feito. — Lançou um último olhar afiado a ela. — Obrigado.

Percebeu que ele queria que Ruby fosse embora, pois talvez ela tivesse passado do limite. Mas *iria* melhorar a aparência. No Oeste, ele se encaixava; era apenas outro vaqueiro acidentado e empoeirado, usando roupas manchadas, um chapéu esfarrapado e botas muito gastas, além da barba longa e da confusão de cachos, mas aqui, a história era outra.

— Venha para a casa quando estiver pronto. Lesley disse que ia deixar alguma comida pronta. — Ela saiu pela porta antes que Bobby pudesse responder.

RUBY TOMOU BANHO e se livrou do jeans e da camiseta que foram seu uniforme nas últimas semanas. Ficou surpresa com a quantidade de poeira que saiu não apenas das roupas, mas do corpo. Escolheu um vestido florido e soltinho, apreciou o tecido fresco contra a pele e sentiu-se limpa e liberta da poeira e da sujeira com a qual tinha sido coberta no carro.

Arrumando a mesa no terraço, viu Bobby - uma figura solitária - caminhando sob as árvores gigantescas ao lado da casa. Então, tão imóvel quanto uma estátua, ele olhou para o vale. A cabeça se moveu apenas brevemente, enquanto analisava a paisagem abaixo antes de voltar o olhar para os galhos massivos dos pinheiros.

Ela voltou para dentro e, da janela da cozinha, o viu acariciar o tronco áspero, bisbilhotando as partes mais altas da árvore e demorando-se antes de seguir lentamente para a casa.

— Que árvores são aquelas? — perguntou ele, quando chegou ao terraço.

Ruby indicou que se sentasse à mesa, onde o jantar estava a postos, e serviu uma taça de vinho para cada um.

— Pinheiros, não são magníficos?

— Devem ser velhos.

Enquanto colocava o jantar nos prantos, Ruby contou a história das árvores e o que significavam para o povo aborígene local.

— De vez em quando, sento aqui e fecho os olhos. Tento imaginar como o lugar era quando os aborígenes costumavam vir aqui e se reunir... como era o vale ali embaixo, sobre o que conversavam, como era a vida. Não conheço nenhum aborígene, mas você deve ter encontrado alguns no Oeste.

— São um povo diferente por lá, com costumes diferentes. Idiomas diferentes, clãs diferentes.

— Como eles são, os que vivem onde você trabalha?

— São boas pessoas. Os melhores cavaleiros que existem, são quase um só com a terra. Têm os mesmos valores das tribos que viveram aqui um dia, a terra é tudo para eles - a terra e a consanguinidade.

— O que é importante para você, Bobby?

Ele demorou para responder. Primeiro, os olhos se apertaram, cheios de suspeita, antes de se desviarem dos dela, encarando, em vez disso, a paisagem.

— O deserto e os meus cachorros.

— E Theresa? É a única parente de verdade que você tem. — Agora, Ruby tinha se acostumado com a barreira que Bobby erguia sempre que tentava fazê-lo falar sobre a família ou sobre se reconectar com o passado.

— Faz muito tempo que parei de me importar e de pensar no passado. Não olho para trás, não tem nada de bom lá. Não significa nada para mim.

— Theresa poderia gostar de ter um familiar por perto — opinou Ruby. — Não está num momento muito bom... com problemas mentais, provavelmente, causados pelas drogas.

A voz dele soou firme, resoluta e lenta, como sempre, quando se inclinou para frente e disse:

— Eu disse, vou fazer o que for preciso para que o canalha seja preso. Assim que puder, vou embora. Ninguém vai me encontrar de novo. Não gosto de pessoas nem de lugares.

— Tudo bem, não precisa ser grosso. Você não pode relaxar um pouco enquanto estiver aqui? Gostaria que desse uma olhada no lugar. Bem, na verdade... tenho um favor a pedir. — Ela fez uma pausa, esperando para se certificar de que ele estivesse ouvindo. — Meu pai ia gostar muito de rever você. Ele nunca me pede nada, nem reclama. Mas me disse muitas vezes que, se eu conseguisse encontrá-lo, adoraria conversar.

— Claro que verei seu pai. Não sou um sem-coração, fique sabendo. Não estou acostumado com pessoas por perto, apenas isso. Conversar com... uma...

— O quê? Uma mulher?

— Bem, trabalho mais com homens. Falamos a mesma língua. — Ruby murmurou baixinho, e ele ergueu as sobrancelhas. — O quê? O que você disse? — Ela olhou para ele; os olhos arregalados eram uma refutação inocente. — Eu não ouvi. — Ele bebericou a taça, desfrutando do sabor frutado do vinho tinto.

— A mesma língua. Sim, vocês, com certeza, falam a mesma língua — disse Ruby. — Chama “ser incapaz de se comunicar, vamos engarrafar o que sentimos e fingir que está tudo bem”.

— Não faz bem ficar se lamuriando por algo.

— Que tal conversar sobre as coisas, expor seus problemas? Se tivéssemos feito isso anos atrás, talvez não estivéssemos fazendo isso agora, tanto tempo depois. Talvez o canalha do seu tio tivesse sido preso há anos.

— Éramos crianças, o que mais poderíamos ter feito? A polícia sabia, o padre sabia. Para quem mais deveríamos ter contado? — Bobby reencheu ambas as taças.

— Sempre penso em como Lynette contou até para a mãe sobre o avô. E lembro de ela ter xingado a filha de vadia.

— O que será que aconteceu com ela? — O vinho tinto soltara Bobby um pouquinho, e ele parecia relaxado, até mesmo interessado na conversa.

— Eu ainda a vejo, de vez em quando — contou Ruby. — Tomamos café juntas. Ela está bem. — Ruby reclinou-se, sorrindo. — Pensava que você tinha uma quedinha por ela quando mais novos.

As pontinhas dos lábios de Bobby se curvaram, mas ainda não era um sorriso.

— Eu a achava interessante. Tinha um corpo bonito.

Ruby riu, uma risada contagiante que pareceu familiar demais a ele.

— Cristo, esse tempo todo e pensei que você estivesse apenas sendo gentil, mas estava era interessado no corpo dela.

— Não, nunca. Eu era apenas uma criança.

Agora ele definitivamente estava sorrindo, e Ruby sentiu uma fagulha da velha conexão; apenas os dois rindo e conversando.

— Lembra da vaca, Bobby?

Ele pensou.

— Daisy... a vaca bonita com aqueles olhos marrons e sagazes. Cristo, nunca vou esquecer do dia que ela perseguiu você e a obrigou a fugir. O ranho que saía do nariz dela quando sentia que você estava por perto...

— Aquela vaca maldita, acho que nunca superei. Mesmo hoje, fico nervosa quando tenho de atravessar um pasto. Basta uma delas me olhar para que eu saia correndo.

— Aquela vaca amava seu pai. Dizem que os animais conseguem sentir quando a pessoa é boa... não que você não fosse. — Ele sorriu de novo. — Mas seu pai era uma pessoa mais do que boa.

Bobby levantou-se de repente, com o rosto sóbrio.

— Preciso ir embora. Obrigado pelo jantar.

— Boa noite, Bobby.

Ele estava no meio da escada, com as costas voltadas para Ruby, e

apenas um aceno de mão indicou que a tinha escutado. A escuridão da noite o engoliu, enquanto ela o observava partir. Por fim, uma luz apareceu na cabana onde ele dormiria.

— Boa noite, Bobby.

AS SEMANAS SEGUINTEs foram preenchidas por reuniões e interrogatórios, visitas aos advogados, conversas e discussões. Os dois lembraram dos acontecimentos de tantos anos antes. Então, por fim, um irmão e uma irmã se reencontraram, se reuniram.

Bobby mal reconheceu Theresa. Como sempre, estava nervosa, inquieta, com um cigarro indo constantemente da mão para a boca. Abraçaram-se por alguns segundos desconfortáveis, fazendo o que era esperado de irmãos que não se viam há tanto tempo.

Um banquinho fora do escritório de advocacia lhes proveu um lugar silencioso onde se sentaram. Por mais de uma hora, Ruby os deixou sozinhos. Sentiu que Bobby não entraria em detalhes sobre o que tinha conversado com Theresa. Irmã nem irmão demonstraram qualquer emoção quando voltaram juntos. O advogado os atualizou, aconselhou e respondeu suas perguntas.



RUBY TINHA PLANEJADO tudo - Francis a visitaria por alguns dias durante o fim de semana, quando todos teriam alguns dias para relaxar. Queria que Bobby ficasse tranquilo, desfrutasse da hospedagem e, acima de tudo, conversasse com o pai dela.

Francis estava sentado debaixo das grandes árvores que acompanhavam a trilha de pedregulhos. Um banco rústico de madeira, sob os galhos mais longos do grande pinheiro, provia a ele um lugar confortável para esperar pacientemente o muito esperado encontro com Bobby.

Ruby chegou pela trilha e estacionou o carro ao lado do banco, balançando a cabeça.

— Pedi para ele esperar em casa — disse a Bobby. — Não sei como conseguiu subir o morro sozinho.

O velho homem levantou-se devagarinho quando o carro parou,

endireitando o corpo arcado e tentando ficar mais alto. Mãos antigas e deformadas seguravam a bengala que lhe servia de apoio, enquanto a outra acenava para os dois.

— Parece bem animado para ver você. — Esperava que Bobby agisse de maneira um pouquinho mais amigável do que com ela.

— Vou descer — disse ele. — Pode ir dirigindo, eu o acompanho até em casa. — Ruby hesitou, estava prestes a dar as próprias ordens, mas Bobby já tinha saído do carro e fechado a porta com firmeza. Viu o pai enrijecer, a mão se estender a Bobby antes de se abraçarem.



NAQUELA NOITE, OS três se sentaram no terraço. As silhuetas das árvores enormes aparentes contra o céu iluminado pela lua cheia. As estrelas brilhavam pela vasta extensão, e o vale vinha sendo pontuado pelas luzes das diversas fazendas, como vaga-lumes espalhados pelo pasto.

— Aos velhos amigos. — Francis ergueu a taça, brindando em alto e bom som com Ruby e Bobby. A filha parecia anormalmente quieta. — O gato comeu sua língua, Ruby Rose? — perguntou Francis.

— Estou apenas desfrutando o momento, papai. Nada mais.

Ela pensou em todas as breves conversas que teve com Bobby nas últimas semanas. Era sempre ela que começava a falar - lançava perguntas, tentava fazê-lo se abrir, geralmente, sem sucesso. Mas era diferente entre os dois homens. O pai idoso e curvado ouvia com atenção, acenando enquanto Bobby falava. Tinham longas conversas, com Bobby escutando, respondendo e fazendo perguntas; o rosto bronzeado trocava de expressão enquanto discutiam uma grande variedade de assuntos.

Enquanto escurecia, continuaram conversando e não pararam de falar quando a noite chegou.

Francis perguntou a Bobby sobre a vida nas propriedades de gado e nos diferentes lugares em que trabalhava.

— Deve ser estranho... voltar para a cidade depois de tantos anos, descobrir que estávamos atrás de você.

— Bem, acho que é algo que precisava ser feito. Deixei tudo de lado por tanto tempo... agora, quando vejo Theresa, bem... sobramos apenas eu e ela.

Ela precisa de um encerramento, de algo para todos os anos nos quais sofreu.
— Bobby tomou um longe gole da cerveja; suas palavras lentas, a voz grossa e grave.

Ruby virou-se de onde se apoiava no terraço.

— Também precisa de um encerramento, Bobby?

Francis arrastou a cadeira ruidosamente quando se levantou.

— Vou deixar vocês dois sozinhos. Vou me deitar. Cristo, essas cervejas me deram sono. — Beijou Ruby na bochecha, e sua mão apertou o braço dela. — Boa noite, minha linda Ruby Rose.

— Eu te amo, papai. Boa noite. Durma bem.

Bobby pulou da cadeira e manteve a porta aberta, acenando educadamente para Francis, que lhe deu um grande sorriso e uma piscadela conspiratória.

— Tchau, Bobby. Tenha uma boa noite.

O barulho das cigarras escondidas nas árvores e arbustos preencheram a noite, e o som ecoou no ouvido de Ruby. Tentava acalmar a raiva que crescia; raiva por se sentir de lado, excluída. Esforçou-se tanto para se aproximar de Bobby, para renovar a amizade que um dia tiveram, mas ele continuava erguendo barreiras contra ela todas as vezes.

Desde a primeira noite, quando o atualizou sobre as provas do julgamento e sobre o que Theresa e a equipe legal queriam dele, mal conversara com Ruby - apenas papo furado, como se ela fosse uma estranha e não alguém que tivesse se empenhado para encontrá-lo, que queria ajudá-lo.

Ruby encheu o copo outra vez. Observou-o pelo cantinho dos olhos quando ele passou por ela e sentou-se nas escadas, olhando para o vale. Queria se aproximar e se sentar ao lado dele, queria conversar e fazê-lo responder. Bobby foi a pessoa mais próxima a um irmão que ela teve, e agora que estavam ali, Ruby queria esse relacionamento de volta. Mais do que tudo, queria ajudá-lo e queria conversar com ele sobre enfrentar esse julgamento, dizer que estaria ali por ele e por Theresa, que Ruby tinha sido treinada para ajudar as pessoas.

Não conseguiu se impedir.

— Perguntei se você queria um encerramento.

Bobby não se virou e continuou encarando a escuridão da noite.

— Encerramento... tive isso há muito tempo.

— Mesmo? Não parece saber conversar sobre isso como alguém que realmente encontrou um encerramento.

— Acho que vai ser um encerramento quando o virmos atrás das grades.

— Bobby, fui treinada para isso. Meu trabalho é ajudar pessoas a se recuperarem de traumas, de abusos, de acontecimentos da infância.

— Não preciso de ajuda.

— Acho que você precisa, só não quer admitir.

Bobby virou-se, o rosto quase invisível.

— Não preciso de ajuda. Você não pode mudar o que aconteceu, então toque a sua vida. — Suas palavras soaram lentas, mas foram entregues num tom que indicou a Ruby que não deveria pressioná-lo ainda mais. — Foi bom conversar com o seu pai, é um sujeito do bem.

Quis perguntar por que conseguiu conversar com papai, mas não com ela. Havia tantas perguntas, tantas coisas que queria dizer para ajudá-lo nas semanas que viriam... queria contar a ele que não lidaria com isso sozinho.

— Vai ficar tudo bem, vou conseguir lidar com isso.

Ela ficou surpresa por Bobby ainda ser capaz de imaginar o que ela estava pensando, sem Ruby nem mesmo dizer uma palavra. Ele subiu as escadas, colocou o copo vazio na mesa e fez uma reverência com o chapéu.

— Boa noite, vou voltar para casa.

Ruby não respondeu, e ele desapareceu na escuridão. Depois de um tempinho, uma porta se fechou. Ela ficou sentada por um longo tempo no terraço, bebericando o vinho, observando as luzes das fazendas no vale, enquanto lentamente se apagavam, uma depois da outra.

AS SEMANAS ANTES do julgamento voaram, e os dias foram cheios de reuniões e viagens a Brisbane em preparação ao caso no tribunal. O dia mais desafiador, tanto para Bobby quanto para Ruby, chegou quando, acompanhados por uma equipe de detetives, tiveram de visitar a velha casa de Bobby. Havia representantes legais e outras pessoas para lhes dar apoio, mas o passeio foi emotivo e exaustivo, assim como penoso quando foram obrigados a evocar lembranças de acontecimentos tão antigos.

Francis dormiu na casa depois da visita. Na manhã seguinte, ele e Bobby saíram cedinho, antes de Ruby se levantar. Ela ouviu o motor no cume atrás da casa; sem dúvida, dariam uma olhada em todas as partes e construções da propriedade.

Os dois homens pareceram ganhar mais energia. Durante o dia, a conversa fluiu entre eles. Ruby os deixou sozinhos, gostando de apenas ouvir o que falavam. *Assuntos seguros*, pensou ela, *nada muito intrusivo ou perto demais do que estava prestes a ser revelado no julgamento. Ainda assim, pareciam tranquilos e felizes.*

— Por que ele se abre com você, mas não fala comigo, nem mesmo demonstra interesse na minha vida? — Ruby encurralou o pai enquanto Bobby tomava banho.

— Faz muito tempo que ele não fica perto de uma mulher — explicou Francis. — No deserto, o mundo é dos homens. Está acostumado a conversar com homens sobre, você sabe... assuntos de homem.

— Bem, mas não sou uma princesinha delicada. Posso conversar sobre gado e cachorros.

Francis riu, com as duas mãos apoiadas na bengala de madeira.

— Bem... por vezes, as pessoas simplesmente não querem ajuda. Apesar do que viveram, não *precisam* de ajuda. Aprenderam muitas coisas sozinhas. Livram-se dos obstáculos, chutam-nos para longe e aproveitam ao máximo o que têm.

— Eu sei, é que... — Ela retorceu a boca. — Éramos amigos tão bons. Seria bom conversarmos como antes, confiarmos um no outro.

— Você não é mais criança. É mais importante, nem ele. Algumas vezes, não conseguimos recuperar nossos amigos de infância. Talvez precise aceitar isso. — Francis apoiou a mão no joelho de Ruby. — Ele se sente grato pelo o que você fez - encontrou-o, o convenceu a voltar e, mais importante, ajudou Theresa.

— Mesmo? — Ruby ficou surpresa. Com certeza, não tinha visto nenhuma evidência dessa gratidão.

— Sim, ele me disse. E mais algumas coisinhas. Ele desabafou um pouco — revelou Francis. — Ele não fala muito, precisa de um tempo para se abrir. Sabe que vai ser difícil e que vai precisar enfrentar o canalha na corte e sabe que precisa ficar calmo e contar tudo, lembrar do que aconteceu. Faz muito tempo.

— Ele conversou com você sobre tudo isso?

— É claro, ele me contou muitas coisas. — Francis riu. — Não preciso do seu diploma chique em Serviço Social para conversar com as pessoas. De vez em quando, querem apenas ouvir coisas simples. Talvez minha experiência de vida tenha ajudado - você sabe, meu diploma na vida.

Ruby fez uma careta. Sempre podia contar com o pai para trazer a mente de volta à realidade, para manter os pés firmes no chão. Conversaram, e o papo ficou cada vez mais animado enquanto brincavam um com o outro, como tinham o costume de fazer.

Bobby os observou debaixo da sombra das grandes árvores. Os risos e a conversa flutuavam pela brisa, alcançavam-no. Depois de um longo tempo, juntou-se a eles.

Ruby parecia relaxada, com o cabelo ondulado preso para trás. Os olhos verdes e penetrantes não deixavam nada passar enquanto paparicava o pai.

— Você cozinha bem — elogiou Bobby, enquanto ela servia uma refeição deliciosa de frango e arroz. Finalmente, ele havia admitido algo.

— Gosto de cozinhar agora que tenho tempo.

— Ela faz um curry... um caril de peixe maravilhoso — disse Francis. — Precisa fazer para Bobby provar.

— Posso fazer, se ele quiser. — Ela se virou para Bobby, esperando uma resposta.

— Obrigado, eu adoraria.

Francis deu uma piscadela para Ruby, que não pareceu tão impressionada; ela ainda esperava uma conversa mais longa do que apenas algumas palavras.



NAQUELA NOITE, RUBY disse a Bobby:

— Preparei suas roupas para amanhã de manhã. Aquelas que compramos. Passei todas e escolhi uma gravata para você.

Tentou fazê-lo aparar o cabelo e a barba, mas foi recebida por uma oposição silenciosa e uma expressão resoluta no rosto dele a avisou, sem qualquer sombra de dúvida, de que deveria deixá-lo em paz. Bobby não precisou dizer nada; ela sentia que podia ler a mente dele, que estava lhe dizendo para não se meter e parar de dar ordens.

— Bobby, pode me ajudar a voltar para casa? — Francis levantou-se, pronto para se deitar. — Tudo bem, Ruby Rose. Bobby pode me ajudar. — Ele fechou os olhos quando ela beijou sua bochecha. — Você deixa esse velho muito feliz. Sou um homem de sorte.

— Boa noite, papai. Eu te amo.

Francis apoiou-se no ombro de Bobby quando lentamente entraram na casa, conversando pelo caminho.

Ruby estava prestes a segui-los e ver se estavam bem quando Bobby voltou ao terraço.

— Tudo bem com ele? — questionou Ruby. — Ele não costuma pedir ajuda.

— Queria me aconselhar sobre as semanas que virão.

— Quer se sentar e conversar um pouco? Posso preparar um cafezinho. — Ruby esperava ter mais uma chance de falar com ele antes do julgamento começar.

— Não. Obrigada pelo jantar, acho que vou me deitar. Preciso acordar cedo amanhã. — Ele assentiu antes de, mais uma vez, sair andando abruptamente, deixando-a sozinha no terraço.

Ruby ficou sentada por um longo tempo depois que ele se foi. As mariposas e os insetos voavam ao redor da lâmpada pendurada, responsáveis pelos únicos movimentos no ar estagnado da noite. Bebericou o vinho sem pressa, e os fatos do caso reviraram em sua mente. A atitude de Bobby, nas últimas semanas, não foi o que esperava quando resolveu procurá-lo. *Pelo menos, fui capaz de convencê-lo a voltar*, pensou ela.

Sabia que, no entanto, assim que o julgamento acabasse, Bobby partiria - para tão longe no oeste quanto conseguisse. Obviamente, não sentia uma

conexão com ela, nem com os anos que passaram juntos como amigos, almas gêmeas, compartilhando os momentos tristes e felizes da infância.

Talvez os meninos fossem diferentes, considerou ela, olhando para a escuridão. Talvez não se agarrassem com carinho às lembranças de uma criança. Era esperado de Bobby pensar apenas no presente, querer enfrentar o mundo um dia de cada vez, sem olhar para o futuro nem se importar com o passado, mesmo com os momentos alegres.

Esperava que, assim que Bobby voltasse para o oeste, pudessem manter contato, talvez conversar de vez em quando, ligar ou trocar e-mails. Queria que continuassem amigos, restaurando os laços que uma vez os uniu. Mas a barreira que Bobby erguera entre eles - a distância e o silêncio que ele parecia reservar para ela - era definitivo e firme. Ela sabia que, assim que o caso acabasse, provavelmente, nunca mais o veria.

Assegurou-se de ter feito tudo que era possível. Não apenas encontrou Bobby no meio do nada, mas convenceu-o a voltar e a testemunhar. Entretanto, não tinha mais nada que pudesse fazer.

Suspirou, odiando o fato de que não poderia resolver aquele problema, nem dar um jeito naquela parede invisível que ele erguia entre ele e os outros, naquela inabilidade clara de lidar com o mundo real ou, por falar nisso, na incapacidade de identificar quando alguém se importava com ele, quando queriam ser seu amigo.

Desligando a luz, Ruby levantou-se. O silêncio e o ar estagnado da noite envolveram-na quando viu um relâmpago selvagem iluminar o vale ao sul.

Do outro lado do declive, escondido pela escuridão da noite e pela altura dos troncos, Bobby estava parado, observando a luz piscar e serpentear pelo horizonte distante. O brilho dos relâmpagos revelava nuvens escuras e distantes, cheias da tempestade.

Olhou para o terraço. Ruby continuava visível enquanto apreciava o mesmo temporal, sem saber que ele estava ali perto. Ele a observou por um longo tempo antes de voltar sem pressa para a cabana, fechando a porta silenciosamente depois de entrar.

OS TRÊS ACORDARAM cedo na manhã seguinte, pouco depois, o cheiro de ovos e bacon soprou da cozinha. Ruby arrumou a mesa no terraço e espremeu um suco fresco de laranja - o preferido do pai. Vapor subiu de uma pilha de torradas, e um fio de fumaça espiralou do bico de um grande bule esmaltado no centro da mesa.

— O café está servido — disse ela.

Com as pernas trêmulas, Francis atravessou lentamente o terraço, e Ruby observou Bobby puxar uma cadeira para papai. Aconchegou-o e apoiou a bengala na posição usual longe dali, contra a parede de madeira.

— Eu amo cafés da manhã generosos, Ruby Rose. Parece que foi preparado para um rei — disse o homem velho, com o rosto desgastado enrugado, mas cheio de felicidade, enquanto dava uma piscadela para Bobby. — Ela cozinha muito bem, jovem Bobby. Eu mesmo ensinei.

— Você nunca fez nada disso, pai. Acho que nunca vi você preparar uma xícara de chá. Era mamãe que colocava o açúcar e misturava para você.

— Eu sei cozinhar, juvenzinha.

— O quê? Torradas?

— Bem, eu poderia cozinhar, se fosse preciso. Mas ainda bem que servem refeições lá no repouso. Provavelmente, viveria de feijão e torrada se não fizessem isso.

Bobby sorriu para os dois, apreciando a conversa animada que sempre ocorria entre eles.

— É um bom café da manhã — elogiou ele. As palavras, como sempre, lentas e limitadas.

— Obrigada, Bobby. Aproveite. — Ruby desistira de fazê-lo falar mais. Sentiu-se satisfeita por, pelo menos, ele ter gostado do café. — Quer repetir algo?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Tudo certo.

— Muito bem. — Ela olhou para o pai, que observava com atenção a interação - ou falta dela - entre os dois.

— Bem... — Francis ergueu o suco de laranja. — Vamos brindar ao fato

de que colocaremos aquele canalha na prisão de uma vez por todas.

Pelo menos, ele me olhou nos olhos, pensou Ruby, enquanto ela e Francis tilintavam os copos.



QUANDO BOBBY VOLTOU da cabana, Ruby e Francis estavam focados numa conversa e pararam de falar assim que o viram. Bobby vestia uma calça lisa, uma camisa de gola e uma gravata.

— Caramba, você se limpou direitinho. — Francis olhou Bobby de cima a baixo, rindo da roupa elegante, mas, com certeza, nada confortável do homem em sua frente.

— Está bonito, Bobby — disse Ruby.

Ela se levantou, aproximou-se e, sem pensar, endireitou sua gravata e trouxe um pedacinho do colarinho para a posição correta. Afastou-se, ciente da cara feia dele. Seus olhos escuros encontraram os dela antes de desviar o olhar. O cabelo escuro, grosso e rebelde ainda chegava aos ombros. Ela mordeu a boca. O cabelo estava limpo, mas ainda parecia um tanto desgrenhado. E a barba, bem... por mais que tivesse insistido, ele foi igualmente teimoso e acabou aparando apenas um tantinho, a maior parte do rosto continuava encoberta.

— Vai servir — resmungou ele. — Não tem como ficar melhor.

— Não se preocupe, juvenzinho. Afinal de contar, você não vai ser julgado. — Francis ergueu o queixo, determinado a ficar do lado de Bobby.

— É verdade, papai. Mas vai ter o júri e um juiz, e estaremos num tribunal, então não tem como não ser formal. De jeito nenhum deixariam você encontrar com roupas de trabalho. Sinto muito, Bobby. Sei que isso gerou algumas discussões, mas... é sério, de vez em quando, queria que você me deixasse cuidar dessas coisas.

Francis murmurou algo. Bobby relaxou a expressão e deu um breve sorriso ao velho.

— O que foi? — perguntou Ruby. — O que disse, papai?

— Nada, meu amor. Nada. — Os olhos de Francis estavam arregalados, e as sobrancelhas peludas encostavam nas rugas da testa.

— Seus conspiradores — murmurou Ruby. — Vou me arrumar. —

Encarou os dois antes de marchar para dentro da casa. Continuou ouvindo os dois conversarem e o riso ocasional do pai.

Homens, pensou. Não sei por que tento dar um jeito neles. Começava a sentir que não tinha mais controle sobre nada, pois ninguém parecia lhe dar ouvidos. E, para sua frustração, às vezes, Bobby ainda a tratava como criança. *Foque, disse ela, concentre-se no que vem em seguida. Pense no dia, no que vestir, que horas -* ela olhou para o relógio - *ir para a cidade, quais pastas levar.* Reuniu os documentos assinados, as garrafas de bebida, os lanchinhos, os lenços, o paracetamol e um kit com todos os itens de emergência dos quais poderiam precisar.

— Certo, vamos. — Saiu pelos fundos, interrompendo os homens que estavam perdidos numa conversa e apontando para o relógio. — Chegou a hora.

Desta vez, não houve qualquer refutação nem comentário quando a seguiram. Bobby ajudou Francis a descer as escadas, com Ruby marchando na frente deles e olhando sobre o ombro para se certificar de que estavam vindo.

— Pegou tudo, Ruby Rose? — Francis deu uma piscadela para Bobby antes de olhar, cheio de inocência, para Ruby.

Ela semicerrou os olhos quando inclinou a cabeça para um dos lados, olhando para o pai, mas não disse nada.

— Foi uma piada — disse ele. — Precisa relaxar, meu amor. Posso dizer como está linda hoje? Um colírio para os olhos desse velho homem.

Balançando a cabeça, ela segurou o braço dele e lhe deu um beijo firme nas bochechas cheias de rugas.

— Acho que não preciso de ninguém me ajudando a ser organizada, mas obrigada por perguntar. — Por fim, o rosto se abriu num sorriso. Nunca conseguia ficar chateada com ele por muito tempo.

— Tudo bem, então — disse Francis, inclinando-se para frente e cutucando o braço de Bobby.

Ruby ligou o carro e deu uma olhadela para Bobby, que estava sentado, em silêncio, no assento do passageiro.

— Pronto? — Ela sorriu para ele.

— Sim. — Assentiu, olhando apenas para frente.



BOBBY NÃO FALOU de novo até deixarem Francis no bairro dos aposentados. Segurou o braço do velho e o levou à porta da frente, onde os dois se abraçaram, trocaram um aperto de mãos e conversaram um pouquinho antes de Bobby voltar para o carro. Ruby acenou e mandou um beijo para o pai, que continuou apoiado na bengala em frente da casa, observando-os dirigirem para longe dali.

Vai ser uma viagem longa para a cidade, pensou Ruby, trocando as estações do rádio e preenchendo o silêncio com músicas animadas.

— Tudo bem? — Ruby olhou para Bobby, que estava sentado em silêncio, sem se mover, enquanto abriram caminho pelo tráfego pesado no limite da cidade.

Ele assentiu.

— Tudo bem.

Ruby respirou fundo, percebendo que tudo que receberia eram apenas aquelas poucas palavras. Parou o carro no labirinto da floresta de concreto que era o estacionamento subterrâneo da corte.

— Certo — disse ela. — Vamos.

NA SEMANA SEGUINTE, Bobby se hospedou em um hotel perto da corte, e Ruby, na casa de amigos nos arredores da cidade - por ser testemunha, não seria admitida na corte antes de depor. O interesse da imprensa crescia a cada dia do julgamento, e jornalistas perseguiam diferentes grupos de pessoas que saíam do tribunal.

Diversas vezes nos noticiários, Ruby vislumbrou Bobby ou Theresa enquanto eram protegidos pela equipe legal; Theresa começava a mostrar sinais de ansiedade com o passar dos dias. Mike Carlon tinha sido um político importante, e o caso vinha atraindo muita atenção.

Era difícil identificar, pelas imagens da televisão, qual efeito o julgamento teve em Bobby. Parecia o mesmo de sempre. O longo cabelo grosso e a barba cheia encobriam a maior parte do rosto. Geralmente, a cabeça continuava baixa enquanto atravessava as multidões de câmeras e jornalistas que o esperavam do lado de fora do tribunal todos os dias.

Por fim, chegou a vez de Ruby testemunhar. Sentou-se, esperando ansiosa o oficial de justiça a acompanhar ao lugar adequado. Calor lhe envolvia as mãos, e ela respirou fundo diversas vezes, preparando-se para o que viria.

Antes do esperado, foi levada ao assento, e o oficial indicou que ela deveria apoiar a mão na Bíblia e ler o juramento em voz alta, afirmando que seu testemunho seria verdadeiro.

Ficou surpresa com a instabilidade da própria voz enquanto lia. *Respire*, disse a si mesma, pressionando as mãos firmemente na madeira logo em frente.

O interrogatório dos procuradores teve início. Ela equilibrou a voz, lembrando-se da infância como vizinha da família Carlon. Ruby olhou para o júri enquanto falava sobre a amizade com Bobby ao longo dos anos e sobre os eventos dos quais tinha conhecimento. Manteve os olhos longe de Mike Carlon, sentado sem qualquer expressão, com os olhos cabisbaixos.

— Poderia me dizer quando descobriu sobre o abuso que Theresa Carlon sofria nas mãos do acusado? — questionou o procurador.

Ruby lembrou-se do dia em que Bobby soltou a informação.

— Eu tinha apenas dez anos — disse ela. — Ainda me lembro da história, de Bobby perturbado. Ele tinha apenas treze, mas sabia o que estava acontecendo e que era errado. Disse que contaria ao pai, suplicaria para que fizesse algo para impedir o abuso. — Ela olhou para Mike Carlon. — Mas Bobby tinha os próprios infortúnios - o pai batia nele. Muitas vezes, vi as cicatrizes em suas costas. O pai costumava bater nele com um cinto de couro.

— Por favor, explique para a corte por que não denunciou o abuso contra Theresa aos seus pais, com quem, aparentemente, você tinha um bom relacionamento. Contou a eles sobre as agressões a Bobby. Seu pai chegou a ir até a delegacia, tentou ajudar. Então por que não contou a eles sobre o abuso sexual de Theresa que Bobby expôs a você?

— Éramos crianças, unidos por segredos. Fizemos pactos - o tipo de juramento que crianças fazem. Tínhamos segredos que contávamos uns aos outros e que nunca poderiam ser espalhados. Queria contar a alguém, sempre pensei em fazer isso, mesmo anos depois, principalmente quando ouvia histórias sobre casos similares. Sou assistente social e lidei com muitos clientes que foram afetados da mesma forma... sempre me lembro do que acontecia com Bobby e Theresa.

— Então, quando criança, nunca denunciou nem contou nada a ninguém?

— Não.

— Alguma vez pensou que Bobby estivesse mentindo para você? Que talvez tivesse inventado tudo?

— Não, nunca — disse ela.

— Por quê?

— Bobby nunca mentia, nem fazia drama. — Sentiu a voz começar a estremecer outra vez e respirou fundo para se recompor. — Era estoico, queria apenas proteger Theresa e, acima de tudo, a irmãzinha Sally.

— Havia alguma outra razão para você nunca duvidar dele? Viu algo que confirmava o que ele disse?

— Tínhamos uma casa na árvore. — Ela percebeu que Mike Carlon ergueu a cabeça, e sentiu os olhos dele nela. — Bobby e eu passávamos a maior parte do nosso tempo livre naquele lugar. Víamos o mundo ao redor, mas ninguém nos via. Se ficassemos quietinhos, ninguém sabia que estávamos ali em cima.

— Conseguiram ver a casa vizinha? — indagou o procurador. — Digo, o

quintal da família Carlon?

— Ah, sim. Dava para ver claramente o quintal deles. Não havia nada bloqueando nossa visão.

— E consegue me dizer o que viu que confirmou os fatos que Bobby lhe contou em relação ao abuso ao qual Theresa estava sendo exposta?

Ela respirou fundo, e os olhos encontraram os dos membros do júri antes de se voltarem ao procurador.

— Mike Carlon costumava visitar e se hospedar na casa da família vizinha. Sempre chegava numa Mercedes preta, com malas.

— Quanto tempo geralmente ficava?

— Normalmente, algumas semanas — informou Ruby. — Dez em quando, um pouco mais.

— E onde ele costumava ficar?

— Na construção no fundo do quintal. Era isolada, com cozinha e banheiro. Por vezes, entrava na casa principal. Bem, apenas de tarde, quando o pai de Bobby estava trabalhando.

— Como você sabia se o pai estava no trabalho ou não?

— Ele era açougueiro — explicou ela. — Era o dono do açougue local, então nunca voltava para casa antes das seis.

— Por que acha que Mike Carlon visitava a casa pela tarde?

Ruby pareceu confusa.

— Não tenho certeza, Bobby nunca falou sobre isso. Não era para conversar com a mãe de Bobby, porque essa era a pior parte do dia para ela - quase nunca deixava o quarto depois do meio-dia.

— Srta. Bradley, alguma vez notou Bobby agindo de maneira suspeita, talvez demonstrando ansiedade, perto dessa hora do dia?

Ela arregalou os olhos.

— Se Mike estava presente, sim — afirmou ela. — Ou se o tio entrava na casa antes do pai chegar, Bobby entrava em pânico. Quero dizer, quando Bobby estava na minha casa. Muitas vezes, enquanto brincávamos ou fazíamos outra coisa, ouvimos o carro de Mike estacionar. Lembro-me com clareza de como Bobby entrava em pânico, largava a bicicleta, pulava da árvore e voltava correndo para casa. Gritava que precisava voltar. Mais tarde, me explicava que precisou voltar para cuidar de Sally, para garantir que estivesse segura.

— Você achava isso estranho?

— Bem... — Ela enrugou o rosto, tentando se lembrar. — Pensei nisso

algumas vezes, porque Theresa cuidava de Sally pela tarde. Então, geralmente, Bobby passava a tarde na minha casa.

— Alguma vez, perguntou a ele por que corria para casa daquele jeito? Ele chegou a explicar por que ficava tão ansioso?

O juiz interveio:

— Sem pressa, Srta. Bradley. Sabemos que isso aconteceu há muitos anos.

Ruby vasculhou a mente. Estava óbvio que Bobby ou Theresa, que depuseram anteriormente, haviam dito algo sobre o qual ela não tinha conhecimento. Respondeu com honestidade:

— Não, ele nunca falou nada sobre o que acontecia durante a tarde, não na casa dele. Apenas costumava dizer que precisava cuidar de Sally.

— Então não sabe de nenhuma instância de abuso que possa ter sido infligida contra Theresa ou Sally nessas tardes, quando o acusado visitava - sem supervisão - a casa onde as garotas estavam?

— Objeção, Meritíssimo — disse o advogado de defesa.

— Negada — respondeu o juiz.

— Bobby nunca me contou o que acontecia na casa pela tarde.

— Poderia, por favor, explicar à corte o que viu que confirma o fato de que Theresa estava sempre sozinha com Mike Carlon?

— Da casa na árvore, eu tinha uma vista clara do quintal vizinho. Eu conseguia ver a entrada da casa de Mike nos fundos do quintal. Por vezes, vi Theresa caminhando, geralmente, em frente de Mike. Então, entravam na construção. — Ruby sentiu o coração martelar no peito, as palavras ressuscitavam as lembranças como se tivessem acontecido ontem. — Diversas vezes, eu o vi segurando a mão dela, quase como se ela não quisesse entrar. De vez em quando, ficava claro que a menina estava chorando enquanto andava na frente dele.

— O que você achou disso então? Por que achou que ela estava indo sozinha com ele para a casa?

— Eu era apenas uma criança, e muitíssimo inocente. De vez em quando, ele levava uma vassoura junto, ou a fazia carregar um esfregão. Eu achei... — disse ela, engolindo em seco. — Pensei que a estivesse obrigando a limpar o lugar.

Apesar de o tribunal ter ficado quieto durante o testemunho, Ruby sentiu a pontinha afiada do silêncio, como se todos tivessem parado de respirar. As imagens, obviamente, tomavam forma em suas mentes.

— Quanto tempo, você diria, as visitas na casa do fundo duravam?

— Ficavam lá por um bom tempo. Quase nunca a via ir embora. Geralmente, quando entravam, eu me esquecia deles. Nunca me preocupei em olhar de novo. Afinal de contas, não havia muito o que ver. Pensei que Theresa estivesse apenas limpando o lugar. Nunca a vi saindo.

— E quando, exatamente, você tomou conhecimento de que havia mais coisas acontecendo na construção do que apenas limpeza?

— Eu me lembro muito bem desse dia. — Ela olhou para o júri. — Sei que eu era apenas uma criança, mas era muito inteligente para alguém de dez anos. Talvez, não na questão da sobrevivência, mas era uma boa ouvinte... e lembro das palavras exatas de Bobby naquele dia.

— Por favor, diga à corte o que ele disse no dia quinze de agosto de 1972 — pediu o procurador.

— Objeção, Meritíssimo — disse o advogado de defesa. — Não vejo como uma menina de dez anos saiba com exatidão o dia em que um amigo lhe contou uma história.

— Objeção negada — afirmou o juiz.

Ruby endireitou-se, com os olhos cheios de raiva. Então, disse, com a voz alta e clara:

— Lembro muito bem do dia, porque mesmo jovem, eu era muitíssimo organizada. Tinha um caderninho de anotações, no qual escrevia coisas relacionadas ao nosso clube - o Clube do Bicho-da-Seda. Eu anotava todo e qualquer detalhe sempre que estávamos na casinha. Nunca o joguei fora.

— Prova F — disse o procurador.

— No dia quinze de agosto, Bobby e eu estávamos na casa da árvore com uma outra amiga. Ele nos contou o que acontecia com Theresa quando o tio a levava para os fundos. Bobby começou a chorar e revelou tudo o que vinha acontecendo, o abuso sexual que Theresa sofria todas as vezes que Mike a levava consigo. Ele disse que Theresa ia fugir, que ela não aguentava mais. Disse que ele odiava o tio por conta do que fazia, e que o pai sabia de tudo, mas não tinha feito nada a respeito.

Ruby tomou um gole d'água, e o líquido gelado reconfortou a garganta seca.

— Poderia me explicar por que nunca expôs isso a ninguém? — questionou o procurador. — Bobby nos contou sobre o fato de você gostar de consertar tudo, de resolver os problemas de todos. Por que não contou para sua família? Por que não tentou ajudar Theresa? — Ruby sentiu uma pontada

no peito. As palavras pareciam duras demais. Conhecia as consequências de ter escondido segredos tão horrendos por tanto tempo. Ela mesma, afinal de contas, havia se interrogado sobre esse assunto muitas e muitas vezes no passado.

— Bobby me fez prometer. Como disse antes, fizemos um juramento. Ele disse que, se eu contasse para qualquer pessoa, não seria mais meu amigo e nunca mais me visitaria. Disse que eu apenas pioraria as coisas, que o pai bateria ainda mais nele. E seria ainda pior para Theresa... com o tio *e* o pai. Bobby e eu tínhamos um pacto. Chamávamos nossos segredos de Segredos do Bicho-da-Seda.

Exausta, Ruby ficou grata quando o procurador indicou que o dia havia terminado e que ela podia descer do estande. Olhou para Mike Carlon - cabisbaixo; as mãos envolviam a careca, e os ombros pareciam encolhidos.

Fechando os olhos por um momento, Ruby pediu em silêncio para que ele fosse preso de uma vez por todas. Encarou para o júri e caminhou, segura, pelo tribunal lotado.

PASSARAM-SE MAIS TRÊS dias antes de Ruby ser chamada para apresentar provas adicionais. Nesse intervalo, ficou longe de todos os associados ao julgamento e continuou hospedada na casa dos amigos. Passou os dias lendo ou dando longos passeios nas ruas suburbanas ali perto. Francis ligou algumas vezes, e ela se confortou nas palavras tranquilizadoras dele; os dois sentiam o impacto do que acontecera tão perto deles. Hoje, notou os olhos de Mike Carlon nela, enquanto, confiantemente, ela tomava o lugar de testemunha. Sabia que ele estava preocupado, afinal de contas, seus movimentos foram presenciados anos antes. Além disso, Carlon sabia que uma prova escrita - documentando dias e horários de seus movimentos - tinha sido guardada numa caixa que, muitas vezes, quase acabou no lixo em limpezas primaveris.

Agora, escutando as palavras que a faziam se lembrar que ainda estava sob juramento, preparou-se para o que viria a seguir.

— As declarações anteriores nos informaram — disse o procurador, olhando para o júri — que você passou bastante tempo no quintal e na casinha ao longo dos anos que estão sendo investigados. Confirma essa informação?

— Sim.

— Concluiu-se que você tinha uma vista clara do lado de fora e da porta de entrada da construção onde Mike Carlon se hospedava quando visitava a família vizinha. E você via o quintal com nitidez, sem ser vista.

— Sim. Correto.

— Provas oficiais mostram que, em março de 1974, Isobel Carlon - mãe de Bobby - foi levada e internada sob cuidados psiquiátricos no Hospital Wolston Park, um hospital para tratamento de doentes mentais. — O procurador olhou sobre os óculos para o júri antes de voltar a atenção para Ruby. — Poderia, por favor, nos contar o que aconteceu nesse dia?

— Não vi exatamente o que aconteceu com Isobel. Quero dizer, com a mãe de Bobby. Nem com Sally, a irmã mais nova. Quando cheguei em casa, voltando da escola, minha mãe estava me esperando para comprarmos

sapatos. Então não vi Bobby como habitualmente veria depois da aula. — Ela sentiu um bolo se formar na garganta, mas o engoliu e limpou a garganta. — No fim da tarde, depois de termos voltado das compras, corri para a casa na árvore, pensando que estaria me esperando. Mas ele não estava lá e, bem... ele nunca mais visitou a casa na árvore.

— Alguém viu você subir?

— Não que eu saiba — disse ela. — Eu era pequena, esperta e veloz. Não usava sapatos, então acho que ninguém me ouviu escalar, nem escutaram meus movimentos lá em cima.

— Que horas acha que eram quando subiu?

— Eu diria quase seis e meia. O sol estava se pondo, e lembro de estar escuro debaixo da copa quando me aproximei.

— O que você encontrou na casa da árvore?

— Com certeza, Bobby estivera ali mais cedo. Provavelmente, enquanto eu estive nas lojas. Ele me deixou um pequeno embrulho e um bilhete.

— Poderia, por favor, contar-nos o que tinha nesse embrulho?

— Bem... era... tinha algo que era dele ali dentro. Algo de Sally - seu objeto preferido. Era um grampo vermelho. O grampinho que tinha uma borboleta amarela e brilhante na ponta. Ela costumava usar dois deles, sempre os tinha no cabelo. Nunca os tirava, nem quando dormia. Exceto quando Bobby penteava seu cabelo, então ela os segurava. Ficava agitada e nervosa, e Bobby tinha de prendê-los outra vez. Não ia a lugar algum sem eles.

— O que pensou quando viu o grampo?

— Pensei que era estranho, esquisito... porque ela perdia o controle quando não tinha os dois no cabelo.

— E o que o bilhete dizia? Quero dizer, o bilhete que foi documentado como prova H?

— Bobby escreveu com pressa, notei pela caligrafia.

O procurador entregou o bilhete a Ruby, incentivando-a a lê-lo em voz alta.

— “Querida Ruby Rose.” — Ela respirou fundo, sentindo-se, mais uma vez, na casa da árvore - em outra época. Como uma garotinha confusa e muitíssimo chateada pelo melhor amigo tê-la deixado. Era um bilhete estranho, ainda sentia - a solidão, a tristeza - como se uma parte sua tivesse sido arrancada. E a voz ecoou no tribunal quando continuou lendo. — “Quem vai embora agora sou eu. Quando ler isso, vou ter partido. Também deixei

um bilhete para eles, dizendo para não me procurarem, porque nunca mais irei voltar. Papai e Mike internaram a mamãe. Fizeram o mesmo com Sally. Encontrei um grampo dela na cama, é melhor você ficar com ele. Ruby, você é a minha melhor amiga, mas preciso ir embora. Não conte para ninguém, é um segredo do Bicho-da-Seda - que você tem o grampo e o bilhete. Mike é do mal. Não aguento mais. Fugi para um lugar onde ninguém vai me encontrar, não tinha mais nada me segurando aqui. Não se preocupe, não vai me encontrar. Eu amo Sally, mas ela se foi. Adeus. Bobby.”

O procurador lhe deu alguns momentos para se recuperar antes de continuar o interrogatório.

— E o que você pensou quando leu o bilhete, Srta. Bradley?

— Fiquei muito chateada. Li o bilhete diversas vezes... tão chateada por Bobby ter ido embora sem me ver, por não me contar aonde iria.

— Poderia nos dizer o que aconteceu em seguida?

— Deitei-me no chão da casinha. Fiquei lá, encarando o bilhete. Sabia que estava ficando tarde, mas não conseguia me mover. Estava tão triste... lembro de ter chorado. Os pernilongos começaram a me picar. Lembro deles nas minhas pernas, então sentei-me. Foi quando notei que havia alguém andando no quintal vizinho.

— No quintal dos Carlon?

— Sim.

— Poderia, por favor, nos explicar o que viu naquela tarde?

— Ainda tinha um pouquinho de luz, apesar de ter começado a escurecer e de o quintal ao lado ser quase cerrado. Havia galpões dos dois lados, então ninguém via nada dos quintais vizinhos. Além disso, havia uma fazenda nos fundos, mas o único lugar com vista para o quintal era de cima das árvores - na nossa casa da árvore.

— Diria que era possível ver com clareza o que acontecia no quintal? Ou estava escuro demais, talvez não claro o suficiente?

— Não, diria que estava bem claro. Com certeza, vi o que estava acontecendo.

— Por favor, conte o que você viu.

— Vincent e Mike Carlon discutiam. Não em voz alta, pois não escutei o que disseram, mas vi os gestos e, sem dúvida, estava discutindo um com o outro. O pai de Bobby andava de um lado para o outro, como se estivesse agitado e chateado. Num primeiro momento, pensei que fosse porque Bobby tinha partido.

— Achou que ele poderia estar chateado porque, similarmente, a esposa e a filha mais nova tinham partido?

— Não. Nunca pensei isso, porque sabia que ele não se importava com elas. Passei tempo demais com Bobby e sabia que, por anos, o pai quis vê-las internadas. Dizia isso ao filho o tempo todo.

— Ouviu alguma coisa que os dois homens disseram?

— Lembro de algumas palavras. Mike disse a Vincent que não haveria problemas, que ninguém saberia o que aconteceu. Estavam um de frente para o outro, quase se encarando, mas a alguns metros de distância. Os dois olhavam para o chão. Na verdade, olharam constantemente para o chão durante toda a discussão.

Ruby sentiu a tensão do ar se intensificar; era como se o júri tivesse todo se inclinado para frente, esperando as palavras seguintes. Não sabia o que mais Bobby tinha dito a eles nos dias anteriores. Havia muitas questões, momentos perdidos sobre os quais ela não sabia. Lembranças que Bobby não havia compartilhado e das quais ela não tinha conhecimento.

— Por favor. Continue, Srta. Bradley.

— Vincent, o pai de Bobby, olhava para os lados e para a casa, como se esperasse alguém. Ouvi o que Mike Carlon disse: “Ele se foi, não está mais aqui. Você está sendo paranoico.” Eu não sabia o que “paranoico” significava, mas podem ver que anotei a palavra no caderninho. A grafia está errada, mas ficou claro o que ouvi. — Ruby bebeu um longo gole d’água antes de continuar. — Mike Carlon pegou uma pá ao lado do galpão, bem perto de onde estava. Pressionou-a contra a terra, como se estivesse aplainando-a. Foi quando percebi que tinham cavado um buraco. Mesmo escurecendo, pude ver. Onde vivíamos, a terra era vermelho-escuro, como argila. Vi o vermelho da terra perto de onde estavam parados.

— O que havia perto dos homens? Como normalmente era o chão do lugar?

— Não pensei nisso naquele momento. Mais tarde, a visão me incomodou, mas não consegui entender o porquê.

— Perguntei como normalmente era o chão nessa região.

— Marrom na parte de cima. A grama crescia no solo marrom, que acredito ser o solo superficial. As galinhas perambulavam pelo quintal deles, então sempre havia poeira, porque estavam ciscavam a todo momento. Por isso, a grama não crescia muito bem nos fundos. Quero dizer, na parte mais perto da cerca dos fundos.

— Então por que viu terra vermelha?

— Porque, quando se cava debaixo da terra marrom, encontra-se o solo vermelho-vivo. Costumávamos fazer isso no nosso quintal. O solo marrom ficava em cima, mas, logo abaixo, havia uma terra ricamente vermelha. Por isso, era uma região boa para plantar; qualquer coisa crescia ali.

— O que aconteceu depois?

— Observei por mais um tempinho, mas a luz sumiu abruptamente, e meu pai viria me procurar se eu demorasse mais. Peguei o caderninho para que pudesse anotar mais tarde, no quarto. E guardei o embrulho e o grampo de Sally no bolso.

— Gostaria de dizer mais alguma coisa?

— Saí da casa na árvore em silêncio, tomando muito cuidado para não fazer qualquer barulho. Apesar de ter uma lanterna na casa, não a usei. Parei de ligá-la para descer depois que o sol se punha. Geralmente, Bobby e eu a usávamos, porque sempre encontrávamos cobras ao redor da amoreira. Mas, mesmo preocupada com o escuro e as cobras, não liguei a lanterna.

— Por quê? — O procurador a observou sobre os óculos, inclinando a cabeça para o lado e enfatizando sua curiosidade.

— Apesar de eu ter apenas doze anos e de ser inocente em muitos assuntos... — disse Ruby. — Tive uma sensação horrorosa quanto ao que vi. Mesmo hoje, contando essa história, sinto-me enojada. Quando criança, soube que algo ruim tinha acontecido. Sabia que algo não estava certo, que Mike Carlon e o pai de Bobby eram maldosos e que estavam tramando algo.

— E por que nunca contou nada disso para ninguém? Por que não fez uma denúncia ou contou para a sua família?

— Quando cheguei em casa, estava escuro. Tive tantas coisas para contar aos meus pais durante o jantar... contei que Bobby tinha partido, que Sally e a mãe haviam sido internadas num hospício. Quando me perguntaram como eu sabia, disse que Bobby tinha deixado um bilhete. Nunca entrei em detalhes sobre o que ele escreveu, nem sobre o que vi naquela tarde. No dia seguinte, papai foi à delegacia, e eles confirmaram que, sim, Bobby tinha fugido, mas por ter quase dezesseis anos, não havia muito o que pudessem fazer. Os meninos dessa idade estavam sempre fugindo de casa. E, sim, a mulher e a garotinha haviam mesmo sido internadas, isso foi confirmado pelo senhor Carlon e, sim, estavam melhores no hospital, seriam bem cuidadas.

— Então, nos anos seguintes, você nunca contou a ninguém o que viu?

— Não havia nada a contar. Sabia que os dois homens tinham tramado

algo, mas não liguei os pontos.

— O que exatamente você quer dizer com “ligar os pontos”?

— Bem, o fato de uma mãe e a filha mais nova terem desaparecido, aparentemente, num hospício, e que as duas pessoas que não as queriam na casa terem, com certeza, aberto um buraco no quintal. Não associei os dois acontecimentos.

— Os dois acontecimentos estão interligados?

— Acredito firmemente que sim.

— Objeção, Meritíssimo.

— Objeção negada.

— O que a faz acreditar que estejam interligadas, salvo o fato de você ter observado os dois homens no mesmo dia em que Sally desapareceu e que a mãe foi internada?

— Objeção, Meritíssimo. Sally, a irmã mais nova, não desapareceu.

O juiz ergueu a voz:

— Objeção negada. Não há nenhuma evidência escrita nem oral de que a irmã mais nova foi, alguma vez, internada num hospício em qualquer lugar da Austrália durante esses acontecimentos.

Houve um murmurinho entre os espectadores, e Ruby esperou todos se acalmarem antes de continuar.

— Nunca entendi enquanto criança, mas algo continuou me deixando inquieta nos anos seguintes - algo que nunca compreendi. Para começo de conversa, ninguém teria sido capaz de colocar Sally numa ambulância sem que ela gritasse ou esperneasse, pois estava sem o grampo de borboleta no cabelo. Minha mãe ficou em casa naquele dia, então viu a ambulância chegar e ir embora. Quando perguntei, anos depois, ela disse que não ouviu nenhum barulho. A ambulância chegou em silêncio e, depois de um tempinho, foi embora devagar. Da nossa casa, geralmente, ouvíamos quando Sally chorava. Era um pouco atrasada, o que chamamos hoje de deficiência mental. Mas era uma linda garotinha. Por vezes, eu parava e ouvia, assim como os meus pais, quando ela chorava. Ouvimos seus gritos algumas vezes ao longo dos anos, e sempre que eu perguntava a Bobby o motivo, ele dizia simplesmente que ela tinha se chateado com algo. Na maioria das vezes, por conta dos grampos ou por lhe tirarem a escova de pentear. Da nossa casa, ouvíamos, com clareza, a menina. Mesmo no inverno, quando todas as janelas e portas estavam fechadas. Minha mãe não ouviu qualquer barulho naquele dia. — Ruby tomou outro longo gole d’água. O estresse começava a afetá-la, e ela

endireitou as costas, sentando-se ereta. — A outra coisa estranha foi que, depois daquela tarde na casa da árvore, quando encontrei o bilhete de Bobby... quase nunca mais a visitei. Eu ficava triste quando subia. Deixei comida e bebida para Bobby, caso ele voltasse, mas não voltou. Depois de um tempo, parei de ir ao lugar. Uma das últimas vezes que subi foi logo antes de eles se mudarem - Mike Carlon e o pai de Bobby. Olhei para o quintal deles e, de cara, notei a cor da grama. Do meio do jardim até a cerca nos fundos, a grama estava verde e brilhando, meticulosamente aparada. Pensei que parecia um pouquinho com um lugar onde se podia jogar boliche na grama, muitíssimo bem cuidado e podado. Lembro de tentar compreender o motivo disso. Estavam tentando vender o lugar? Mas por que apenas o fundo, e não o jardim da frente, que tinha o mesmo tipo de solo? As galinhas desapareceram, e vi algumas árvores novas plantadas no lugar onde os homens discutiram noutra tarde. Naquele dia, não havia ninguém ali perto e dei uma última olhada. Peguei algumas conchas e copos pendurados nas prateleiras antes de fechar a lona e descer pela última vez da amoreira.

— Por que acha que o quintal recebeu uma grama tão bem cuidada?

— Acredito que alguém tenha tentado esconder o fato de que parte do quintal havia sido revirada.

— Muito obrigado, Srta. Bradley. Está dispensada. — O procurador deu um sorrisinho para Ruby e assentiu, avisando-a de que tinha falado do jeitinho que combinaram. Ela disse a verdade e respondeu a todas as perguntas com clareza. Com esperança, suas evidências corroborariam com as provas anteriores de Theresa e Bobby.

RUBY, BOBBY E THERESA sentaram-se juntos no final. Dias se tornaram semanas, e o julgamento se arrastou, alimentando o interesse tanto da imprensa quanto do público. O oficial de justiça aproximou-se do juiz, que remexia a papelada em frente, olhando ocasionalmente sobre as lentes dos óculos empoleirado em desarmonia na ponte do nariz.

O acusado não demonstrava expressão, estava sentado e, de vez em quando, inquietava-se na cadeira, com os olhos focados firmemente na parede dos fundos. Ruby sentiu Theresa agarrar sua mão. Virou-se para a mulher, retornando o gesto, empenhando-se para tranquilizá-la. Ruby tinha ciência das pessoas atrás deles: o público curioso e alguns apoiadores de organizações variadas. Todos queriam ver se a justiça seria feita.

Bobby não se movia. Continuou sentado com os olhos fixos no oficial, que perguntava ao representante do júri se haviam chegado a um acordo sobre o veredito.

Para Ruby, os momentos seguintes passaram num borrão. Theresa apertou sua mão com tanta força que aquela, por fim, precisou usar a mão livre para relaxar os dedos da mulher traumatizada ao redor dos seus. Viu Bobby endireitar a postura e soube que tudo estava prestes a acabar.

O oficial disse, com clareza:

— Vocês o consideram culpado ou inocente de tratamento indecente de um menor?

O representante respondeu:

— Culpado.

— Consideram o réu Mike Carlon culpado ou inocente de ter ocultado um cadáver?

— Culpado.

— Consideram o réu culpado ou inocente de assassinato?

— Culpado.

Culpado, culpado, culpado; as palavras ressonaram pela mente de Ruby, e os momentos seguintes passaram em câmera lenta enquanto o oficial chamava o acusado. Algumas palavras flutuaram pela confusão dos seus

pensamentos.

— Você foi condenado... tem algo a dizer?

Tudo parecia girar, e sentiu o braço de Bobby ao redor dos ombros. Lágrimas escorriam pelo rosto dele, seu outro braço envolveu Theresa. Os oficiais do tribunal disseram mais coisas - uma data para a sentença, instruções ao convicto. Antes que percebesse, Bobby tinha puxado os três para a saída do tribunal.

Ruby sentia tontura e uma necessidade avassaladora de ar fresco. Um desejo apavorado de se afastar da multidão obrigava os pés a andarem. Por um momento, seus olhos encontraram os de Bobby; a angústia dele refletia a tristeza, a dor de saber que Mike Carlon não apenas tinha molestado Theresa e Sally, como também, por fim, pôs um fim na vida de Sally e enterrou seu corpo no quintal.

Seguindo em frente, Bobby segurou o braço de Theresa e de Ruby e as puxou para a porta lateral do corte. Deram num corredor menos tumultuado, onde a equipe legal de Theresa guiou-os a uma sala. Fecharam a porta e lhes deram certa privacidade para se acalmarem e assimilarem tudo o que havia acabado de acontecer. Os três sabiam que o alívio seria temporário, que estavam em um refúgio silencioso antes de encararem a barricada de repórteres e câmeras do lado de fora.

As pernas de Ruby pararam de tremer. Ela tentou recompor os pensamentos, concentrando-se, em vez disso, em Theresa e Bobby. Encheu os copos com uma jarra d'água e entregou-os aos dois, que apenas olhavam de um para o outro, sem saber o que falar. Theresa ainda balançava a cabeça, com um cigarro apagado em mãos, enquanto Bobby, com um olhar angustiado no rosto, olhava de Ruby para Theresa e outra vez para a amiga. Ruby tentava assimilar tudo. Estava preocupada com os dois, então tentou cuidar deles - reencheu os copos e ofereceu lençinhos. Seus olhos encontraram os de Bobby. Estavam todos chocados e cheios de raiva, mas aliviados por tudo ter acabado.

ERA QUASE FINZINHO de tarde quando os três voltaram ao hotel reservado por Ruby no centro da cidade. Sentaram-se juntos no terraço. Bobby e Ruby bebericaram copos cheios de rum gelado e Coca-Cola - a mistura refrescante de álcool e refrigerante umedeceu suas gargantas secas e acalmou seus nervos e emoções.

Theresa estava empoleirada num banquinho, levando um cigarro atrás do outro para a boca. Bebera o rum em doses, virando o copo e entornando o líquido âmbar de uma só vez. Agora, estava ainda mais nervosa e inquieta do que antes, pois não queria ficar perto deles. Em vez disso, disse que precisava voltar para sua família, para casa. Ruby se perguntou se ela estava esperando a substância - que obviamente havia ingerido - fazer efeito.

Os três ficaram parados no asfalto, esperando o táxi que levaria Theresa em segurança para casa. Ela disse que, agora que o caso havia terminado, queria apenas seguir em frente, e estava determinada a partir imediatamente. Fez o que foi preciso para encarcerar Mike Carlon, e disse que não se importava com quanto tempo ficaria preso. Em sua mente, alguma justiça já tinha sido feita. Sentia-se grata por isso ter acabado. Sua voz soava tensa, e o corpo parecia agitado ao lado de Bobby.

— O canalha colheu o que plantou, mas de que importa? — questionou ela. — Não temos como mudar o passado. Minha vida continua uma merda, tem sido por anos... preciso seguir em frente. Tenho filhos para cuidar. Preciso voltar para casa. — Ela abraçou os dois, despedindo-se com pressa.

Bobby e Ruby voltaram para o silêncio do quarto de hotel. Os dois estavam exaustos, mas ainda tinham muitas perguntas sem respostas.

— Por que deixou o grampo comigo, Bobby? Pensou que eu ligaria os pontos?

— Não sei. Estava tão confuso naquele dia... acho que não compreendi o que estava acontecendo, apenas que algo não estava certo. — Ele puxou uma das cadeiras no terraço, com as costas voltadas para Ruby.

— Ah, não. Nada disso — disse Ruby. — Não vire as costas para mim. Eu sinto nojo do que aconteceu. Tantas dúvidas e tanta culpa... fale algo,

pelo amor de Deus. Sei que está magoado, mas precisa conversar comigo. — Ruby sentiu os olhos se encherem d'água e respirou fundo, reconquistando o controle para que não irrompesse em lágrimas. Suas palavras soaram trêmulas. — Nunca passou pela minha cabeça o fato de ele ter matado Sally, não naquela época.

Bobby virou-se e a olhou bem nos olhos, encarando-a.

— Eu sabia que ele tinha feito isso. — Ele abaixou a cabeça, deixando as lágrimas escorrerem pelo rosto. — Sabia que ele a molestava - aquele canalha imundo. Sabia, porque me deitei na cama dela quando descobri que tinha desaparecido. Queria manter seu cheirinho comigo, então apoiei a cabeça no travesseiro e mergulhei o rosto. — Ele enxugou os olhos com as costas da mão. — Quando testemunhei na corte, antes de você ser chamada como testemunha, disse a eles que, quando apoiei a cabeça no travesseiro, senti apenas o cheiro dele - Mike Carlon. Tudo o que senti foi aquele aroma do pós-barba que sempre usava. Não havia nada de Sally, apenas aquele cheiro doentio nos lençóis, no travesseiro dela.

— Ah, meu Deus. — Ruby cobriu a boca com a mão. Sentiu-se enojada e repousou o copo.

Bobby não falou mais antes de ela voltar do banheiro, e o som do vômito o deixou ainda mais incomodado.

— Não precisa saber de mais nada, Ruby Rose. Não importa agora. Acabou.

— Eu preciso, *sim*, saber. Preciso de todos os fatos, ou vou acabar imaginando todas as possibilidades. Precisa me contar. Li alguma coisa nos jornais, mas prefiro ouvir de você.

Ele voltou o rosto para ela, com os olhos escuros fixos nos dela.

— O grampo estava debaixo do travesseiro, e ainda havia alguns fios de cabelo nele. Não consegui chegar numa conclusão na hora. Fiquei confuso, porque sabia que ela nunca ia a um lugar algum sem eles. Mas não importa; as provas foram suficientes. Ele admitiu que a matou bem ali na cama. Molestou-a e, em seguida, matou-a. Entrou em pânico. Disse que não queria ter tirado sua vida. — Bobby reencheu o copo.

— Eu deveria ter pensado nisso... quero dizer, parece óbvio agora - o solo vermelho no quintal, o disfarce com a grama nova. Todos acreditamos que ela tinha ido para o hospício com a sua mãe. Quão cego fomos?

— Ruby Rose, éramos crianças. Principalmente você. Como deveríamos saber como a mente maligna dele funcionava? Além disso, quem teria

investigado? Seu pai me disse que foi diversas vezes à delegacia, que sentia que algo não parecia certo. Até tentou entrar em contato com o hospício para descobrir o que tinha acontecido com as duas. Foi tudo encoberto. Aquele canalha do Mike tinha amigos em lugares importantes, e meu pai estava igualmente envolvido, então ficou calado. De qualquer forma, nunca se importou com Sally. Provavelmente, ficou aliviado quando todos desaparecemos, assim pôde seguir em frente e começar uma vida nova.

— Esses últimos meses foram uma tortura. Quando penso em como tudo começou, bem... revirando o passado, encontrando você e tentando ajudar Theresa; a vida perdida de uma garotinha e a vida destruída de outra...

Bobby soou mais calmo:

— Acho que o momento decisivo para mim foi quando voltamos ao quintal com a equipe forense e os detetives. Foi como voltar a um pesadelo. Apesar de a casa não existir mais e dos jardins não serem mais os mesmos, aqueles galpões... escondendo segredos, encobrindo maldades. Você fez bem em indicar onde deveriam cavar.

— Pelo menos, agora podemos dar um funeral adequado para ela, deixar que descanse. — Ruby enfiou a mão na bolsa. — Podemos enterrar ela com isso, perto do outro grampo que ainda estava no corpo.

Bobby se aproximou e pegou o prendedor. O grampo de borboleta pequeno demais em sua mão áspera, cheia de calos.

— Não acredito que guardou isso... isso e o caderninho. Acho que não teríamos um caso sem a sua ajuda.

— Com certeza, guardei. Você era minha alma-gêmea, meu melhor amigo. Era tudo o que eu tinha que me fazia lembrar de você, isso e algumas fotos surradas em preto e branco.

Bobby levantou-se, indicando o fim da conversa. Sabia que ele tinha dito tudo. A conversa fora longa para ele, e os efeitos das últimas semanas estavam chegando, pois o choque e a tristeza os envolvia.

Ele disse, com firmeza:

— Não quero ficar aqui. Sei que pagou pelos dois quartos, mas vou me sentir preso. Como se precisasse correr para o mais longe daqui, sair da cidade.

— Você pode se sentir melhor depois de uma refeição e de uma boa noite de sono. — Ele andou de um lado ao outro, agitado.

— Pode me levar de volta para sua casa? Eu me sentiria melhor dormindo na cabana nos próximos dias. Depois de enterrarmos Sally, voltarei

ao trabalho.

— Claro. Não se preocupe com os quartos — ela o tranquilizou. — Dinheiro não tem importância, vamos para casa.

Ele pegou as malas. Ansiedade, até mesmo pânico, estampava seu rosto. O corpo estava inquieto, trêmulo, e a sensação de estar encurralado entre as paredes de concreto de uma cidade grande o oprimia.

— Obrigado — disse ele. — Sou grato por tudo o que tem feito, saiba disso. Sei que, bem... que nem sempre demonstro, mas sou grato, Ruby Rose.

— Tudo bem, Bobby. Vamos para casa.



RUBY PASSOU A VIAGEM para casa remoendo os acontecimentos dos meses anteriores, os fatos e as palavras reviravam em sua mente enquanto tentava recolocar tudo em seu devido lugar. Quando o barulho da cidade desapareceu na distância, e a estrada se transformou nas colinas familiares e cheias de vento, sentiu o peso do fardo aliviar.

Olhou com carinho para Bobby, que acabou dormindo antes mesmo de saírem da cidade. Os longos cílios contrastavam com o bronzeado escuro da pele. Sentiu-se reconfortada pela companhia dele, mesmo dormindo. Pela primeira vez, parecia em paz; não discutia com ela, nem ia contra tudo o que Ruby havia planejado.

Quão estranha a vida era. Quem poderia, tantos anos antes, ter imaginado que tudo isso aconteceria? Tantos segredos, pistas... horrores acontecendo num lar, bem ao lado do dela. Agora condenado, o homem que seguiu por um caminho doentio foi exposto não apenas como molestador, mas assassino. Apesar da sentença ainda não ter sido divulgada, o pior tinha ficado para trás.

Quando olhou para Bobby, pensou em Theresa. Todos os três sentiam o mesmo: tudo o que importava era a história verdadeira ter sido revelada, e a justiça sido feita. Não haveria mais nenhum Segredo do Bicho-da-Seda.

BOBBY LEVOU UM DIA todo para falar outra vez. Com acenos e frases curtas, conversou com ela apenas quando era perguntado algo. Passou os dias perambulando pelo lugar, inalando o ar fresco da montanha. Muitas vezes, Ruby o pegava observando o vale.

— Nunca me canso dessa vista — disse ela, aparecendo atrás dele, enquanto Bobby se apoiava numa velha cerca de madeira. A barba estava longa e desgrenhada novamente, o velho e gasto chapéu Akubra, sem qualquer cuidado, encontrava-se sobre os cachos escuros e bagunçados que surgiam selvagens debaixo da aba. — O que achou dela?

— Ajuda a me acalmar. Provavelmente, por causa do silêncio — disse ele. — Nada se move. Bem, apenas algumas coisas.

Notaram que as vacas na distância formavam uma linha, seguindo um caminho invisível colina abaixo para serem ordenhadas.

— O Conselho permitiu que os restos mortais de Sally fossem enterrados no cemitério local — informou Ruby. — Acabaram de ligar. Disseram que, depois de amanhã, deve estar tudo pronto.

Ele continuou olhando para o vale.

— Que bom. Na sexta-feira... Theresa disse que não quer estar presente.

— Eu quero, Bobby. Meu pai disse que pode esperar aqui. Podemos almoçar juntos. Depois, levo ele para casa.

— Seria bom.

— Vou avisá-lo.

As conversas entre eles, nos últimos dias, não mudaram muito. Ruby sentiu que a barreira, derrubada momentaneamente, reaparecera. Ele apenas perguntou se ela tinha algum problema nas cercas e se os portões que precisavam de conserto. Ruby assumiu que ele preferia estar no pasto, ocupando-se longe da casa, dela e de qualquer conversa que pudesse acabar sendo forçado a ter com a amiga.



OS RAIOS DE SOL entraram pela janela de Ruby, e o calor e a luminosidade a acordaram. As cortinas se moviam lentamente com a brisa suave que passava pelos batentes. Apoiando-se no cotovelo, viu com clareza o jardim e as colinas que se dobravam e se fundiam em um vale.

Uma silhueta distante entrou em sua visão, parando no finzinho da planície, logo antes da queda aos pastos íngremes abaixo. Mesmo longe, soube que era Bobby.

A neblina começava a deixar o chão do vale, e ele continuou bem ali, sem se mover, observando o horizonte. Ela se perguntou se estava tentando enxergar o cemitério local.

Sentando-se, viu o amigo dar mais alguns passos ao norte. Bobby olhou um pouco mais de cima, como se estivesse tentando se localizar pelos terrenos visíveis apenas dali. Ontem, ela tentou dizer a ele que dava para ver o cemitério daquele mesmo cume, mas não demonstrara interesse, e apenas lhe deu o aceno habitual para avisar que havia ouvido.

Ela revirou os olhos. *Homens*, pensou. *Principalmente, Bobby. Por que ele sempre a afastava, mal falava com ela?* Tentou se livrar dos pensamentos frustrantes. *Pense positivo*, disse a si mesma, levantando-se da cama.

Hoje não seria fácil. Apesar de outro capítulo para o fechamento, o lado físico de enterrar os restos mortais de uma garotinha tão linda seria muitíssimo difícil, e ela se preparou para o que o dia traria.



UM CARRO SEGUIU pela estrada, trazendo Francis e uma amiga ao terraço, onde Ruby e Bobby estavam sentados, tomando o café da manhã. Sempre estavam dispostos a agarrar a oportunidade de levar o pai montanha acima, cativados não apenas pela possibilidade de dirigir pelas lindas paisagens, mas pela chance de se sentar no terraço e tomar um chazinho antes de voltarem costa abaixo.

Essa manhã não foi uma exceção. Marion, uma senhora feliz em seus

oitenta e cinco anos, praticamente pulou do carro e alcançou Francis, que tentava sair do assento do passageiro muito antes de Ruby ou Bobby conseguirem chegar ao carro.

Marion, com quem Ruby tinha se encontrado muitas vezes, estava alegre e tagarela como sempre. Até mesmo conseguiu tirar um sorrisinho de Bobby, enquanto ele a observava fazer uma algazarra em cima de Francis, certificando-se de que o homem estava confortável, se o chá estava exatamente do jeito que gostava.

— Marion e eu vamos ficar sentados aqui, aproveitando a vista, enquanto os jovens vão fazer o que precisa ser feito — disse Francis, enquanto ele e Marion acenavam.

— Você acha que eles são um casal? — perguntou Bobby, enquanto dirigiam. Ele estava no volante hoje. Sem qualquer ameaça de tráfego, aceitou o convite de Ruby para dirigir ao cemitério.

— Quem? — Ruby não sabia se ficava mais surpresa por Bobby ter realmente demonstrado interesse em algo que acontecia ao redor, ou por ter notado o relacionamento entre Marion e papai.

— Francis e Marion.

— O que você acha? — perguntou ela, tentando fazê-lo conversar.

— Bem, espero que não ligue..., mas parece que têm uma certa química.

— Que tipo de química? — Ficou surpresa com a escolha de palavras dele, muitíssimo diferente das frases com apenas duas palavras.

— Talvez uma conexão romântica.

Ruby sorriu e olhou para ele.

— Acho que já faz um tempinho... perguntei a ele uma vez, mas ficou todo envergonhado e disse algo sobre “serem apenas amigos”.

— Você se importa?

— Se me importo? Claro que não. Marion é um amor de pessoa, e vejo como ela se sente pelo jeito que olha para papai. Ele ficou tão sozinho depois da morte da mamãe... gosta de companhia, de conversar, de jogar cartas e boliche - ama estar perto das pessoas. E mais, faz bem ter a companhia de alguém da mesma idade. Têm conversas diferentes das nossas.

— É bom vê-lo feliz. Quero dizer, ele sempre foi animado, mas parecia estar praticamente reluzindo hoje de manhã. O jeito com que olhava para ela...

Ruby ficou chocada com a quantidade de palavras que vinham sendo ditas.

— Bem, você sabe o que dizem, Bobby... o amor faz o mundo andar.

Bobby bufou. Essa foi sua única resposta, e ela soube que a conversa havia chegado ao fim.



BOBBY VIROU O CARRO, passando pelo portal de entrada do cemitério. Os portões eram ladeados por cercas de madeira, com as estacas envolvidas por trepadeiras coloridas e cheias de flor. A grama grossa ainda estava molhada pelo orvalho, cintilando sob os raios solares que abriam caminho pela neblina que se esvaia. Uma sepultura fora aberta recentemente debaixo de um jacarandá gigantesco, suas flores cobrindo o chão num tapete de tons roxos.

— Que lindas. — Ruby sentiu um bolo se formar na garganta quando pegou um punhado de pequenas flores.

Bobby deu a volta no carro e se aproximou dela, com o cabelo encaracolado e rebelde sem o chapéu. Ruby sentiu as lágrimas se formando, e soube que precisaria manter-se forte se não quisesse sucumbir a um caos emotivo que não teria qualquer utilidade.

O celebrante e dois homens com ternos escuros se posicionaram ao lado da pequena cova, e Ruby e Bobby apertaram suas mãos. Então, trocaram algumas palavras antes de Bobby indicar que o enterro poderia começar.

Antes, tinham passado um tempinho com o celebrante, explicando o que queriam, este falou apenas brevemente, gesticulando para que os coveiros abaixassem o pequeno caixão no chão. *A Little Ray of Sunshine* tocava baixinho no fundo.

Ruby fechou os olhos, imaginando a linda garotinha de tanto tempo antes. Os dois grampos estavam agora com Sally, pois ela pediu que o grampo que havia guardado por anos fosse colocado no caixão, junto com o par encontrado com os restos mortais.

Bobby tentou dizer algo, mas não conseguiu emitir nenhuma palavra. Os dois ficaram parados, em silêncio, enquanto a cerimônia prosseguia. Respirando fundo, o peito de Ruby doeu quando observou o efeito que aquele pequeno ato causara em Bobby.



DEPOIS DE OS OUTROS partirem, ficaram apenas os dois - parados ao lado do monte de terra fresca que cobria os restos da pequenina Sally Carlon.

— Sinto muito não ter conseguido protegê-la, minha linda irmãzinha. — As lágrimas escorreram pelo rosto de Bobby quando finalmente falou, a voz baixinha. Agachou-se e acariciou a terra, apoiando a mão no montinho. — Eu te amei e nunca vou esquecê-la. Vai sempre ser minha bebê de cabelo escuro. Descanse em paz. — Ele beijou os dedos e os repousou na terra.

Ruby ajoelhou-se ao lado dele, colocando o pequeno buquê de flores na pilha que fora salpicada pelas flores roxas da grande copa acima.

— Descanse em paz. Vai estar sempre em nossos corações, lembraremos de você com um sorriso. — Ruby sorriu, lembrando da imagem da garotinha de antigamente sentada em silêncio, enquanto penteavam seu cabelo - para sempre em sua mente.

Bobby voltou-se para Ruby e disse, trêmulo com as emoções:

— Parece certo ela estar com os dois grampos e ter sido enterrada num lugar bonito. — Ele pegou algumas flores roxas do chão, ao lado de onde tinham se ajoelhado, e as jogou sobre a terra.

Os olhos de Ruby se encheram de lágrimas. Desta vez, não tinha nada a dizer, nada a comentar.

— Tudo bem, Ruby Rose — disse Bobby. — Não precisamos falar. Estamos pensando nela.

A CERIMÔNIA DEU a Ruby e Bobby uma sensação de encerramento. Apesar de não terem dito nada no caminho de volta para casa, sentiam-se mais leves. Esse tinha sido o ato final no desenrolar dos acontecimentos. Não importava quão longa fosse a sentença de Mike Carlon; para Theresa e Bobby, os efeitos seriam sentidos pelo resto da vida.

O trauma do abuso sofrido por Theresa danificara sua vida; não havia cura. Tentou tirar a própria vida diversas vezes e vivia num borrão enlameado, atormentada pela dor e pelo abuso das drogas. Sobreviveria, mas os danos eram profundos e catastróficos.

Bobby sempre carregaria a culpa consigo. Independentemente de quantas vezes dissesse a si mesmo que não era sua culpa, as dúvidas sempre voltavam. Então, ele sofria com as crises de depressão, com o desejo de se isolar para afastar as lembranças do passado. Contara a Francis que o julgamento e a descoberta do corpo de Sally aliviarão seu tormento, pois colocara um fim em muitos dos demônios que o incomodaram ao longo dos anos. Havia, disse ele, uma faísca de esperança, uma motivação pelos anos que viriam e um sentimento que não experienciava há muito tempo - que seria um novo começo.

Francis estava esperando por eles, apoiado na bengala e sentado com as costas eretas no tronco horizontal debaixo das árvores, onde esteve no primeiro dia quando Bobby o vira novamente depois de tanto tempo.

Marion tinha parado o carro bem ao lado e encontrava-se sentada ao lado de Francis. A filha tinha certeza de que vira o braço do pai ao redor da amiga, mas se afastaram rapidamente quando Ruby e o amigo se aproximaram. Observando os dois sentados - tão inocentes - debaixo das copas, Bobby riu.

— Acha que estavam namorando? — perguntou ele, voltando-se para ela.

— Parecia que sim, não acha? São fofos juntos.

Ele riu outra vez, e Ruby pensou quão maravilhosa a risada despreocupada dele soava depois do custoso luto pela manhã. Francis e Marion acenaram para eles. O frio e a sombra debaixo das árvores proviam

um lugar tranquilo onde os quatro poderiam se sentar e conversar antes do almoço.

— Preciso me movimentar — disse Marion, que nunca ficava sentada por muito tempo. — Vou subir a montanha. Não me esperem para almoçar. — Ela beijou Francis na bochecha antes de partir.

— Não consigo acompanhá-la — explicou o pai, com um grande sorriso. — Ela gosta de se mover, diz que isso a mantém jovem.

Ruby riu.

— Bem, também vou indo — disse ela. — Vou preparar o almoço. Podem ficar aqui, mas não conversem demais.

Ruby sabia que os dois homens apreciariam a oportunidade de conversarem. Voltou para casa sem pressa, aproveitando o tempo sozinha. A caminhada lhe deu tempo para pensar e analisar melhor os acontecimentos dos meses que haviam passado.

Olhou do pai para o amigo. Quem saberia sobre o que estavam conversando? Ainda se sentia um pouquinho ofendida por Bobby ter se aberto tanto com o pai, por conversarem sobre coisas que nunca contou a ela. Por quanto tempo ele ficaria, agora que o caso tinha acabado e o enterro ocorrido? Dissera que voltaria ao trabalho assim que deixasse Sally descansar, mas não especificou uma data nem perguntou se Ruby lhe daria uma carona ao aeroporto.

As perguntas em sua mente foram interrompidas por um grupo de vacas leiteiras gordas que bloqueavam o caminho.

— Merda — disse ela, em voz alta, antes de caminhar com confiança em meio a elas, determinada a não parar.

As vacas apenas ergueram a cabeça momentaneamente, estudando-a. Piscaram os grandes olhos marrons e voltaram a ruminar a grama verdejante. *Outro problema resolvido*, pensou Ruby.



A MESA ESTAVA PRONTA, e a comida esperava debaixo do mosquiteiro quando Ruby finalmente ouviu o carro roncar na entrada da casa. Bobby e Francis ainda conversavam enquanto caminhavam para perto dela. Sorriu, sabendo que estariam com fome e prontos para uma refeição. O braço de

Bobby estava firme sob o de Francis, que se movia lentamente pelo chão irregular, mas seu rosto pareceu feliz ao olhar para ela, que os esperava no terraço.

— Pensei que tivessem se perdido — brincou Ruby. — Estava prestes a deixar o almoço para as moscas.

— Ah. — Papai se virou e olhou para Bobby. — Estragamos o cronograma dela... continua sendo uma senhorinha mandona.

— Eu ouvi isso, pai. Estou bem aqui. Um de nós precisa ser organizado. Os dois ficariam sentados por um tempão, esperando as vacas voltarem sozinhas para casa.

— Na verdade, estávamos nos perguntando como conseguiu passar entre elas. — O humor de Bobby soou tranquilo quando falou e sorriu para ela.

— Elas sabem que sou eu quem manda agora. Não vou deixar uma vaca tola bloquear meu caminho.

Quando os três se sentaram para almoçar, Ruby certificou-se de que os dois homens comessem o suficiente, fazendo um estardalhaço - reencheu seus copos e entregou-lhes tudo de que precisavam.

— Não sei o que faria sem você, Ruby Rose. Sempre tem tudo sob controle... — comentou Francis, dando uma piscadela.

— Bem, fiquei muito boa em cuidar de mim mesma... e não dependo de ninguém. Gosto disso.

— E você, Bobby? — perguntou Francis.

— Viajo sozinho. Geralmente, é apenas eu e meus cachorros.

— E você, papai? — Ruby sorriu, acenando o garfo no ar, apontando-o para o pai.

— Bem, Ruby Rose... eu sei cuidar de mim mesmo, mas ainda preciso de uma ajudinha sua, com certeza.

— Não estou falando de mim. E os seus outros amigos?

Francis olhou para Bobby, buscando apoio.

— Marion parece ser uma boa pessoa — comentou Bobby.

— É uma boa amiga, com certeza. Apesar de, recentemente, andar meio esquecida. Não tenho certeza se vai ser capaz de dirigir por muito mais tempo. Preciso conversar sobre isso com ela mais cedo ou mais tarde.

— O que você quer dizer com “esquecida”? — perguntou Ruby, preocupada.

— Ah, nada muito sério — garantiu ele. — Todos esquecemos de algumas coisas nessa idade. Ela tem uma consulta marcada em breve. Vou

com ela, ver o que o doutor pensa. Ela não liga que eu cuide dela. Marion e eu conversamos sobre muitas coisas, sinto falta disso desde que Mary morreu. É bom ter alguém com quem conversar, passar um tempo e caminhar. Falando nela... — Francis riu e se endireitou na cadeira.

Todos se viraram e viram Marion correndo, cheia de energia, pela entrada. Bobby e Ruby se olharam, observando os olhos de Francis se iluminarem quando se sentou ereto, ajeitando a camisa.

— Vocês dois — alertou o homem. — Cuidado com o que dizem. Não quero que ela pense que estivemos falando dela. É ela quem manda, fiquem sabendo. Não quero vê-la chateada.

Os três riram enquanto Marion se aproximava.

— Do que estavam falando? — questionou a mulher, beijando a bochecha de Francis e sentando-se ao seu lado.

Ruby e Bobby riram outra vez, e o rosto de Francis ganhou uma coloração carmesim profunda.

Ruby ficou surpresa quando o amigo ergueu o copo de suco de laranja.

— Aos bons amigos.

Os quatro brindaram. Francis sorria de orelha a orelha, e sua voz soou emotiva quando ergueu o outro copo.

— Aos bons amigos e à vida.

ELES SE LEMBRARIAM daquela tarde por um bom tempo. Foi um daqueles dias que Ruby desejava que não tivesse fim, então absorveu o momento - os quatro sentados ao redor da mesa de madeira, o almoço se transformando em um chazinho da tarde, e Marion e Francis entretendo todos com histórias do passado.

Até mesmo Bobby fez todos rirem quando recontou a tarde em que Daisy decidiu fazer Ruby fugir. Ruby gostou de vê-lo animado, relembrando os momentos mais felizes da infância. Ele deu muitos detalhes sobre as expressões no rosto tanto da vaca quanto de Ruby.

— Você ficou praticamente roxa, Ruby Rose. Tinha lama nas pernas e nos braços; e a saliva da vaca escorria, espalhada pelo arame farpado bem na sua frente.

— Eu odiava aquela vaca — comentou Ruby.

Francis ficou ofendido.

— Ei! Era a minha vaca preferida. Você bebeu do leite dela por anos. Era uma vaca linda, a melhor que tive.

— O que aconteceu com ela? — Marion estava gostando de ver Francis sentindo-se nostálgico, lembrando da linda Daisy.

— Ah, precisamos sacrificá-la. Tinha quase vinte anos, mas foi tomada pela artrite. Foi um dia triste. Ela te amava, Bobby. Lembro-me dela se esfregando em você.

— Eu lembro daqueles grandes olhos marrons — disse Bobby.

— Ela tinha alguns problemas, aquela vaca tola — palpitou Ruby. — Pensei mesmo que fosse morrer naquele dia. Acho que ela tinha dupla personalidade.

As histórias continuaram pela noite, todos lembrando de acontecimentos ao longo dos anos. Bobby compartilhou algumas histórias engraçadíssimas sobre a vida no deserto, fazendo Francis rir tanto que lágrimas escorreram pelo rosto.

Por fim, Marion repousou a mão sobre a de Francis.

— Odeio interromper essa reunião deliciosa — disse ela. — Mas está

ficando tarde, e acho que seria melhor descermos a montanha.

Ruby ajudou a pai a se levantar, e Marion o ajudou com o outro braço. Levaram-no para o carro. As duas mulheres conversaram enquanto Bobby e Francis se despediam. Ruby sentiu um incômodo estranho na barriga, vendo os dois juntos. Eram os dois homens com quem ela mais se preocupava. Ela via um deles quase todos os dias, e outro... logo precisaria se despedir e, provavelmente, nunca mais o veria.

Bobby e Ruby ficaram parados, mas distantes, observando a poeira sendo erguida pelo carrinho de Marion, que desaparecia. Era evidente para ela que Bobby estava lutando com as emoções quando abaixou a aba do chapéu, os olhos cheios d'água.

Ruby finalmente disse:

— Foi uma tarde divertida. Os quatro juntos...

— Eu... — As botas de Bobby remexeram a terra, os olhos ainda fixos na estrada vazia. — Vou embora pela manhã. — Por fim, olhou para Ruby.

— Ah, tão cedo? Eu... bem, pensei que pudesse ficar até a sentença ser divulgada. Ou talvez por mais alguns dias.

— Não. Tomei uma decisão. Vou embora pela manhã.

— Você vai mesmo embora... que horas? Posso levá-lo ao aeroporto, ou vai de trem?

— Eu me viro. Não preciso de carona.

Ruby sentiu-se afastada outra vez. A barreira familiar reerguida, agora que estavam sozinhos.

— Tudo bem, então. Faça o que quiser, mas espero você para jantar hoje às 18h. Nos vemos mais tarde. — Virando-se, ela o deixou parado ali, ainda encarando a entrada e esfolando a terra com as botas gastas de couro.

TONS ROSAS MISTURAVAM-se acima, e os últimos raios de sol atravessavam as copas das árvores gigantes quando Bobby e Ruby se sentaram para jantar. Ele chegou bem na hora, trazendo uma garrafa de vinho tinto. Ruby tinha preparado uma refeição especial, então se banqueteariam com peixe.

Quando Bobby mergulhou as iscas num molho caseiro que o fez fechar os olhos e suspirar, disse:

— Isso é o tipo de coisa que eu nunca encontraria no deserto.

— Gostou? — perguntou Ruby. — Espere até provar o filé. Marion e papai o pescaram no Porto para mim. Queria ter um jantar especial... depois de hoje cedo. Não sabia que seria sua última noite.

— Mas sabia que, mais cedo ou mais tarde, eu iria embora.

— Sim, é que... bem, gosto de ter você por perto.

A comida boa e o vinho os encheram, então sentaram-se para relaxar, reclinando-se, com os pés apoiados nas cadeiras em frente.

Bobby disse, lentamente:

— Eu não ia voltar com você, do oeste. Antes da manhã em que partimos, eu não tinha certeza. Era tentador simplesmente deixar tudo no passado - como eu sempre fazia - e desaparecer outra vez. E se eu quisesse ter feito isso, poderia ter feito facilmente. — Olhou para ela, como se a estivesse avisando. — Ninguém me encontraria.

— Então, o que o convenceu a voltar comigo?

— Acho que, em grande parte... Theresa. Pensei que, se ela podia se posicionar e testemunhar, eu poderia fazer o mesmo.

— Mas isso não foi tudo, foi? Theresa não foi o suficiente para fazê-lo voltar.

— Não.

— Na verdade, também achei que não fosse voltar comigo. Lembro-me de imaginar como seria voltar sozinha, o que eu diria a Theresa.

— Foi o que você me disse na última noite. Quero dizer, o que o seu marido lhe disse, o detalhe final.

— Meu ex-marido, Bobby. Quer saber? Essa foi a primeira vez que ele

não seguiu as regras. Pelo contrário, não teve medo e me contou tudo.

— Nenhuma pessoa pode saber disso.

— Não vão. Ele não vai contar. Qual era a probabilidade? Se não tivesse entrevistado aquele preso em particular, conversado sobre política... acho que, bem... sei que ninguém teria se importado em investigar.

— Como fez sua pesquisa? Como encontrou os registros de tanto tempo atrás?

— Arquivam tudo, tanto informações governamentais quanto documentos de instituições. Procurei por todos os registros de casas que existiram em Brisbane naqueles anos. Havia caixas e caixas de papelada para analisar, assim como algumas bobinas de arquivo que precisei examinar com um projetor. Parte disso tinha sido transferido para computadores, e foi mais fácil encontrar. Achei o nome da sua mãe - escrito com clareza. - A data, o motivo da internação e o lugar, além da hora de entrada e a assinatura do funcionário que a recebeu.

— Mas não encontrou nada sobre Sally.

— Não havia nada. Nada no hospício em que sua mãe foi internada, nada nos orfanatos, hospitais, hotéis, abrigos, registros de adoção, registro de órfãos. Verifiquei alguns registros escolares, certidões de óbito e arquivos fotográficos. Tudo, procurei em todos os lugares.

— Deve ter levado muito tempo, ainda bem que é teimosa. — Ele sorriu, balançando a cabeça.

— Bem, você me conhece... eu não desisto, como um cachorro com um osso. Não ia parar antes de encontrar algo. Não sei o que pensei que encontraria, mas não havia nada. Foi quando entendi que não tinha por que ir ainda mais fundo. Entendi que a dica de Ben tinha a ver com Sally.

— Estava procurando o fato de que, na verdade, não existia nada ali.

— Isso mesmo. E quando tive certeza, entreguei tudo nas mãos da equipe legal, pois saberiam o que fazer — explicou ela. — Queriam apenas que eu encontrasse você.

Bobby tirou o chapéu esfarrapado da cabeça e o repousou no peito, reclinando na cadeira.

— Ninguém nem mesmo questionou.

— Éramos crianças. Seu tio e seu pai encobriram tudo. Disseram para a minha família, para a polícia... que sua mãe e Sally foram internadas. Quem faria qualquer pergunta ou investigação? Nunca viram viu Sally. Ela não frequentava a escola, raramente saía e nem mesmo ia ao médico. Quem

notaria o seu desaparecimento? Sua mãe e Theresa tinham partido.

— Ela mal existiu, pobre criança. Como seu ex-marido fez a conexão da história do prisioneiro com você? Como soube que você conhecia Mike Carlon?

— Anos antes, quando éramos próximos... eu conversava com ele sobre alguns casos do trabalho. Uma noite, Mike Carlon apareceu na TV. Não me lembro o motivo, tinha algo a ver com política, com apoiar alguém que concorria a um cargo federal em Brisbane, talvez. Fiquei enojada quando vi seu rosto asqueroso na televisão... e acho que isso trouxe muitas memórias à tona. Ben e eu conversamos, e contei a ele o que Mike fizera com Theresa. Também conversamos sobre você, nossa amizade, o quanto isso significou para mim tendo crescido como filha única - ter um melhor amigo que morava ao lado. Ben costumava ouvir todas as minhas histórias sobre a casa na árvore e os bichos-da-seda. Obviamente, ele prestou atenção e se lembrou dos nomes.

— Se não tivesse conectado as informações, a narrativa criminosa não teria muito significado para ele. Quero dizer, provavelmente esses homens inventam histórias o tempo todo, para acariciar seus egos.

— Quando nos encontramos para tomar um cafezinho, ele me contou tudo. Disse que um dos homens entrevistados, algumas semanas antes, tinha falado sobre Mike Carlon. A conversa estava relacionada com encobrimentos e subornos que acontecem dentro e fora das cadeias. O crime... ele viu Carlon na televisão e disse a Ben que não acreditava no fato de Mike ter se envolvido com politicagem outra vez. Disse que o homem estivera na cadeia com ele, alguns anos antes, e que sempre se gabava por conhecer as pessoas certas e receber todas as mordomias de que precisava.

— Por que acha que o homem repetiu o que Mike disse a ele? Quero dizer, pensei que existisse um código de sigilo na cadeia.

— Ah, eles gostam de se vangloriar de vez em quando. Ou, talvez... estivesse tentando conseguir algum favor de Ben. Não sei, não fiz muitas perguntas. Foi uma conversa corrida, porque, com certeza, estávamos quebrando a confidencialidade, com Ben me contando qualquer coisa que algum cliente tinha lhe dito. O que importa é que, se esse alerta tivesse vindo a público, todo o julgamento poderia ter acabado indo por água abaixo.

Ruby pensou na reação de Bobby na noite em que ela tinha se sentado na pequena cabana dele, bem no meio do deserto. Conversaram, e ela deu a ele o incentivo final que o faria acompanhá-la no dia seguinte.

Hoje, Bobby não parecia mais confuso, apenas resoluto, com uma atitude determinada. Ele sabia que tinha feito o que era preciso. Soou sério quando olhou para o copo, rodopiando o vinho.

— Foi a conexão - o criminoso contando a alguém que Mike Carlon tinha se gabado de molestar e, depois, assassinar uma linda garotinha. Se seu ex-marido não tivesse ligado os fatos, ou se o empresário cujas filhas foram molestadas não tivesse perseguido todas as pistas que conseguiu encontrar...

— Ele balançou a cabeça, sua voz vibrou trêmula. — Tudo poderia nunca fazer sentido, então nunca teríamos uma acusação de assassinato.

— Sei que ficou surpreso quando lhe contei naquela noite, mas pareceu que tudo fez sentido para você. Vi em seu rosto que milhares de pecinhas se encaixaram... foi o cheiro dele no quarto? Você sempre se lembra disso?

— Acho que esse fedor ficou nas minhas narinas por anos. Amava quando a poeira do oeste entupia tudo - entrava na minha boca, nariz e orelhas. O fedor sumia, nem que fosse apenas por um tempo. — Bobby tirou os pés da cadeira onde descansavam. — Foi o cheiro, em grande parte. No dia em que Sally partiu, foi a terra vermelha, a lama que encobria as botas de Mike, ao redor das bordas. E havia pegadas vermelhas no piso do quarto. Lembro com clareza de encarar as pegadas quando saíram pela porta, deixando-me sozinho. Fiquei deitado na cama, com a mente girando. Mas havia algo... algo tentando, esforçando-se para me avisar. Continuei olhando para o chão, e a terra vermelha se misturou com o cheiro nojento do pós-barba. Senti-me confuso com o que estava vendo; as coisas não faziam sentido, mas fiquei aflito. Na minha cabeça, Sally e mamãe tinham partido e apenas eu sobrado. A parte mais assustadora foi ter ficado sozinho com Mike e meu pai.

— Por isso você foi embora?

— Sim, entrei em pânico. Não queria estar presente quando voltassem. Quis ir para o mais longe que conseguisse. Guardei a visão da lama no fundo da mente... como uma criança que bloqueia as coisas ruins que acontecem. Acho que me esqueci, não tentei compreender por que havia terra vermelha ali, sendo que o quintal era marrom e cheio de poeira. A terra vermelha aparecia apenas quando se cavava. — Bobby parou de falar e se virou para ela, suas lágrimas jorravam, escorrendo pelo rosto.

— Tudo bem, Bobby. É terrivelmente triste. — Ela encheu o copo dele, tentando escolher as palavras com cuidado. — Quando se olha de longe, tudo fica claro. Na verdade, vi os dois sobre o chão remexido, obviamente

nervosos e discutindo sobre algo que tinham feito para encobrir o crime.

Bobby ergueu o copo em direção ao dela.

— A Sally.

Os copos brindaram, um som alto no silêncio da noite.

— Você pode ficar. Pode ficar na cabana por quanto tempo quiser. Tire férias, ou talvez pense em ficar aqui por um tempinho. Amaria ter você aqui por mais tempo.

— Pensei que fosse gostar de ter o seu lugar de volta.

— Estou acostumada a ficar sozinha, mas gosto de companhia. Papai sempre vem me visitar, Marion e ele costumam aparecerem por aqui.

Bobby estava realmente se abrindo hoje. Ruby sorriu para ele. Seria o vinho agindo, ou o fato de que partiria amanhã? Ela pensou em quantas vezes, nos meses anteriores, desejou que ele fosse embora. Lembrou-se da frustração com as conversas curtas - geralmente abruptas - que tinham e do fato de ele ainda não ter feito qualquer pergunta sobre sua vida, sobre o que ela fizera desde quando eram crianças. Hoje, no entanto, Bobby parecia interessado.

— Sempre pensei que você quisesse ter filhos. Lembro de você me dizendo isso.

— Eu queria. Costumava sonhar sobre isso quando era menor. Acho que queria apenas isso, mas não aconteceu. Queríamos filhos, Ben e eu. Mas tive muitos problemas. Provavelmente, os mesmos da minha mãe. Por isso, ela conseguir ter apenas a mim, apenas um.

Bobby murmurou algo e se ajeitou na cadeira.

— Sinto muito. Não pensei antes de perguntar, não preciso saber disso.

Ruby riu do desconforto do amigo. Era óbvio que ele não tinha participado de muitas conversas sobre problemas de reprodução feminina. Notou que ele sempre ficava nervoso com a reação dela ou suas respostas às perguntas dele.

— Estou acostumada agora — disse ela. — Foi parte da minha vida por tanto tempo... fiz os testes há anos, sempre obtive os mesmos resultados. Não tem problema, Bobby. Aprendi a aceitar que não posso ter filhos.

— Sinto muito por isso. Sempre imaginei você com muitos filhos.

— Logo depois de Ben partir, sua nova parceira que, bem... era sua parceira enquanto ele ainda estava casado comigo... eles quase imediatamente começaram uma família. Têm um garotinho e uma menina. São crianças adoráveis, e ele é um pai maravilhoso. Sei que parece tolo dizer

isso, mas fico feliz por ele ter tido filhos.

As sobrancelhas peludas de Bobby se ergueram quando Ruby mencionou o caso, e ficou claro que ele não sabia o que dizer. Pareceu incerto quanto à qual seria a resposta mais apropriada.

— Isso não me incomoda mais. Na verdade, muitas poucas coisas me incomodam. Gosto de estar no controle e de resolver tudo. — Ruby riu. — Além disso, sou muito boa no que faço. Olhe como dei um jeito de trazer você de volta.

— Isso mesmo. Você nunca fica chateada, Ruby Rose. Por que nunca chora? Como se controla? Lembro de quando éramos crianças... quando você se machucava, nunca chorava. Eu... fiquei ainda pior quando cresci. Homens não deveriam chorar, mas... quer saber? Nos últimos meses, acho que chorei mais do que em toda a minha vida.

— Você enfrentou tanta coisa, Bobby. É natural, está lamentando a morte da pessoa que, provavelmente, mais amou na vida.

— E você?

— Não sei. Eu choro de vez em quando, mas gosto de estar no controle, então seguro o choro. É como se eu não quisesse me render. — Ela pensou no fato de que sempre dissera a si mesma que nunca choraria na frente de Bobby e, por algum motivo, mesmo depois do que aconteceu nos últimos meses, ainda conseguia manter o controle. — Vai pensar melhor sobre ficar?

Ele balançou a cabeça.

— É gentil da sua parte me pedir isso, mas preciso voltar para o meu lugar. Meus cachorros estão me esperando.

Ruby queria dizer muitas coisas, mas guardou as palavras para si. Sabia que, além de poder visitar a pequena sepultura de Sally no vale, não havia nada o prendendo ali. Sua vida, como disse a ela, estava no deserto, cavalgando pelas cercas sem nenhuma companhia, exceto pelos cachorros e pelo gado. Amanhã, partiria e retornaria para a isolamento distante que desejava. Essa poderia ser a última vez que o veria.

— Vai manter contato?

— Não sou bom com esse tipo de coisa. Vou me deitar, Ruby Rose. Quero acordar cedo. Provavelmente, partirei antes do amanhecer.

— Vou me levantar para nos despedirmos.

Juntos, limparam a mesa. Nenhum deles falou, apenas fizeram o que precisava ser feito, tirando tudo dali de cima e organizando as mesas e as cadeiras.

Bobby tirou um pequeno objeto do bolso.

— Quero que fique com isso. Era de Sally. — Ele entregou uma pequena boneca de tecido para Ruby, com o vestido desbotado e surrado. — Peguei no dia em que parti e, desde então, a levo comigo. Quero que cuide da boneca para ela.

— Bobby, não posso aceitar isso. É a única coisa que você tem dela.

— Quero que fique com ela. — Com isso, virou-se e desceu as escadas, o som dos passos desapareceu na escuridão, enquanto seguia o caminho que o levaria para a cabana.

— Boa noite, Bobby. — Ruby continuou segurando a bonequinha, observando-o ligar as luzes da cabana e, não muito depois, desligá-las. — Adeus, Bobby — sussurrou ela, antes de voltar para casa.

O AR ESTAVA FRESCO na manhã seguinte, um sinal certo de que o inverno se aproximava. Logo, o vale estaria cheio da neblina cerrada que vinha da queima de madeira pelas chaminés das casas abaixo. Nuvens baixas no horizonte bloqueavam as tentativas de o sol aparecer sobre as montanhas, e os limites das nuvens brancas e fofas, como travesseiros, brilhavam, como se contornadas por uma caneta amarela cintilante contra o azul escuro do amanhecer.

Bobby observou Ruby descer os degraus em sua direção, o cabelo marrom dela estava bagunçado pelo calor do travesseiro que abandonara; os olhos ainda cheios de sono. Ele se perguntou quantas horas Ruby tinha realmente dormido. Ao longo dos meses, sentiu como se tivesse a conhecido um pouco melhor como adulta. Sabia que ela teria repassado de novo e de novo todos os acontecimentos recentes, analisando tudo e pressupondo o que aconteceria nos dias seguintes.

Riu consigo, pois ela ainda era uma senhorinha mandona; organizada e sempre no controle. Ficou satisfeito por ela ser tão independente e feliz. Tentou não comparar a amiga ao olhar calejado e assustado de Theresa, que tinha praticamente a mesma idade deles.

Ela abafou um bocejo e enrolou-se ainda mais no roupão. O ar da manhã ainda estava fresco e gelado.

Sorrindo, Bobby endireitou a mochila nos ombros e ajustou o chapéu. Sua barba estava longa e desleixada; o cabelo, como sempre, rebelde e indomável à espreita debaixo da aba gasta, com cachos desordenados.

— Não precisava ter se levantado.

— Queria que me deixasse lhe dar uma carona. Pelo menos, até a estação de trem.

— Gosto de viajar assim — disse ele. — Vou chegar ao destino do mesmo jeito.

— Comprei isso para você, como um presente de despedida — disse Ruby, oferecendo-lhe um chapéu Akubra novinho.

Ele passou a mão pelo detalhe do chapéu recém-comprado,

embasbacado.

— Obrigado... não precisava ter feito isso.

— Bem, eu fiz. Então aceite o presente e vista-o. Um agradecimento por todas as melhorias que você fez aqui.

— Não foi nada. — Ele parecia não saber o que dizer, como se despedir. Quando, por fim, disse algo, as palavras soaram lentas, trêmulas e cheias de emoção. — Obrigado, Ruby Rose. Obrigado em nome de Sally e Theresa. Obrigado. Obrigado por ter me trazido de volta para enfrentar o passado.

— Colocamos Mike na cadeia — disse ela. — Fizemos isso juntos. Pelo menos, não vai poder machucar mais ninguém se estiver preso.

— E vai ficar lá por um bom tempo. — Bobby moveu os pés.

Ruby sabia que ele queria ir. Então, parou bem na frente dele, encarando-o naqueles olhos marrons escuros, que não mudaram quase nada ao longo dos anos; eram os mesmos olhos de um garotinho.

A mão de Bobby acariciou o braço da amiga.

— Adeus, Ruby Rose.

Ele se inclinou e a beijou na bochecha, a barba descuidada roçando a pele suave da amiga.

Ruby o observou caminhar pela trilha de pedregulhos com o novo chapéu desequilibrado na cabeça. Em seguida, o viu

passar pela cabana, abrir e fechar o portão. O tilintar da corrente soou alto na quietude da manhã.

Logo antes de alcançar a curva na estrada, Bobby parou e se virou, erguendo a mão para lhe dar um aceno final. Ruby levantou a mão, acenando lentamente, e parou apenas quando ele desapareceu. Ficou parada ali por muito tempo, encarando a trilha, esperando pelo quê? Ela não sabia.

O sol apareceu atrás das nuvens e das montanhas distantes, lançando a luz turva da manhã sobre os pastos abaixo. Virando sem pressa, voltou ao terreno verdejante e plano em frente da casa, enquanto o sol nascente aquecia a região.

Vacas perambulavam pelos pastos em linhas precisas enquanto seguiam os caminhos desgastados e estreitos que levavam ao capim exuberante mais ao alto. Galos cantavam a plenos pulmões, ecoando pelo vazio, acompanhados pelo riso familiar e tranquilizante do que pareciam ser centenas de kookaburras empoleirados nas copas das árvores mais próximas. O orvalho que reluzira agradavelmente na cúspide das gramíneas havia desaparecido, e ela ouviu o som distante de um trator abrindo caminho por

um pasto.

Ruby deixou o sol abraçar sua pele, deleitando-se ao ar fresco e limpo da montanha. Ela voltou para casa e se sentou no degrau mais alto. O roupão a envolvia, e os braços estavam ao redor dos joelhos. Olhando para a estrada, focou os olhos nas grandes árvores onde o pai gostava de se acomodar no toco, onde havia lhes esperado voltar ainda ontem. Apenas a brisa se movia, sussurrando entre as folhas, rodopiando e agitando brevemente os galhos.

Era isso, pensou ela. Finalmente, tinha acabado. Todos voltaram para seu lugar de origem - Theresa, Bobby, papai e Marion. Tudo estava encerrado, o resultado de um ano de trabalho. *Certo*, disse a si mesma, *preciso seguir em frente*.

Bobby partira, e ela teria que voltar a focar no que fazia antes de isso tudo começar - focaria no pai, iria se encontrar com ele e Marion mais vezes; voltaria a trabalhar e encontraria mais clientes; Ganharia algum dinheiro; melhoria ainda mais a casa; talvez tirasse férias. Mas onde e com quem?

As perguntas a atormentaram, mas ela gostou disso. Era hora de retomar o ritmo habitual. Não precisava de companhia, pois era feliz antes de Bobby voltar. Tinha, simplesmente, se acostumado a tê-lo por perto. E mesmo naquelas semanas todas, quando não falou nem se abriu, ele ainda estivera presente. Era a sua companhia no terraço toda noite, e ela gostava de ouvi-lo arrumando as cercas, martelando os pregos soltos no chão de madeira, chamando as vacas ou as levando para outros pastos. O sentimento passaria, então empurrou as incertezas para longe; estava acostumada a ter apenas o pai e si mesma. Logo, iria se sentir de volta ao passado e pararia de pensar em Bobby.

Organize-se, disse a si mesma. *Comece o dia*. Trocaria de roupa e visitaria o pai. Talvez ele e Marion gostariam de tomar um cafezinho ao lado do rio. Ligaria para eles e marcaria uma hora. Talvez pudesse comprar alguns mantimentos enquanto estivesse na cidade, também daria uma passada no trabalho.

Por fim, um pouquinho de motivação; tinha uma lista em mente, um fluxo de ideias e trabalhos que preencheriam os dias - ideias que a manteriam ocupada e a fariam esquecer.

Esquecer do quê? De quem? *Apenas volte para a rotina*, ordenou a si mesma. *Vai ficar tudo bem*. Tentou retomar o controle da mente, a vida voltaria a ser como antes.

Batendo as mãos nos joelhos, levantou-se do degrau num pulo e disse,

em voz alta:

— Vamos logo, Ruby Rose.

FRANCIS E MARION ACEITARAM, sem pensar duas vezes, o convite para um cafezinho. Agora, encontravam-se numa das menores cafeterias do píer. Estavam sentados, conversando e esperando o pessoal da cozinha preparar a primeira refeição do dia. O cheiro do bacon sendo cozido e do café sendo passado esvoaçou da cozinha, misturando-se com a tagarelice dos empregados que se atualizavam sobre os acontecimentos da noite anterior. Era um daqueles dias ensolarados e espetaculares em Queensland, nos quais o sol brilhava forte, e um azul sem fim estendia-se acima, ininterrupto. O rio serpenteava vagarosamente pelas maleleucas que acompanhavam a margem, e a água lambia com cuidado as estacas abaixo.

Francis movimentou-se com cuidado, pois a artrite que dominava seu corpo o mantinha em dor constante. Mas não houve qualquer reclamação.

— De que adianta reclamar? — questionou ele. — Ei, Marion. Ainda estamos aqui, então não podemos reclamar — disse ele, feliz e sempre positivo.

— Ah, mas você é um juvenzinho, Francis — comentou Marion, tirando alguns fios soltos da camisa dele. Por Marion ser alguns anos mais velha do que Francis, sempre havia piadas sobre quem estava no comando, ou sobre qual deles era o mais responsável.

— Eu não sei como ficamos tão velhos. — Marion endireitou-se, a camiseta azul cobalto acentuava ainda mais seus olhos azuis. — Os anos... passaram voando. Tudo passou rápido demais. Sinto como se todo dia fosse dia de colocar o lixo na rua. Deus, parece que foi ontem que eu tinha dezoito anos e tentava escolher meu vestido de noiva. Agora... olhe para a gente! Quase duzentos anos de sabedoria entre você e eu.

— É maravilhoso que tenham um ao outro — disse Ruby. — Vocês dois combinam.

— Não importa a idade — disse Francis. — O amor não envelhece. Olhe para Marion, olhe para vocês duas. Um velho como eu tem sorte de ter a companhia de duas mulheres tão lindas nesse dia magnífico. — Francis sorriu, grato por Ruby estar mais parecida com seu eu do passado e satisfeito

por Marion ter suas ideias e pensamentos sob controle. Ela vinha ficando mais e mais esquecida; ontem mesmo, teve problemas para se lembrar de quem Ruby era.

— Deus... Como você é romântico, Francis — comentou Marion. — Não me surpreende que eu tenha deixado você andar comigo, apesar de ser tão mais novo e tão menos inteligente do que eu.

A mão de Francis envolveu a de Marion antes de se voltar para Ruby.

— Então, terminou de consertar e de limpar tudo. A vida pode voltar ao normal. Quais são os seus planos, Ruby Rose?

— Bem, não tenho certeza. Você me conhece, fiz uma lista na minha cabeça pela manhã - do que está por vir, do que preciso fazer e do que *quero* fazer.

— Não se esqueça de arrumar um tempinho para algumas coisas divertidas em meio a todas as outras. — Francis bebericou o chazinho que Marion serviu para ele do pequeno bule prateado em frente.

— Vai ser bastante silencioso sem Bobby... — comentou Marion, reclinando-se, o cabelo branco em contraste contra o céu sem nuvens.

— Sim, Marion. Preciso admitir: gostei de ter Bobby aqui, apesar de ele ficar quieto na maior parte do tempo, quase calado. Foi bom vê-lo outra vez. Quando crianças, fomos próximos por muitos anos.

— É um bom rapaz - rebelde e confuso. Mas, debaixo do exterior bruto, deu para ver que existia um grande coração.

Marion virou-se para Francis.

— Ele gostou de passar um tempinho com você, pareciam conversar bastante. Bobby se abriu com você?

— Sim, e acho que lhe ajudou — opinou Francis. — Sempre nos demos bem, mesmo quando era menor. Bobby sempre estava na nossa casa, ou naquela casa na árvore velha e raquítica. Os dois... — Ele inclinou a cabeça em direção a Ruby. — Passavam horas lá em cima. Você ainda mexe com ele, Ruby Rose.

— Tínhamos muitos segredos. Ele me contou todos os dele, mas acho que eu nunca tive nada para compartilhar. Meu maior segredo era ter levado uma almofada... ou talvez uma caneca da cozinha, para mobiliar a casinha. Não tinham muita graça.

— Ah, mas ele tinha muitos, não tinha? — Francis banhrou-se sob o calor do sol, agora filtrado pelos guarda-sóis de cores vivas do restaurante, protegendo-os da plena força do calor.

Ruby assentiu.

— Tinha, papai. Tinha mesmo. Todas aquelas crianças tiveram uma vida complicada. Sinto-me culpada, de vez em quando, por ter morado ao lado e não ter precisado lidar com nada que fosse tão ruim.

— Fico surpreso por ele ter dado um jeito — disse Francis. — Provavelmente, foi melhor ter fugido quando fugiu, dar o fora e ser independente. Ele me disse que as pessoas no deserto simplesmente o acolheram e não fizeram perguntas. Deram-lhe um trabalho e um lugar para morar, pagaram seu salário.

— Ele realmente se abriu com você, não foi, papai?

— Bem, conversamos sobre muitas coisas, mas não focamos na infância. Quero dizer, conversamos sobre o caso e sobre as provas que ele sabia que iriam confirmar a acusação de assassinato. Mas, na maior parte do tempo, conversamos sobre trabalho, gado... coisas de homem.

Marion olhou sobre o copo para Francis.

— Então, não gosta da nossa conversa?

— Nunca disse isso, mas tem vezes em que os homens conversam sobre coisas diferentes.

Ruby riu em alto e bom som quando viu os dois se encarando. Francis tentou afirmar o fato de que os homens gostavam da companhia de outros homens, mas Marion lembrou-o descaradamente de que ele não parecia se importar com isso quando passava um tempão com ela, conversando por horas a fio.

Os olhos do velho iam de Ruby a Marion.

— Gosto de ser equilibrado e de conversar com outros homens, mas prefiro a companhia e a conversa de mulheres como vocês duas. Tenho muita sorte.

Ruby aconchegou-se perto do pai, apoiando a cabeça em seu ombro.

— Não. Somos nós que temos sorte em tê-lo, papai.

A VIDA DE RUBY voltou ao normal depois do julgamento. Mergulhou outra vez no trabalho, mantendo-se ocupada enquanto tentava livrar a mente dos eventos recentes. Geralmente, quando voltava do trabalho para casa, parava no cemitério e acendia uma velinha na sepultura de Sally. Os meses passaram, e ela viu as flores caírem do jacarandá outra vez e encobrirem o chão - pétalas roxas como um tapete sobre o montinho de terra.

Em casa, obrigou-se a seguir em frente, restaurando o lugar de quarto em quarto. As visitas de Francis na fazenda diminuíram com o passar do ano. Uma queda em alguma escada afetara Marion consideravelmente, e sua memória deteriorou-se ainda mais. Ela não mais conseguia dirigir nem caminhar sem ajuda. O velho casal ainda gostava de passar tempo juntos, conversando, sentados de mãos dadas debaixo das árvores no condomínio de repouso, trocando histórias de muitos e muitos anos antes.

Naquela manhã, Ruby chegou e encontrou-os sentados num banquinho de madeira. O pai se apoiava na bengala, e Marion segurava uma flor grande e rosa que Francis colhera de um jardim ali perto. Os dois acenaram para Ruby assim que ela estacionou em frente. O pai, como sempre, radiante em vê-la.

— Que lindos, vocês dois. — Ruby ficou satisfeita por estarem ao ar livre, respirando o ar fresco da manhãzinha. Percebeu o quão lentamente Francis se moveu ao tentar se levantar, preferindo sentar-se de novo. Então esperou Ruby aproximar-se.

— Minha linda Ruby Rose — disse ele. — Muito bom dia. Estamos sentados aqui, aquecendo-nos sob o sol; nessa idade, precisamos apreciar todos os segundos que temos. — Iluminou-se ainda mais quando Ruby se inclinou para lhe dar um beijo carinhoso na bochecha envelhecida. — Ah, você deixou o meu dia melhor. Como tenho sorte.

Ruby também deu um beijo em Marion, mas notou algo diferente em seus olhos geralmente brilhantes. Olhou com mais atenção; havia algo faltando. Os olhos da senhora pareciam estranhos, como se estivessem observando, mas não compreendessem nada.

— Marion, cumprimente-a — incitou Francis. — É minha filha, Ruby Rose.

Marion olhou para Ruby com uma expressão confusa no rosto enrugado. Deu-lhe um pequeno sorriso, como daria a um estranho.

— Oi, Marion. Sou Ruby, filha de Francis.

Mas ela apenas assentiu, os dedos tortos e rugosos segurando a flor com firmeza. Lançou um olhar carregado a Ruby, seus olhos procurando algo antes de se voltarem para a flor.

Ruby abriu a bolsa, pegando a câmera.

— Vou tirar uma foto de vocês dois. Que bela manhã... apenas vocês dois, sentados juntinhos.

Francis se aproximou de Marion, que se virou para ele. Ela endireitou seu colarinho e ajeitou as mangas. Então, olhou para Ruby e sorriu, segurando a flor como se fosse o buquê de uma noiva.

— Dois pombinhos apaixonados — disse Francis, dando uma piscadela para Ruby antes de acenar para a enfermeira que caminhava pelo jardim e foi em direção a eles. — Acho que essa linda jovem — disse ele, apontando para Marion — deve estar pronta para o chazinho da manhã, ou talvez para se sentar no silêncio dali de dentro.

A enfermeira ajudou Marion a sentar-se numa cadeira de rodas ali perto. Então, esperou Francis dar uma beijoca na bochecha da paciente. Ela ergueu a mão e tocou o rosto dele, seus olhos o estudaram antes de olhar, cheia de suspeita, para Ruby e, depois, novamente para Francis.

— Não demore, Francis — pediu Marion. — Certifique-se de fechar aquele maldito portão, senão todas aquelas vacas malvadas vão fugir. — Ela olhou para frente quando a enfermeira a levou de volta para dentro.

Ruby sentou-se ao lado dele no banco, seu rosto pálido expunha o choque com o declínio na saúde de Marion nos últimos meses.

— Tudo bem, meu amor? — perguntou ele. — Não se preocupe, ela não poderia estar mais feliz, acha que está na fazenda onde cresceu. Não sei quem pensa que sou, parece que me encaixou na vida antiga. Tem dias em que sabe quem sou, mas, de vez em quando, fica sentada, me encarando, parece que tenta descobrir quem sou.

— Não deve ser fácil, papai. E ela realmente não faz ideia de quem sou. Cristo, ela piorou tão rápido desde o outono. Podemos ver nos olhos dela, parece perdida.

— Terrível. É ainda pior para quem está perto dela. — Ele olhou para os

pés, com as duas mãos apoiadas na bengala. — Mas, meu amor, chega de tristeza. E você? O que tem feito?

— Bem, na verdade... não muito. Os dias parecem simplesmente passar, um depois do outro. Eu... perdi a vontade, a motivação. Sinto-me um pouco incerta, apesar de me manter ocupada com o trabalho e com a casa. É como se, em alguns dias, eu me deixasse levar. Nada anda me motivando. Se não fosse por você, papai... não saberia o que fazer.

— Ocupou-se por tanto tempo, Ruby Rose. Comprou a fazenda e, depois, foi procurar Bobby. Logo em seguida, o julgamento. Isso nos deixa exaustos. Você desacelerou apenas agora, parou de se apressar. Não está olhando para o futuro, esse é o problema.

— Eu sei, vou sair dessa. Nada realmente me anima por ora, estou em um daqueles momentos raros na vida, em que não tenho vontade de fazer nada, não tenho qualquer propósito.

— E Bobby?

— O que tem Bobby, papai?

— Bem, por que não lhe faz uma visita? Provavelmente, ele vai gostar de vê-la outra vez.

— Se quisesse manter contato, ou me ver, teria mandando uma carta... ou ligado. Ele sabe onde estou, mas nem tentou me ligar esse ano. Nada.

— Ele gosta mesmo de ficar sozinho, não?

— Obviamente não sente nenhuma conexão comigo. Nossa amizade não significa nada.

— Tenho certeza de que significou. Na verdade, sei que significou. Ele mesmo me disse.

— Bem, ele nunca me disse isso. Quando ele se foi, imaginei se algum dia o veria novamente. Percebi que, provavelmente, desapareceria, assim como quando éramos crianças. Está sempre fugindo de algo.

— Você parece irritada. Ele anda nos seus pensamentos? Quero dizer, se estiver pensando nele, talvez devesse tentar entrar em contato.

— Não estou pensando nele, mas teria gostado de que nossa amizade continuasse. Enfim, chega de Bobby. Vamos almoçar. Trouxe os seus pickles preferidos e uma grande fatia de carne que cozinhei.

— Por acaso, trouxe algumas cervejas geladinhas? — Francis estava se levantando, ansioso pelo almoço rotineiro que seria seguido de algumas bebidas.

— Devo ter trazido algumas. — Ruby lhe deu um sorriso brincalhão,

amando sentir a mão quente dele ao redor da sua. — Almoço, cervejas e, depois, podemos tirar uma sonequinha. Tem um jogo de futebol às 14h. A tarde não poderia ser melhor.

— Você sabe como deixar um velho feliz. Parece que teremos um dia perfeito.

Caminharam juntos. Francis se apoiou no ombro de Ruby e usou a outra mão para se equilibrar na bengala enquanto seguiram pela trilha que os levaria à pequena construção que era sua casa.

— Realmente perfeito, papai. É em momentos como esse que me sinto feliz, contente - quando estou com você.

— Somos almas gêmeas, eu e você. Sua mãe costumava dizer isso. Ela dizia: “Você e aquela garota... é como se soubessem o que o outro está pensando, como se ela fizesse parte de você.” Eu dizia que ela estava vendo coisas; que você era tão próxima dela quanto de mim, mas Mary nunca acreditou. “Eu sei que a garota me ama, Francis, mas tem algo entre vocês dois.”

— Ela tinha razão, papai. Você e eu sempre tivemos essa conexão. Eu era próxima da mamãe, sempre fazíamos quase tudo juntas antes de ela ficar doente, mas era diferente do que eu e você temos. Talvez fosse para ser, porque... olhe para nós, sobramos. Ainda bem, pois nos damos bem.

— Sinto falta dela, da sua mãe. Sinto muita saudade, principalmente agora. Ela foi meu grande amor antes de você chegar. Então, dividi meu coração. Quando a colocaram nos meus braços e olhei para o bebê mais lindo do mundo - com as bochechinhas rosadas e os olhos gigantescos me encarando - fiquei encantado. Então, você agarrou o meu dedo de repente...

— Todos os bebês fazem isso, papai — interrompeu Ruby.

— Foi diferente. Senti um formigar quando apertou o meu dedo. Você não queria soltar, e eu não podia me mover. Fiquei sentado, encarando. Soube que cuidaria de você pelo resto da vida, que cuidaria de você e de sua mãe e que faria qualquer coisa para ver as duas felizes.

— E fez, papai. Tivemos uma vida maravilhosa. Sinto falta da minha infância, dos dias felizes, despreocupados.

Francis suspirou.

— Nunca tivemos muito dinheiro, e aquela casinha com o piso gasto, com o encanamento barulhento... lembra de quão frio era no inverno porque as janelas não fechavam direito?

— Era incrível. Eu amava o lugar. Quando paramos para pensar, papai,

fomos forçados a viver perto um do outro. Tínhamos de nos sentar juntos em todas as refeições, para ver televisão. E os quartos eram tão pertinho um do outro... estávamos bem ao lado quando dormíamos. Não me surpreende o fato de sermos felizes, pois fazíamos tudo juntos.

— Era uma vida muito feliz. Eu te amo, Ruby Rose.

— Eu também te amo, papai.

NAQUELA NOITE, RELÂMPAGOS - como garfos de eletricidade branca - rasgaram o céu. Ruby ficou deitada, mas acordada, por horas. Incomodada, revirou na cama, incapaz de dormir. Então, observou o espetáculo acima do vale: trovões altíssimos cortaram o ar estagnado, e vislumbres de luz iluminaram o quarto. Por fim, a aguardada chuva torrencial atingiu o telhado ondulado de metal.

As chuvas, geralmente, ajudavam-na a dormir, mas hoje a umidade e o peso do ar sufocaram-na, forçando Ruby a testar o travesseiro em diferentes posições e a esticar o corpo, tentando encontrar a melhor postura para dormir. Sua mente vagou, lembrando os diversos acontecimentos de antes de Bobby voltar... e de depois.

Perguntou-se onde ele estaria. De volta na propriedade onde, um dia, se encontraram? Ou teria, como indicado, ido a um lugar onde ninguém o encontraria outra vez? Levado os cachorros e desaparecido na poeira do deserto? Teria, alguma vez, perdido o sono e pensado nela? Teria se lembrado do lugar de descanso de Sally? Talvez visualizado um pequeno montinho de terra encoberto por um tapete roxo de flores? Ou teria empurrado tudo para o fundo da mente e, simplesmente, tocado a vida?

Uma janela se fechou com tudo; o vento cada vez mais forte a empurrava de um lado a outro, e o vidro gelado tremia com as colisões contra a esquadria da janela. Ruby levantou-se para fechá-la, e seus pensamentos voltaram-se a Francis. Olhando para o vale, soube que a tempestade cruzaria a colina antes de descer. Por fim, seguiria o caminho rotineiro, indo para a costa e levando um pouco de chuva para o pequeno jardim do pai, antes de se rebenotar no mar.

Estaria o pai acordado? Ele amava tempestades. Talvez estivesse olhando pela janela, observando os relâmpagos, satisfeito pela chuva que caía pesadamente sobre a região, trazendo vida. Sorriu, pois sabia que ele estaria pensando nela e na fazenda, estimando onde a chuva teria atravessado as montanhas antes de entregar a tempestade final onde ele morava. Ficaria satisfeito em saber que a fazenda a recebeu e foi ensopada, que o solo rico

absorveu as gotas, trazendo vida para onde molhava.

Desejou que o pai estivesse com ela agora. Quando menor, costumava acordá-la durante as tempestades; a tirava da cama e levava ao terraço dos fundos, onde ficavam sentados, com as cadeiras encostadas na parede estucadas da casa para que não se molhassem. Explicaria a ela por que os trovões eram barulhentos, por que o relâmpago serpenteava acima. Contavam, juntos, os segundos entre a luz e o som, deduzindo a distância entre a casa e a tempestade.

Ruby voltou para cama. Sentou-se com a cabeça apoiada nos joelhos dobrados, olhando para a chuva que ficava visível todas as vezes que um relâmpago surgia.

Lembrou-se de uma noite especial e tentou descobrir quantos anos tivera então. Francis tinha ido ao seu quarto e gentilmente sacudido seus ombros. Ainda se lembrava da animação dele quando sussurrou:

— Acorde, Ruby Rose. Vai começar.

Ela cambaleou para fora da cama, imediatamente desperta, atravessando, na pontinha dos pés, o chão gelado e seguindo-o pela porta dos fundos. No meio do pequeno terraço, havia duas cadeiras de fibras. Sentaram-se nelas, e Francis se certificou de que todas as luzes da casa estavam apagadas.

— Está começando. — Ele apontou para a noite.

— Não consigo ver. Quando vou ver?

Francis riu da ansiedade da filha que estava animada para ver seu primeiro eclipse lunar.

— Tenha paciência. Continue observando e vai ver partes da Lua desaparecerem.

— Por quê? Explique de novo, papai. Por que a Lua vai desaparecer?

— A Terra, a Lua e o Sol vão se alinhar. Formarão uma linha reta.

— Mas por que isso deixa a Lua escura?

— Porque o Sol vai ficar atrás da Terra — explicou ele. — E a luz vai projetar a sombra da Terra na Lua. Na verdade, você vai ver uma sombra. Veja. — Os dois olharam, maravilhados, para a forma escura que se movia numa das extremidades da Lua brilhante. — Aquela sombra - a sombra da Terra - logo vai cobrir toda a Lua. Vê? Seguindo devagarinho até cobrir tudo...

— Posso ver. Estou vendo!

Francis explicou a Ruby sobre os diferentes ciclos da Lua e sobre como a Terra movimentava-se em seu eixo. Ficaram em silêncio, enquanto toda a

Lua era encoberta, e a Terra pareceu imóvel por uma fração de segundo. As estrelas brilhavam, a Via Láctea resplandecia como milhares de pequenos diamantes no céu, e o Cruzeiro do Sul apontava para baixo no céu meridional.

Seu plano era manter o pai falando, fazendo pergunta atrás de pergunta. Apesar de ser muitíssimo curiosa, também queria que a noite se estendesse até o último minuto. Queria que durasse para sempre. Mas, quando a sombra passou sobre a Lua e, pouco a pouco, o astro voltou a brilhar sobre eles, o pai disse que era hora de voltarem para cama.

— Vão ter muitos outros desses — explicou ele. — Vamos combinar que os veremos juntos.

E, desde então, sempre o fizeram. Quando havia um eclipse - lunar ou solar - Francis e Ruby se reuniam em lugares diferente para observar a Terra, o Sol e a Lua projetarem padrões sombreados em suas superfícies.

Vendo a tempestade hoje, Ruby sentiu como se o pai estivesse com ela, conversando sobre a chuva torrencial, sobre os padrões da Terra e sobre por que a vida era como era. Um arrepio percorreu seu corpo e ela desejou, como fazia muitas vezes, que ainda morassem juntos, que ele pudesse sempre estar ao seu lado.

Uma melancolia estranha tomou conta dela, e pensou outra vez naquela noite há tanto tempo - na noite do primeiro eclipse lunar que vivenciaram juntos. Era como se ainda pudesse sentir o frescor do ar noturno, os barulhos das vacas se movimentando - que se aproximaram da cerca dos fundos para ver o que estavam aprontando -, o som do vento soprando pelas folhas das árvores no quintal.

Quando mais nova, tinha pavor de ficar do lado de fora, no escuro, mas quando o pai estava junto, nada a preocupava. Conquanto ele estivesse ao seu lado, ela nunca sentia medo.

Mas algo a preocupava agora, a deixava inquieta, perturbava sua calma habitual. Seria a tempestade? Não estava impressionada com os baques e estrondos ocasionais lá fora; aprendera e reconhecer os sons de pedaços de metais soltos batendo ao vento, ou de quando um grande galho acertava o telhado da cabana.

Os olhos analisaram o cômodo, e o coração bateu forte com o sentimento avassalador de que havia algo errado. Caminhou pela casa, verificando todas as janelas e portas, mas estavam todas trancadas e seguras. O que era, então? Por que tinha uma sensação de quase pânico, de terror dentro de si?

Deixou o medo de lado e disse a si mesma que não deveria deixar uma tempestade feroz incomodá-la. *Controle-se*, pensou, quando se deitou outra vez na cama, obrigando-se a relaxar, a tentar dormir. Por fim, o corpo ficou pesado, e ela adormeceu num sono profundo, alheia à chuva torrencial que acertava em alto e bom som o telhado ondulado.

Sonhos dominaram sua mente quando a tempestade ficou mais forte, e a velha casa rangeu sob a força do vento contra as paredes. Memórias da infância se misturaram com pessoas e lugares do presente, rodopiando em sua mente. Imagens vívidas que estavam todas fora de ordem.

Em seu sonho, Francis estava ali com ela, ao lado da cama. Seu corpo, de alguma maneira, movia-se ao redor, circulando a cama sem dizer nada. Não viu seu rosto, pois não havia nenhum contorno. Mas as cores, de alguma maneira, formavam a silhueta do pai. Um relâmpago piscou enquanto as imagens giravam em sua mente. Ele continuou próximo da cama e, quando o sonho acabou, tinha desaparecido. Foi como se estivesse tentando dizer algo a ela.

O SONHO DE RUBY tinha acabado - ou melhor, desvanecido - quando um barulho estranho se tornou o som de fundo das imagens que a atordoavam. O barulho tornou-se parte do sonho; um som incessante que não combinava com as cores e com os pensamentos que tomavam conta de sua mente. Obrigando-se a abrir os olhos, encerrando o sonho, sentou-se, ainda tonta pelo sono interrompido e pelas visões estranhas que experienciara.

— Merda — disse ela, em voz alta, quando percebeu que o som que imaginara no sonho era, na verdade, o toque agudo do telefone, ressonando pela casa.

Enquanto corria para a cozinha, estimou as horas e sentiu-se enjoada quando percebeu que eram cerca de quatro horas da manhã. *Por favor, que não seja o papai*, pensou ela ao agarrar o telefone.

Mal ouviu as palavras que se seguiram. Caiu no chão, ainda segurando o receptor, e o resto do telefone atingiu pesadamente o chão ao lado.

— Ainda está aí? — disse a enfermeira-chefe da casa de repouso. — Ouviu o que eu disse, Ruby? Tem alguém com você? Tudo bem?

— Como? O que aconteceu? — Sua voz soou como se estivesse vindo de longe, como se não estivesse saindo de sua boca.

— Achamos que foi um ataque cardíaco. Ele puxou a cordinha de emergência — explicou a enfermeira. — Talvez estivesse sentindo alguma dor no peito, algum aviso. De qualquer maneira, quando chegamos, tinha morrido. Estava deitado na cama e parecia em paz.

— Tem certeza? Tem certeza de que ele morreu? Quero dizer, eu o vi hoje, e estava bem.

— Eu sei, querida. É assim que acontece... ele estava velho e vinha conversando com um médico por causa do coração.

— Ele fazia isso? O quê? Ele nunca me contou. Não acredito... não vou acreditar, preciso vê-lo. Estou indo, chegarei o quanto antes. — Ruby tentava falar de maneira equilibrada, mas o pânico se espalhava pelo corpo - o peito ficava apertado, e havia um sentimento de vazio... como se alguém tivesse arrancado algo de dentro dela.

— Por favor, Ruby. Sei que não posso impedi-la de vir, mas está chovendo muito aqui. Uma tempestade... por favor, dirija com cuidado e venha devagar. Sei que seu pai iria querer que tomasse cuidado. Tem certeza de que não prefere esperar o dia amanhecer?

— Não, já vou chegar. Obrigada, estou indo.

Ruby soltou o receptor e ficou sentada no chão, inconsciente do tempo que continuava a passar. Apoiou a cabeça nas mãos e trouxe os joelhos ao rosto.

Do lado de fora, o restinho da tempestade atravessava a colina e o relâmpago esquecido ainda iluminava os pastos, as silhuetas dos galhos se contrastavam contra as nuvens, que rastejavam pela noite cada vez mais limpa. A lua cheia apareceu - perfeitamente redonda - atrás de uma nuvem escura que se movia rapidamente, seguindo as outras pelo vale. Um raio de luz dourada apontava para os pastos e iluminava os campos, lançando-se sobre árvores e repousando perto da cabana no topo da colina.

Sabia que esse dia chegaria. Francis havia tentando, muitas vezes, conversar com ela sobre o fato do quão velho estava.

— Não podemos viver para sempre — disse ele. — Todos precisamos ir em algum momento.

Ruby fingia ouvir, acenando, sorrindo. Mas, de alguma forma, pensava que ainda faltavam anos, que o pai chegaria aos cem anos. Foi difícil demais quando a mãe morreu, mas perder o pai... era insuportável.

O cômodo parecia girar. Sentou-se no chão da cozinha, engolindo em seco e tentando inspirar algo que fizesse tudo aquilo desaparecer. Queria voltar para ontem, para a normalidade: visitas, abraços, conversas, calma, tudo que era sua vida, todas essas coisinhas. Mas, acima de tudo, para o pai.

TODO O PLANEJAMENTO que acompanha a morte de um membro da família foi feito com calma. Quando se sentou ao lado do pai, segurou a mão dele e conversou por horas. Encarando seu rosto tranquilo, Ruby sentiu-se no controle. Fariam uma cerimônia no crematório regional. E, como Francis teria desejado, não haveria nenhum discurso religioso, nem rezas.

Ela escolheu as músicas; as preferidas dele. Selecionou apenas flores nativas, um caixão de madeira maciça, um livro para ser assinado por quem comparecesse e - o mais importante de tudo - escrevera um discurso fúnebre; a história da vida dele, suas paixões e a gentileza e o amor que emanavam do homem maravilhoso que teve uma vida tão plena e prazerosa.

Suas cinzas seriam espalhadas ao lado do pequeno riacho perto da casa de Ruby e no mesmo cemitério onde Sally fora enterrada. Francis vestiria as roupas preferidas: sapatos lustrosos e o velho e amado boné na cabeça.

Ruby tinha tudo sob controle. O aviso sobre o funeral tinha sido publicado nos jornais, então todos os amigos e familiares de Francis foram avisados. Alojamento foi arranjado para todos que vinham de longe, e bebidas e comida foram encomendadas para depois do enterro.

Ruby visitou Marion, que pareceu não entender o que aquela lhe dizia. Primeiro, pareceu não fazer ideia de quem era Ruby, e quando a filha mencionou Francis, Marion inclinou a cabeça, como se estivesse tentando lembrar. Mas, então, simplesmente deu um sorriso educado.

Ademais, Ruby tentou ligar para a propriedade onde pensou que Bobby pudesse estar trabalhando, mas disseram não saber onde ele estava. Explicaram que partira há algumas semanas para trabalhar ainda mais ao leste. Isso foi tudo o que ele havia dito. Sentiam muito, mas não tinham como saber onde ele estava nem como entrar em contato com ele.

Tom, o irmão mais novo de Francis, chegou, junto com as tias, tios e primos de Ruby. Todos adoravam Francis. Ela se animou um pouquinho por vê-los outra vez e por poder conversar sobre os muitos encontros e reuniões familiares que ocorreram ao longo dos anos.

Na tarde antes do funeral, tinha se sentado e bebido com Tom no terraço

do hotel onde a família estava hospedada, não muito longe da casa de repouso.

— Ele teve uma vida boa, seu pai — disse Tom. — Eu amava visitar sua casa quando mais jovem, antes de me casar.

— Lembro daquelas festas como se fossem ontem. Nos divertíamos tanto no quintal. Amava quando você vinha, tio Tom. Você era o meu parente mais próximo, além da mamãe e do papai.

— Francis era muito divertido, estava sempre rindo e vendo o lado positivo de tudo. — Tom enxugou as lágrimas que escorriam. — Sua mãe e você eram tudo para ele.

Ruby sorriu. Não relaxava desde quando recebera a ligação da enfermeira-chefe, então foi bom sentar-se e conversar tranquilamente com Tom.

— Ele sempre me ensinou a apreciar as coisas simples da vida — disse ela. — Tenho dificuldades em me manter assim, ainda mais hoje em dia, mas espero que consiga me agarrar a isso e, de alguma maneira, viver de acordo com o que ele acreditava ser importante.

— Isso foi na nossa época, Ruby. O que mais importava para nós, eram nossas famílias. Nós, homens, trabalhávamos duro, como o seu pai fez. A vida era muito mais simples do que hoje. Tínhamos casas pequenas, carros velhos e poucos bens. Todo o dinheiro ia para comida e para a sobrevivência. Não havia nenhuma viagem inesperada; em vez disso, íamos para a praia com as crianças, deixávamos que brincassem na areia e na água. Era tudo muito simples.

— Acho que tivemos sorte. Bem, eu tive. Sei disso.

— Você sabe que não se trata apenas de sorte; os dois trabalharam duro, seu pai na construção e sua mãe na casa. Foi mais do que sorte — reafirmou ele. — É preciso trabalhar duro em qualquer coisa para que algo dê certo. De vez em quando, as coisas ficam difíceis, mas precisamos seguir em frente.

— Obrigada, tio Tom. Estou feliz por ter todos vocês aqui comigo.

Ruby pensou em quão difícil era estar sentada ali, conversando com o tio sobre o pai. Não porque Francis, obviamente, não estava presente, mas porque muitos dos modos de Tom a faziam se lembrar do pai. As mãos de Tom eram as mesmas, assim como se inclinava para frente enquanto falava. Os mesmos olhos amassados, as rugas que se encontravam no cantinho quando ria.

Abraçaram-se por um longo tempo, nenhum dos dois querendo soltar o

outro.

— Vai ficar mais fácil, Ruby — disse Tom. — Vamos sobreviver.

— Eu sei. Organizei tudo do jeitinho que ele queria.

Tom riu, apoiando a mão no ombro dela.

— Está sempre preparada, sempre no controle... você se saiu bem, Ruby. Lindando com tudo e todos... seu pai ficaria orgulhoso.

Ela sorriu, empurrando o pensamento do futuro para longe... e a dor latejante, para o fundo. Sorriu outra vez, recompondo-se. *Forte. Eu devo ser forte*, disse a si mesma, dando outro longo abraço no tio antes de se despedirem.

A MANHÃ DO FUNERAL finalmente chegou. Ultimamente, Ruby quase não dormia. Lembrou-se de que precisaria apenas sobreviver ao dia, estar no controle e garantir que tudo fluísse bem. Ela era, afinal de contas, a única responsável - não havia mais ninguém que pudesse fazer aquilo. *Preciso me certificar de tudo, não tenho outra opção*, pensou consigo. Não poderia fugir como as pernas queriam que fizesse.

Luz apareceu acima das copas, e o nascer do sol anunciou um novo dia. Assim como os pores do sol, a chegada do sol pela manhã era, geralmente, uma visão que fazia Ruby parar o que quer que estivesse fazendo. Mas hoje, não. Mal olhou para as cores espetaculares lançadas sobre o vale, para o horizonte rosado encoberto pelo laranja antes de encontrar o azul fresco da atmosfera da manhã.

Havia uma sensação de saudade nisso tudo, como se nada tivesse significado. O mundo todo parecia vazio; vazio sem o pai.

A capela do crematório se encheu rapidamente. Ruby sentou-se na primeira fileira, ainda abalada depois de dizer um adeus reservado ao corpo que, agora, estava acomodado no caixão de jacarandá polido. Uma música de fundo suave instilava-se pela capela enquanto as pessoas chegavam, sussurrando quando se cumprimentavam, acenando, trocando beijos e abraços entre amigos e familiares que fizeram parte da vida de Francis.

Todos tomavam seus lugares. Tom sentou-se ao lado de Ruby. Pelo cantinho dos olhos, ela o viu erguer o paninho prensado, enxugando os olhos. Duas de suas tias sentaram-se ao lado dele, as famílias se acomodaram juntas nas fileiras detrás.

Pelos painéis das janelas laterais, viu o ex-marido Ben e a esposa Sue, caminhando solenemente de mãos dadas. Talvez fossem se sentar em algum lugar ao fundo. A cabeça pesou, e ela sentiu a barriga revirar. Concentrou-se ao máximo em manter a postura ereta, mantendo o controle enquanto alguns velhos amigos de Francis se aproximavam, assentindo respeitosamente e oferecendo condolências breves antes de repousarem algumas flores no caixão na frente da capela.

Em segundo plano, ouviu Tom perguntar se estava se sentido bem. Não

tinha certeza; a cabeça começara a girar, e tudo parecia estar se fechando ao redor, pressionando seu corpo. Um desejo enorme de sair correndo quase tomou conta dela. Queria correr entre as pessoas, correr e não conseguir mais respirar. As pernas passaram a tremer descontroladamente. Olhou para baixo, obrigando-se a respirar de maneira uniforme, pois a respiração rasa fazia o peito subir e descer e ficar apertado. Por fim, sentiu que sufocaria.

Uma mão firme segurou seu braço, e uma voz familiar a tranquilizou:

— Tudo bem, Ruby Rose. Cheguei. Estou aqui.

As palavras viraram um borrão, e sua visão perdeu o foco. Os pensamentos estavam confusos quando tentou se endireitar. Havia apenas duas pessoas no mundo que a chamavam pelo nome completo. Estaria ouvindo o pai? Erguendo a cabeça, viu Tom se afastar e Bobby tomar o assento ao lado. Sua mão segurou o braço dela com firmeza, e o som da voz tranquilizadora clareou um pouquinho a mente da amiga.

Ela semicerrou os olhos, e seus pensamentos se bagunçaram quando olhou fundo nos olhos marrons e equilibrados que conhecia tão bem.

— Você cortou o cabelo, e sua barba... foi aparada. — E não conseguiu dizer mais nada.

A música parou, e o celebrante começou a falar - palavras distorcidas para Ruby que ouvia, mas não escutava. Tentou concentrar-se, mas conseguiu apenas pensar no corpo do homem que ela adorava, do pai que fora uma presença constante ao longo de toda a sua vida e que agora descansava, sem respirar, no caixão de madeira coberto por flores em sua frente.

Música e mais palavras, então Bobby cutucou-a.

— Seu discurso, Ruby Rose. É hora de ler o seu discurso.

Ela vasculhou a bolsa, tirando algumas folhas dali - palavras que demorou tanto a escrever nos dias anteriores. Tentou se levantar, mas sentiu-se presa ao assento; as pernas não funcionavam, não se moviam.

— Tudo bem. Você vai ler o discurso. — As palavras firmes e as mãos norteadoras de Bobby compeliram-na a se movimentar.

Levantando-se devagar, endireitou as roupas e olhou para o amigo. Viu os olhos dela se encherem de lamento, mas, estranhamente, pensou ele, não havia nenhuma lágrima. Com calma, ela se dirigiu ao púlpito, acenando educadamente para o celebrante enquanto tomava seu lugar para ler. O cabelo grosso e marrom ondulava-se ao redor do rosto dela - mais branco do que o habitual. Bobby notou a elegância de suas roupas: como o vestido floral abraçava seu corpo e como os sapatos e as joias imaculadas combinavam.

Sempre a mesma, pensou ele, invejando o controle que ela era capaz de demonstrar, seus modos calmos; assim como no passado, gentileza e bondade em meio ao caos.

Os olhos de Ruby vagaram pela multidão de amigos e familiares que tinham vindo homenagear o homem tão amado por muitos.

As palavras de Ruby soaram claras. Como sempre, articulada e fervorosa, especialmente quando começou a falar sobre a pessoa que fora a figura central em sua vida. Palavras fluíram, e ela não teve dificuldades em expressar seus sentimentos mais profundos e verdadeiros. Com facilidade, falou sobre os anos anteriores, sobre os amigos que Francis fizera na casa de repouso, sobre as pessoas com quem jogava boliche toda semana, sobre Marion, sobre a equipe que aprendera a amar e respeitar o pai, sobre a família, irmãos, irmãs, sobrinhas e sobrinhos.

Mas quando começou a falar sobre o amor entre a mãe e o pai, sobre a infância e sobre o que o pai significava para ela, Ruby começou a se atrapalhar: as palavras, num primeiro momento, estagnadas na garganta, então, saíram desconexas. Ela murmurou, tentando continuar.

Bobby observou preocupado, escutando a voz trêmula e as palavras incoerentes. Pegando a garrafa d'água ao lado do assento de Ruby, levantou-se, caminhou e se posicionou ao lado dela. Indicou que ela bebesse, então a fez beber mais um pouquinho. Inclinando-se sobre ela, sussurrou algo, alisando os pedaços de papel amassado na frente dela. Falou novamente, tranquilizando-a, esperando que fosse capaz de olhar apenas para ele. Disse para continuar lendo e ficou parado ao seu lado.

Ruby acalmou-se. As palavras soaram cheias de carinho, e ela conseguiu ler a parte final e mais importante do discurso.

O tempo virou um borrão outra vez, e antes que percebesse o que ocorrera, Bobby a guiou de volta ao assento, mantendo-se próximo. As lágrimas escorreram pelo rosto enquanto levavam o caixão, que desapareceu detrás das cortinas pesadas. Fecharam-nas quando o corpo de Francis foi tomado deles para sempre, e os acordes assombrosos de *Amazing Grace* encheram o cômodo.

Bobby segurou o braço dela e lhe ajudou a se levantar, levando-a em direção ao corredor que dava na saída da capela.

— Levante-se — disse ele. — Precisamos sair. Endireite a postura.

Ela ouviu as palavras de Bobby através de uma neblina de entorpecimento, caminhando um passo de cada vez. Parou apenas para um

abraço ou aperto de mão breve antes de ele a dirigir pelas portas em direção ao ar fresco.

— Respire. Respire fundo — pediu Bobby. — Estamos chegando.

As palavras cumpriram seu objetivo, reconfortando-a. Pela primeira vez, alguém estava ajudando Ruby, tomando as decisões, guiando-a pelos momentos difíceis.

Bobby mal deixou o lado dela naquela tarde. Ela notou a preocupação no rosto do homem, os olhares angustiados quando lhe trazia outra bebida ou colocava um sanduíche em sua mão, pedindo que comesse e bebesse mais um pouco. Falava com Ruby no intervalo das conversas que ela tinha com as muitas pessoas que queriam lhe dar um abraço, oferecer consolo e homenagear Francis, mas Bobby notou que ela não escutava as palavras.

Depois de um tempinho, a multidão minguiu. A família de Francis tinha partido, ficaram apenas os velhos amigos e parceiros de boliche que ainda bebiam e recordavam.

Quando Bobby disse a Ruby que era hora de ir, ela argumentou:

— Não posso, seria rude enquanto ainda estão aqui.

— Está exausta — disse Bobby. — Vão ficar bebendo a noite toda. Deixe-os. Vamos, vou levá-la para casa agora mesmo.

Desta vez, obedeceu às instruções sem questionar. Então subiu no assento do passageiro quando o amigo abriu a porta para ela. O carro nem mesmo havia alcançado a estrada quando seus olhos se fecharam; a cabeça caiu para trás, e ela dormiu.

Bobby estava cansado; as consequências da longa viagem que fizera vindo de depois de Emerald começavam a aparecer. Theresa, finalmente, conseguira entrar em contato, há dois dias, depois de Lynette ter ligado e contado o que havia acontecido.

— Falei com Francis semana passada, Theresa. Ele parecia estar muito bem — Bobby disse.

— Como você falou com ele?

— Mantivemos contato desde o julgamento. Não fiquei uma semana sem dar um jeito de ligar para ele, conversar com ele, descobrir como estava. Contou para mim sobre o coração e me disse algumas coisas, caso algo acontecesse.

— Manteve contato com Ruby? — perguntou Theresa.

— Não.

— Por que não?

— Não sei, apenas não. Não vi nem falei com ela desde o julgamento, desde que parti. Logo depois de enterrarmos Sally.

— Então manteve contato com o velho, mas não com a sua amiga? Muito estranho, Bobby.

— Eu sei, não sei por que fiz isso. Amei vê-la de novo, acho que fiquei com medo.

— De quê?

— Não sei. Fico confuso perto de mulheres.

— Você é bizarro.

GRUPOS DE PEQUENOS cangurus, com os olhos vermelhos sob o brilho dos faróis do carro, encaravam Bobby enquanto ele dirigia pela estrada de terra sinuosa que os levaria para a casa de Ruby. O arco familiar de folhas e o silêncio da fazenda no topo da colina foi uma acolhida bem-vinda depois do dia intenso. Vacas olharam cheias de curiosidade para ele quando saiu para abrir o portão, e o ar fresco do interior o fez parar e respirar fundo.

Ruby não tinha se movido, os efeitos dos quatro dias anteriores finalmente tomaram conta dela, então dormia profundamente. As longas pernas estavam dobradas abaixo dela, e a cabeça não parecia confortável entre o assento e a porta.

— Ruby Rose, chegamos em casa. Vamos, acorde. Não posso deixar você aqui. — Com delicadeza, sacudiu o ombro da amiga até, por fim, ela se mover. — Vamos, precisa ir para a cama. — Ele a ajudou a sair do carro. Com os olhos ainda pesados, apoiou-se nele quando Bobby a levou para casa.

— A chave está debaixo do capacho — murmurou ela.

Ele abriu a porta, empurrando-a como uma sonâmbula pela cozinha. Atravessaram o corredor e chegaram ao quarto, onde ela colapsou na cama.

— Talvez você não devesse ter tomado aquela última taça de vinho. — Ele sorriu quando se agachou e abriu as fivelas da sandália, jogando-a no chão.

— Obrigada, Bobby. — Os olhos estavam fechados, e ela falou apenas alto o suficiente para que ele ouvisse. — Durma no quarto de hóspedes. Tenho cobertores no armário.

Ele a cobriu com o edredom e olhou para a amiga mais uma vez antes de desligar a luz e seguir para o outro quarto.



RUBY DEMOROU PARA acordar no dia seguinte, e o sol estava alto quando

ela se juntou a Bobby, sentado no terraço da frente.

Ele a cumprimentou com um sorriso.

— Boa tarde. — Puxou uma cadeira para ela, percebendo que a amiga ainda vestia o mesmo vestido de ontem, com o qual também havia dormido.
— Sente-se.

— Obrigada.

— O que acha de eu preparar um cafezinho e algo para comer?

— Apenas o cafezinho, por favor. Acho que não quero comer nada.

Ele voltou com algumas torradas e o café. Além disso, repousou um copo de suco de laranja fresco em frente a ela.

— Obrigada. — Ela empurrou o suco para longe, escolhendo o café.

Ela o observou sentar-se à extremidade da mesa. Havia uma pequena bomba de um dos tanques despedaçada bem em frente. Ele limpou partes dela com um trapo, manuseando outros pedacinhos e colocando-os no lugar.

— Eu ia arrumar isso. — A voz dela soou monótona, fraca.

— Está arrumado agora — disse ele. — Precisava apenas de uma limpeza, e ajustei algumas peças. Vou colocar de volta no lugar depois de você comer a torrada e beber o suco.

— Não estou com fome, mas obrigada. — Ela afastou a torrada e o suco, encarando os olhos inflexíveis de Bobby.

— Precisa comer. Sua pele perdeu a cor, e você parece que não come há uma semana.

— Não como mesmo.

Eles se olharam até Ruby desviar os olhos.

— Você cortou o cabelo — observou ela. — E a sua barba... bem, está muito mais controlada, mais curta. Ficou diferente, consigo ver o seu rosto.

— Pensei que fosse melhor eu me arrumar. Foi um pouco corrido, mas queria fazer isso direito.

— Como ficou sabendo sobre o papai? Tentei entrar em contato, mas não consegui encontrar você.

— Theresa me avisou, mas apenas há dois dias. Aluguei um carro e vim direito. Cheguei bem a tempo.

— Você conversa com a Theresa?

— Claro. De vez em quando, mas, sim... converso com ela. — Bobby sentiu os olhos dela fixos nele enquanto continuava a trabalhar na bomba. — Eu ligava para o seu pai, sabia? Ocasionalmente.

— Ele me contou.

Bobby sentiu que a amiga estava irritada com ele. Nervosa, porque tinha mantido contato com Theresa e Francis, mas nunca, nem uma vez sequer, ligara nem respondera às mensagens que ela havia deixado em diversas estações para ele.

— Você precisa comer — insistiu ele. — Sua aparência está horrível. — Por uma fração de segundo, vislumbrou uma luz nos olhos dela antes de Ruby os desviar.

— Obrigada pelo elogio e pelo café. Vou voltar para a cama, sinta-se em casa.

Bobby levantou-se, bloqueando o caminho quando ela seguiu para a porta da cozinha.

— Não quis dizer de um jeito ruim. Você parece acabada, e sei que não tem se alimentado. Não faz sentido se deixar ficar doente.

— Obrigada, Bobby. Não preciso que ninguém cuide de mim. Sei me virar, sempre me virei e vou continuar me virando. — Ruby contornou-o e entrou na casa.

Ele a observou, balançando a cabeça quando ouviu a porta do quarto bater. *Continua a mesma*, pensou ele. Sempre querendo mostrar que tem o controle, a independência, tentando provar que lida muito bem com tudo. Talvez ela *realmente* fosse forte assim. Não a viu chorar nenhuma desde a morte do pai - na celebração, na reunião depois ou de volta em casa.

O tio de Ruby tinha levado Bobby para um cantinho depois do funeral.

— Ela aguentou a semana toda — disse Tom. — Organizou tudo, até mesmo a cor dos guardanapos para mais tarde. Avisou a todos, limpou a casa dele, cuidou das finanças, tranquilizou a família e passou horas conversando com os velhos amigos de Francis. Vez alguma, nenhuma... ela chorou. Sei que o coração dela se partiu, Bobby. Pode cuidar dela por mim, por favor? Talvez ela seja mesmo forte, mas duvido.

A tensão em que Ruby se encontrava ficou clara para Bobby. Podia ver em seu rosto - o olhar desnordeado e perdido durante a celebração, as respostas confusas e distantes.



BOBBY FICOU POR ALI NOS meses seguintes, observando Ruby mergulhar

mais e mais fundo em si mesma. Ela nunca mencionou sobre voltar ao trabalho. Na verdade, mal falou com ele. O homem ficou na casa principal, dormindo no quarto-extra.

Quando a amiga se aventurou do lado de fora um dia, encurralou-a.

— Posso me mudar para a cabana onde fiquei da outra vez, se preferir.

— Tanto faz. Não faz diferença para mim. Faça o que quiser.

— Quero que se sente e coma alguma coisa. Quero que pare de dormir o dia todo e quero que volte a fazer o que normalmente fazia antes.

Ruby ergueu as sobrancelhas e parou no lugar, surpresa com as palavras dele.

— Nossa, quantas palavras vindas de uma pessoa que costuma falar tão pouco. Diga-me, quais são as coisas que eu normalmente fazia? Que diferença faz para qualquer pessoa o que eu faço? Quem se importa, Bobby?

— Seu pai teria se importado — murmurou ele, com cuidado.

Ele a viu enrijecer diante da menção a Francis.

— Como sabe com que o papai teria se importado? E, sinceramente, por que você se importa? Quanto tempo vai ficar aqui? Tempo suficiente para sentir que cumpriu sua responsabilidade comigo? Na verdade, acho que isso não se trata de mim, mas do meu pai. Sente que deve algo a ele por ter sido gentil com você?

— Ele estava preocupado com a filha, agoniado com o futuro se algo acontecesse a ele.

— Mesmo? — questionou ela. — Bem... ele não precisava ter se preocupado, pois estou bem. Organizei tudo que era dele. Todos podem voltar para as rotinas de antes.

— Eu não acho que você esteja bem. — Bobby encarou-a com firmeza, erguendo um tantinho as sobrancelhas quando ela encontrou seu olhar.

— É mesmo?

— Bem, quero dizer... — Ele teve dificuldades com os pensamentos, tentando garantir que escolheria as palavras certas. — Você fez um trabalho divino... organizando tudo e cuidando de todos. — Olhou para ela. — Mas e você?

— Eu disse, Bobby. Estou muito bem. Tudo certo comigo. — Os olhos do homem a seguiram quando caminhou em direção à casa, subindo dois degraus por vez. Sentindo-se frustrado, dirigiu-se aos galpões, determinado a agilizar as melhorias que o lugar pedia.



O SOL ESTAVA BAIXINHO quando ele, por fim, guardou as ferramentas e voltou para casa. Nenhuma luz brilhava no interior escuro, então adentrou o mesmo silêncio que vinha impregnando a casa desde o funeral. Atravessando a cozinha e seguindo para o quarto, caminhou sem pressa, sabendo que, assim como nos outros dias, Ruby estaria na cama - dormindo, fechando a mente para toda a tristeza, todo o luto que sabia que ela enfrentava.

Jantou sozinho, e estava lavando a louça e limpando a cozinha quando a amiga apareceu.

— Tem um prato na geladeira para você. Frango e salada.

— Obrigada, mas não precisava ter feito isso. — Ela caminhou lentamente para o terraço. Bobby a acompanhou, colocando um prato cheio de comida na frente dela antes de servir uma taça de vinho aos dois.

Ela comeu um bocadinho da salada antes de remexer o resto da comida pelo prato.

— Ele pediu para que você voltasse caso algo acontecesse com ele? — Ruby encarou-o, cheia de suspeita. Analisou a barba que, obviamente, tinha sido aparada outra vez, e o cabelo ainda descontrolado, mas bem mais curto.

— Como assim? — Bobby sentou-se em frente a ela, determinado a se certificar de que ela jantaria a comida que ele havia preparado.

— Papai pediu para que você voltasse caso ele morresse? — Ela repousou o garfo e tomou um longo gole de vinho. — Pediu para você voltar e cuidar de mim até eu ficar bem? Porque, se ele fez isso, então você não precisa ficar aqui.

— Ele nunca me pediu para voltar. — Bobby tentava ser paciente, mas a atitude de Ruby contra ele não ajudava. — Mas ele me perguntou se algum dia eu voltaria.

— E o que você respondeu?

Houve um silêncio longo. Bobby olhou para os pastos, os olhos acompanhando as vacas atravessando o cume e chegando às regiões mais quentes debaixo da proteção das árvores.

— Falamos sobre muitas coisas.

— Por que ele perguntou se algum dia você iria voltar? Ele nunca conversou comigo sobre você. Eu nem mesmo sabia que conversavam tanto antes de hoje, quero saber o que foi conversado.

— Acho que ele esperava que eu voltasse, que estivesse por perto. Talvez que ajudasse, apoiasse você. Mas nunca me pediu com essas palavras, e não falamos apenas sobre isso.

Ruby encarou a noite, as estrelas como milhares de diamantes piscando, espalhados pela extensão escura. Bobby esperou que ela falasse mais sobre Francis, mas não ouviu nada. Os dois ficaram sentados, observando o espaço vazio em frente, cada um perdido em seus pensamentos.

Por fim, Ruby quebrou o silêncio.

— Sei que você quer voltar para o deserto. Foi muito bom ter vindo se despedir do papai, mas provavelmente chegou a hora de você voltar para casa.

— Bem, veremos. A não ser que você me expulse, ainda tenho algumas coisinhas para fazer por aqui. Na verdade, poderia se arrumar amanhã cedinho? Quero levar você a um lugar.

— Onde?

— Vai ver. É um lugar que sempre quis visitar, e você pode me acompanhar.

— Tenho algumas coisas para fazer aqui.

— Por exemplo? Você não tem nada para fazer. Tudo o que fez nos últimos dois meses foi se lastimar pela casa e dormir, mal tirou os pés dessa propriedade desde o funeral. Amanhã, vai me acompanhar. Esteja pronta lá pelas sete e vista algo que possa ser molhado.

Com isso, Bobby voltou para dentro. As desculpas de Ruby se perderam no ar quando o amigo entrou no quarto de hóspedes e fechou a porta.

RUBY LEVANTOU-SE CEDO na manhã seguinte, e Bobby encontrou-a sentada no lugar habitual na escadaria da frente, observando com atenção o vale abaixo. Apesar de ter respondido ao cumprimento animado dele, não ergueu os olhos e apenas se virou quando ele empurrou um prato com torradas para o colo dela.

— Já comi, obrigada — disse ela.

— Coma, por favor. Vai precisar de um pouco de energia hoje. — Ele a olhou e notou os olhos nublados, envoltos por grandes bolsas escuras, e o cabelo rebelde precisava ser desembaraçado. — Precisamos ir. — Sua voz soou brusca, e as palavras, impacientes. — Vista algo com que possa nadar.

— Não quero ir a lugar algum. Preciso mesmo ir junto? — perguntou ela, baixinho, sem qualquer emoção na voz.

— Sim, precisa. Se não estiver no carro em dez minutos, vou pegar você no colo e levar embora.

Ruby sentiu-se insegura. Bobby soara ranzinza e determinado quanto a ela ir junto. Quem saberia dizer aonde estariam indo? Ela não sabia e não se incomodaria em perguntar. O corpo parecia dormente, como se toda a vida tivesse sido sugada. Percebeu que, na verdade, não sentia nada. Nada mais importava.

Dentro de casa, Bobby estava ocupado - batendo portas, limpando a cozinha, que sempre parecia estar uma bagunça ultimamente, deixando tudo certinho. Talvez ela devesse pedir a ele que fosse embora, que voltasse para o leste e a deixasse sozinha. Ouviu os passos dele atravessarem a cozinha.

— Você ainda nem se moveu. Vamos, levante-se. — Ele pegou a mão dela e a levantou. — Onde estão suas roupas de banho... ou como você as chama? — Bobby obrigou-a a entrar, guiando-a ao quarto. — Pronto, abra as gavetas. Precisa de uma roupa para nadar.

— Por que, onde estamos indos? — Ela tirou um biquíni da gaveta lotada e bagunçada, amarrotando tudo de volta ao lugar antes de fechar com tudo o repartimento.

— Não importa. — Segurou os ombros dela, empurrando-a para o

banheiro. — Troque-se. Estou avisando, vou jogar você dentro do carro se não estiver pronta. Estou ficando sem paciência com você, Ruby Rose. — A porta do banheiro se fechou com força na cara dela. — Sei que não tem uma tranca na porta. Então, se não estiver no carro em cinco minutos, voltarei.

Ele marchou para o quarto-extra, recolheu o que havia empacotado para o dia e seguiu para o carro.

Não muito depois, ouviu a porta da frente se fechar e a chave virar na tranca quando Ruby Rose fechou a porta. Viu-a pelo retrovisor, mal dando um passo depois do outro enquanto, lentamente, arrastava-se ao carro.

— Meu Deus — gritou ele. — Levante os pés, garota. Olhe como o dia está lindo.

Não houve qualquer resposta.

No carro, Ruby manteve a cabeça virada para a janela - longe dele, com o rosto resoluto, sem demonstrar qualquer emoção enquanto o carro serpenteava colina abaixo.

— Podemos parar no cemitério? — pediu ela.

— Que tal pararmos na volta?

— Prefiro parar agora. — Ela continuou encarando a paisagem.

— Acho que podemos fazer uma paradinha. — Bobby cedeu, não sabendo o que mais poderia fazer para trazer Ruby de volta à realidade.

Observou a amiga se curvar sobre o sepulcro de Sally e repousar um punhadinho de flores no vaso de vidro acima do monte de terra. Seguindo em frente, ficou parada por um longo momento na frente da lápide de Francis, conectada a uma grande rocha, logo atrás do jazigo de Sally.

Bobby sentiu como se estivesse numa luta perdida. Como uma mulher poderia ser tão obstinada, mas estar tão perdida em seu lamento e incapaz de sair desse buraco?

Ela parecia tão magra. Bolsas escuras se formaram abaixo dos olhos, e o rosto parecia esquelético, vazio e sem qualquer emoção. O vestido floral e simples que ela escolhera estava amassado e frouxo no corpo pequeno. Os olhos haviam perdido o brilho, e as palavras soavam enfadonhas. Sentia-se desinteressada na maioria das conversas que Bobby tentava ter com ela.

Ele ligou o carro assim que Ruby começou a voltar em sua direção.

Mais uma vez, escolheu olhar pela janela em vez de para Bobby enquanto dirigiam.

— Por que você não saiu?

— Cristo, Ruby Rose. Faz dois dias que viemos aqui. Acho que seu pai

não gostaria de ver a filha passando tanto tempo na cova dele. Talvez ele fosse gostar de ver você seguindo em frente. Quero dizer, ele teve uma vida boa e viveu muitos anos.

Ela se virou e o encarou, com um olhar sem brilho e vazio. Então, virou-se para a janela outra vez.

Bobby ligou o rádio, em busca de algo para preencher o silêncio desagradável. Os modos dela o fizeram lembrar de como havia se portado quando visitaram Marion semana passada. Tinha sido ideia dele, e quando a sugeriu, Ruby respondeu mecanicamente, dizendo que avisaria a casa de repouso sobre a visita.

Marion fora acomodada numa cadeira confortável. Estava envolta por almofadas e tinha um ursinho de pelúcia felpudo no colo. Ela passou a maior parte da visita desfazendo os laços de tecido xadrez ao redor das orelhas e do pescoço do urso; a saúde havia deteriorado de maneira significativa nos últimos meses, e não mais reconhecia nem mostrava qualquer sinal de que algum dia os conheceu.

De vez em quando, parava de tagarelar sobre como os laços deveriam ser amarrados e o quão encantador era o ursinho... e olhava para eles. Uma vez, apertou os olhos para Ruby, como se algo no fundo da mente estivesse sendo ativado, mas o lábio inferior cobriu o superior e, mais uma vez, concentrou-se no bichinho.

Bobby não aguentou. Olhou para Ruby, avisando-a de que precisavam ir embora. Ele caminhou pelos corredores, respirando fundo. Sentiu-se sufocado pelas paredes que o cercavam, angustiado ao ver a mente de uma mulher - um dia inteligente - reduzida ao patamar de conversas infantis.

Em algum momento, Ruby o seguiu, mas novamente como um robô disciplinado - sem qualquer emoção, apenas o olhar vazio dos últimos tempos.

— É triste apenas para a gente — informou a amiga. — Marion não sabe mais nada, portanto está feliz. Poderia, por favor, destrancar o carro? Preciso enviar algumas cartas e comprar leite antes de voltarmos para casa.

— Não posso mais voltar aqui. Essa foi a última vez que vi Marion, não posso fazer isso de novo... é de partir o coração.

Ruby pegou um bloquinho de anotações e começou a listar todas as mercadorias de que precisavam, esperando pacientemente Bobby entrar no lado do motorista.

Tentando recobrar o controle das emoções, sem pressa, disse:

— Era uma senhora tão sagaz... sempre feliz e disposta a conversar.

— Ainda temos pão? — Ruby parecia alheia ao tormento de Bobby depois da visita a alguém que não mais reconhecia os outros nem tinha o mesmo senso de vida que todo o resto do mundo.

— Escute o que você disse... pelo amor de Deus, como pode não estar emocionada com a visita? — A voz de Bobby demonstrava raiva.

— Podemos ir, por favor? — Ela olhou para o relógio. — Posso dirigir, se quiser.

Ele se demorou por um momento, respirando fundo. Ainda nervoso com Ruby e transtornado pela visita.

Levou dias para tirar a visão da mente: Marion sentada na cadeira, com o ursinho no colo. Não se sentia tão afetado por algo desde a infância, exceto pelas lembranças dos acontecimentos no passado durante o julgamento.

Não teve dificuldades para chorar no funeral de Francis. Havia um grande sentimento de perda, um luto pesado, mas uma sensação de maravilhamento e de felicidade por ter sido amigo do homem, tanto mais jovem quanto mais tarde na vida. Conversaram muitas vezes pelo telefone desde o julgamento, geralmente sobre agricultura, clima e coisas rotineiras que aconteciam nas grandes propriedades onde Bobby trabalhava.

No entanto, a conversa podia ficar muito mais profunda. Bobby fora capaz de se libertar de muitas dores do passado simplesmente ao ouvir as ideias realistas de Francis, pois este havia deixado muitos horrores pessoais no ontem.

Outras vezes, a conversa se voltava para Ruby, e Bobby tranquilizava Francis de que a visitaria se algo acontecesse. Francis não pediu isso, mas Bobby sabia que sua reafirmação confortava o homem que se preocupava com Ruby ficar completamente sozinha quando ele morresse.

A conversa continuou ao longo dos meses.

— Pensei que vocês dois pudessem ter se reconectado — disse Francis, um dia. — Talvez com um pouquinho de romance...

— Acho que não. Não sou muito bom com mulheres e tenho certeza de que ela vai encontrar alguém - ela tem muitos amigos.

— Amigos, sim. E muitos deles a chamam para sair. Mas, você a conhece... sai com eles uma ou duas vezes e perde o interesse. Não sei o que ela procura.

— Talvez não esteja procurando. Uma mulher como ela, tão linda, pode tomar as próprias decisões.

— Então, você a acha bonita. Nunca ouvi você dizer isso, Bobby. Já contou a ela?

— Francis, não dê uma de Cupido. Ruby Rose e eu somos pessoas completamente diferentes. Acho que não sou o tipo de pessoa por quem ela se interessaria.

— Aquela garota... sempre ocupada demais cuidando da vida dos outros para se preocupar com a dela.

Ultimamente, Francis sempre mencionava a saúde e como podia sentir que algo não estava certo.

— Fui ao médico outra vez — disse. — Vão fazer mais exames no meu coração. Acho que os resultados não serão bons. Não me sinto como eu mesmo.

— Contou a Ruby Rose?

— Meu bom Deus, não. Ela entraria em pânico - daria ordens, me faria ir a todo tipo de médico.

Não muito depois dessa conversa, o telefone tocou. Theresa. Ele ligava para a irmã de vez em quando, e Theresa ou Francis sempre pareciam saber onde ele estava. Muito diferente dos anos anteriores ao veredicto.

Queria ter voltado e encontrado Ruby Rose antes, mas algo sempre o impedia. Ela tinha sua vida -ocupada e organizada, junto com pessoas que se pareciam com ela: profissionais, jovens acadêmicos que usavam palavras complexas e vestiam roupas coloridas. Conheceu alguns deles quando se hospedou com ela durante o caso.

Ruby o arrastara para alguns passeios, e sua barba desleixada e o cabelo longo e despenteado fizeram-no sentir-se totalmente deslocado com os amigos bem vestidos dela. Ela parecia tão feliz então, sempre rindo e o encorajando, ficando ao lado do amigo quando ele se sentia fora da zona de conforto e perdido nas conversas entre as pessoas que pareciam amar conversar sobre investimentos, propriedades e aonde iriam no próximo feriado.

Alguns dos vizinhos pareceram um pouco mais compatíveis. Algumas vezes, pegou-se conversando por um tempão com os fazendeiros que moravam ali perto. Estava interessado em descobrir o que cultivavam, especialmente em ouvir sobre a agricultura orgânica que começava a ser adotada por muitos e sobre técnicas diferentes que usavam para aproveitar ao máximo as colheitas. Em troca, quiseram ouvir tudo sobre a vida e o trabalho dele no Leste. De vez em quando, se pegava gostando verdadeiramente da

companhia daquelas pessoas de mentalidade parecida.

Ruby ficara encantada numa noite, quando Bobby a acompanhou e ajudou num trabalho em uma caridade local. Uma mulher solteira - Bettina - grudou nele, conversando e rindo alto enquanto tentava tirar mais do que algumas frases do homem. O perfume forte e as joias pesadas e douradas dela desconcentraram Bobby, que desesperadamente tentou chamar a atenção da amiga enquanto ela passeava pelo cômodo servindo comidas e bebidas.

Bettina pendurou-se em seu braço, falando incansavelmente e alheia ao fato de que os acenos dele eram um sinal de que não estava interessado; em vez disso, as palavras da mulher começaram a se misturar e fazer a cabeça dele girar. Entretanto, ouviu-a convidando-o para sua casa, que estava vazia. *A noite poderia ser apenas deles, juntos*, disse ela. A mulher era insistente. No fim, Bobby precisou ser grosseiro para deixar claro que não tinha interesse.

Ruby riu quando ele lhe contou toda a conversa no dia seguinte.

— Bobby, você é um homem atraente. Ela não era a única de olho você ontem à noite. É melhor tomar cuidado, duas das minhas amigas solteiras também perguntaram sobre você.

Ele murmurou sob a barba então, incerto sobre como se sentia com a atenção das mulheres da cidade, que eram muito diferentes das que conhecera no Leste.

Aquelas duas amigas estiveram no funeral de Francis, assim como na cerimônia. Eram duas jovens que não se contiveram, mirando-o. Quando começaram a falar, ele mal teve chances de dizer algo.

— Nossa, você ficou maravilhoso — disse uma delas. — Amamos o seu novo visual, Bobby. Olhe, depois disso tudo, queríamos que voltasse conosco para casa. Ruby não sabe entreter os hóspedes; é um pouco caseira.

— Sim — concordou a outra. — Você precisa explorar o lugar conosco. Com certeza, podemos garantir uma noite incrível. Vamos a todos os lugares juntos. Todos *mesmo*.

Riram juntas, deixando-o sem qualquer dúvida quanto às intenções delas.

Bobby quase cuspiu a bebida; não conseguia acreditar. Estavam falando sério e fazendo uma proposta tão aberta a ele, juntos, num funeral? As duas eras deslumbrantes. Em seus vestidos pretos e curtinhos, os decotes profundos expunham os seios quase descobertos. *Quem se vestia assim para um funeral?* Desviou os olhos, ciente de que esperavam uma resposta.

Precisou repousar o copo e afastou a mão da mulher mais alta, que havia envolvido firmemente seu braço.

— Obrigado, mas não. — Ele se afastou com rapidez, aliviado quando viu Ruby atravessar a multidão em direção a ele, ignorando a atenção que as garotas lhe davam.

— Você tem algumas amigas interessantes. — Ele olhou para as duas garotas, que ainda o observavam.

— Ah, sim. Essas duas sempre me perguntam sobre você. Não me importo se quiser sair com elas.

— Como se eu fosse me interessar — disse ele. — Além disso, vou levar você para casa. Quando estiver pronta, quero dizer.

Enquanto Bobby lembrava do encontro, desejou que Francis pudesse ter estado presente para rir com ele da situação.

O que o velho teria pensando das duas mulheres, quase sem roupa, que apareceram em seu funeral para fazer uma proposta a Bobby? Lembrava-se com carinho de Francis, recordando os risos que haviam compartilhado. Sabia que o homem teria amado conversar com todos e desfrutaria de um drinque na própria celebração.

DIRIGINDO PELO VALE, Bobby trouxe os pensamentos de volta ao presente. Em frente, a neblina cobria o fundo do vale como um cobertor branco e fofo, com picos nos afloramentos vulcânicos que surgiam bruscamente pelas nuvens espessas.

Pensou que Ruby comentaria sobre o nevoeiro ou sobre os grupos de cangurus que erguiam os olhos o carro passava por eles, que demonstraria um pouquinho de interesse. Mas não fazia qualquer pergunta ultimamente - não por quanto tempo ele ficaria, o que fazia quando visitava os pastos ou aonde estavam indo hoje. Ela se deixou afundar num buraco profundo de tristeza e solidão, e nada que o amigo fizesse parecia ser suficiente para despertá-la do estado mental em que se encontrava.

Desistiu de tentar conversar. Em vez disso, focou no tráfego cada vez mais presente, enquanto se aproximavam das praias não muito distante de onde Francis costumava morar.

— Vista os sapatos para caminhar e traga sua roupa de banho. Vamos dar a volta no cabo — explicou Bobby. Estava parado no estacionamento, esperando Ruby se juntar a ele. Começava a sentir vontade de sacudi-la, pois nunca a viu tão indiferente, lenta e nem um pouco interessada em tudo.

O dia estava quente, e ele repousou um velho chapéu de palha na cabeça dela, irritado pela amiga não ter se importado com as próprias regras meticulosas sobre chapéus e protetor solar.

— Vamos. Temos que dar a volta no promontório. Depois, nadaremos.

Seguiram uma trilha de concreto que logo se estreitou num pequeno caminho de terra, que avançava tortuoso pela floresta tropical. Estava fresco sob a sombra das copas. Em determinado momento, o caminho se abriu e relevou o oceano, que atingia incessantemente as pedras muito abaixo.

Ruby caminhou na frente dele, com passos lentos e desprovidos de entusiasmo ou animação. Apenas se deixava levar, um passo de cada vez.

Uma abertura em meio às árvores deu a Bobby a chance de bisbilhotar. Observou maravilhado as ondas que nasciam ao longe. Moviam-se pelo oceano, em ascensão, cada vez mais altas até os topos se curvarem em pontas

brancas e espumosas antes de acertarem as rochas.

— Ei, pare um pouquinho — ele chamou Ruby, que desaparecia na próxima curva do caminho. — Espere. — Acenou para ela voltar aonde estava parado. — Vamos nos sentar por alguns minutos.

Puxou o braço dela, obrigando a amiga a se sentar num banco de madeira que fora posicionado para apreciar a linda vista. O oceano se estendia em frente, e a superfície cintilava até tão longe quanto os olhos podiam ver.

— Não tenho muitas chances de ver algo assim — explicou ele. — É um pouquinho diferente da poeira vermelha.

Ruby sentou-se ao lado dele, observando as ondas.

Bobby se endireitou, e a voz soou animada:

— Tem golfinhos ali. Olhe, Ruby Rose. Deve ter uns dez deles. Consegue ver? Estão dançando nas ondas. — Ele apontou cheio de entusiasmo para a maré, que quebrava logo depois das pedras. — Consegue ver? Estão bem ali.

— Estou vendo.

Fazia tanto tempo desde que vira o mar... imagine um grupo maravilhoso de golfinhos brincando nas ondas tão perto dele. Fechando os olhos, deixou as gotinhas salgadas do oceano lhe envolverem. Respirando fundo, o ar fresco do mar o fez se sentir vivo, saudável e, acima de tudo, em paz. Sua mente clareou, e ele quis que o momento durasse para sempre.

— Vou continuar andando. Pode me alcançar depois, se preferir. — Ruby tinha se levantado e caminhava para longe, pelo caminho.

Bobby esperou um minuto, então a seguiu. Olhou sobre o ombro e teve mais um vislumbre dos golfinhos brincalhões. Quando a alcançou, Ruby estava muito próxima da beirada de um precipício rochoso que acabava bruscamente no mar abaixo. Deixou-a ficar sozinha por um momento, observando-a estudar a parte de baixo - as rochas pontudas e as ondas violentas.

— Muito bem — disse. Ela se virou e se aproximou. — Vamos para a praia. Tem uma trilha em algum lugar por aqui que vai nos levar a uma das docas. Supostamente, deve ser um lugar calmo e bom para nadar.

Seguir o caminho tortuoso pela vegetação até a praia fluvial envolveu descer uma multidão de degraus, e os dois estavam suados e quentes quando chegaram ao final. A praia era isolada, e havia apenas algumas outras pessoas, provavelmente devido à dificuldade apresentada pelos degraus que

subiam e desciam a inclinação acentuada.

Bobby tirou a camiseta e os sapatos, ficando apenas de bermuda. Pronto para entrar na água.

— Acho que vou apenas observar. O mar ainda deve estar frio. — Ruby sentou-se e tirou os sapatos e as meias, enterrando os dedos na areia.

— Certo, Ruby Rose — disse Bobby, olhando direto para ela. — Se não vier sozinha, vou pegar você no colo - com roupa e tudo - e jogar no mar. — Os olhos escuros focaram nos dela.

Ela não teve qualquer dúvida de que ele faria isso. Além do mais, notou que Bobby era muito maior e mais forte. O corpo era musculoso e estava em forma por conta dos anos de trabalho físico.

Ruby ficou irritada com o amigo lhe dando ordens, dizendo o que deveria fazer. O mar estaria gelado, e ela ansiava repousar a cabeça na areia e dormir. Quando estava dormindo, não pensava em nada; havia um entorpecimento, uma sensação boa quando se escondia sob as pálpebras, como quando as crianças fechavam os olhos e pensavam que ninguém podia vê-las.

Bobby deu um passo, aproximando-se.

— Vou entrar — garantiu Ruby.

— Estou esperando. Sabe que aguento carregar você no colo. — Ele a puxou pelas mãos, chocado por quão leve foi arrastá-la pela areia.

— Tudo bem, estou indo. — Ruby tirou os shorts e a camiseta, e a roupa de banho acentuou sua magreza.

Bobby a olhou de cima a baixo, seu rosto demonstrando surpresa.

— Eu sei. Estou horrível. Perdi um pouquinho de peso.

— Você perdeu *muito* peso. Mas fique sabendo que não está horrível, com certeza. — Um grande sorriso iluminou o rosto dele. O olhar admirado em se perdeu em Ruby enquanto ela o seguia ao mar.

Bobby não perdeu tempo e entrou, mergulhando sob as ondas até alcançar a parte mais calma depois das arrebentações. Deitado de costas, deixou o mar fresco envolver livremente seu corpo, sentindo como se cada partícula de poeira dos últimos anos estivesse sendo levada para longe. Submergiu, nadando sem rumo, com os braços fortes o impulsionando pelo mar. E as ondas avançaram contra seu corpo.

Olhando para a costa, viu Ruby parada na praia. O mar lambia seus tornozelos, e estava cabisbaixa enquanto desenhava na areia com os pés. Por fim, ergueu os olhos, e ele acenou, chamando-a. Irritou-se quando a amiga

olhou novamente para a areia.

Ruby não notou Bobby pegar carona em uma das ondas; sua mente tinha se fechado outra vez, e ela se perdeu no padrão dos desenhos e no mar.

— A água está uma delícia mais ao fundo. Venha. — Pegou a mão dela e a norteou, com cuidado, pelas ondas. Caminharam pelas primeiras arrebentações que cobriam os joelhos antes de guiá-la às profundezas. — Tem uma onda grande vindo. Prenda a respiração, vamos passar por baixo.

Os dois mergulharam sob a espuma que vinha com a onda quebrada, reemergindo apenas para verem outra onda vindo logo em seguida.

— E de novo. — Segurou a mão de Ruby quando os dois se agacharam, deixando a onda passar com facilidade sobre eles. — Um pouquinho mais longe... e vamos passar as arrebentações.

Bobby soltou a mão da mulher e caminhou para a profundidade assim que um conjunto de ondas os surpreendeu. Ruby não estava muito atrás, mas ele percebeu que deveria ter segurado sua mão para se certificar de que a amiga estivesse ao seu lado. Quando se agachou sob a onda, Bobby viu que Ruby não estava preparada para a que viria logo depois da primeira.

Ela ainda estava se recuperando, concentrada em ajeitar o biquíni, quando a onda seguinte a atingiu. A arrebentação a envolveu e a girou com força. Movimentando-se com pressa, Bobby surgiu do outro lado da onda e observou o mar curvar, jogando-a com tudo para a costa. Ela acabara de se levantar, de costas para as ondas, quando outra onda grande a atingiu por trás. Enquanto nadava até a amiga, ele a viu ser golpeada outra vez, com braços e pernas indo para todos os lados, como uma alga envolta pelo poder da água e, então, descartada.

Arrastada pela força da maré de volta ao raso, Ruby levantou-se, com os joelhos cobertos pelo mar. As ondas que a atingiram desapareceram logo em frente, antes de chegarem na costa. Bobby a alcançou assim que ela se virou; havia água saindo do nariz e da boca, o rosto estava coberto por areia, e o cabelo parecia emaranhado enquanto apontava em todas as direções.

— Tudo bem? — perguntou ele. — Tentei avisar.

As mãos de Ruby se debatiam sobre o rosto enquanto tentava livrar os olhos da areia e do sal. As ondas se acalmaram por um momento, chegando em pequenas ondulações. Bobby segurou seu braço, puxando-a de volta para o fundo.

Finalmente, ela disse:

— Quase me afoguei. Onde você estava? Eu me virei, e você não estava

mais comigo. — Um riso escapou de sua boca, e ela endireitou a roupa de banho toda torta. — Caramba. Acho que tem areia e conchas em todos os buracos do meu corpo. Parece que acabei de sair de uma máquina de lavar roupa.

— Parece que saiu mesmo. — Bobby sorriu amplamente, rindo alto enquanto olhava para ela. — Me faz lembrar de um rato afogado... deveria ver o seu cabelo.

De repente, os dois estavam rindo.

Ruby tentou alisar os fios arenosos, que mais pareciam a crista de uma onda acima da cabeça.

— Estou falando sério, não iria acreditar em quanta areia tem no meu nariz. Acho que tenho a praia inteira aqui.

As gargalhadas profundas de Bobby a fizeram rir ainda mais, e ela jogou água nele. Bobby pegou a mão dela e a levou de volta às ondas que chegavam.

— Dessa vez, não vou soltá-la. Tome cuidado com as ondas. Sou um homem do deserto, você deveria ser melhor nisso do que eu.

— Não gosto de água gelada, então raramente mergulho. Ah, não. Tem uma grande vindo.

— Agache-se. — Ele a puxou para baixo, agarrando-se à mão dela e, então, trouxe-a para cima assim que a onda passou.

Ruby riu todas as vezes em que emergiram e animou-se quando atingiram a calmaria do mar tranquilo além das arrebentações.

— Geralmente, não venho tão fundo.

— Vai ficar tudo bem. Tem um banco de areia ali na frente, viu? Onde os outros banhistas estão. Estamos seguros, aproveite. Olhe, deite-se de costas e observe as nuvens passarem. É a melhor sensação do mundo.

Logo, ela estava flutuando. Nervosa em um primeiro momento, esforçou-se para manter uma posição estável que a permitia flutuar naturalmente. Então, encontrou o equilíbrio e relaxou. Com um sorriso no rosto, fechou os olhos e deixou o calor do sol adentrar sua pele.

Os dois oscilaram sobre o mar, flutuando e subindo e descendo com a gentileza das ondas que chegavam ininterruptamente.

— É melhor irmos — disse Bobby, por fim. — Faz anos que estamos aqui, sei disso pelas rugas nas mãos.

Ruby olhou para as mãos também enrugadas pelo tempo gasto no mar.

— Lembra quando éramos crianças, e nossos pés e mãos enrugavam por

conta das horas que perdíamos na piscina?

— Eu amava nadar naquela piscina. — Bobby cambaleou para perto dela. — Naquele tempo, parecia enorme. Mas era apenas uma caixa d'água amassada. Não deve ter sido tão grande.

— Lembra das bordas cortantes? Tínhamos que tomar cuidado para entrar e sair. Quantas vezes não acabamos nos machucando?

— Sua mãe trazia picolés, ficávamos sentados naquela piscina o dia todo no verão, chupando sorvete de limão. De vez em quando, seu pai se sentava na grama e comia um. Lembra como nos sentávamos e conversávamos sobre os bichos-da-seda? Ele sempre me perguntava sobre a escola. Por que ele nunca nadou naquela piscina, Ruby? Ele nadava na praia?

— Você tem razão, não me lembro dele na piscina nem mesmo no verão para se refrescar. Ele costumava ligar a mangueira, de vez em quando, e deixar a água ensopar as roupas do trabalho.

— Mas vocês moravam tão perto da praia... ele nadava ou surfava?

— Não. Gostava de caminhar pela costa, molhar os pés. Não sabia nadar muito bem, porque nunca aprendeu, então tinha um pouquinho de medo do mar. Mas mamãe sabia nadar, ela visitou praias quando menor, mas apenas molhava os joelhos. Provavelmente, por isso nunca me senti confiante no mar.

— Você realmente agiu de maneira estranha hoje... parecia um caranguejo numa panela fervendo, com braços e pernas indo para todos os lados.

— Muito engraçado — disse ela. — Não acredito que quase me deixou afogar.

— Avisei que deveria se agachar, mas estava ocupada demais ajeitando o biquíni.

Ruby riu.

— Bem, agora você precisa me levar de volta para a praia e me ajudar a enfrentar essas ondas.

— Se eu a levar em segurança, podemos ir almoçar em algum lugar? Estou faminto, preciso comer algo.

— Seria divertido, podemos.

Encararam um ao outro. Bobby estava muito feliz em vê-la sorrindo outra vez, e certa luz voltara aos olhos dela.

— Você parece muito melhor, deve ter lhe feito bem dar de cara com o fundo do mar.

— A água está maravilhosa, tão limpa e revigorante... na verdade, sinto-me muito bem.

Bobby segurou a mão da amiga, pronto para atravessarem as ondulações mais calmas e alcançarem a costa.

— Certo. Desta vez, quando eu disser “agache-se”, você precisa ir para *baixo* d’água.

Ruby apertou a mão dele e riu, feliz por estar se divertindo pela primeira vez em meses.

— AMO A SENSÇÃO do sal seco na pele. — Ruby passou a mão pelo braço, desfrutando da sensação inflexível e entorpecida da pele salgada.

— Também. Acho que me livrei de toda a poeira do deserto que algum dia se grudou ao meu corpo — disse Bobby, puxando uma cadeira para Ruby se sentar.

Acomodaram-se na pequena lanchonete e pediram grandes pratos cheios de camarões e caranguejos locais. Bobby riu ao tentar dominar a arte de limpar os grandes camarões na tigela em frente.

Ruby gostou do fato de que sabia como fazer algo que deixava Bobby incerto.

— Primeiro, tire a cabeça. Isso mesmo. Agora, limpe o resto e arrance a cauda. Não deixe nenhuma sujeira. — Ruby riu ao servir uma taça deliciosa de vinho branco e gelado para os dois, erguendo o copo para brindar com Bobby. Olhou para ele, assimilando os fios encaracolados de cabelo escuro que emolduravam o rosto cheio de rugas. A barba estava aparada, muito diferente do ano interior. — Você parece sadio — comentou ela. — O surfe e a praia combinam com você.

— Devíamos nadar mais vezes. Você precisa de um pouquinho de sol, se divertir.

— Quase me afogar não foi divertido.

— Você não se afogou, tinha apenas alguns centímetros d'água. — Ele riu. — Se você tivesse visto... braços e pernas e biquíni para todos os lados.

— Muito engraçado. Fico feliz que você consegue rir de mim. — Ela ergueu a taça outra vez, tilintando-a com a do amigo. — Ao papai.

— A Francis. E a seguir em frente, Ruby Rose — adicionou ele.

— Obrigada, Bobby. — Ela tomou um longo gole. — Espero que você se responsabilize pelo volante, porque esse vinho está bom demais.

— Tome quantas taças quiser, deixe comigo. Quero trabalhar durante a tarde. Tem uma cerca no pasto dos fundos, as vacas estão simplesmente pulando e entrando na propriedade vizinha a semana toda.

— Mesmo? Não percebi. Quero dizer, bem... não saio muito para saber

o que acontece.

— Deveria começar a pensar sobre o que vai fazer com alguns dos pastos. O lugar atrás do seu - que pertence aos Thompson... eles encheram um pasto com oliveiras. Estava me contando sobre elas, demoram um tempo para dar frutos, mas parece que vale a pena esperar o resultado.

— Sei que preciso pensar sobre aonde quero chegar, mas não tenho nenhuma motivação. Não vou a lugar algum, não tenho nenhum objetivo. E não me importo.

— Que bom, mas tem uma propriedade da qual cuidar. Não pode simplesmente abandonar o lugar.

Ela queria perguntar-lhe quanto tempo pretendia ficar. Estava prestes a partir outra vez? Mas deixou a questão de lado, não quis estragar o lindo almoço naquele dia que havia se tornado prazeroso.



FIÇARAM QUIETOS na volta para casa. Ruby estava relaxada e, apesar de nenhum dos dois falarem, havia um ar calmo e uma conexão tranquila entre eles.

Olhando para ela, Bobby lembrou de quando Ruby viera com ele do Leste, depois de tê-lo encontrado e convencido a enfrentar seus demônios. Tantas coisas mudaram desde então... Mike Carlon estava preso, onde merecia estar. Theresa ainda era a mesma, lutando contra a bebida e as drogas, mas conseguia sobreviver e tinha alguns bons momentos com os filhos. O que mais mudou foi Francis ter partido, e apenas lembranças boas e uma tristeza sombria perduravam. A recordação de uma boa vida. Marion, bem... Bobby mal conseguia pensar nela, e tentou garantir que a imagem em sua mente fosse da senhora sentada no terraço quando estava bem, rindo e segurando a mão de Francis.

Então, havia Ruby Rose. Hoje, pelo menos por enquanto, ela tinha abandonado o grande buraco negro para dentro do qual havia deslizado. O mar e o mergulho a acordaram, e ele a observou no almoço, enquanto a vida voltava aos seus olhos.

Era hora de voltar para o Leste? Ou era cedo demais? Ainda havia tanto a ser feito ao redor da fazenda... e queria terminar a cerca que havia

começado. E era hora de dar banho no gado outra vez, e um dos galpões precisava ser concertado depois da última temporada de chuvas. Assim que tudo estivesse pronto... bem, então seria hora de voltar ao Leste.

Ruby daria um jeito. Ela sempre fazia isso muito bem. Os amigos apareceriam e ajudariam. Com esperança, ela voltaria ao trabalho; encontraria o ritmo, a motivação e o desejo habitual de organizar tudo. Ele ainda não diria nada quanto a partir. Talvez pudesse desfrutar os dias seguintes antes de decidir se seria a melhor hora de ir embora.

Perguntou-se como ela se sentiria quanto a ele partindo outra vez. Desta vez, manteria contato. Deixaria seu número e ligaria para ela, de vez em quando. Sabia que, agora, não queria perder o contato; iria querer vê-la, ou apenas conversar de novo.

Vou ficar uma semana, pensou. Tudo deve estar pronto, então.



UMA SEMANA SE transformou num mês. Bobby ainda passava todos os dias trabalhando na propriedade, onde sempre parecia haver algo a ser arrumado. Continuou lidando com a manutenção que precisava ser feita na casa, mas não conseguia dar um fim a esses afazeres com o gado e as necessidades dos pastos.

Ruby parecia melhorar e piorar. Alguns dias, começava o dia bem e dava início a algum pequeno projeto. O canteiro de vegetais tinha sido limpo, enquanto a terra, revirada. No entanto, isso foi tudo.

— Ia plantar algo? — perguntou Bobby, aproximando-se dela ao lado do pedacinho de terra.

Ruby estava apoiada na pá, virando e revirando a mesma pilha de adubo do dia anterior.

— Ah, acho que sim. Mas não estou mais com vontade, perdi o interesse por ora.

Em outros dias, acordava tarde, arrastando-se para fora da cama e sentando-se por horas no terraço, com uma xícara de chá, antes de combater a bagunça dentro de casa, que parecia aumentar a cada dia. Por vezes, dirigia até a costa e trabalhava um pouco no centro de aconselhamento, onde precisavam dela. Quando focava no trabalho, era capaz de se desligar do dia a

dia. Concentrava-se em organizar as reuniões e finalizava qualquer trabalho que tinha de ser feito.

— Tudo bem, querida? — perguntou-lhe o chefe, encurralando-a um dia.
— Parece que, bem... você não parece você mesma.

Imediatamente, Ruby assumiu a defensiva.

— Sinto muito, Gus. Não gosta da maneira com que trabalho?

— Não. Nada disso — explicou ele. — Sabe que somos gratos por tudo que você faz. Os clientes nunca reclamam, mas parece que você não tem mais sua atitude proativa. Parece que está deixando a vida levá-la, e seu coração não concorda.

— Estou bem. Está tudo bem. Obrigada por perguntar. Mas, mesmo... estou bem.

Gus não a pressionou mais, avaliando pelo tom e pelo olhar em seu rosto que ela não queria continuar falando disso. Não quis chateá-la; qualquer tempo que ela pudesse dedicar a eles seria apreciado. Ela era, e sempre tinha sido, uma das melhores funcionárias. Geralmente, os clientes pediam por ela. *Talvez o descanso da Páscoa possa ajudá-la*, pensou ele.



NA SEXTA-FEIRA SANTA, Bobby acordou, como sempre, logo antes do sol. Era sua hora preferida do dia, e ele gostava da rotina de preparar um chazinho antes de se sentar no terraço.

Observou, pela porta da cozinha, uma neblina pesada erguer-se do vale e o chão surgir sobre o topo das colinas, lançando os primeiros raios da manhã pela encosta onde a fazenda estava. O som dos passarinhos vinha das copas. Seus favoritos eram os kookaburras, e ele fechou os olhos por um momento, apreciando o riso das aves que ecoava, as gargalhadas dos pássaros que iam de colina a colina.

O sol nasceu lentamente, e o relevo impressionante e escarpado das Montanhas Glasshouse abriram caminho pela barreira do nevoeiro, os cumes iluminados pelos raios que preenchiam a extensão na frente dele.

Era como se o mundo estivesse se abrindo. Era nessa hora, todas as manhãs, que se sentia em paz, com o corpo e a mente relaxados, enquanto se acostumava com tranquilidade do dia, planejando o que faria nas horas

seguintes.

Entretanto, naquela manhã, Ruby havia se levantado mais cedo. Quando saiu no terraço, ela estava sentada e taciturna no mesmo lugarzinho onde ele tinha o costume de se aconchegar.

— Bom dia, Ruby Rose. O que a trouxe para fora tão cedo?

— Ah. Eu, bem... não consegui dormir. Faz um tempinho que estou acordada.

A voz enfadonha dela deixou claro que não seria um bom dia, e ele percebeu, mais uma vez, as bolsas roxas ao redor dos olhos e a palidez no rosto da amiga. Bobby respirou fundo, tentando encontrar a paciência interior para lidar com esses humores que a entristeciam em tantos dias. Tentara conversar com ela, fazê-la ver o que Francis gostaria que ela estivesse ou não fazendo depois de sua morte, mas nada parecia fazer diferença. Por algumas horas, teria um vislumbre da velha Ruby. Então, desapareceria outra vez no buraco escuro onde ele não conseguia alcançá-la.

Ciente de que ela estava no lugar onde ele costumava se sentar, Ruby se levantou.

— Acho que vou voltar e ficar mais um tempinho na cama.

— Por que não se senta comigo e vê o Sol nascer?

— Vou voltar para cama.

Ele se colocou na frente dela. Estava frustrado, pois não sabia o que mais poderia fazer para ajudar. Quando sugeriu que procurasse ajuda, ela não reagiu bem. Tinha praticamente rosnado para ele.

— Tipo... terapia? — O tom dela foi sarcástico, bruto.

— Acho que, talvez, você precise conversar com alguém — disse ele. — Procure ajuda para se reerguer de onde quer que tenha se perdido.

Como sempre, ela se afastou dele. E a conversa acabou sem nada ter sido resolvido ou mudado.

Então, a mulher passou por ele, indo em direção à porta, mas parou e encarou em choque o objeto apoiado ao lado da porta.

— De onde veio isso? — Ela pegou a velha bengala de Francis, revirando-a nas mãos, e acariciou a madeira lisa e nodosa.

— Achei ontem, no porta-malas do seu carro. Deve ter se esquecido dela depois de ter limpado a casa do seu pai.

— Parece que as mãos dele ainda estão nela.

Ruby manuseou a velha bengala com cuidado, afagando a madeira e encostando-a na bochecha. Em sua mente, viu as mãos enrugadas envolvendo

o objeto, enquanto o pai se apoiava nele ou o usava para se equilibrar e seguir em frente. Jogou-se na cadeira de fibras mais próxima, e a bengala caiu num baque no chão de madeira. Apoiou a cabeça nas mãos, e o cabelo se espalhou pelo rosto e ombros.

Bobby não tinha certeza quanto ao que fazer. Aproximou-se dela, mas parou quando ouviu o som abafado do choro. Hesitou. Deveria se afastar, dar-lhe espaço? Ou deveria tentar reconfortá-la? Estava irritado consigo por não saber o que fazer, mas decidiu que seria melhor dar um tempo a Ruby.

Virou-se para ir embora, mas o som dos soluços de quebrar o coração o impediram. Voltou para onde ela estava sentada.

Os acontecimentos recentes dominaram Ruby, e seu corpo tremeu com as emoções. Sentando-se ao lado dela, envolveu-a com o braço, esperando que a amiga o afastasse, que dissesse que estava tudo bem. Mas, pela primeira vez, voltou-se para ele, com rosto molhado enquanto as lágrimas escorriam. Murmurou palavras sobre o pai, sua vida sem ele e perguntas jorravam; os olhos procuraram os de Bobby. Procuravam uma resposta.

Quando tentou falar, as palavras saíram entre engolidas em seco e tremores de lamento que faziam o corpo estremecer. Arrastou a cadeira para perto dele, para que ficassem cara a cara enquanto o homem tentava consolar a amiga, que estava aflita demais para ouvir. Bobby continuou a falar baixinho, as palavras lentas e regulares. Mas não importava o que dizia, nada fazia efeito.

Apesar do choque por vê-la chorar assim, ele também começou a irromper em luto. Tanto pela tristeza dela, quanto pela perda de Francis. *Agente firme*, disse a si mesmo.

Era a primeira vez que via Ruby assim. Sempre foi estoica, calejada. Era ela quem aguentava firme quando eram crianças, nunca deixando-o vê-la chorar. Durante o julgamento e a apresentação das provas assustadoras, ela não chorou. Foi Ruby quem manteve todos seguindo em frente, quem manteve todos juntos.

Nesta manhã, ela desmoronou. Foi como se todas as suas partes tivessem cedido e se entregado ao lamento profundo com que ela vinha tentando lidar sozinha, com os modos sempre eficientes. Agora, precisava da ajuda dele.

Inclinando-se para frente, ele a puxou para si, e os grandes braços a envolveram. Seu rosto se apoiou no peito dele, e as lágrimas escorreram, molhando a camiseta do homem. Palavras foram ditas entre arfadas, o significado confuso enquanto ela tentava se expressar.

— Coloque tudo para fora, Ruby Rose. Estou aqui — disse Bobby.

Ele não saberia dizer por quanto tempo a abraçou. Por fim, sentiu-a relaxar. O ofegar diminuiu, e o corpo estremecia apenas ocasionalmente com os efeitos subsequentes de ter chorado por tanto tempo.

— Venha aqui. — Ele a levantou e a deitou na rede pendurada no cantinho do terraço. Ela a seguiu como uma criança; os olhos tristes, os soluços voltando.

A rede balançou devagar, o mundo ficou em silêncio ao redor enquanto deitaram-se juntos. Os braços de Bobby a envolviam com firmeza, secando as lágrimas e acariciando o cabelo dela. Falando baixinho, as palavras pareceram coerentes pela primeira vez. Ele disse que tudo ficaria bem, que a dor seria amenizada e que sabia o quão difícil era para ela perder Francis.

Aconchegada num casulo, ela adormeceu. Breves tremores e soluços ainda emanaram dela, mesmo enquanto dormia. O braço de Bobby ficou dormente, e um formigar surgiu. O corpo da mulher estava apoiado nele, no topo do ombro, mas ele não se moveu.

Depois de um tempinho, Ruby ficou em silêncio e entrou num sono ainda mais profundo. Exausta das horas chorando e sentindo a consequência de não ter dormido adequadamente nos últimos meses. O calor do corpo dela o pressionava, e ele estudou seu rosto com atenção. Cílios escuros e molhados pelas lágrimas realçavam sua aparência, e viu quão linda ela era de perto.

Mesmo jovem, sempre a achou a garota mais linda do mundo. Agora adulto, observava o jeito com que ela se movimentava, como as longas mãos magras serviam uma xícara de chá ou como as bochechas se erguiam quando sorria. Aqueles lábios... Bobby olhou para Ruby.

Uma das pernas estava sobre a dele. Bobby curvou a cabeça e beijou-lhe a testa, silenciosamente se advertindo. O que raios estava pensando? Essa não era a hora de tirar vantagem da amiga, apenas porque estava chateada e agarrada nele. Bem, enrolada nele e - olhou para baixo - com o corpo firmemente pressionado contra o dele. Sua respiração era leve, e ele sabia que estava adormecida; com certeza, sentia-se segura e confortável perto do amigo na rede que balançava devagar.

Sabia que a única razão pela quão estavam tão próximos fisicamente era porque ela se sentia triste. Em todo o tempo que passaram juntos, Ruby nunca demonstrou esse tipo de interesse nele.

Ela o amava como amigo. Um amigo da infância, apenas isso. Era tolo

considerar qualquer outra coisa. Assim como muitas vezes antes, ele precisava reconhecer que nunca ficariam juntos.

Relacionamentos não eram o forte dele. E sabia que, assim como das outras vezes, precisava sair dessa situação, precisava partir... para que a amiga pudesse seguir em frente.

Gentilmente, manobrou-se para fora da rede, tentando não atrapalhar o sono da mulher. O calor do seu corpo tinha sido reconfortante. Fechou os olhos, tentando memorizar a sensação e o aroma. Olhou para Ruby por um longo tempo enquanto dormia, a mente dele estava agitada com emoções e pensamentos confusos. Lutou contra os sentimentos, sabendo que precisaria ir embora, ir para o mais longe possível e deixar Ruby tocar a vida sem ele.

PELA MAIOR PARTE do dia, ela dormiu na rede, revirando-se de um lado a outro e tentando, de vez em quando, abrir os olhos antes de adormecer profundamente outra vez. Certificando-se, ao longo do dia, de que ela estava bem, Bobby tentou manter a mente sob controle, averiguando quanto tempo levaria para finalizar alguns trabalhos antes de partir. Mas sempre se pegava recordando o que acontecera.

A casa estava silenciosa quando Ruby finalmente acordou. Continuou deitada, balançando-se devagarinho, pensando e sentindo-se exausta com todo o choro. O corpo parecia vazio, uma casca depois dos meses de luto. Mas havia uma leveza, uma mudança definitiva. Era como se existisse um futuro do qual ela quisesse participar.

Ideias diferentes do que queria fazer agitaram-se em sua mente, enquanto se mantinha deitada na rede. Fechou os olhos por um longo tempo. O aroma de Bobby perdurava, o calor do corpo dele ao lado ainda formigava em sua pele.

Apesar de o amigo ter se movimentado silenciosamente, tentando não a incomodar, Ruby sentiu quando ele se foi. Agora, sabia que Bobby estaria perdido em pensamentos, que a situação o teria deixado confuso. Em seu sono, sentiu as mãos dele acariciando seu rosto e cabelo, sentiu-o roçar os lábios em sua testa. Como a mente dele estaria assimilando isso? Para quão longe fugiria dessa vez? Partiria novamente, sem deixar nenhuma pista?

Reuniu alguma energia e se levantou, sentindo-se certa de que ele estaria planejando uma fuga. Seria inevitável; ela o conhecia bem demais. Bobby não optaria por ficar; a intimidade o afastaria. Iria preferir que ela tocasse a vida e voltasse para a rotina que tinha antes da morte de Francis.

A bengala ainda estava no terraço. Ela a pegou e a encostou na parede ao lado da porta, então movimentou-a um pouquinho até estar exatamente onde queria que estivesse.

— Muito bem, papai. Preciso seguir em frente. — As palavras determinadas foram ditas em voz alta enquanto caminhava para dentro da casa, encarando a bagunça que parecia tão abundante em todos os cômodos e

pensando por onde começar, em como limpar todo o lugar.

Ela estava de volta. A tristeza sombria ficara para trás; havia nadado pelo lamento turvo e saído do outro lado. Começou a cantar, o tilintar das louças e o bater das portas dos armários criavam um segundo plano barulhento para a limpeza, para a organização do lar.



ESTAVA QUASE ESCURO quando Bobby voltou para casa; as roupas cobertas de sujeira, e as botas pesadas de trabalho completamente enlameadas.

Grandes montes de lama se desapegaram dos sapatos quando pisoteou a trilha de concreto que levava aos degraus.

— Aquela bomba quebrou, a do pasto ao fundo — informou ele. — Vou precisar encomendar algumas peças amanhã. As calhas não estavam enchendo, então levei o gado para o terreno de cima.

— Muito obrigada. Era uma bomba nova... vai ser a segunda vez que quebra desde quando comprei a propriedade.

Os olhos de Bobby analisaram toda a cozinha. Então, deu uma olhada nos outros cômodos, instantaneamente percebendo as diferenças que a limpeza de Ruby trouxera.

— Nossa. Você andou ocupada — comentou ele. — Agora posso ver o balcão da cozinha. E estou sentindo o cheirinho de um bolo assando?

— Precisava colocar esse lugar em ordem outra vez. Fico muito grata por tê-lo mantido organizado para mim. Bem... muito obrigada, Bobby. Sei que também não parou de arrumar o lado de fora.

— Gosto de trabalhar. Você parece um pouco melhor, Ruby Rose. É bom ver um pouco de cor no seu rosto.

Olharam um para o outro, e Ruby sentiu o coração martelando no peito enquanto tentava escolher, com cuidado, as palavras seguintes.

— Aceitaria receber pelo trabalho que tem feito para mim? Muito ainda precisa ser arrumado. E pensei que, se pudesse ficar mais um tempo, bem... eu poderia pagar. Sei que não costuma trabalhar assim, mas, se quiser...

— Não. Eu não poderia aceitar dinheiro seu. Paul, seu vizinho, me ofereceu trabalho.

Perguntas não feitas e sem respostas penduraram na estranheza entre

eles. Por fim, Ruby deixou escapar:

— Você vai partir em breve, não vai?

Bobby não respondeu e desapareceu para o seu quarto.



DURANTE O JANTAR, ele finalmente respondeu à pergunta:

— Provavelmente, vou embora daqui a uma semana. Acho que vai ser quando vou terminar de arrumar a cerca e de consertar a bomba.

— Uma semana? — Ela olhou para o prato. Seu apetite, repentinamente, desapareceu.

Como sempre, Bobby tinha comido tudo - o bife e os vegetais desapareceram, assim como toda e qualquer comida que lhe era servida. Uma vez, Francis comentou sobre isso com Ruby.

— Cristo, ele se parece com uma daquelas lixeiras — opinou Francis. — Se pisar no pé dele, a boca abre e ele come qualquer coisa.

Agora, Bobby pegava um pedacinho de pão.

— Sim. Vou deixar sua vida voltar ao normal. — Ele olhou para ela. — Quando voltar a trabalhar mais, você vai ficar bem ocupada.

— Sim. — Ela remexeu a comida no prato. De repente, levantou-se quando sentiu o choro chegando. A voz soou trêmula quando tentou responder de maneira neutra. — É melhor eu começar a limpar.

Foi incapaz de esconder as lágrimas que começaram a escorrer pelo rosto, então deixou o cômodo rapidamente, pois não estava acostumada a perder o controle das emoções.



MAIS TARDE NAQUELA noite, Bobby a procurou. Estava confuso pelo motivo de ela ter ficado chateada no jantar. Pensava que hoje tinha sido um divisor de águas para a amiga, quando finalmente conseguiu aceitar que Francis havia partido. Com esperança, agora poderia se lamentar de maneira adequada; colocar tudo para fora e ter uma vida normal. Esperava encontrá-la

ocupada na cozinha, mas o cômodo estava vazio. Ouviu o som do chuveiro ligado, então supôs que estivesse se preparando para dormir.

Com certeza, Ruby não estava chateada com sua ida. Seria uma boa ideia manter contato com ela depois de partir? Talvez não, mas essa dúvida o perturbava.

Ademais, Bobby sentia-se confuso com a maneira que tinha se entregado aos sentimentos pela manhã. Sentia-se grato por ela ter ficado dormindo na rede, inconsciente de como ele havia baixado a guarda. Sabia que seus sentimentos em relação a ela tinham mudado. Quando conversavam no terraço, ou dirigiam a algum lugar, ele sentia uma proximidade, uma conexão. O que sentia por Ruby Rose tinha se transformado em algo muito mais forte do que amizade.

Por isso, sabia que precisava partir. De jeito nenhum isso funcionaria. Para começo de conversa, imaginou que os sentimentos dela por ele não passassem daqueles por um irmão mais velho ou amigo de longa data.

Eram de mundos distintos. Vivera isolado por tanto tempo... e todos os seus relacionamentos, durante os anos, acabaram de forma desastrosa. Geralmente, por culpa dele. Os humores, a desconfiança e, então, os dias sombrios da depressão - obstáculos intransponíveis que o golpeavam por vários dias. De vez em quando, por semanas. As poucas companheiras que tivera no passado não demonstraram ter a paciência nem a compreensão para lidar com isso. Tudo sempre acabava em grandes discussões e acusações de que ele era frio, hostil e não se importava.

Teria algo mudado agora que enfrentara o passado, que renunciara às dores e culpas? Achava que não. Se ficasse ali e tentasse descobrir se os sentimentos eram recíprocos, com certeza, em algum momento, estragaria tudo. Isso acabaria com ele machucando Ruby, e ela lhe daria as costas.

Pensamentos confusos giraram em sua mente. No fundo, sabia que essa não era a melhor maneira de pensar. Talvez tivessem algo - ou muito - em comum. Francis, diversas vezes, tentou apontar isso para Bobby, quando o velho, por vezes, o questionava indiretamente sobre o que sentia por Ruby.

— Ela não veio de um mundo diferente do seu, Bobby — disse Francis, pelo telefone, numa noite. — E qual seria o mundo dela? Ela trabalha, passa um tempo comigo e fica enrolando naquela fazenda. Acha que isso difere muito do que você faz?

Daquela vez, Bobby se abriu.

— Não tenho muito a oferecer, Francis. Eu não falo muito. Sou muito,

muito ruim em me comunicar... em falar sobre o que sinto. Principalmente com mulheres.

— Sim, Bobby. Mas pode falar com Ruby Rose. E você e ela, bem... ela sabe como você se sente em relação a muitas coisas.

— Ela vai encontrar alguém um dia, Francis. Um homem bonito e rico, que vai fazê-la feliz. Eu... o que posso oferecer? Sou um fazendeiro com poucas habilidades e uma bagagem enorme da porcaria de uma infância horrível. Não desejaria essa vida a ninguém. Preciso ficar sozinho para lidar com tudo isso. Mesmo, acho melhor que apenas eu lide comigo.

Bobby se lembrou dessa conversa hoje, sentado sozinho no terraço, ouvindo a porta de Ruby se fechar e observando um brilho amarelo desaparecer da janela quando ela desligou a luz. Ela nem mesmo lhe dera boa noite.

O CHEIRO DO BACON cozinhando e do cafezinho sendo passado invadiu o quarto de Bobby na manhã seguinte. A mesa estava pronta, e Ruby servia ovos e bacon, junto com os favoritos dele - tomate frito e cogumelos, cobertos pelo o que ele jocosamente chamava de “coisa verde pretenciosa”, mas que ela gostava de espalhar em cima dos ovos. *Eles não ousavam brincar com o café da manhã onde eu morava*, dizia ele.

— Cristo, isso seria comida de coelho no Leste, tão arrumadinha e decorada.

— Sabia que sentiria o cheiro da comida — confessou ela, servindo um terceiro ovo no prato dele.

— O cheiro está delicioso — elogiou Bobby. — Nossa. Você preparou molho e tudo. Café, suco de laranja... estou impressionado.

— Bem, você andou preparando muitas refeições para mim, então pensei que seria melhor eu cozinhar algo antes de você voltar para casa.

Bobby sentia-se grato por vê-la com o humor melhor. Decidiu que a amiga, provavelmente, tinha pensando sobre a partida dele e, pelo seu rosto sorridente nesta manhã, havia com certeza aceitado a situação. Seu peito ficou apertado ouvindo-a tagarelar animada, claramente nada preocupada com sua ida.

— Você voltou a parecer com seu velho eu — disse ele, servindo-se do café da manhã farto. Olhou para cima. A cor tinha voltado ao rosto dela, e o cabelo estava penteado e lustroso, e as ondas marrons caíam suavemente pelos ombros. *Tão linda*, pensou ele, querendo muito dizer-lhe isso, mas obrigando-se a tirar os olhos dela, concentrando-se, em vez disso, na comida em frente.

— Pensei em irmos de novo na praia hoje — convidou Ruby. — Poderíamos voltar aonde você me levou da outra vez.

— Onde você comeu areia? — Bobby riu, a imagem dela sendo jogada para longe, com as pernas e os braços espalhados em todas as direções, ainda estava clara em sua mente.

— Vamos, vai ser divertido.

Por alguma razão, sentiu como se não tivesse palavras para responder, como se algo estivesse sendo tirado dele. Quão fácil seria simplesmente ficar... esse era o problema, percebeu. Por isso, começava a sentir ondas de tristeza e desânimo tomarem conta do seu corpo. Não queria ir embora, queria ficar e vê-la todos os dias. Tomar café da manhã com ela, nadar no mar, trabalhar juntos na fazenda e, acima de tudo, recuperar o que sentira ontem. Queria sentir o corpo dela ao lado do seu outra vez.

Assustando-se com aqueles pensamentos, percebeu que encarava os lábios dela.

— Bobby, está me ouvindo?

— Sim, estou. Por mim, tudo bem. Vou terminar de comer, e podemos ir.

DESTA VEZ, RUBY caminhou ao lado dele. Havia animação em seus passos enquanto seguiam o caminho estreito de terra que serpenteava pela lateral da montanha. Nuvens escuras pairavam no horizonte e lançavam sombras no mar, interrompidas por raios de sol que iluminavam porções diferentes d'água. Grupos de ondas atingiam a baía em frente.

Observaram os surfistas esperando, cheios de paciência, a próxima onda perfeita. De vez em quando, um deles nadava bruscamente, deslizando pela crista antes de se levantar e se equilibrar, com os braços posicionados e os pés firmes e fortes na prancha, enquanto se aproximava da costa. Por vezes, a onda que o propelia minguava, então, mergulhava antes de reemergir, com a prancha boiando acima da superfície e dos salpicos do mar.

— Ficam aí por horas — comentou Ruby. Havia algo fascinante e tranquilizante ao observar os surfistas distantes, sentados, esperando, virando-se apenas depois de, com muito cuidado, terem escolhido a onda perfeita.

— Gostaria de tentar surfar algum dia. — Bobby analisou as habilidades e técnicas necessárias para pegar a prancha e deslizar sobre as grandes ondas que, incansavelmente, vinham do norte.

— Deveria tentar, você sabe nadar bem e não tem medo. Por que não tenta agora? Acho que deve ter alguma prancha velha num dos galpões.

Ele riu, protegendo os olhos para que pudesse olhar para o mar. O sol brilhava cada vez mais enquanto subia.

— Provavelmente sou velho demais para aprender agora.

— Besteira. Você não é tão velho... além disso, as pessoas aprendem todo tipo de habilidade, independentemente da idade. Isso é apenas desculpa.

— Quando mais novo, costumava ouvir as crianças na escola conversarem sobre surfe. Sempre quis visitar a praia em algum feriado, ou mesmo num fim de semana. Sempre quis saber qual era a sensação de estar sobre uma prancha, deslizando pela crista de uma onda gigante.

— Você perdeu tantas oportunidades... nunca teve uma infância de verdade, teve?

— Não. Ainda bem que eu era seu amigo. Sempre ficava feliz quando estávamos juntos, principalmente na casa da árvore, em meio a todos aqueles bichos-da-seda. Era o único lugar aonde eu podia ir. Sua mãe, seu pai e você... eram as três únicas pessoas com quem eu conversava, com quem me sentia seguro.

Ficaram em silêncio, encarando o mar, cada um com seus pensamentos.

Bobby sorriu.

— Nos divertíamos muito naquele quintal... sinto-me sortudo por ter tido você, Ruby Rose. Esses são os únicos bons momentos dos quais me lembro.

Ruby ia começar a falar, mas parou, pensando melhor enquanto observava os surfistas.

— Vamos, você precisa me levar para nadar.

Desceram pelos arbustos e alcançaram a baía onde nadaram da outra vez. Ruby lembrou do quão deprimida havia se sentido ali da outra vez; o vazio e o sentimento de que nada importava, que não havia nada em seu futuro. Desta vez, era diferente, pois sabia quantas coisas importavam. Tinha tantos sentimentos novos e diferentes. Sentia-se animada, apreciava o calor do sol na pele. Todo um mar brilhava na frente deles.

Ela apontou para as ondas.

— Olhe, Bobby. Seus golfinhos estão bem ali. Olhe, perto das arrebenções.

— Nossa, estão tão perto... olhe para eles, dançando entre as ondas.

Os golfinhos teciam seu caminho e mergulhavam no mar límpido, seus corpos visíveis enquanto deslizavam nas ondas. Giraram e pularam no ar, brincando. Bobby ficou maravilhado, incapaz de tirar os olhos da cena em frente. Então, olhou para a praia intocada, para o cabo rochoso que se projetava da extremidade da baía e para os golfinhos que aproveitavam as ondas.

— Tem como isso ficar ainda mais lindo? — Quando ele falou, a voz soou rouca.

— O mar parece perfeito. — Ruby havia tirado a roupa e estava ao lado dele, com um biquíni pequeno e pontilhado que acentuava todas as curvas do corpo. Ele piscou rapidamente, sem palavras.

— Venha — chamou ela. — Quero que me leve até as ondas mais distantes hoje. — Percebeu que ele não conseguia tirar os olhos dela e que não disse nada quando Ruby lhe entregou o protetor solar. — Apenas um

pouquinho nas costas, se não se importar. Não consigo alcançar.

— Quer que eu passe para você?

— Pelo amor de Deus, Bobby. Pegue um pouquinho e passe. Rápido, quero entrar no mar.

Ela sentiu as mãos quentes dele na pele. Ficou grata por ter mantido o corpo em forma ao longo dos anos. *Todas as caminhadas e a ioga...* pensou ela. *Pelo menos, ainda estou decente.*

— Preciso voltar a me exercitar. — Ela se virou, encarando-o. — Vou fazer trinta e oito anos, está ficando cada vez mais fácil ganhar peso. Acho que esqueci um pouco de mim desde a morte do papai.

— Para mim, você parece ótima. — Seus olhos encontraram os dela, e ele esperou que Ruby não conseguisse ler sua mente.

— Ah, é fácil para você dizer. Olhe para o seu corpo, todo músculos. Suponho que esteja em forma porque não para de trabalhar.

— Gosto de ficar ocupado. — As palavras estavam ficando presas na garganta. Concentrou-se em tentar soar calmo, ignorando a sensação elétrica que formigava da mão que tocava a pele da mulher.

— Vamos, mal posso esperar para sentir o mar salgado na pele. Isso me faz sentir tão viva...

Ruby caminhou em frente, aproximando-se da água. Bobby seguiu, tentando tirar os olhos dela, tentando não perceber a maneira com que seu corpo se movimentava enquanto as pernas davam passos largos. Aquele biquíni minúsculo cobria tão pouca pele...

O DIA NA PRAIA foi maravilhoso. Ficaram no mar por horas, flutuando de costas, observando as nuvens brancas e fofas que passavam acima, como se estivessem apressadas para chegar a algum lugar.

— Isso me faz lembrar de quando nos deitávamos e olhávamos para o céu pelos buracos no telhado da casa na árvore — disse Ruby, olhando de soslaio para Bobby e notando como as rugas em seu rosto não pareciam mais tão profundas. A testa estava mais lisa, como se as preocupações do passado tivessem desaparecido. Ou, pelo menos, tivessem sido deixadas de lado, escondidas debaixo de uma pedra em algum esconderijo profundo da mente.

— Aquela casinha parecia tão grande... — Bobby olhou para ela, observando seu cabelo flutuar como o de uma sereia. Os braços longos de Ruby se movimentavam lentamente, mantendo-a na superfície. — Imagino quão grande pareceria hoje. Quero dizer, mal cabíamos no chão e não estávamos nem perto de sermos tão altos quanto hoje.

— Tudo parece grande demais quando se é criança — disse ela. — Construções, pessoas, brinquedos... então, assim que vê as mesmas coisas quando adulto, percebe que, na verdade, era tudo pequeno e nada impressionante.

— Você sempre pareceu minúscula naquela bicicleta, Ruby Rose. Tão pequena que não conseguia alcançar os pedais e precisava pedalar em pé.

— Eu sei, que estranho... quando me sentava, não alcançava nada, por isso caí tantas vezes. — Lembrou de como Bobby sempre estivera ao seu lado, reerguendo-a, consertando a bicicleta e levando tanto a menina quando o transporte de volta para casa para que Mary pudesse aplicar aquela coisa amarela e fedida nos cortes.

— Você nunca chorava — comentou Bobby. — Nunca a vi chorar..., mas deve ter me visto chorar muitas vezes... e era eu quem deveria ser durão. Garotos não deveriam chorar.

— Eu fiz uma promessa a mim mesma de que nunca choraria na sua frente. Consequia frear as lágrimas, pois seria vergonhoso se você me visse chorar... eu estava sempre tentando ser a durona.

— Bem, de vez em quando você precisa se soltar. Sempre me diz que preciso expressar o que sinto, mas você compensou tudo isso noutro dia. Nunca vi ninguém chorar tanto. — Ele a cutucou nas costelas.

— Ei, não me afogue! Preciso me concentrar para flutuar. — Ela movimentou o corpo para manter o equilíbrio sobre o mar. — Eu precisava dessa libertação. Precisava muito.

Os dois flutuaram em silêncio, ambos perdidos em pensamentos e alheios ao que o outro pensava, mas ambos lembrando do calor de terem se deitado juntos na rede, da suavidade das peles se tocando e da sensação de estarem juntos.

— Certo — disse Bobby, quebrando o silêncio. — Hora de irmos.

— Quer comer algo? — perguntou Ruby, enquanto voltavam para a praia. Sua pele havia sido revigorada pelo sal. Ele ergueu uma sobrancelha. — Tudo bem, foi uma pergunta tola. Bem, você pode me levar de novo naquela lanchonete perto do rio.

— Ah, Cristo. Estou sentindo o gostinho da comida... — Bobby apertou o passo. A ideia de uma boa refeição e de um bom vinho o chamavam, pois sabia que seria a cereja no bolo daquele dia especial. *Sinto-me tão bem*, pensou consigo mesmo. *Animado. Feliz, muito feliz.*

— Por que está sorrindo? Já está devorando aqueles camarões? — perguntou Ruby.

— Estou me sentindo bem. — Ele se aproximou dela, e os olhares se encontraram. — Estou me sentindo muito bem, como se eu pudesse dominar o mundo. Não lembro de me sentir assim nunca. Deve ser o sal do mar. — Ele desviou os olhos. Os braços formigavam... quase agarrou Ruby, imaginando-se abraçando-a. — Comida, é disso que precisamos.

Ele se afastou, recolheu as toalhas e liderou o caminho de volta pela trilha sinuosa. Ruby o seguiu, parando sempre que podia e dando mais uma olhadinha sobre o ombro. Por fim, precisou desviar os olhos. O brilho do mar, a limpidez da água e a sensação dos respingos e do ar marinho estavam guardados em sua mente. Fechou os olhos e deixou-se assimilar tudo. Bobby tinha razão; era um dia muito bom, do qual sempre se lembraria. Ela se virou e o acompanhou lentamente montanha acima.



OS DIAS SEGUINTEs foram um borrão, enquanto os dois se mantiveram ocupados.

Bobby tentou arrumar tudo o que fosse possível antes de ir embora. Tinha retirado as roupas das velhas gavetas de madeira e as empilhado em cima da mala, e as poucas posses estavam guardadas numa bolsa menor ao lado. Escreveu para ela uma lista de outros itens que precisariam ser arrumados e deu-lhe instruções sobre como fazê-lo. Mas ficou exasperado quando começou a dar-lhe detalhes sobre a movimentação das calhas de alimentos, pois acabou se lembrando de outros trabalhos que ainda precisavam ser feitos.

— Merda — disse ele, enfiando o chapéu na cabeça. — Vou fazer isso agora mesmo. Demora mais para explicar do que para fazer.

Que rabugento, pensou ela, observando-o caminhar pelo gramado em direção ao galpão onde pegaria as ferramentas para consertar o que estava tomando conta de sua mente.

Mais tarde, Ruby saiu para procurar o amigo. Logo o encontrou depois de ter caminhado um pouco pela trilha da entrada. Ela parou de repente, afastando-se e permitindo que o galpão a escondesse. Bobby estava sentado sob um arvoredor majestoso. *Gostaria de saber o que está pensando*, imaginou Ruby, enquanto o observava.

Era o mesmo lugarzinho onde Francis geralmente descansava e tentava compreender o mundo, analisando os problemas que o confrontavam. Muitas vezes, enquanto se apoiava na bengala, Francis simplesmente se sentava e observava, assimilando a beleza do vale e a tranquilidade das vacas, que mascavam a grama verdejante em paz.

Bobby estava sentado ali agora, sob o frescor das sombras. Parecia uma estátua, de costas para ela, enquanto olhava para o vale e para o cemitério ali perto. *Talvez esteja se despedindo de Sally e Francis*, pensou a mulher.

Ela se virou e subiu a colina, não querendo atrapalhar seu sossego, pois sabia que Bobby precisava de um tempo sozinho, consigo mesmo no silêncio, para que pudesse pensar livremente e se aconselhar sobre o que o incomodava.



O AR ESTAVA FRIO sob as árvores, e a madeira gasta do banquinho artesanal era um conforto, uma familiaridade que fazia Bobby se lembrar de Francis. Havia uma imagem na mente dele - do velho homem sentado ali, apoiado na bengala e olhando para baixo, assim como Bobby naquele momento, que inspirava a beleza do vale.

Perguntou-se se Francis teria compreendido seu motivo para partir, por que estava se afastando da pessoa por quem - agora sabia - tinha sentimentos tão fortes. Mas que bem faria ficar? Não queria continuar ali se tudo o que Ruby quisesse fosse ajuda ou companhia. Eles se davam bem juntos, mas Bobby tinha certeza de que sentia algo diferente por ela, e essa era uma boa razão para seguirem caminhos opostos.

Deixe-a em paz, disse a si mesmo, *não complique a vida dela*. Ademais, a vida dele era complicada o suficiente. Um dia, com esperança, Ruby encontraria uma pessoa por quem pudesse se apaixonar de verdade, e não sentiria apenas o amor que nutria pela amizade entre eles. Estava decidido. Faltava apenas mais alguns trabalhos. Depois disso, não olharia mais para o passado, simplesmente iria embora e deixaria Ruby tocar a vida.

Levantou-se. A brisa soprava suave pelo rosto e fresca contra as lágrimas que escorriam. Como sempre, as emoções estavam à flor de pele. Há alguns anos, teria lutado contra o choro, tentado impedir as lágrimas de chegarem. Apesar de ter chorado muito quando criança, agora, por outro lado, não havia choros. A vida tinha sido tão horrenda, tão aterrorizante, que o choque do que acontecera - e do que vira - o deixara com os olhos secos. Quando menor, as lágrimas sempre vinham quando contava a Ruby sobre algo que tinha acontecido, ou pela noite, quando se deitava, mas não dormia, enrijecido pelo medo. Naquele tempo, aguçaria os ouvidos, escutando, caso alguém estivesse se aproximando de onde ele e Sally dormiam.

Anos gastos nas propriedades ao Leste o calejaram, e aprendera a controlar os sentimentos, deixando-os livres apenas quando sozinho. Mas quando se reencontrou com Ruby, e depois com Theresa e Francis, suas emoções ressurgiram, e agora não era necessário muito para fazê-lo perder o controle.

A vida tinha mudado drasticamente ao longo dos anos. Pensou no quão longe chegou desde o dia em que encontrou aquele lugar - a fazenda de Ruby. - Passando a mão pelo cabelo, sorriu ao lembrar do quão longa e desleixada a barba foi um dia. Tanto o cabelo quanto a barba, antigamente, eram desgrehados e embaraçados, mas agora Bobby os mantinha bem-cuidados e

curtos.

Melhor de tudo, sentia que havia melhorado na comunicação. Conversas com outras pessoas não eram mais algo a ser temido. Ele tinha ideias, opiniões e uma recém-descoberta confiança de que realmente sabia do que falava. Estranhos eram bem-vindos; sentia afeto por eles e realmente apreciava as conversas.

O novo eu! Ele riu alto, feliz com a transformação que ocorrera.

Acima de tudo, agora sentia-se íntimo de Ruby. Tinham se aberto um ao outro, e esperava que ela mantivesse contato. Precisava apenas se livrar daquele sentimento irritante de perda. Ela nunca sentiria o mesmo por ele, e Bobby precisava aceitar isso.

Espanou o chapéu no jeans e fechou os olhos. Imediatamente, teve uma visão dela naquele biquíni minúsculo. A suavidade do seu corpo ao lado do dele, o jeitinho com que ela, de vez em quando, o olhava bem nos olhos. Sentiu um frio na barriga quando lembrou dos olhos verdes de Ruby, sempre parecendo que enxergavam o fundo de sua alma, assim como quando eram crianças. Sentiu o corpo todo doer quando aceitou que iria embora, que precisaria se despedir nos próximos dias e deixar a amiga no passado.

BOBBY FICOU QUIETO pelo resto do dia, apesar de Ruby continuar tagarelando, parecendo alheia aos pensamentos sofridos dele quanto à partida. Ele falou apenas um pouquinho, pois preferiu desfrutar do falar dela, sem contribuir muito.



QUANDO PRIMEIRO VOLTOU do Leste, seu silêncio havia enervado Ruby. Diversas vezes, viu o rosto dela ficar vermelho de frustração. Suas respostas rudes e curtas quando a amiga tentava conversar com ele antes do julgamento, geralmente, faziam-na se afastar, decepcionada. Naquela tarde, mergulhou no som da voz dela, tentando memorizá-la para sempre, para que pudesse recordar do som quando estivesse deitado sozinho em seu saco de dormir no meio da terra vermelha, no meio do nada.

Por fim, Bobby disse:

— Vou me deitar. Hoje foi um dia longo, mas terminei quase tudo. Os trabalhos estão quase acabando.

— Você não para. Nunca vi uma pessoa trabalhar tanto.

— Trabalho assim desde que saí de casa. Eu gosto — disse ele. — Quanto mais complicado, sujo e quente, melhor. Prefiro assim. A melhor parte é consertar algo ou estar com o gado e os cavalos. Faz parte de mim. — Ele fez uma longa pausa antes de falar outra vez. — Boa noite, Ruby Rose.

— Boa noite, Bobby.



ENQUANTO ADORMECIA, Bobby ouviu Ruby andando pela cozinha e soube exatamente o que estava fazendo: mais um chazinho antes de dormir, aquecendo as mãos na xícara enquanto se aconchegava nas escadas da frente, olhando para o vale e observando as estrelas piscando acima. Ela estava sempre pensando.

Sua mente vagou. Ouviu o chuveiro ser ligado e o som da cama rangendo quando ela se deitou. Hoje, seus olhos estavam pesados, e não teve problemas para cair num sono profundo.



BOBBY NÃO SABIA que horas eram, mas sentiu como se tivesse acordado de um sono sadio de longas horas. O chão guinchou, e o homem se obrigou a abrir os olhos. O som tinha vindo dali perto, talvez de dentro do cômodo. A luz da Lua atravessava as janelas de vidro colorido, permitindo que ele visse formas: as silhuetas das mobílias e as paredes do quarto. Perguntou-se se não teria imaginado o som... ou se não havia sido um sonho.

Arregalou os olhos quando percebeu que havia uma pessoa se aproximando da cama.

— Bobby, está acordado?

— Cristo, Ruby Rose. Quase me matou de susto. O que foi? O que aconteceu? — Consequia vê-la agora. O corpo delineado na escuridão e parado ao lado dele.

— Queria conversar com você.

— Que horas são?

— Quase três da manhã. Mas não pode esperar, preciso conversar com você agora.

— Bem, espere um pouquinho. Deixe-me acordar direito. Cristo, vou me levantar. Espere um minuto. — Ele a viu se aproximar ainda mais

— Não se levante. Não precisa fazer isso.

Bobby ficou confuso, então balançou a cabeça para se certificar de que não estava dormindo. Mas não, via a mulher com clareza agora, parada bem ao lado de onde estava deitado. Ela vestia aquela camisola fina que, de vez em quando, ele vislumbrava. Uma ou duas vezes, tinham acordado ao mesmo tempo para um gole d'água ou para usar o banheiro e quase tropeçaram um

no outro. Bobby tentara não olhar, mas era uma camisola clara e esvoaçante que mal cobria a pele, deixando braços e pernas expostos... e agora estava parada ali, na mesma camisola. *O que raios Ruby Rose estava fazendo?*

— Ouviu alguém do lado de fora? — Bobby se apoiou num ombro. — Acha que tem alguém rondando a casa, ou algo assim?

— Não. Eu disse que queria conversar. Já acordou?

— Bem, sim. Agora sim. O que houve? Está passando mal?

— Preciso lhe dizer algo antes que parta. Não vou deixar você ir embora sem dizer isso, e se lhe fizer fugir rapidamente para ainda mais longe, que seja. Mas, pelo menos, vou ter dito e confessado.

Ela se sentou na beirada da cama, girando-se e aconchegando uma perna debaixo do corpo para que pudesse olhar direto para o homem. Sob a luz do luar, ele viu com clareza os olhos e o rosto da amiga, ponderosos. Baixinho, ela disse:

— É um segredo do Bicho-da-Seda.

— Ruby Rose, está tarde. O que houve?

Ela começou devagar, as palavras distintas:

— Estou apaixonada por você. Não apaixonada como se por um amigo, não como se eu estivesse sozinha e precisasse de outra pessoa. Mas como se eu tivesse, sem qualquer sombra de dúvida, me apaixonado por você.

Bobby congelou, incapaz de se mover. Encarou-a, sem piscar.

Do lado de fora, os grilos cantavam, realçando o silêncio que impregnava o cômodo.

— Não me importo se pensar que estou louca. Queria dizer antes de você partir, caso sentisse sequer uma pontinha do que sinto.

Silêncio. Bobby finalmente piscou. As palavras estavam presas em sua garganta.

Ela ainda estava sentada ali, o encarando e esperando que dissesse algo. O que ela dissesse ecoava em sua mente, enquanto tentava assimilar a situação e as palavras que ouvira. Encararam profundamente um ao outro. Por fim, Bobby ergueu a mão e acariciou o rosto dela, passando os dedos por sua boca. Ruby se movimentou devagarinho, erguendo o cobertor e deslizando o corpo para perto dele. Braços fortes a envolveram, e o calor dos corpos virou um.



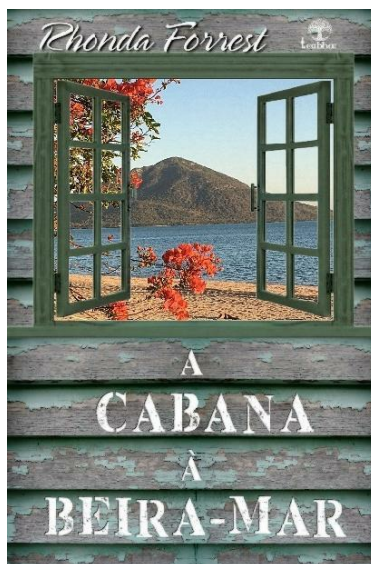
UMA BRISA SUAVE brincou com as folhas das árvores gigantescas que lançavam suas sombras nos pastos. O vento serpenteou pelos galhos e encontrou seu caminho pela grama antes de alcançar a copa dos altos pinheiros nas colinas verdejantes. E o ar se acalmou, por um momento, quando passou pelos sepulcros do cemitério, desacelerando ao acariciar gentilmente uma lápide que mal era visível sob a luz da Lua. O vento ganhou velocidade, reunindo algumas folhas secas, seguindo pelas flores delicadas do enorme jacarandá que montava guarda. Logo depois, agregou pequenos falos, jogando-os de volta para a terra antes de rodopiar pelas montanhas sagradas. Por fim, subiu as encostas, seguindo as trilhas gastas pelo uso das vacas. Obrigou o gado, deitado juntinho, a erguer a cabeça, ouvindo o zunido da brisa que voltava ao cume.

Os grilos e as cigarras aderiram à canção. O barulho preenchia o ar da noite com vida, enquanto a lua dourada se escondia, gentilmente, atrás de uma nuvem, escurecendo o vale, os pastos e os cômodos da fazenda empoleirada no topo da colina.

“Quando estou aqui em cima, parece que flutuo, e que todo o resto foi abandonado. Minha mente se acalma enquanto subo a montanha... e me sinto em paz. As árvores antigas, com as cascas duras, envolvem-me como casulos de seda. Os troncos robustos e as raízes engavinhadas agarram-se ao chão como se dissessem: ‘Vou te segurar, não vou te soltar.’ As árvores e minha vida com Ruby Rose estão em equilíbrio, estáveis. O ar está limpo, nem abafado, nem estagnado, e há uma brisa que voa através dos galhos, das folhas e pelo meu rosto. O mundo embaixo, por vezes, deixa de existir. Se fecho os olhos, flutuo acima da superfície da terra e... sinto-me calmo.”

— Bobby Carlon.

Leia também



Rhonda Forrest
9786599110603

Adquira aqui

Uma mistura intrigante de romance histórico, amadurecimento, amor e suas complicações no cenário da Segunda Guerra Mundial.

Um romance que oferece uma ligação entre o presente e o passado, mostrando a beleza natural de uma fatia espetacular da Austrália.

Uma cabana de pesca isolada em uma bela baía em Whitsundays oferece a Luke um retiro onde ele pode encontrar paz e solidão. No entanto, a descoberta de relíquias de família da guerra e um relacionamento em desenvolvimento com a bela Lily, conectam histórias de linhagem e revelam um fato que ameaça destruir sua chance real de felicidade. Os segredos da guerra serão o ponto de ruptura para um belo romance? Ou duas famílias podem deixar para trás os feitos do passado?

Romântico e puramente australiano, o A Cabana à Beira-mar captura a

beleza intocada das Whitsundays e as memórias de guerra dos australianos mais velhos, ao mesmo tempo em que introduz uma mistura eclética de amigos e familiares.

Adquira aqui

Sobre a Autora

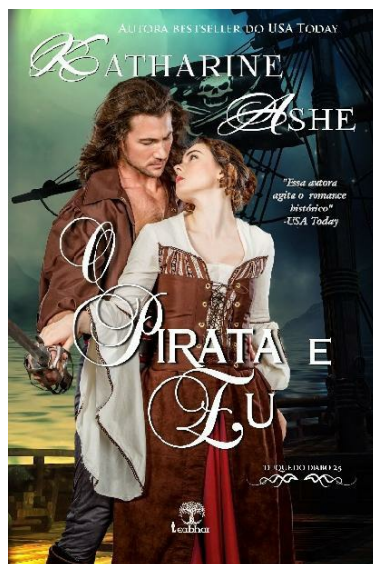


Rhonda Forrest é professora australiana e autora de quatro romances: *Kick the Dust* (2019), *Two Heartbeats* (2018) e sob o pseudônimo de Lea Davey, *Silkworm Secrets* (2017) e *The Shack by the Bay* (2016). Ela escreve cativantes romances femininos de ficção contemporânea e ficção histórica sobre relacionamentos, vida familiar e questões sociais em meio a belas e exclusivamente paisagens Australianas.

Depois de criar três filhas e percorrer várias carreiras diferentes, Rhonda passou a ensinar escrita criativa, inglês e história a estudantes do ensino médio. Em 2015, ela ensinou inglês como segunda língua para refugiados recém-chegados à Austrália. Sua paixão pela alfabetização, história e viagens pela Austrália alimenta seus romances.

Atualmente, Rhonda mora com o marido alternando entre duas casas em Queensland: uma em Tamborine Mountain, a outra casa de um século com um jardim tortuoso, com vista para Whitsundays.

Próximo Lançamento



Katharine Ashe
9786588382042

Adquira aqui

Anos atrás, Sta. Esme Astell se apaixonou perdidamente por Charles Brittle, um modesto e altamente respeitável fabricante de livros de Londres.

Então ele desapareceu sem dizer uma palavra...

A última coisa que Esme sonhou foi em reencontrar Charlie.

Em um beco escuro...

Debaixo de chuva...

Em uma perseguição policial...

Na Escócia.

Ela pode cair apaixonada novamente, desta vez pelo canalha perigoso no qual ele se tornou?

Adquiera aqui

Conheça outros Títulos



Victoria Howard
9786599019838

Adquira aqui

Quando o contador inglês Daniel Elliott morre em um acidente de carro em uma noite chuvosa, sua viúva, Grace, é tomada de tristeza ... e pânico. Daniel era controlador e o casamento deles sem amor, mas sempre cuidou da proteção de Grace.

Ou assim ela pensava.

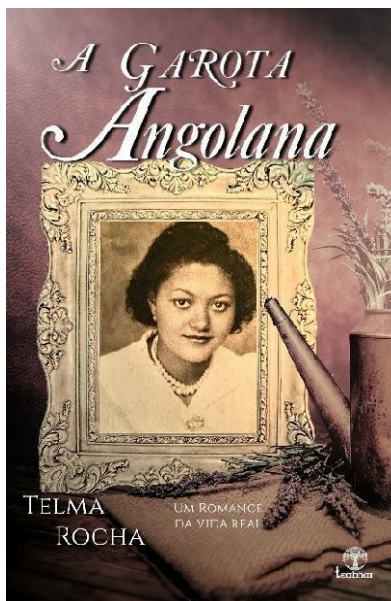
Ela logo descobre que Daniel guardava segredos: um pseudônimo, laços com a máfia, uma lista de números, uma misteriosa casa de praia na Flórida ... e uma namorada que se parece com Grace.

Engolindo seu medo, ela voa para Miami para reivindicar a casa que Daniel deixou. Mas o preço de sua curiosidade é perigoso. Figuras do submundo a perseguem. A outra mulher deixa um rastro condenável de evidências apontando para ela. E bonito e problemático agente do FBI, Jack

West, já se cruzou com Grace antes. Ele poderia ser seu salvador ou sua condenação. Tudo o que ela sabe com certeza é que deseja estar em seus braços.

Com pouco para continuar e correndo perigo a todo momento, Grace deve depender de Jack para ajudá-la a percorrer o mundo criminoso do sul da Flórida e encontrar a verdade por trás do Anel de Mentiras.

Adquira aqui



Telma Rocha
9786599110634

Adquira aqui

É 1975, em Lobito, Angola, onde Rosa, Leo e seus filhos ficam presos em casa enquanto os militantes lutam pelo poder. Depois de treze anos, Portugal perdeu a Guerra da Independência, agora a guerra civil continua. A família Carvalho perdeu a esperança de paz em sua amada terra natal. Um plano para construir uma vida no Canadá entra em ação. Mas a jornada deles não será fácil.

Rosa se conforta ao saber que sua vida nunca foi fácil. As memórias de sua infância passaram pulando entre riqueza e servidão, desejando uma mãe

que ela não podia conhecer, e uma adolescência ingênua diminuiu a coragem de Rosa para cumprir uma promessa que fez há muito tempo.

Depois de cinco dias seguidos, os tiros se acalmaram; a hora de fugir é agora. Qual você escolheria se lembranças e uma muda de roupa fossem tudo o que você poderia levar?

Adquira aqui



Elizabeth Johns
9786580754090

Adquira aqui

Rhys Godfrey, Lorde Vernon, e Lady Beatrice Chalcroft, filha do Duque de Loring, haviam sido prometidos desde a infância em um acordo feito por seus pais.

Ao contrário da maioria dos casamentos arranjados, Vernon amara Beatrice desde a primeira vez que a viu. Na temporada em que deveriam se casar, o relacionamento foi rompido por ciúme e orgulho.

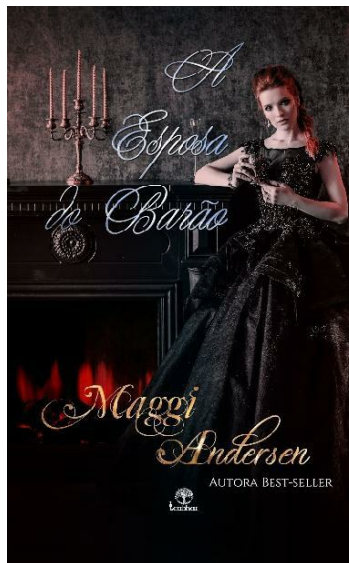
Beatrice foi enviada para longe de casa com intuito de que reformasse seu comportamento maldoso, e Vernon, magoado, resolveu abandonar o amor.

Lorde Vernon decide seguir em frente com um casamento de conveniência e sem emoção.

Lady Beatrice se vê reduzida da filha de um duque a uma vida de serviço na Escócia, tendo que aprender os caminhos dos menos privilegiados.

Os dois irão se reencontrar? Ou Vernon escolherá outra noiva antes disso? Beatrice será capaz de se humilhar e parar de ser rabugenta e mimada?

Adquira aqui



Maggi Andersen
9786580754083

Adquira aqui

Um romance gótico vitoriano

Uma nuvem escura paira sobre Wolfram, a antiga abadia que Laura chama de seu novo lar. Ela poderia confiar no homem misterioso com quem se casou?

Depois de um namoro relâmpago, Laura Parr se casa com um Barão, lorde Nathaniel Lanyon, que a leva para morar em sua antiga casa no sul da Inglaterra. Laura chega à Cornualha animada para começar a vida com o homem ardente com quem se casou. Mas segredos espreitam nas sombras. A

morte da primeira esposa de Nathaniel nunca foi resolvida e alguns moradores acreditam que ele foi o responsável. Lutando para entender seu novo marido, Laura tenta descobrir a verdade. A cada nova descoberta, ela se aproxima do perigo.

Lorde Nathaniel Lanyon decidiu nunca mais se casar. Mas, quando conhece a Srta. Laura Parr, filha de Sir Edmund Parr, numa tarde chuvosa, percebe quase imediatamente que tem que tê-la em sua vida. E a única maneira de poder fazer isso, era se casando com ela.

Nathaniel acredita que seu passado conturbado ficara para trás e que poderá oferecer uma boa vida a Laura em Wolfram, mesmo que ele nunca possa lhe oferecer seu coração. Mas assim que passam a morar na antiga abadia, o passado volta a assombrá-lo, revelando segredos que pensava terem sido enterrados para sempre. Enquanto tenta lutar contra as forças que o ameaçam, percebe que Laura, determinada, exigirá mais do que ele pode dar a ela.

*“Um romance gótico no estilo clássico, a autora é uma mestra em criar uma atmosfera sinistra e personagens multifacetados.” **Coffee Time Romance e muito mais.***

*“O enredo é interessante e o mistério adicionado me manteve fascinado. O romance me fez pensar até o fim.” **The Romance Studios.***

*“Foi difícil largar a história, pois o mistério permaneceu fora de alcance, atraindo o leitor para além do enredo. [Isso] me manteve acordado até tarde da noite, seguindo o quebra-cabeça da Abadia de Wolfram. Estou ansioso para ver mais de Maggi Andersen.” **Sirene Book Reviews.***

Adquira aqui

Informações Leabhar Books®

NOS ACOMPANHE E FIQUE
POR DENTRO DAS NOVIDADES



<https://www.leabharbooks.com/>



<https://www.facebook.com/leabharbooks/>



<https://www.instagram.com/leabharbooksbr/>



@LeabharE



<https://www.youtube.com/channel/UCOADJs8OeTIG89ycfsSfBQg>



<https://br.pinterest.com/leabharb/>

Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o **E-mail Leabhar Books®**